

MARCOS LEANDRO KLIPAN

**NOÇÃO DE FEMINILIDADE EM MELANIE KLEIN: subjetivações para
além de um registro fálico**

ASSIS

2015

MARCOS LEANDRO KLIPAN

**NOÇÃO DE FEMINILIDADE EM MELANIE KLEIN: subjetivações para
além de um registro fálico**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e
Letras de Assis – UNESP – Universidade
Estadual Paulista para a obtenção do título de
Doutor em Psicologia (Área de Conhecimento:
Psicologia e Sociedade)

ORIENTADOR: DR. JORGE LUÍS
FERREIRA ABRÃO

ASSIS

2015

FOLHA DE APROVAÇÕES

KLIPAN, Marcos Leandro. **Noção de feminilidade em Melanie Klein: subjetivações para além de um registro fálico.** 2015. 224 f. Tese (Doutorado em Psicologia). R Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

RESUMO

Este trabalho pretende compreender as transformações do tema feminilidade na obra de Melanie Klein e com isso traçar um percurso histórico e epistemológico sobre o significado desta temática para o pensamento desta autora. De modo específico, também, objetivamos discutir e problematizar como a noção da feminilidade pode oferecer uma maneira inovadora na forma de ler e compreender o texto kleiniano. Além disso, acreditamos que esse tema permitira pensar outras trilhas subjetivas na contemporaneidade, o que repercutiria, posteriormente, na forma de compreender a Psicanálise deslocada do eixo fálico. Isso porque, desde o início dessa pesquisa nos pautamos na ideia de que haveria, como é defendida por alguns autores contemporâneos da Psicanálise e que já havia sido refletido por Freud ao final de sua obra, a possibilidade de compreender modos de subjetivação fora do registro fálico, ou seja, anteriores à estrutura tradicional do complexo de Édipo e herança de nossa cultura Ocidental. Feminilidade, então, seria esse modo de subjetivação em um tempo psíquico muito primitivo da criança com sua mãe, o que permitiria articulações subjetivas diferenciadas.

Palavras-Chave: Psicanálise. Feminilidade. Melanie Klein.

KLIPAN, Marcos Leandro. **Femininity notion in Melanie Klein: subjectivities beyond a phallic trait.** 2015. 224 pages. Thesis (PhD in Psychology). R Science and Languages College, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Assis, 2015.

ABSTRACT

This work intends to understand the theme of femininity changes in the work of Melanie Klein and then trace a historical and epistemological route on the significance of this issue to the thought of this author. Specifically, we also aim to discuss and question how the notion of femininity can offer an innovative way in order to read and understand the Kleinian text. Despite that, we believe that this issue will allow other subjective tracks to come up in contemporary times, what repercussions later in the way of understanding psychoanalysis displaced the phallic trait. In other words, since the beginning of this research we were based on the idea that there would be, as is advocated by some contemporary authors of psychoanalysis and that had been reflected by Freud at the end of his work, the ability to understand modes of subjectivity out of phallic trait i.e. prior to the traditional structure of the Oedipus complex and heritage of our Western culture. Femininity, so it would be this subjectivity so in a very primitive psychic time of the child with his mother, which would allow different subjective joints.

Key words: Psychoanalysis. Femininity. Melanie Klein.

KLIPAN, Marcos Leandro. **Féminité notion de Melanie Klein: subjectivités-delà d'une fiche phallique**. 2015. 224 p. Thèse (PhD en psychologie). - Faculté des Sciences et des Lettres

RÉSUMÉ

Ce travail cherche à comprendre les transformations du sujet féminité chez Melanie Klein et, ainsi, établir un parcours historique et épistémologique à propos de cette thématique pour la pensée de cette auteure. De manière spécifique, aussi, on a le but de discuter et problématiser comme la notion de féminité peut offrir une forme innovante dans la façon de lire et comprendre le texte kleinian. En outre, on croit que cette thématique permettra penser autres voie subjectives dans la contemporanéité, ce que répercuterait, ultérieurement, dans la façon de comprendre la psychanalyse déplacée de l'axe phallique. Cela parce que, depuis le début de cette recherche, on s'est guidé sur l'idée qu'il y aurait, comme est soutenu par quelques auteurs contemporains de la psychanalyse et qui avait déjà été réfléchi chez Freud à la fin de son œuvre, la possibilité de comprendre les moyens de subjectivation hors du registre phallique, c'est-à-dire, précédents à la structure traditionnelle du complexe d'Œdipe et héritage de notre culture Occidentale. Féminité, donc, serait cette façon de subjectivation dans un temps psychique très primitive de l'enfant avec sa mère, ce que permettrait des articulations subjectives différenciées.

Mots clés: Psychanalyse. Féminité. Melanie Klein.

DAS MINHAS GRATIDÕES...

O tempo da elaboração de uma tese é longo. Nele não criamos apenas um corpo de conhecimento, mas, tão importante quanto, nós vivemos. Nesse tempo muitos encontros e desencontros são feitos. Amizades são construídas, outras fortalecidas. Algumas não necessariamente se desfazem, mas tornam-se mais distanciadas por contas das próprias vicissitudes da vida. Se Freud um dia considerou que o nosso *Eu* é o que resulta dos nossos investimentos e abandonos libidinais, Klein sabiamente reconheceu que a gratidão é o elemento que pode dar força para o sentimento indispensável da integração e existência dessa instância psíquica que nos é tão íntima. Por período tão importante que representou esse percurso é que preciso deixar público a minha eterna gratidão:

Ao meu orientador, professor Jorge Luis Ferreira Abrão pelos tão preciosos e precisos apontamentos. Sua sempre solícita e paciente forma de tratar seus alunos é algo admirável e que nos serve sempre como uma meta a se alcançar.

À Ana Flávia, meu amor, que foi tão importante não apenas pelo incentivo, mas pela inteligência de alguém que já está pronta pra conquistar muitas alegrias como psicóloga e como pesquisadora.

A minha mãe, por seu esforço em todos os momentos; desde muito antes disso tudo.

Ao meu pai, por seu orgulho por seu filho.

Ao Eduardo, meu filho. Seu carinho sempre foi um porto seguro nos momentos de aflito.

À Cleide pelo incentivo e pelo tempo importante que estivemos juntos nesse percurso.

À Chefia do Departamento de Psicologia da UEM por permitir, desde o início, as vias possíveis para alguém que ainda não podia ter afastamento para construção deste trabalho. No complexo quebra-cabeça que é conseguir fazer a distribuição das aulas, ser lembrado em nossa dificuldade é de ser muitíssimo grato.

A minha amiga e professora Rozilda, pelo seu carinho, pelas orientações e, principalmente, pela amizade que a cada dia se torna mais forte.

Ao amigo Artur Molina, pela amizade e pelo reconhecimento.

Aos companheiros de doutorado e de viagem: Guilherme, Roberta, Ednéia e Juliana. Com certeza vocês fizeram da parte mais difícil que foi desse percurso um momento de muita alegria. Os 210 quilômetros de distância de Maringá à Assis nunca serão tão prazerosos.

“[...] O seio bom é tomado para dentro e torna-se parte do ego, e o bebê, que antes estava dentro da mãe, tem agora a mãe dentro de si” (KLEIN, 1957/2006)

“À medida que os filhos crescem, a mãe deve diminuir de tamanho. Mas a tendência da gente é continuar a ser enorme” (Clarice Lispector, 1968 [Jornal do Brasil])

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. POR UMA HISTORIOGRAFIA EPISTEMOLÓGICA E SUAS IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	18
1.1 HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E HISTORICIDADE	18
1.2 HISTORIOGRAFIA DA PSICANÁLISE: MODELOS METODOLÓGICOS	19
1.3 A INVESTIGAÇÃO DO PENSAMENTO KLEINIANO, SUAS IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS E SUA JUSTIFICATIVA.....	23
1.4 OBJETIVOS	28
1.4.1 Objetivo Geral:.....	28
1.4.2 Objetivos Específicos:	29
1.5 Do percurso	29
2. O FEMINO NA HISTÓRIA E A FEMINILIDADE NA PSICANÁLISE	31
2.1 A CONDIÇÃO FEMININA ATRAVÉS DOS TEMPOS.....	31
2.1.1 A invenção do feminino	33
2.1.2 A invenção do pecado	41
2.1.3 O martelo das bruxas.....	43
2.1.4 A crise do matrimônio ou do crime que chocou uma época	47
2.1.5 Um novo sujeito	50
2.2 UM GRITO HISTÉRICO: A FEMINILIDADE E UMA NOVA FORMA DE SUBJETIVAÇÃO	53
2.2.1 Dois tempos na clínica de S. Freud.....	56
2.2.2 Construindo a noção de feminilidade.....	60
2.2.3 Outras feminilidades	67
3. MELANIE KLEIN E SUA SUBJETIVAÇÃO	72

3.1 MELANIE REIZES (KLEIN), MÃE	72
3.2 MELANIE KLEIN MULHER.....	80
3.3 MELANIE KLEIN PSICANALISTA	84
4. A NOÇÃO DE FEMINILIDADE NA PRIMEIRA DÉCADA DE TRABALHO DE MELANIE KLEIN.....	130
4.1 A NOÇÃO DE FEMINILIDADE PARA LERMOS M. KLEIN	131
4.2 TRATAMENTOS DOMÉSTICOS E O ESPAÇO MATERNO	133
4.3 A ANÁLISE DE CRIANÇAS E AS PRIMEIRAS CONCEPÇÕES ORIGINAIS	137
4.4 UMA FASE DE FEMINILIDADE	142
5. FEMINILIDADE E A SISTEMATIZAÇÃO KLEINIANA: O CORPO MATERNO COMO PALCO DA GÊNESE PSÍQUICA.....	152
5.1 FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS: REPOSICIONAMENTO EGÓICO E A FEMINILIDADE COMO CONDIÇÃO LÚDICA	154
5.2 SUPEREGO, COMPLEXO DE ÉDIPO E UMA OUTRA SUBJETIVAÇÃO	159
5.2.1 O desenvolvimento da menina.....	164
5.2.2 O desenvolvimento do menino	171
5.3 SINTOMA E DESAMPARO	174
6. A FEMINILIDADE E SUA CENA <i>PER SE</i>: A SUBJETIVAÇÃO NA POSIÇÃO DEPRESSIVA	179
6.1 O RECONHECIMENTO DO OUTRO A PARTIR DO AMOR	180
6.2 ANTES DO AMOR: FEMINILIDADE E A POSIÇÃO ESQUIZO-PARANÓIDE...	196
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	210
REFERÊNCIAS.....	214

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho nasceu como sequência de uma outra pesquisa que realizamos a partir de outro norte, que foi o da neurose obsessiva na obra de Melanie Klein (Klipan, 2009). Naquele momento, fazíamos parte de um projeto de pesquisa pertencente ao *Laboratório de Estudos em Psicanálise e Civilização* Rlotado no Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá R e que procurava estudar o desenvolvimento da Psicanálise a partir das produções que derivavam dos estudos sobre a neurose obsessiva depois de Freud. Fez-se um levantamento de artigos indexados no *PsycInfo*, da Associação Americana de Psicologia e, a partir daí, a criação de subprojetos que tratavam de diferentes categorias como, por exemplo: neurose obsessiva na obra de Freud a partir de comentadores desta; **neurose obsessiva na obra de autores clássicos** como Melanie Klein, que foi o nosso caso; neurose obsessiva e estados psicóticos; neurose obsessiva em crianças e adolescentes; neurose obsessiva, cultura e religiosidade, etc. A necessidade dessas categorias se deu pelo grande número de artigos que foram levantados. Além disso, é importante destacar que a escolha do tema daquela pesquisa aconteceu por reconhecermos que a neurose obsessiva pode ser considerada umas das protagonistas do surgimento e desenvolvimento da própria Psicanálise.

Especificamente naquele momento, ficou evidente o nosso tema estar muito presente no pensamento de Melanie Klein, especialmente nas décadas de 1920 e 1930. Isso nos levou a refletir que a neurose obsessiva era tanto o palco quanto a personagem principal das construções teóricas dessa autora, uma vez que boa parte das crianças atendidas naquele período sofria de graves neuroses obsessivas. Desses tratamentos, Klein construiu sua perspectiva da constituição psíquica das crianças de um modo geral, evidenciando o papel da agressividade em sua gênese e modificando alguns elementos psicanalíticos aceitos até aquele momento, como o complexo de Édipo proposto por Freud e seu derivado, o superego. As principais mudanças teóricas de Klein sobre isso implicavam, principalmente, em uma antecipação no surgimento desses fenômenos psíquicos e, também, numa mudança na compreensão de sua dinâmica. Muitos elementos teóricos puderam se derivar daí, mas, antes de tudo, a própria viabilidade de uma análise com criança se fundamentava na perspectiva trazida por essa autora. Uma vez reconhecida a potencialidade transferencial em uma criança, mesmo pequena, R por conta do seu acontecer edipiano já influente R, o acesso ao inconsciente *in status nascendi* se mostrava promissor.

Quando comparamos a obra kleiniana com a freudiana notamos um contraste que nos chamou a atenção logo inicialmente: o espaço que a mãe ocupava na gênese psíquica segunda a compreensão dessa autora. Isso é bem notório, mas, do ponto de vista epistemológico, nos intrigava saber o que exatamente levava Klein a, desde a primeira década de suas publicações, reservar um espaço privilegiado para a mãe nas inter-relações subjetivas que a autora encontrava nas fantasias das crianças atendidas. Pensávamos se não seria a própria condição da criança que, no momento da análise, estaria mais vinculada à mãe do que ao pai. Isso, apesar de ser verdadeiro, não se sustentava totalmente, uma vez que crianças mais velhas, que já estariam em um percurso edipiano clássico, ou mesmo adolescentes que já teriam superado o predomínio desse complexo, indicavam sempre uma trilha mais profunda que se direcionava à mãe. Além disso, a própria autora fazia menções à análise de adultos que também evidenciavam esse destaque de que estamos falando. À medida que avançávamos na obra de Klein, percebíamos um movimento que apontava para relações cada vez mais primitivas e intensas com a mãe. E quanto mais antigas eram essas relações, mais elas evidenciavam objetos parciais; sendo um deles primordial, o seio materno. O pai, nessas fantasias, aparecia cada vez mais como um apêndice, como *mais um* dentre todos os objetos fantasísticos que compunham a cena da gênese psíquica dentro de um continente mais importante que era a mãe.

A radicalidade dessas constatações se fundamentava por uma perspectiva freudiana que, ao que tudo indica (PETOT, 1988; PETOT, 1991; GROSSKURTH, 1992), não foi amplamente aceita no período próximo a sua publicação; falamos da proposta da dualidade pulsional (pulsão de vida e pulsão de morte) estabelecida por Freud desde a década de 1920 que é, também, a década de início das publicações de Melanie Klein. A construção teórica de Klein se mostrava, desde então, em uma articulação indissociável entre suas experiências clínicas e essa base teórica sustentada nessa dualidade que, para ela, se dinamizava de maneira sempre interagida e nunca por polos antagônicos.

A partir disto, Klein começava a inverter uma lógica freudiana que, na verdade, era algo historicamente constituído desde a Antiguidade (ARISTÓTELES; 1985; PLATÃO, 1985; BEAUVOIR, 1970): a constituição social derivada e organizada a partir do masculino; ou seja, o patriarcado que, do ponto de vista subjetivo, constitui-se a partir de um registro e um reconhecimento fálico. Em Klein pudemos perceber que ela invertia essa lógica; em suas teorizações, seria o feminino o ponto de origem, o continente inicial. Tudo o mais seria constituído posteriormente e influenciado por essas relações estabelecidas ali, com esse outro

que em nossa cultura ocidental ainda se coloca como a figura predominantemente presente nessa cena original.

Sigmund Freud, apesar de suas postulações serem reconhecidamente vanguardistas dentro da Modernidade, trazia a marca da Antiguidade; seu pensamento representava o novo e o antigo, especialmente quando este pensava o feminino (MOLINA, 2010). Ao acompanharmos suas reflexões sobre a subjetivação feminina, podemos ver o autor pensá-la como uma espécie de *descaminho enigmático* da trilha masculina. Exemplo maior disso é encontrado nas teorizações sobre o percurso edipiano, onde a figura feminina parece colocar irritantes questões para um fenômeno que estaria perfeitamente calibrado para o universo masculino. Todavia, ao final de sua obra como nos destacam Joel Birman (1999; 2001) e Márcia Arán (2000; 2002; 2006 e 2009), Freud teria aberto um outro campo para se pensar a constituição subjetiva. Esses autores chamam esse lugar constitutivo de *feminilidade*, porque Freud encontrara justamente em um espaço intersubjetivo feminino, mas que **não se restringiria a ele**. Nesse sentido, vale observar que, tanto em Freud quanto em Klein, o palco original de suas descobertas se destaca a partir do feminino. Se Freud encontrou a trilha da sua concepção de inconsciente a partir de suas históricas, Melanie Klein teve em suas pequenas pacientes meninas algo muito semelhante. Foi ali que ela pôde construir e desenvolver sua técnica e sua teoria. O campo feminino revelava, então, essa *experiência com o sensível* que a sociedade Moderna, marcadamente racionalista e patriarcal, parecia desprezar até aquele momento.

O que esses autores (BIRMAN, 1999, 2001; ARÁN, 2000; 2002; 2006 e 2009) chamam de feminilidade é uma leitura de um modo de subjetivação que aconteceria fora do registro fálico, ou seja, pré-edipiano para a compreensão freudiana tradicional, e que podemos fazer a partir dos textos de Freud publicados posteriormente à década de 1920, especialmente com a criação do conceito de pulsão de morte e a compulsão à repetição. Se para Freud explicar o trajeto edipiano na formação do sujeito masculino se mostrava, apesar de complexo, viável. Já mesmo depois de Freud pensar a resistência do tratamento pela ótica da nova dualidade pulsional já não podemos dizer o mesmo daquilo que se refere ao universo feminino. O discurso de Freud sobre esse universo, tal como considera Birman (2001, p. 17), “é perpassado por múltiplas contradições e ambiguidades”. Isso porque temos, por um lado, a dificuldade da hierarquização sexual trazida com a edificação da obra freudiana em que a mulher seria um ser faltante que não se completaria ao final da passagem edipiana, devendo essa elaboração (superação) se desenvolver em um momento posterior ao Édipo, de forma

enigmática¹. Dessa forma, a mulher se “completaria” com a maternidade, pelo menos no campo da libido; ainda assim se tivesse um filho homem. O tornar-se mulher seria o tornar-se mãe, e, ainda assim, de forma incompleta se comparada ao campo das articulações fálicas, especialmente naquilo que se referiria à sua inveja do pênis/falo. Isso, certamente, é o ponto de maior polêmica naquilo que posteriormente foi criticado pelo feminismo.

Uma visão hierárquica que Freud apesar de sua importante posituação do discurso feminino inaugurado desde os *Estudos sobre a histeria* (1895/1996) retomou da organização grega da Antiguidade, onde a figura do pai estava acima da figura da mulher e da criança em sua faculdade de deliberar. (ARISTÓTELES, 1979).

Por outro lado, como nos destaca Birman (2001), apesar das leituras feministas terem (parcialmente) razão em sua crítica à Psicanálise, na medida em que esta acabou formulando uma “leitura hierárquica da diferença sexual” (BIRMAN, 2001, p. 24), tal visão não daria conta da complexidade trazida pela compreensão do feminino pela Psicanálise seja a freudiana, ou ainda, como tentaremos discutir, a kleiniana.

Dessa forma, o ponto mais interessante trazido pela teorização freudiana sobre o campo feminino se refere, tal como Birman (2001) nos salienta nesse seu ensaio, àquele ponto enigmático trazido no período final da obra de Freud, à noção de feminilidade trazida em *Sexualidade feminina* (1931/1996) e *Conferência XXXIII* (1933/1996), ou ainda, em *Análise terminável e interminável* (1937/1996). Vejamos o que Birman nos fala sobre essa nova concepção freudiana:

Foi em oposição a toda essa construção conceitual [a dos destinos reservados ao feminino que citamos acima] que a feminilidade foi concebida. Com efeito, o discurso freudiano enunciou que esta indicaria a existência de outro registro psíquico, que se contraporaria ao anterior, centrado no falô. (2001, p. 225; nossos comentários entre colchetes).

Essa noção de feminilidade, segundo Birman, nos remeteria a um lugar de desordem, uma nova concepção que reformularia todo o “modelo ocidental que, desde a Antiguidade colocava o registro masculino como originário, tanto na tradição do paganismo grego quanto do cristianismo” (2001, p. 226). Desordem com relação à ordem fálica, que toma o masculino

¹ Lembremo-nos de como Freud, na *Conferência XXXIII* (1933/1996) nos convida a buscar em nossa própria experiência, nos poetas ou numa ciência futura uma ideia mais precisa sobre o campo da feminilidade.

como ponto de origem. Por outro lado, esses autores vão discutir que a via subjetiva regida pela noção de feminilidade abriria um maior espaço para a alteridade, uma vez que sua marca se regeria justamente pela maior proposta derivada da Psicanálise, que é a noção de *singularidade* que perpassa a própria concepção de inconsciente.

Se a inscrição da feminilidade estaria na origem, o masculino seria secundário. Dessa forma, no registro da feminilidade não existiria o falo para o sujeito. A subjetivação começaria a acontecer antes da condição fálica. E onde Freud reconheceu esse espaço de construção subjetiva? Nas primitivas relações da menina com sua mãe (FREUD, 1931/1996; 1933/1996), talvez por isso que os autores que mencionamos se referem a esse campo como feminilidade \hat{R} ao qual poderíamos propor um outro nome \hat{R} , pois ele se restringiria às relações da menina com sua mãe podendo, na verdade, alcançar qualquer relação subjetiva, seja da menina ou do menino. Seria, então, justamente na tentativa de compreender a passagem da vinculação da menina com sua mãe para seu pai que, nesse enigma subjetivo, Freud abriria um importante espaço para compreensões mais primitivas da constituição do sujeito.

Acreditamos, então, que foi por essa trilha que Melanie Klein conduziu seu trabalho desde o início. Pensamos que a obra da autora pode se aproximar dessa noção de feminilidade que Birman e Arán remetem a Freud, tendo desenvolvido sua própria teoria a partir da experiência no atendimento infantil. Nossa tese se constituiu a partir dessa premissa: de que lermos a obra kleiniana pela ótica da feminilidade nos daria uma importante ferramenta de articulação para compreendermos a construção do pensamento dessa autora.

Para adentrarmos na complexidade deste tema, construímos nosso trabalho dividido em seis capítulos. Aqui, iremos expor aos leitores o tema trabalhado em cada um deles.

O *primeiro* capítulo se dedicou a discutir e refletir sobre o contexto da pesquisa, pretendendo, ainda, ser um capítulo metodológico. Fizemos questão de, juntamente com a discussão metodológica, também trabalharmos com a justificativa deste trabalho. Isso porque entendemos que essa pesquisa acaba atingindo dois propósitos: o primeiro é a tese em si, que visa articular um tema em um dado local, no caso a obra de Klein; mas, a proposta também presta o serviço de “descortinar” a epistemologia dessa obra que, como veremos, tem uma problemática particular.

O *segundo capítulo* se constitui em localizarmos a mulher em três momentos culturais bem distintos \hat{R} Antiguidade, Idade Média e começo da Modernidade \hat{R} para que pudéssemos compreender como ela foi recebida e trabalhada na Psicanálise freudiana; ou seja, uma contextualização do feminino em um determinado pensamento. Para isso, escolhemos

três ícones para representá-la: a mulher na Antiguidade; a bruxa, no período medieval e, a histórica, na Modernidade. O primeiro caso representaria a condição meramente material reservada ao sexo feminino; a figura da bruxa medieval revelaria a fraqueza espiritual do caráter feminino comparado ao masculino e, no início da Modernidade, a natureza biológica inferior da mulher, - marca de sua fraqueza física e psíquica, - que poderia ser a base de suas doenças psíquicas como, por exemplo, a histeria. São mulheres de períodos históricos distantes, mas que revelam a hierarquia do sexo que chegava até a Modernidade. Feita essa contextualização, o propósito seguinte desse capítulo foi o de discutir como essa tradição chegou a Freud. É principalmente como isso se revela na exposição do Complexo de Édipo feminino. É e, também, como esse autor pôde reconhecer uma outra trilha paralela àquela trazida pela tradição Ocidental marcada por um patriarcado fálico. Nosso segundo capítulo se dedica a apresentar como essa noção de feminilidade pode ser encontrada no texto freudiano.

O *terceiro capítulo* procura apresentar a pessoa Melanie Klein, uma vez que nossa concepção de historiografia leva em conta esses elementos da ordem da singularidade, além das marcas históricas e culturais mais gerais. Na cronologia que escolhemos para percorrer a vida dessa autora, acreditamos que três momentos marcariam sua existência: sua condição de mãe, sua condição de mulher e, posteriormente, talvez sintetizando as outras duas, sua condição de psicanalista.

O *quarto capítulo* discute como o tema da feminilidade, no sentido que estamos tratando nessa pesquisa, aparece na primeira década de publicações de Melanie Klein. Veremos, então, que apesar dessa autora ter passado grande parte da década de 1920 ainda muito próxima às proposições freudianas, o *setting* escolhido por Klein favoreceu o destaque do tema da feminilidade. Isso pode ficar claro em pelo menos dois planos: a publicação de casos clínicos sobre meninas que se tornara clássicos dentro de sua obra; tendo em vista que trouxeram importantes aprofundamentos sobre a compreensão da agressividade, do superego e do próprio complexo de Édipo. Juntamente com isso, a autora evidencia a importante relação das crianças com a mãe e trata desse momento intersubjetivo em termos de fase de feminilidade. Veremos como esse tipo de relação subjetiva vai se mostrar como fundamental para meninas e para meninos.

O *quinto capítulo* se dedica a compreender como o tema da feminilidade se apresenta e se articula como eixo importante na primeira sistematização do pensamento kleiniano. Tomamos como reflexão exclusiva, devido à complexidade intrínseca, o livro *A psicanálise de crianças* como um recorte epistemológico, uma vez que esse livro congrega casos e discussões teóricas de mais de uma década de trabalhos psicanalíticos. A partir dessa

articulação, veremos o quanto o corpo da mãe assume o palco principal da cena da gênese psíquica, o que acaba por descentrar o registro fálico do pilar subjetivo principal da Psicanálise.

Nosso *sexto capítulo* buscará, por fim, compreender como a posição depressiva, como alternativa do campo da feminilidade, substituiu no pensamento kleiniano a importância que o complexo de Édipo freudiano tinha. A proposição do conceito das posições não fez desaparecer o Édipo, mas como já vinha acontecendo desde a primeira década de suas publicações, ele foi revisado de tal forma que a sua posição central estabelecida a partir do masculino foi desmontada. Acreditamos que a grande inventividade da clínica de Melanie Klein pode ser sintetizada através da compreensão do conceito da posição depressiva. Sabemos que muitos aprofundamentos surgiram desde sua primeira proposição, mas, acreditamos também, que um caminho radicalmente novo pôde ser aberto desde então.

Por fim, as nossas *considerações finais* têm o propósito de traçar um fio condutor que sintetize e exponha os diferentes momentos que o tema feminilidade teve ao longo da obra de Melanie Klein, buscando articular sua evolução epistemológica e a condição histórica e cultural da mulher que foi Melanie Klein.

1. POR UMA HISTORIOGRAFIA EPISTEMOLÓGICA E SUAS IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Acreditamos que nossa pesquisa se articula com aquilo que alguns autores identificam como campos da *História da Psicanálise* (ROUDINESCO, 2000; ABRÃO, 2004; 2007; 2013). Em sua especificidade, como iremos buscar detalhar neste capítulo, encontramos situados no campo da *historiografia da Psicanálise*. Segundo Abrão (2007), a historiografia da psicanálise é um campo que pode ser considerado autônomo, principalmente a partir da década de 1980, quando alguns autores franceses como Elizabeth Roudinesco, Michel Plon, Jean Laplanche e J. Pontalis iniciaram importantes pesquisas que compõem esse campo e os próprios fundamentos da historiografia em Psicanálise. Todavia, seu método se assemelha ao campo da historiografia da Psicologia (JACÓ-VILELA, 2000), uma vez que podemos considerar que a Psicanálise é um campo de investigação psicológico.

Dessa forma, o capítulo apresentado aqui busca fazer uma exposição e discussão dos modelos de historiografia pelas quais podemos nos pautar para realizarmos trilhas semelhantes a nossa e, principalmente, dentre essas trilhas possíveis, esclarecer, justificar e pormenorizar aquela que escolhemos e que pode ser compreendida como uma *historiografia epistemológica*.

1.1 HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E HISTORICIDADE

A diferença que pode existir entre história e historiografia não residiria na qualidade do tema estudado. Por exemplo: estudo de arquivos para a História e estudo de conceitos para historiografia. Segundo Foulkes (2009), a diferença reside na leitura que fazemos do objeto. Para o autor, a historiografia se situaria como uma espécie de “suplemento crítico” na forma como lemos um objeto de estudo. Uma verdadeira sombra que acompanha esse nosso ato. Nesse sentido, “[...] todo gesto histórico, toda obra histórica resulta ser, sempre, um efeito historiográfico” (FOULKES, 2009, p. 43; nossa tradução).

Ao discutir a complexidade desse tema, Foulkes (2009) aponta que a História sempre acaba sendo a historicidade da historicidade. Isso porque, para o autor, a História seria, sempre, um rastro produzido pela historicidade. Uma espécie de *permanência em um dado tempo*, mas que não é eterno pelo próprio movimento da vida e das novas leituras realizadas; num sentido dialético, como poderíamos conceber. Sendo assim, o objeto de estudo da

historiografia seria o hiato entre a própria historicidade e “as histórias sempre diversas, singulares, e transitórias que tentam articular, capturar, neutralizar, resistir e *domar* a historicidade” (FOULKES, 2009, p. 44; nossa tradução).

De forma preliminar, partimos da ideia de que a História seria uma marca, um rastro deixado pela existência humana. A historicidade seria o próprio movimento, a permanente transformação inerente à condição humana. A historiografia objetivaria compreender o espaço entre a expectativa de transcendência da história e a imanência da historicidade. Ao lermos, ao fazermos historiografia, já estaríamos operando um novo movimento. Foulkes (2009) radicaliza dizendo que o lugar que a historiografia ocupa, então, seria o de *não-origem*; ou seja, ao buscarmos compreender num dado tempo histórico uma origem, uma gênese e, principalmente, ao realizarmos um discurso de história sobre isso, acabamos por criar um efeito daquele que relata. Assim, já se torna historicidade e já criamos um novo hiato. O autor brinca com o antigo ditado popular e o reformula: “*Historiador, traidor*” (FOULKES, 2009, p. 47).

Para explicar mais sobre esses elementos, Foulkes (2009) tomou como metáfora o quadro de Gustave Coubert intitulado *A origem do mundo*. É um quadro duplamente famoso: por um lado chocou um período por retratar as genitálias femininas de forma explícita e exclusiva. À parte de cima da mulher retratada ficou de fora da cena. E, durante muitos anos foi posse de Jacques Lacan, que o comprou em 1955 e o manteve consigo e escondido até sua morte em 1981. A discussão que Foulkes quis trazer pode ser resumida em nossa pergunta: qual a origem de *A origem*? Muitos discursos foram produzidos por muitos historiadores. Ali se movimentou historicidade. Ao historiografá-la, mantemos a inércia dessa dialética.

Dentro desse campo que se mostra complexo devemos, então, buscar evidenciar algumas especificidades da historiografia psicanalítica.

1.2 HISTORIOGRAFIA DA PSICANÁLISE: MODELOS METODOLÓGICOS

Segundo Abrão (2007), apesar da historiografia da Psicanálise se inserir em campo próximo ao da historiografia da Psicologia, é uma vez que a própria Psicanálise pode ser considerada um sistema psicológico, a primeira guarda algumas especificidades que a torna um processo próprio, diferenciado. Por um lado, ela assume essa semelhança e possibilidade de compreensão no sentido proposto por Willian Woodward (1998, citado por ABRÃO, 2004; 2007), onde este autor entende e descreve que os estudos históricos passariam por dois

momentos: o do método histórico ou análise da fonte e, também, a historiografia propriamente dita, definida também como análise e síntese. Ainda segundo ele, convencionou-se utilizar a palavra historiografia para ambas as partes, a da análise e a da síntese.

Já a diferença seria marcada pela característica da *singularidade* tão importante para a Psicanálise refletida também na sua historiografia. Para Abrão (2007), haveria duas marcas dessa singularidade ao intentarmos pôr em prática o método historiográfico da Psicanálise. A primeira residiria naquilo que destaca o autor e que se refere à

[...] indissociabilidade entre criador e criatura ou, dito em outros termos, a matéria-prima, o substrato necessário da experiência para a construção da teoria psicanalítica advém, em um primeiro momento, das vivências pessoais do psicanalista, sendo posteriormente, complementada pela, não menos relevante, experiência clínica (ABRÃO, 2007, p. 7).

Nesse sentido, como bem destaca Abrão (2007), as pesquisas sobre a história da psicanálise, mesmo que não se dediquem à realização de biografias, necessitam, inevitavelmente, abordar a história pessoal de seus protagonistas. Isso porque, grande parte das construções teóricas psicanalíticas deriva da própria elaboração das experiências de seus autores; ora de maneira mais explícita, como em *A interpretação dos sonhos*, ora de forma mais disfarçada como, por exemplo, as teorizações sobre a angústia e o luto na obra de Melanie Klein onde, através do estudo da vida dessa autora, podemos saber que grande parte dessa construção se assenta em terreno das próprias vivências de Klein.

A segunda característica da Psicanálise destacada por Abrão (2007) se refere ao desenvolvimento pouco linear de suas construções teóricas e técnicas. De acordo com esse autor, tanto a expansão geográfica que teve a Psicanálise, desde sua origem mais restrita em Viena, como a experiência clínica daqueles que praticavam essa invenção freudiana, contribuíram enormemente para o distanciamento encontrado entre a proposta inicial e as escolas que se formaram desde algumas décadas depois do ponto de partida no início do século XX. Isso porque, a natureza do fenômeno clínico encontrado pelos psicanalistas que praticavam a psicanálise era diferente na proporção da distância de seu centro original. Aliás, o próprio psicanalista que exercia essa atividade distante da realidade de Freud R mesmo que tenha aprendido esse ofício diretamente com ele R também não era o mesmo sujeito da invenção dessa ciência. Nesse sentido, as realidades históricas e culturais imprimiam a sua marca no desenvolvimento psicanalítico. Além disso, a própria mudança social que ia

acontecendo com o passar do tempo. É naquele sentido de historicidade que abordamos no início desse capítulo. É contava para a própria transformação da teoria psicanalítica que se tornava, cada vez mais, conjugada no plural. Exemplo disso, lembrado por Abrão (2007), foram os fenômenos estudados por dois grandes nomes da Psicanálise: enquanto Freud revelava o inconsciente por meio, principalmente, do tratamento e compreensão de suas pacientes histéricas; Melanie Klein dedicava-se a explorar e teorizar o universo infantil com grande frequência, através de crianças que sofriam de graves neuroses obsessivas. Isso trazia uma marca peculiar em suas teorizações; a agressividade se destacava em sua obra, uma vez que esse elemento psíquico marcava a cena clínica encontrada por essa autora.

A partir dessas considerações sobre as especificidades da Psicanálise e suas problemáticas históricas, Abrão (2007) nos apresenta alguns modelos metodológicos que têm sido utilizados no campo da historiografia psicanalítica. O primeiro desses modelos descritos pelo autor é a *Abordagem descritiva*. Segundo Abrão, esse foi o primeiro modelo de investigação histórica do movimento psicanalítico. Constitui-se em “[...] narrar uma sucessão de fatos e acontecimentos relativos à história da psicanálise que se encontram dispersos e, por muitas vezes, desconhecidos pelo grande público” (ABRÃO, 2007, p. 8). Nesse sentido, essa abordagem se configura como uma periodização dos principais eventos e nomes que marcariam o que seria a evolução do próprio movimento psicanalítico. Duas obras retratam, como bem lembra Abrão, o início desse modelo: *A história do movimento psicanalítico*, de 1914, e *Um estudo autobiográfico*, de 1925; ambos os textos escritos pelo próprio criador da Psicanálise. Esse modelo, especialmente na atualidade, se destaca mais pelo aspecto testemunhal do que, propriamente, pelos fatos e acontecimentos relevantes.

Dessa maneira, como discute Abrão (2007), a experiência dos próprios personagens que compuseram a trama psicanalítica é que torna esse modelo interessante como, por exemplo, em outro famoso trabalho que segue essa abordagem, a biografia de Freud escrita por Ernest Jones. Como se sabe, Jones tinha uma posição muito privilegiada como discípulo direto de Freud. Isso lhe garantia um acesso muito importante a diversas informações sobre a vida íntima de Freud que, certamente, não fosse a confiança da família deste, esse trabalho seria quase impossível. Se por um lado toda essa gama de informações traz um destacado enriquecimento do trabalho, essa mesma condição o coloca numa posição viciosa. Como destaca Abrão, apesar da qualidade didática dessas informações muito bem colocadas cronologicamente, o texto de Jones está preso a um reducionismo, quando não reflete outros elementos importantes para se compreender o pensamento freudiano como, por exemplo, uma

discussão articulada com as influências culturais e científicas que Freud sofreu ao longo de sua vida.

Um segundo modelo de historiografia psicanalítica discutido por Abrão (2007) é a *Abordagem contextual*. Segundo o autor:

uma vez esgotada a etapa inicial de descrição de fatos relevantes à história da psicanálise, os pesquisadores voltam sua atenção para uma análise mais depurada dos dados disponíveis, de forma a ampliar a compreensão de passagens históricas, esboçando novos ângulos de interpretação dos dados existentes [...] (ABRÃO, 2007, p. 9)

Exemplo desse tipo de trabalho é a conhecida biografia de Freud escrita pelo historiador americano Peter Gay, no final dos anos de 80 *Freud: uma vida para nosso tempo*. O destaque desse modelo metodológico, como discute Abrão, se dá na modificação do procedimento do modelo anterior que se faz *endógeno*, para uma via *exógena* ao buscar estabelecer relações entre a Psicanálise e outros saberes, no intuito de evidenciar as influências recebidas na constituição da invenção freudiana. Além disso, o que encontramos também nessa obra de Peter Gay, como o próprio título indica, é um exame sobre os efeitos que o pensamento de Freud imprimiu em nosso mundo ocidental desde sua criação.

Um terceiro modelo se situa na *Abordagem interpretativa* que, utilizando-se do próprio método psicanalítico como ferramenta, busca realizar análises históricas. Partindo-se da premissa de que o inconsciente estaria presente nas relações humanas, busca-se compreender, a partir desse modelo, as motivações inconscientes dos autores psicanalíticos em suas “ações teóricas e políticas” no desenvolvimento da Psicanálise. Segundo Abrão:

[...] a forma como os acontecimentos ocorreram, as ligações e os antagonismos estabelecidos entre diferentes protagonistas da história da psicanálise, as omissões e exasperações presentes nas formulações teóricas propaladas pelos psicanalistas, constituem-se em um terreno altamente fértil de investigação que, uma vez submetidos ao crivo do método psicanalítico, podem fornecer indícios importantes sobre a história da psicanálise (ABRÃO, 2007, p. 10)

Todavia, como salienta Abrão (2007), é importante a utilização dessa abordagem com certa ressalva, pois há o grande risco de cairmos em um reducionismo ao trabalharmos o movimento histórico como um mero desvelamento das motivações inconscientes. Dessa

maneira, o autor aponta que esse modelo deve ser usado como *elemento coadjuvante* em associação com outro enfoque metodológico.

Por fim, o último modelo discutido por Abrão (2007, p. 10) e no qual pensamos que nossa pesquisa se sustenta é a *Abordagem epistemológica* que, segundo o autor “[...] caracteriza-se por uma rigorosa análise conceitual. Buscando, desta forma, estabelecer a história do desenvolvimento dos conceitos-chave da teoria psicanalítica, destacando as condições em que foram sendo gerados e a forma como foram sendo transformados” ao longo da vida de um determinado autor. Ao conseguir encontrar os pontos de intersecção e rompimentos na forma como os conceitos psicanalíticos foram produzidos ao longo do tempo, o pesquisador que trabalha com essa abordagem pode reconhecer os antagonismos existentes entre as diferentes escolas psicanalíticas desde a proposta freudiana. Segundo Abrão, um dos trabalhos mais reconhecidos nesse contexto é o *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis, publicado no final dos anos 60 na França. Ali, podemos encontrar não apenas uma definição mais precisa e sistemática dos conceitos e vocábulos psicanalíticos que, muitas vezes, se mostram confusos na obra freudiana, mas o mais interessante pode residir nos comentários que vêm logo após cada definição. É um trabalho muito esclarecedor para o leitor de como determinado conceito ou jargão foi construído ao longo da obra freudiana, remetendo-o aos textos em que eles estão presentes e, principalmente, dando uma dimensão mais viva do pensamento de Freud que se transformava ao longo de sua construção.

Abrão (2007) ainda destaca que nem sempre o emprego dessas abordagens metodológicas se encontra de forma isolada ou linear. Da mesma forma que o autor, pensamos que essa classificação apresentada aqui tem a função de orientar o leitor e, também, a nós mesmos no direcionamento de nosso trabalho.

1.3 A INVESTIGAÇÃO DO PENSAMENTO KLEINIANO, SUAS IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS E SUA JUSTIFICATIVA

O texto de Melanie Klein traz algumas problemáticas que precisamos refletir para evitar equívocos epistemológicos. Justamente por isso pensamos que nossa tese pode ser entendida como uma contribuição nesse sentido, e que o método historiográfico que utilizamos procura inserir o texto kleiniano em uma localização temporal e cultural que muitas vezes se perde na tentativa de expandi-lo para um público maior, como é o caso das suas edições e traduções. Especialmente por escolhermos trabalhar com uma tradução em

português², precisamos compreender as problemáticas envolvidas na construção dessa versão e os (des)caminhos trilhados até sua produção. Nesse sentido, como bem destacam Elias M. da Rocha Barros (1995) e Elias M. da Rocha Barros & Elizabeth Barros (1988), o texto kleiniano traz pelo menos duas problemáticas que necessitamos superar, uma de característica mais específica, que se refere ao nosso contexto cultural e histórico chamado por esse autor de um “a-historicismo deformante”. Já a segunda problemática, de natureza mais geral se referiria ao próprio estilo de escrita de Melanie Klein, marcado pela exposição das fantasias do atendimento de seus pequenos pacientes de uma forma tão concreta que torna sua obra bastante complexa de ser acompanhada.

A primeira dessas dificuldades que Barros & Barros (1988) nos apontam sob o título de a-historicismo, de característica mais específica, se refere diretamente à forma como o texto dessa autora chegou ao Brasil. Segundo Abrão (2013, p. 193) a maneira como essa teoria foi difundida em nosso país se deu pela “[...] transmissão de conceitos teóricos e técnicos desvinculados do contexto científico e do momento histórico em que foram gerados”. Ainda segundo este autor, haveria pelo menos três elementos que contribuíram para que essa difusão tenha tomado essa característica de descontextualização histórica:

[...] a existência de traduções pouco cuidadas e sem uniformidade entre si, a publicação de trabalhos iniciais de Melanie Klein que eram tomados, inadvertidamente, como a versão final do pensamento kleiniano e a tradução de textos com base nas primeiras edições publicadas na Inglaterra que não contemplavam notas explicativas sobre os artigos (ABRÃO, 2013, p. 193)

Precisamos destacar que as traduções que mencionamos se referem a uma primeira tentativa de trazer a obra kleiniana para o Brasil na forma de livros publicados. Esse período se refere ao final da década de 1960 e meados da década de 1970, quando os direitos autorais do texto kleiniano no Brasil se dividiam entre as editoras Mestre Jou e a Imago. Essas primeiras edições existentes aqui derivavam principalmente da edição britânica das *Obras Completas* de Klein de 1948, período em que a autora ainda estava produzindo e revisando seus textos. Nesse sentido, esses primeiros materiais publicados aqui ainda não continham grande parte das revisões, notas de rodapé e precisão de conceitos porque Klein ainda tinha dificuldade para encontrar na língua inglesa expressões próximas ao seu pensamento alemão.

² Mais à frente discutiremos as razões de nossa escolha por essa versão em português.

Assim, Barros & Barros (1988) destacam que nesse primeiro momento houve uma perda significativa naquilo que se refere a sua localização histórica do pensamento de Klein, o que impede uma aproximação de seu desenvolvimento:

O resultado dessa situação editorial é a divulgação de uma Melanie Klein contraditória, a partir de textos confusos, que dá idéia da existência de um sistema teórico insustentável, devido à perda de uma dimensão histórica no desenvolvimento do pensamento kleiniano (BARROS & BARROS, 1988, p. 194)

Além disso, Abrão (2004; 2008; 2013) nos destaca que a obra kleiniana também teve uma importante forma oral de transmissão. Isso se deu porque desde meados da década de 1950, muitos psicanalistas brasileiros estavam fazendo (ou complementando) sua formação psicanalítica na Inglaterra e, justamente por isso, recebiam uma influência direta do pensamento de Melanie Klein. Ao retornar ao Brasil, além da aplicação técnica do que haviam apreendido em Londres, também iniciaram a transmissão desse conhecimento através de suas supervisões, orientações de grupos ou mesmo, pela própria prática da análise que passava a receber essa forma kleiniana de atuação. Ou seja, mesmo antes das primeiras edições dos textos de Klein estarem disponíveis aqui, essa autora já circulava pelas Sociedades de Psicanálise, com destaque pela de São Paulo, como pode atestar Abrão (2004; 2008; 2013), que teve a oportunidade em sua pesquisa de entrevistar parte importante dos psicanalistas que vivenciaram esse período. Nesse sentido, ser kleiniano naquele momento era algo considerado inovador. Contudo, como não havia uma sistematização dessa transmissão de conhecimento, um forte apego aos dogmas que já existia na Sociedade Britânica de Psicanálise contribuiu para que o pensamento kleiniano tivesse um negativo contribuinte. Especialmente nas fontes históricas derivadas das entrevistas realizadas, Abrão (2013) destaca que houve uma radicalidade entre aqueles psicanalistas que começavam a transmitir a psicanálise kleiniana entre os anos de 1960 e 1970. Ser kleiniano nesse período significava ser inovador, mas também, “[...] empregar uma linguagem de objeto arcaico ou interpretar insistentemente os aspectos destrutivos da personalidade [...]” (ABRÃO, 2013, p. 201). Não que isso estivesse errado, mas na ânsia por serem fiéis à transmissão do exato conhecimento que receberam em Londres, esses psicanalistas também transmitiam aquela postura dogmática derivada da tensa política dos anos das *controvérsias Freud-Klein* (KING & STEINER, 1998) que aquela sociedade acabara de vivenciar. Resultado disso foi uma prática que começou a ser

considerada demasiadamente copiada e pouco inventiva até meados da década de 1980, quando outros psicanalistas e escolas de Psicanálise começaram a adentrar as Sociedades.

Ainda sobre aqueles três elementos problemáticos apontados por Abrão (2013), para a tradução do texto kleiniano no Brasil, foi necessário para a construção de nossa pesquisa refletir sobre o estilo de escrita criado por Melanie Klein. Se por um lado o início da divulgação do pensamento dessa autora trouxe a problemática de sua tradução por aquela forma concretista de representar as fantasias infantis, por outro sabemos que a própria escrita da Psicanálise sempre mereceu um capítulo à parte, devido à complexidade de teorizar sobre aquilo que é singular. Tanto que Freud chamava a teorização de sua invenção de *metapsicologia* que, segundo Laplanche e Pontalis (2001), convoca ao exercício da “construção de uma realidade suprassensível, que deve ser transformada pela ciência em psicologia do inconsciente” (p. 284). Barros (2004, p. 13), citando André Green, alerta sobre isso dizendo que “o analista, ao escrever, confronta-se com um paradoxo, pois pretende ao mesmo tempo comunicar e convencer, refletir e ter razão!” É desse paradoxo que a inventividade de Melanie Klein não escapou. Seu texto é marcado por exposições que revelam uma realidade crua, com fantasias bizarras que se materializam e se concretizam em dissecações desconcertantes da mente infantil e, principalmente, por uma teorização que nos leva a questionar certos posicionamentos assumidos pela autora que, vistos fora de seu desenvolvimento e contexto e, principalmente, da experiência clínica necessária para compreendê-la, nos parece insustentável pelo argumento kleiniano de que seu relato derivava de elementos que foram “observados” clinicamente.

Além dessa peculiaridade de sua escrita, é possível saber que Melanie Klein escrevia em alemão até o início de 1930, mesmo residindo na Inglaterra há alguns anos (GROSSKURTH, 1992; ABRÃO, 2013). Exemplo disso são os livros *The psychoanalysis of children*, de 1932, e *Contributions to Psychoanalysis*, de 1948, que foram escritos primeiramente em alemão para posteriormente serem traduzidos para o inglês. Isso indica que essa autora manteve certa dificuldade em se expressar fora do seu idioma materno, mesmo depois de anos vivendo e falando inglês. Somado a isso, temos também a forma como suas ideias eram publicadas. A maior parte de sua produção teórica aconteceu na forma de artigos apresentados em diversos congressos psicanalíticos ou reuniões científicas de Psicanálise. Isso nos leva a compreender que, apesar do rigor científico para essas publicações, como certamente as revistas e os congressos exigiam, suas ideias acabavam ficando espalhadas por diversos veículos de comunicação científica, o que certamente dificultava aqueles que não a acompanhavam desde o início e/ou estavam acostumados à maneira freudiana de

sistematização de suas ideias através de livros. Uma forma de tentar integrar essa teoria por parte dos psicanalistas brasileiros, pelo menos nos idos anos de 1960, 1970 e parte de 1980, era se manter radicalmente fiel, o que se tornava algo dogmático.

Melanie Klein percebia a problemática que trazia a forma como ela publicava suas teorias. Tanto que, ao final da vida, ela se preocupava com a criação de um *Melanie Klein's Trust*. Em 1955, com a ajuda de alguns discípulos como Hanna Segal, Betty Joseph e Edna O'Shaughnessy (GROSSKURTH, 1992; ABRÃO, 2013) essa organização foi, de fato, criada para o desenvolvimento da psicanálise e, principalmente, da manutenção da obra de Melanie Klein. Desde então, houve a possibilidade de organização e sistematização da obra de Klein. Contudo, como já afirmamos anteriormente, até final da década de 1980 o texto kleiniano chegava ao Brasil de forma bastante complicadora. O que só se modificou pelo projeto de Elias Mallet da Rocha Barros que, desde o começo dos anos de 1990, encabeça a Edição Brasileira das *Obras Completas de Melanie Klein*. O desenvolvimento desse projeto trouxe ao menos dois ganhos incalculáveis para a difusão do pensamento kleiniano no Brasil: uma sistematização do pensamento da autora e, como também foi um dos objetivos, uma melhor tradução dessa obra para o nosso idioma. Especialmente sobre esse segundo ponto, podemos perceber que essa comissão editorial tomou um cuidado bastante precioso, pois além de conseguir trazer uma uniformização de conceitos ao longo de toda a obra da autora, fazendo um esforço indiscutível sobre o emprego dos termos mais adequados ao nosso idioma, trouxe, também, aquelas notas explicativas da edição inglesa que Klein e esta comissão foram criando ao longo dos anos e que permitem compreender melhor o desenvolvimento de seu pensamento. Algo que inexistia anteriormente.

Dessa maneira, então, que nos propusemos a realizar nossa pesquisa a partir dessa edição brasileira da obra de Melanie Klein. O rigor e a precisão na tradução dos conceitos, a forma sistematizada e, também, o fácil acesso a esse material foram os elementos que nortearam nossa escolha por esse caminho.

Para finalizar esse ponto que estamos discutindo sobre nossas justificativas metodológicas, é importante retomarmos aquele elemento que Elias Barros (1995) questiona - se a construção do pensamento kleiniano na América Latina não seria, ainda, uma mera imitação da Psicanálise europeia. Segundo o autor, muitos congressos já foram dedicados a essa temática: *imitação ou criação?* Apesar do clima patriótico que pulsou em boa parte desses congressos, o autor relembra que durante muito tempo a produção psicanalítica nos países da América do Sul foi produzida em clima de regime militar. O que, segundo Roudinesco (2000), para existir e se desenvolver a Psicanálise, deve existir também um solo

democrático; o que explicaria o desaparecimento do freudismo em países ditatoriais. Nesse sentido, além das problemáticas de tradução que a obra kleiniana trazia, a censura impunha um baluarte no avanço desse pensamento. O autor acredita que a principal carência que possa surgir em alguns centros de psicanálise em algumas partes da América Latina reside, principalmente, na leitura apartada do contexto histórico e dos caminhos trilhados pela teoria estudada. No entanto, negar as contribuições trazidas pela psicanálise de outras culturas seria negar uma das mais importantes contribuições derivadas do próprio Iluminismo (Barros, 1995).

Barros (1995, p. 841) ainda aponta que a influência do pensamento de Melanie Klein está por ser processada, digerida (“... *is still being processed*”), especialmente pelos chamados pós-kleinianos ou, como podemos compreender também, pelos comentadores de sua obra (SEGAL, 1975; BARANGER, 1981; PETOT, 1988; PETOT, 1991; GROSSKURTH, 1992; KRISTEVA, 2002; CINTRA & FIGUEIREDO, 2006; ZARETSKY, 2006; ABRÃO, 2004, 2013; KLIPAN, 2009, etc.). Nesse sentido, entendemos que trabalhos como o nosso aqui vão ao encontro daquilo que Renato Mezan (2001) chama de “construção do problema”, uma vez que nessa trilha historiográfica estaríamos contribuindo para a própria historicidade necessária para se compreender o pensamento de determinado autor e fazê-lo avançar.

Acreditamos que seja fundamental, desde o início dessa pesquisa, colocar algumas questões que marcam a trilha de nosso percurso. São elas: como a condição feminina e as influências intelectual, histórica e cultural em Melanie Klein contribuiu para a sua perspectiva sobre a constituição psíquica? De que maneira a sua experiência íntima se impôs em sua construção teórica e o que isso se relaciona com nossa proposta de feminilidade? Como o espaço feminino foi construído em sua obra e como este espaço favoreceria uma subjetivação em outro registro além do falo?

1.4 OBJETIVOS

A partir dessas questões norteadoras, nossos objetivos se constituem da seguinte maneira:

1.4.1 Objetivo Geral:

Compreender as transformações no tema *feminilidade* na obra de Melanie Klein, a fim de traçar um percurso histórico e epistemológico sobre o significado deste para o desenvolvimento de seu pensamento.

1.4.2 Objetivos Específicos:

- a) Discutir e problematizar como a noção de *feminilidade* que em uma definição *lato senso* pode ser compreendida como uma forma de subjetivação fora do registro fálico pode oferecer uma maneira inovadora de ler e compreender o texto kleiniano.
- b) Refletir como o tema *feminilidade* permitiria pensar outras trilhas subjetivas na contemporaneidade, o que repercutiria em modificações na própria forma de compreender a Psicanálise, deslocando-a para fora do eixo fálico.

1.5 DO PERCURSO

Para conseguirmos trilhar esse percurso proposto, optamos por primar o avanço cronológico dos textos kleinianos. Isso foi levado em conta, também, na apresentação do tema da feminilidade em nosso segundo capítulo onde, para compreendê-lo, foi necessária a retomada da posição ocupada pelo feminino em nossa cultura Ocidental, em diferentes momentos históricos. Assim, nosso caminhar se iniciou na Antiguidade, percorrendo a Idade Média até chegarmos à Modernidade e à criação da Psicanálise. Nossa intenção não foi a de evidenciar que haveria um caminho retilíneo na figuração feminina em nossa cultura, mas termos um suporte metodológico que nos ajudasse a fazer um sobrevoo em um período tão vasto de nossa história.

Levamos em consideração o mesmo recurso para a obra kleiniana. Diferentemente de autores como, por exemplo, Kristeva (2002), que em sua arquitetura de discussões temáticas recorre a um movimento muito interessante de ir-e-vir a diferentes momentos da obra de Melanie Klein, a nossa opção foi a de nos mantermos paralelamente próximos à cronologia das publicações desta autora. Se, por um lado, perdemos a instigante dinâmica que a flexibilidade que Kristeva consegue imprimir em sua reflexão da obra kleiniana que acreditamos que seja essencial para poder abordar diversos temas dentro dessa obra por outro conseguimos um recurso mais seguro para compreendermos e formarmos uma trilha

epistemológica de uma temática que pretende ser discutida de forma mais aprofundada; algo mais coerente, em nosso entendimento, de um texto acadêmico como uma tese.

Assim, compreendemos que três eixos precisaram ser escolhidos como trilha no texto kleiniano para estudarmos o tema da feminilidade: sua primeira década de trabalho até sua primeira sistematização; a sistematização em si que pode ser encontrada na publicação de *A psicanálise de crianças* e, por fim, o tema da feminilidade no interjogo das posições, procurando destacar a sua relação com a posição depressiva. Esses três eixos, então, compuseram três capítulos de nossa pesquisa - forma que acreditamos ter sido a melhor disposição didática no momento para propormos a reflexão e inserção do tema da feminilidade nessa obra. Não temos dúvidas que outras possibilidades de recortes e apresentações didáticas poderiam ser construídas. No entanto, também cremos que todo trabalho científico representa um modo de acesso e compreensão da realidade que pode e precisa se transformar com o tempo.

2. O FEMINO NA HISTÓRIA E A FEMINILIDADE NA PSICANÁLISE

Antes de trabalharmos a noção de feminilidade na obra de Melanie Klein, entendemos como fundamental localizar essa noção em dois momentos: um histórico e um teórico. O elemento histórico se refere à compreensão do feminino em nossa cultura Ocidental nascida na Antiguidade. Já o teórico se faz na reflexão e articulação deste dentro de algumas proposições do pensamento freudiano, compreendendo-o como herdeiro, pelo menos em parte, dessa cultura milenar. Assim, o desenvolvimento de nosso trabalho é subdividido em uma produção que faz um sobrevoo histórico do feminino da Antiguidade até a Modernidade e em outra que irá pensar os desdobramentos que essa cultura promove na teoria psicanalítica de Freud.

A construção desse capítulo, então, parte de uma pergunta: por que essa relação intersubjetiva que acontece entre o bebê e a figura que em nossa sociedade é ocupada primordialmente pela mãe precisaria ser chamada de feminilidade? O esclarecimento dessa questão se mostra pertinente porque veremos que a noção de feminilidade que defendemos nessa tese não se limita às mulheres, mas percorreria a todos os gêneros em uma via de subjetivação fora do eixo fálico.

2.1 A CONDIÇÃO FEMININA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Para tentarmos essa localização é que devemos frisar que se trata de um sobrevoo, pois se refere a um período muito extenso na História humana. Escolhemos alguns períodos e autores que julgamos compreenderem, pelo menos de uma forma inicial, esse vasto período de tempo. Certamente que essa arriscada tentativa de dar conta de uma temporada tão vasta não poderá se aprofundar em detalhes de cada época. A premissa aqui é a de buscar destacar certos lugares que se repetem no espaço social destinado às mulheres, e que alguns autores que trazemos aqui conseguiram identificá-los bem. Nesse sentido, a nossa ideia é a de fazer alguns esboços com relação a três grandes períodos de tempo em nossa História: A Antiguidade, a Idade Média e a Modernidade; sendo que a Psicanálise nasce no berço desta e, ao mesmo tempo, rompe com ela em muitos aspectos.

Já de início, podemos antecipar sobre esse percurso que, em nossa História Ocidental, a mulher vem ocupando um lugar repetido: o ser da *procriação*. Quando tenta escapar ou sair um pouco desse destino, podemos percebê-la lançada em lugares bastante hostis; seja na *Polis* da Grécia da Antiguidade, seja no período mais recente que chamamos de

vitoriano. Essa repetição parece que começa a se transformar de verdade com o surgimento da Psicanálise.

Claro que não temos a ingenuidade de acreditar que foi somente essa ciência que promoveu a modificação social, até porque todo um sistema de produção estava em transformação, o que impulsionou a parcial emancipação feminina. Todavia, a Psicanálise pode ser considerada um espaço privilegiado nessa revolução no mundo.

Antes de passarmos para essa segunda parte do capítulo, iniciaremos nosso percurso histórico com Simone de Beauvoir através de seu livro *O segundo sexo: fatos e mitos* (1970). Esta autora se destaca pelos questionamentos sobre certas condições de fragilidade ou limitação imputadas ao feminino que há muitos séculos são aceitas como uma verdade naturalizada. A autora vai às raízes muito antigas dessa naturalização feminina e encontra, através de importantes antropólogos e historiadores, algumas localizações e posições bem interessantes que nos ajudam a refletir esse papel feminino que ecoa ainda hoje.

Outra razão pela escolha de Beauvoir se faz por conta da forma sistematizada com que essa autora consegue contar esse percurso histórico das mulheres. Reconhecemos que essa forma escolhida por ela tem uma implicação política muito importante, mas que não será a mesma que a nossa. Isso porque estamos buscando revelar um tipo de relação intersubjetiva que se destinou às mulheres. Mas que não se restringiria apenas a elas. E em sua maternagem e não à construção imediata de um novo espaço para o feminino. Isso pode ser um efeito secundário das ideias construídas nessa tese. O que devemos deixar claro é que acompanhamos Beauvoir na exposição da História que ela faz, mas não daremos conta de alcançá-la nas implicações feministas que o seu texto instiga, seja de ordem teórica e/ou política.

Posteriormente, tomamos dois autores clássicos da Antiguidade que são Aristóteles (1985) e Platão (1982). Esses autores parecem nos trazer uma espécie de matriz da posição da mulher e sua função social. Algo que é resgatado e reinterpretado pela lógica cristã que marca a Idade Média, especialmente em uma guerra travada contra as mulheres que foi a caça às bruxas.

Para abordar a Idade Média, que talvez seja o período mais cruel contra as mulheres que nossa História tenha conhecimento, optamos por centralizar nossa atenção em uma prática muito significativa dessa época: a criminalização e condenação das mulheres entendidas como bruxas. A régua que dava medida ao que era crime ou bruxaria pode ser muito bem representada por um livro do século XVI que se chama *Malleus Maleficarum*, de H. Kramer e J. Sprenger (1487/2007). Nesse sentido, acreditamos que a compreensão dessa produção

literária que marcou uma prática medieval pode ser muito representativa além do óbvio que se refere às mulheres, sua perseguição: foi uma prática, mas que deriva de um lugar que representava a relação imaginária que se tinha com o feminino.

Por fim, pretendemos adentrar a Modernidade naquela trilha trazida, por exemplo, por Eli Zaretski (2006), onde o autor percebe que o liberalismo econômico trazido por todas as revoluções Modernas tende a “matar o Pai”, especialmente quando rompe com certas estruturas verticais e mantenedoras do falocentrismo e que abre espaços, mesmo que duvidosos, para muitas emancipações femininas e de outras minorias: especialmente no campo do desejo e da erótica.

2.1.1 A invenção do feminino

Talvez a frase mais conhecida desse livro de Beauvoir (1970) seja “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Em 2013, ano que produzimos esse capítulo, talvez seja um pouco mais fácil entendermos essa ideia do que em 1949, ano da publicação original desse livro. Isso porque já passamos por Freud, Klein, Lacan, Deleuze, Foucault e a própria Beauvoir; só para nos limitarmos a autores que influenciam diretamente esta nossa tese. Mas a verdade é que, até a presente data, o se mostra mais hostil e duro para com o sexo feminino. As mulheres ainda são questionadas em seus desejos; impedidas de transitar pelas ruas e pela vida em muitos países do mundo; ganham menos que os homens mesmo exercendo função idêntica; não são realmente donas do seu corpo: em nosso país, por exemplo, estamos longe de uma política mais madura sobre o aborto e outros caminhos dados ao corpo feminino. Beauvoir (1970) tinha uma explícita meta ao publicar esse que é um dos seus principais livros: desmitificar a condição feminina que há séculos a mulher se encontra naturalizada.

Em 1949 podemos pensar que três grandes correntes de pensamento influenciavam as posições ocupadas no mundo para os seres humanos: a Biologia desde Darwin e a Psicanálise e o Materialismo Histórico. É justamente por esse caminho que Beauvoir (1970) inicia as bases de sua argumentação. Da Biologia, leitura bastante crítica que a autora constrói desse saber naquele período, Beauvoir destaca aquilo que é válido ainda hoje, segundo os estudos da genética mais contemporânea, de que o biológico, ou melhor, a nossa condição genética, apesar de muito influente, não é destino humano (FORBES, 2011). As mulheres são marcadas pelo seu corpo, assim como são os homens. Contudo, o sujeito homem ou o sujeito mulher é algo que vai além dessa marca orgânica; pelo menos em um mundo social. Em que sentido? Simone de Beauvoir (1970) nos lembra de que a diferença de

força física é sempre um tanto contestável e entre homens e mulheres deve ter feito diferença em um mundo sem leis para que se criasse uma hierarquia dos sexos. No entanto, em um mundo social onde não mais precisamos nos valer da força bruta para regular as ações humanas existe um sistema jurídico e policial para isso? Essa diferença de força física ainda faria sentido? E se pensarmos nela aplicada a toda a tecnologia de equipamentos e de informática de um mundo mais recente, qual função outra se não a de apenas assegurar o poder de um gênero sobre outro?

Naquilo que se refere à Psicanálise, Beauvoir (1970) destaca o papel que o pai assume na constituição psíquica, pelo menos nas teorizações freudianas. A autora aponta que:

A soberania do pai é um fato de ordem social e Freud malogra em explicá-lo; ele próprio confessa que é impossível saber que autoridade decidiu, em um momento da história, que o pai superaria a mãe, essa decisão representa, a seu ver, um progresso mas cujas causas são ignoradas (BEAUVOIR, 1970, p. 63).

Como sabemos, Freud (1912/1996) a partir de *Totem e tabu* constrói um mito psicanalítico para pensar a gênese da constituição humana. É nesse ponto que Beauvoir (1970) afirma que esses textos “estranhos romances” são construídos para explicar situações como: o pai primitivo proibiu o incesto, mas por quê? O superego interioriza ordens e proibições, mas por que a figura do pai é fundamental em sua estruturação? Além de as tendências instintivas existirem sem maiores explicações para a autora. A figura do pai da horda primitiva que na verdade é a expressão do masculino é versão freudiana para a formação social e psíquica do indivíduo, uma vez que ela ecoaria em todo ser humano através do complexo de Édipo; base para sua estrutura de personalidade. E isso traz uma grande problemática: o ser humano deve ser criado como um derivado do pai. Para os meninos heterossexuais, tarefa mais tranquila, pois eles têm com quem se identificar. Mas para as mulheres e outras eróticas existentes? Como concebê-las sem que sejam pensadas, inevitavelmente, como espécies de derivados dissonantes da trilha original, do uno, do Pai? Vamos abordar essa problemática mais à frente, mas já é oportuno fazê-la brotar agora.

No capítulo derivado de sua leitura sobre o Materialismo Histórico, Beauvoir (1970) recorre a Engels em seu texto *A origem da família* para pensar como que se deu a hierarquização social, tal como a estamos concebendo. Segundo esses dois autores, foi a divisão do trabalho, derivada dos novos instrumentos e tecnologias, que trouxe a noção de propriedade. Nesse sentido, desde épocas muito primitivas, alguns homens passaram a ser

donos de terras, donos de outros homens e de sua força de trabalho. Esses homens proprietários também passaram a se considerar donos das mulheres. Antes dessa divisão já estaríamos pensando em tempos da Idade da Pedra e homens e mulheres também precisavam se dividir, mas suas forças produtivas se equivaliam, apesar de já podermos falar em duas classes. Mas é realmente com esse avanço produtivo de uma época imprecisa que “o trabalho doméstico da mulher desaparecia, então, ao lado do trabalho produtivo do homem; o segundo era tudo, o primeiro um anexo insignificante” (BEAUVOIR, 1970, p. 74-75). É neste ponto que podemos considerar que entramos em algo mais palpável historicamente: a partir dessa divisão social, o direito paterno passou a substituir o direito materno. A palavra escrita já começava a contar nossa história. Essa é uma parte do livro de Beauvoir que se dedica à própria História.

A transmissão dos direitos nesse momento, com destaque ao da propriedade, começava a se dar em um sistema muito próximo ao nosso na atualidade: a herança de pai para filho (homem). Estruturar-se-ia, com isso, a família patriarcal, baseada na propriedade privada. Nossa herança ocidental mais recente, pelo menos até aqui. O mundo social inventava a agnação, que substituíria a filiação uterina. Nesse sentido, a mãe passava a exercer uma figura de ama, de serva, tendo em vista que nesse modelo hierárquico que se tornava radical, a figura do pai passava a não apenas ser praticado como soberano, mas teorizado enquanto tal.

No entanto, existiam sociedades em que essa hierarquia não se estabelecia dessa forma. Um exemplo disso é a Babilônia e as leis de Hamurabi e períodos próximos, tal como nos descreve Beauvoir (1970). Ao que tudo indica, o patriarcado não se estendeu por todo o mundo Antigo, de forma homogênea. Em períodos anteriores, como nos destaca C. Huart³ (1925, citado por BEAUVOIR, 1970) e Leví-Strauss⁴ (1949, citado por BEAUVOIR, 1970) os povos mais primitivos, que permaneceram na guarida de deusas-mães, assim o fizeram porque seus temores frente à natureza que assumia encarnação feminina que os impedia de questioná-la. Questionar a natureza era questionar a Mãe. “Era no terror e não no amor que ele [o homem] lhe rendia um culto” (BEAUVOIR, 1970, p. 96; nossos comentários entre colchetes).

Nestas sociedades a mulher era reconhecida em vários direitos. Recebia uma parte da herança paterna, além do dote recebido de seu pai em seu casamento. Beauvoir (1970) nos descreve que na Pérsia, por exemplo, apesar da poligamia ser permitida aos homens, a mulher

³ HUART, Clement. *La Perse antique et la civilisation iranenne*. Paris: La Renaissance du Livre, 1925.

⁴ LEVÍ-STRAUSS, Claude. *Les structures elementares de La Parenté*. Paris, Presses universitaires de France, 1949

devia total obediência ao marido. Contudo, ao se comparar às mulheres do oriente, em geral, era mais livre em muitos aspectos. Isso porque recebia a parte da herança do marido e dos filhos, caso esses viessem a falecer e, se fosse a “esposa privilegiada” Ráfinal, a poligamia era permitida e ela poderia assumir os negócios do marido, e era socialmente respeitada por isso. Todavia, em ambas essas sociedades, a mulher tinha uma posição semelhante àquele que é adotado. O marido lhe era um verdadeiro tutor; tendo sido o pai seu tutor original. O casamento e o grau de parentesco assumiam, tal qual o papel feminino nesse momento, uma complexidade peculiar:

Parece ter havido cinco espécies de casamento: 1º) a mulher casava-se com o consentimento dos pais; davam-lhe então o título de „esposa privilegiada“; os filhos pertenciam ao marido; 2º) quando a mulher era filha única, seu primeiro filho era entregue aos pais dela para substituí-la; a seguir tornava-se „esposa privilegiada“; 3º) se um homem morria celibatário, a família dotava e casava uma mulher estrangeira: chamavam-na mulher adotada; metade dos filhos pertencia ao morto, outra metade ao marido vivo; 4º) se uma viúva sem filhos tornava a se casar, chamavam-na mulher serva: devia metade dos filhos de suas segundas núpcias ao marido morto; 5º) a mulher que se casava sem o consentimento dos pais não podia herdar deles antes que seu filho primogênito, ao alcançar a maioridade, sem que a tivesse dado como „esposa privilegiada“ ao seu pai: se o marido morresse antes, ela era encarada como menor e colocada sob tutela. O estatuto da mulher adotada e da mulher serva estabelece o direito de todo homem de sobreviver numa descendência a que não o liga necessariamente um laço de sangue. **Isto confirma o que dizíamos acima: esse laço foi, de certo modo, inventado pelo homem quando desejou conquistar, para além da vida finita, uma imortalidade terrestre e subterrânea** (BEAUVOIR, 1970, P. 106-107; grifos nossos).

Um pouco antes desse domínio sobre a mulher e o predomínio do patriarcado, começava a se estabelecer o interdito ao incesto e a decorrente exogamia começaram a marcar os alicerces da família centrada no modelo do patriarcado. Exogamia, agnação e domínio sobre os direitos da mulher: o tripé do patriarcado como vamos acompanhando. Segundo

Lévi-Strauss, citado por Beauvoir (1970), não há nenhuma razão clara para que houvesse, de fato, uma proibição do livre curso sexual dentro de um clã. Se o incesto detivesse uma base anterior de caráter biológico é uma espécie de evolucionismo biossocial é o encontro sexual com membros mais afastados do clã revelava, na verdade, uma articulação prática e comercial desse clã com outros: uma verdadeira moeda de troca. Podemos pensar o quão interessante se tornava ter o domínio sobre as mulheres nessas sociedades mais primitivas.

Ésquilo é citado por Beauvoir (1970, p. 99), em uma passagem de *Eumênides*, e exalta que: “não é a mãe que engendra o que se chama filho, ela é apenas a nutriente do germe deitado em seu seio: quem engendra é o pai. A mulher, como depositário alheio, recebe o germe e, aprazendo aos deuses, o conserva”. No mesmo século III a.C., Eurípedes representa uma das versões de *Medéia* que, de forma parecida, é uma personagem feminina que sofre as dores por ser alguém tão insignificante nos acordos sociais feitos pelos homens. A agnação que se estabelece, como muito bem critica Beauvoir, não se trata de uma constatação científica, mas de um “ato de fé” (1970, p. 99). Porém, traz um efeito político muito consistente, como podemos notar em dois autores clássicos de pouco mais de um século depois desses dois trágicos citados. Falamos aqui de Platão e Aristóteles em plena Grécia da Antiguidade.

O primeiro deles, em seu notório texto *A república* (1982), ao pensar em uma cidade ideal, reflete sobre os papéis sociais que deveriam ser exercidos por homens e mulheres. Apesar de notarmos uma diferença na radicalidade que Aristóteles propõe ao papel inferior da mulher, tendo em vista que em Platão isso parece ser um pouco mais “ameno”, as mulheres são vistas como mais frágeis. O interessante é notar que, por exemplo, no exercício de um guerreiro, essa fragilidade não se depositaria em questões físicas como poderíamos supor é a mulher sendo um pouco mais fraca fisicamente que o homem é mas essa fragilidade residiria em questões emocionais, morais e racionais. Isso porque a educação de homens e mulheres eram bem diferentes. Às mulheres caberiam os estudos de poesias, de histórias mais fantásticas contadas pela mitologia, algo que a Filosofia de natureza mais racionalista desconsiderava. Nesse sentido, sua capacidade racional e deliberativa seria mais frágil, o que marcaria uma não participação em questões mais intelectuais. Como na prática do exército isso não seria solicitado, ao menos nesse campo homens e mulheres poderiam ser treinados igualmente, para Platão.

Com a teoria naturalista de Aristóteles, em *Política* (1985), a hierarquia social tinha marcas muito mais intransponíveis para algumas classes, como os escravos e as mulheres.

Isso porque a natureza desses seres era considerada diferenciada por esse autor. A natureza era, por Aristóteles, considerada como:

O estágio final, porquanto o que cada coisa é quando o seu crescimento se completa nós chamamos de natureza de cada coisa, quer falemos de um homem, de um cavalo ou de uma família. Mais ainda: o objetivo para o qual cada coisa foi criada é sua finalidade é o que há de melhor para ela e a autossuficiência é o que há de melhor (1985, p. 15)

Para esse autor o homem seria, em sua natureza, um animal social. Dentro da sociedade, teríamos esferas menores com sua própria complexidade. Por exemplo: na sociedade grega desse período como um todo, teríamos na figura do soberano uma posição de superioridade em relação ao cidadão comum. Já esse mesmo cidadão comum seria, em sua propriedade, um soberano, seja para o escravo que lhe serve, ou mesmo para sua esposa e filhos que lhe devem obediência. Dessa forma haveria, na natureza das coisas, posições superiores e inferiores, para que exista equilíbrio em seu funcionamento. Essa lei não escaparia ao gênero humano, como nos destaca o autor já bem no início de sua obra (ARISTÓTELES, 1985).

A partir dessas premissas temos algumas derivações teórico-práticas no cotidiano desse grego de mais de dois mil anos atrás. Uma verdadeira economia doméstica. Vejamos:

A Ciência da economia doméstica tem três ramos. Um trata das relações entre marido e mulher, pois faz parte da economia doméstica o comando da mulher e dos filhos pelo chefe da família (dela e deles como criaturas livres, embora não com a mesma forma de comando, mas o da **mulher de maneira democrática e dos filhos monarquicamente**) [...] O comando do pai sobre os filhos, por outro lado, é como de um rei, pois o pai é o comandante tanto por sua afeição quanto por sua idade (ARISTÓTELES, 1985, p. 31; grifos nossos).

Aqui podemos ver que o único espaço deliberativo da mulher era no lar. Mas, mesmo assim, *sub judice* do marido, pois este assumia uma figura monárquica em casa, e sua decisão era a última.

No organograma doméstico da Antiguidade, teríamos algo dessa ordem:

[...] há por natureza várias classes de comandantes e comandados, pois de maneiras diferentes o homem livre comanda o escravo, o macho comanda a fêmea e o homem comanda a criança. Todos possuem as várias partes da alma, mas possuem-nas diferentemente, pois o escravo não possui de forma alguma **a faculdade de deliberar, enquanto a mulher a possui, mas sem autoridade plena, e a criança a tem, posto em formação.** (ARISTÓTELES, 1985, p. 32; grifos nossos)

Deliberar, nesse caso, podemos entender, *grosso modo*, como o exercício pleno do cidadão, que escolhe, decide, opina, exerce sua política cotidiana. Algo em que nossa noção de cidadania mais contemporânea busca se pautar. Nessa reflexão sobre a natureza humana, cada classe tinha sua função específica. O pleno exercício deliberativo estava facultado ao homem, ser masculino e livre. A criança teria essa potencialidade, como uma aposta no futuro, desde que ela também fosse do sexo masculino e, posteriormente, bem educada. A formação se daria no *gymnasion*, de característica militar. Nessa perspectiva de Aristóteles, Joel Birman (2001) aponta que as mulheres teriam a função de possibilitar a *causa material* da geração. A função masculina seria responsável pela *causa formal*. Caberia ao homem humanizar, tornar um ser social, a vida nova da criança “[...] já que apenas aquele seria o portador do princípio divino. Isso porque a forma, enquanto essência, seria o ato, sendo esta, pois, a perfeição em que se transmite a marca do divino” (BIRMAN, 2001, p. 38). A marca do divino estaria do lado masculino.

Em uma metáfora bem simples, dita em uma peça encenada em Maringá-PR no ano de 2011 sobre *Medéia* (EURÍPEDES, 2011), é como se a mulher tivesse a potencialidade de um vaso. Na pergunta feita por uma criada da personagem principal: quem gerava a vida, o vaso ou a semente? Nesse caso a semente era o princípio masculino, já o vaso era a função feminina...

Da mesma forma que hoje nos é óbvio que uma criança deva ser cuidada por um adulto, o que se expressa nas linhas reflexivas de Aristóteles, a mulher estaria em uma condição de tutela semelhante. Com a diferença de que ela já seria um ser formado, enquanto que a criança estaria em formação. Algo semelhante ao que vamos encontrar sobre a mulher romana da Antiguidade.

As romanas desse período pareciam gozar de maiores liberdades na vida prática. Contudo, eram mais severamente tolhidas no plano legal, porque como podemos acompanhar

nas descrições de Beauvoir (1970), havia um importante conflito entre a família e o Estado no que cerceava a vida cotidiana dessa mulher. Em que sentido? Apesar de ser ainda prática desse período a filiação uterina, como acontecia com os etruscos, Roma e toda a realeza da capital começavam a afirmar a filiação patriarcal como uma questão legal. Tínhamos, no mínimo, um conflito entre Lei e prática cotidiana que se atritavam recorrentemente. A mulher começa a ser atrelada radicalmente à propriedade privada, de forma bem semelhante ao que acontecia na Grécia da mesma época. Todavia, como destaca a autora, a mulher romana era mais severamente alijada de seus direitos legais se comparadas à grega. Ela era excluída de qualquer negócio público, mesmo que doméstico e sob a autoridade monárquica do esposo; nenhum ofício público lhe era concedido como, por exemplo, o exército. Na vida civil era uma “eterna menor” (BEAUVOIR, 1970 p. 113). Apesar de ter direito em parte da herança, como devia ser tutelada, era o mesmo que não ter direito algum, pois não poderia tomar nenhuma decisão nessa parte financeira. Mas aqui estamos falando do plano legal, das leis abstratas, não da mulher concreta. Vejamos que interessante realidade Beauvoir contrasta com aquilo que a legalidade dizia:

Observa-se, aqui, um fato muito importante que encontramos no curso da história: **o direito abstrato não basta para definir a situação concreta da mulher**; esta depende em grande parte do papel econômico que representa. E, muitas vezes mesmo, a liberdade abstrata e os poderes concretos variam em sentido inverso. Legalmente mais escravizada do que a grega, a romana está muito mais profundamente integrada na sociedade; está em casa, mantém-se no átrio que é o centro da residência, ao invés de ser relegada ao segredo do gineceu; ela é que preside ao trabalho dos escravos; orienta a educação dos filhos e, não raro, sua influência exerce-se sobre eles até idade avançada; compartilha o trabalho e as preocupações do esposo, e é considerada co-proprietária de seus bens [...] (BEAUVOIR, 1970, p. 114; grifos nossos)

No plano concreto, a mulher estava presente cotidianamente no núcleo principal da sociedade, a família. Certamente, sua influência devia ser muito marcante nas principais decisões, uma vez que, leis posteriores e mais severas começaram a colocar a mulher, cada vez mais, em uma posição de alienação. Proclamava-se a inferioridade de seu sexo, como nos

conta a autora. E essa guinada legal e prática surgiram em Roma no momento em que, pelo menos no plano concreto e cotidiano, a mulher se achava mais emancipada. Nesse sentido:

A romana da antiga República tem um lugar na terra, mas continua de mãos dadas em consequência da falta de direitos abstratos e da independência econômica; a romana da decadência é o tipo da falsa emancipada que não possui, no mundo de que os homens são concretamente os donos, senão uma liberdade inócua: é livre „para nada“ (BEAUVOIR, 1970, p. 117)

Parece que no declínio de um mundo, de uma Era, a mulher tende a pagar um preço mais alto. Voltaremos a ver algo muito semelhante no declínio patriarcal da Modernidade. Mas antes disso, uma nova Era começava a surgir. Um tempo ainda mais difícil para as mulheres.

2.1.2 A invenção do pecado

Nos apontamentos históricos trazidos por Beauvoir (1970) sobre a Idade Média, essa condição de dependência e tutela das mulheres pelos homens parece persistir. No entanto, como destaca essa autora, é por conta de um conflito estruturante que marcou o feudalismo que as coisas se acirraram e ficaram ainda mais difíceis para as mulheres desse período. Isso porque, como nos destaca a autora, haveria uma “confusão entre soberania e propriedade, entre direitos públicos e direitos privados” (BEAUVOIR, 1970, p. 120). O feudo, como uma propriedade particular, mas de caráter e manutenção militar e como o jurídico instaurava não poderia ser conduzido por uma mulher, uma vez que esta não teria “força” para defendê-lo. Na verdade, força jurídica, porque era a própria Lei que a impedia de poder administrar um feudo. Tanto é que a partir da inauguração do direito germânico, os feudos passaram a ser hereditários e patrimoniais. No caso da ausência de um filho homem, valia o direito materno, permitindo à filha herdar esse patrimônio. Essa falta de “força” para defender um feudo era uma condição *a priori* e inerente às Leis que regiam determinada região.

O foco que pretendemos dar nessa parte do capítulo é com relação ao que se tornou a Idade Média, especialmente ao que esta se transformou para as mulheres. A caça às bruxas através, principalmente, do seu maior instrumento que ficou conhecido como o *Malleus maleficarum*, é tema do livro *Mulheres bruxas criminosas: aspectos da bruxaria nos tempos*

modernos, organizado por Peter Mainka (2003). Trata-se de um livro bem interessante, não apenas pelos seus aspectos históricos bem trilhados, mas porque nos revela elementos e práticas da forma como a Idade Média conduzia aquilo que se referia ao desejo e à erótica; algo imprescindível ainda mais quando lançamos uma ótica psicanalítica para compreendermos esse movimento social. Talvez, e aqui precisamos deixar bem claro que se trata de uma hipótese bem intuitiva, que essa radicalidade do martelo das bruxas surgiu depois de uma forma de amor que começava a brotar. No espaço entre a constituição do feudalismo e dessa radicalização patriarcal trazida principalmente pelo campo jurídico germânico até a prática inquisitória, temos um “vão” de grande espaço temporal. Do ponto de vista dinâmico psicanalítico, alguma coisa acontecia que levou a radicalizar algo que já era rígido. Afinal, nenhum mecanismo psíquico de defesa se intensifica se não há uma ameaça de um desejo que pressione para sua realização e não ameace uma estrutura. Vale para a psicologia individual, vale para uma psicologia social (FREUD, 1921/1996).

Qual, então, era essa ameaça? Acreditamos no surgimento do *amor cortês* como um outro espaço na dinâmica das relações, especialmente as casamenteiras. Isso porque, até então, o casamento era uma consagração institucional que tinha uma explícita intenção de aumento de riquezas e de terras. Como nos destaca Beauvoir (1970, p. 121) “uma herdeira é uma terra e um castelo: os pretendentes disputam a presa e, às vezes, a jovem não tem ainda doze anos quando o pai ou o senhor a dão de presente a algum barão”. Essa “civilização guerreira”, como nos diz ainda a autora no mesmo lugar, tratava muito mal as suas mulheres. Um cavaleiro tinha mais apreço por seu animal do que pela esposa ou por qualquer outra mulher. Como uma tentativa de proteção, as mulheres se embrenhavam em todas as práticas cotidianas: experimentavam a ferragem, montavam a cavalo, caçavam e serviam de muito perto os homens. A imagem que os romances, com destaque os do cinema, nos trazem das mulheres trabalhando nas tavernas é bem representativa. Elas estavam quase sempre nas cenas masculinas, sendo tratadas sem pudor e, ao mesmo tempo, acariciando e acolhendo seus “homens-clientes”. No auge do desprezo e da rudeza com que a mulher era tratada nesse momento histórico, mais ela fazia presença no universo masculino.

Segundo Bernardo (2003) muitos historiadores consideram que o amor cortês pode ser entendido como uma “promoção da condição feminina” (p. 78). Contudo, essa autora ressalta que na prática concreta, o que se poderia verificar é que o poder feminino ficava restrito a um jogo, entre ceder ou não ceder a um contato carnal frente às provocações e seduções masculinas. De qualquer forma, o homem olhava para essa mulher, por essa via cortês, com olhos apaixonados e não apenas de desprezo.

Mas onde essa forma de amar começa a aparecer? Segundo Beauvoir (1970) o sentido de amor mais próximo ao que encontramos na Modernidade, só pôde ocorrer na Antiguidade fora da sociedade oficial, como no adultério, por exemplo. Ainda segundo essa autora, a origem do amor cortês tem diversas teses, sendo que algumas delas apontam que

[...] a „cortesia“ decorre das relações da suserana com seus jovens vassallos; segundo outros, ela estaria ligada às heresias cátaras e ao culto da Virgem; outros enfim, fazem derivar o amor profano do amor a Deus em geral. Não se tem muita certeza de que as cortes de amor tenham realmente existido. O certo é que, ante a Eva pecadora, a Igreja foi levada a exaltar a Mãe do Redentor (BEAUVOIR, 1970, p. 123).

A mulher assumia um lugar a se depositar o amor. No entanto, como destaca Bernardo (2003, p. 79), “no fundo, o amor cortês serviu para atenuar o medo masculino da incapacidade de satisfazer às mulheres. É que o sistema de representações descrevia como seres insaciáveis. É e para tornar mais branda a violência sexual nas cortes”. Um lugar imaginário com uma forte tonalidade de formação reativa. Isso porque, como estamos vendo até aqui neste capítulo, a mulher sempre esteve presente nas cenas masculinas, por mais que essas se estruturassem e se revestissem de poder para dominá-las ou bani-las. De uma forma ou de outra, a mulher esteve sempre ocupando uma posição ambivalente, de desejo e de escárnio. Talvez no clímax da Idade Média, com a proximidade máxima que dissemos ainda há pouco acerca do cotidiano dos homens, essa formação reativa não dera conta de controlar essa mulher no imaginário masculino. Uma nova personagem precisava entrar em cena: a bruxa. Eva havia sido enganada pelo Mal. Já a bruxa, essa se entregava com toda a sua volúpia e carne ao demônio.

2.1.3 O martelo das bruxas

Segundo Obici e Skalinski Junior (2003), entre os anos de 1320 e 1487 foram publicados mais de 41 tratados sobre feitiçaria. Desse montante, os autores destacam três obras que são muito representativas no que se refere ao nosso imaginário social da bruxa Moderna. O primeiro tratado é *Directorium Inquisitorium*, um verdadeiro manual inquisidor. É

uma vez que veremos o quão importante era a arte da identificação do Mal presente naquelas mulheres. Publicado em 1376 por Nicolau Eymerich e ampliado pelo papa Francisco de La Peña em 1578, é considerado o pilar de todos os tratados e base para a nossa concepção Moderna sobre a bruxa e bruxaria.

O segundo tratado destacado pelos autores (OBICI & SKALISNKI JUNIOR, 2003) é a Bula Papal *Summis Desiderantes Affectibus*, escrita no ano de 1484, pelo Papa Inocêncio VIII. Ali, este autor reconhece de fato a existência concreta da bruxaria não sendo mais considerada uma hipótese; havia explicitamente demarcado que o combate à bruxaria era uma maneira de fortalecer a fé católica; outorgou plenos poderes inquisitórios a duas figuras que se tornariam fundamentais nessa prática que são Heinrich Kramer e Jacob Sprenger, além de dar início à grande caçada ao Mal.

Essas duas figuras citadas são os autores do mais importante R em termos práticos e de construção de um imaginário social R documento de identificação e perseguição às bruxas, *Der Hexenhammer (Malleus Maleficarum)*, ou *O martelo das bruxas*, como procuraram traduzir os autores Obici e Sakaliski Junior (2003), que fora publicado no ano de 1487. Segundo Obici e Sakaliski Júnior (2003), esse livro se tratava de um verdadeiro manual com técnicas de argumentação e de inquirição, onde esses dois monges expunham todas as suas experiências e teorias a respeito da bruxaria e dos ardis que as bruxas poderiam manifestar. O *Malleus Maleficarum* era estruturado da seguinte forma:

Na primeira parte são colocadas e discutidas as três condições necessárias para a bruxaria: o diabo, a bruxa e a permissão de Deus; na segunda, os métodos pelos quais se infligem os malefícios e de que modo podem ser curados; e, finalmente, na terceira as medidas judiciais, no tribunal eclesiástico e no civil, a serem tomadas contra as bruxas e todos os hereges. Discorrendo sobre diversas questões dentro dessas três divisões, os monges buscam fundamentar a „doutrina científica“ acerca da bruxaria, contribuindo para a institucionalização do conhecimento sobre o tema (OBICI & SKALISNKI JUNIOR, 2003, p. 25).

Dessa base doutrinária que orienta a „ciência“ das bruxarias nas suas teorias e práticas com as mulheres, alguns elementos da Antiguidade são retomados e outros modificados de forma radical. Mas devemos destacar que é no corpo e na sexualidade que o

palco dessa nova relação com o feminino começaria a se transformar em uma nova ética, a ética cristã do pecado.

Como bem destaca Débora Bernardo (2003, p. 63) “a própria etimologia do termo *feminino* constituiu-se de *fe* e *minus*, ou seja, menos fê, pois se acreditava que a mulher fosse mais fraca na preservação da fé”. Nesse sentido, as mulheres seriam naturalmente mais propensas a ser enganadas pelo demônio e, por isso, a prática da bruxaria era como um verdadeiro ato de gratidão. Sobre essa prática, todos os autores que compõem o livro organizado por Mainka (2003) são consensuais ao destacarem que o principal pacto estabelecido entre as mulheres e o demônio, tal como o *Malleus Maleficarum* apregoava, se refere ao campo sexual. A prática sexual com o demônio era entendida como eixo central da própria bruxaria.

A partir dessa localização, teríamos vias binárias de sedução. O demônio que seduziria a mulher por ser mais frágil; a mulher que seduziria o homem a cometer o mal, tendo em vista que ela havia ganhado os artifícios ardilosos do demônio. No entanto, o que podemos perceber a partir da profunda reflexão dos autores contidos em *Mulheres bruxas criminosas...* é que, apesar da mulher nessa imagem trazida pela compreensão da bruxaria ter sido negativamente seduzida pelo demônio, ela já teria anteriormente ao próprio demônio uma natureza, um ponto de origem negativo. Se ela foi seduzida, é porque desde o início ela já teria uma tendência à maldade. Nesse sentido Kramer e Sprenger (citado por Bernardo, 2003) recorrem à Eva, a Aristóteles, a Sêneca, e a qualquer autor longínquo que teorizasse negativamente as mulheres. Dessa forma, os autores de *Malleus Maleficarum* sintetizam a mulher:

Que outra coisa é uma mulher, senão um inimigo da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleitável detrimento, um mal da natureza pintado com alegres cores! Portanto, se é um pecado divorciar-se dela quando deveria mantê-la, é na verdade uma tortura necessária. Pois ou bem cometemos adultério ao nos divorciar, ou devemos suportar uma luta quotidiana (KRAMER & SPRENGER, 1478/2007, p. 51)

As mulheres seriam uma espécie de provação divina na vida dos homens; mas também para elas mesmas, pois deveriam aprender a suportar a si mesmas e saber superar os

seus limites. A partir daí, um ideal de mulher começava a ser produzido nessa ética cristã, um ideal que versava sobre: a castidade, a devoção e obediência a Deus e ao marido e a modéstia, que podemos ler como uma espécie de resignação a sua natureza pecaminosa. O símbolo dessa postura ideal nos foi possível encontrar na concepção e valorização da virgindade. Kramer e Sprenger (2007) destacam, através de metáforas que permeiam o imaginário social ainda hoje, que tudo o que uma mulher casta e de preferência virgem toca, tem mais chances de dar frutos do que se tocado por uma prostituta. Esses autores usam o exemplo de uma oliveira que será mais frutífera se cuidada por uma mulher casta.

A partir dessa nova cosmovisão cristã da Idade Média, o corpo passou a ser olhado como a cena do pecado. O corpo não era mais um agente da natureza a ser superado em prol da razão, como fizeram os gregos da Antiguidade; na verdade, a carne passou a ser diabolizada (BERNARDO, 2003). Isso já havia se iniciado desde os primeiros séculos da era cristã, mas o auge a que se chegou a partir da radicalização da concepção concreta e material trazida pela compreensão da bruxaria, em nenhum outro momento da era cristã isso é comparável.

Era uma visão sobre as mulheres construídas por homens. O bom destino dado a elas também foi escolhido por esses homens: o casamento para procriação. Fora dessa trilha, restava muito pouco às mulheres medievais que, ou se dedicavam como criadas extremamente exploradas, ou se prostituíam correndo todos os riscos de expor a sua sexualidade em caminhos sinistros. Como nos destaca Bernardo (2003) essa misoginia medieval criou uma figura feminina ainda pior do que a da Antiguidade, pois a mulher passou a ser vista pela lente da bruxaria, passando a ser dotada de toda uma monstruosidade que escapava em sua volúpia.

Essa autora termina seu capítulo fazendo uma pergunta muito importante: por que Kramer, Sprenger e outros inquisidores não caçavam bruxos, mas apenas bruxas? Segundo Bernardo (2003, p. 85; grifos nossos):

[...] Sabe-se que na Idade Média a sexualidade era essencialmente ligada à mulher. A umidade do corpo feminino, tão discutida pela medicina da época, era tida como causa de sua afinidade com a luxúria e o sangue menstrual era considerado sujo e vicioso. Essas crenças imprimiram à mulher a por seu corpo, mas também por seu caráter a uma determinada monstruosidade, da qual os homens consideravam-se livres. Projetando na figura feminina os seus medos, a sociedade medieval organizou-se de acordo com as necessidades de seus membros a **indivíduos mergulhados em um universo religioso**

e patriarcal, do qual o *Malleus Maleficarum* é ao mesmo tempo causa e efeito.

2.1.4 A crise do matrimônio ou do crime que chocou uma época

As mulheres do período medieval não iriam continuar totalmente passivas àquela condição discutida anteriormente, a da virtude na abstinência de sua sexualidade. Com o começo do Renascimento e tudo aquilo que a descoberta do *Novo Mundo* trazia às pessoas e às suas relações que acompanhavam toda essa transformação que o mundo europeu começava a viver. As grandes revoluções que viriam alguns séculos depois já começavam a ser fomentadas e, talvez, essa revolução tenha começado de maneira doméstica através das transformações que o matrimônio começava a sofrer, assim como a própria sociedade.

Como nos destaca Bonnici (2003), no dia 15 de fevereiro de 1551, em Faversham, na Inglaterra, a cidadã Alice Arden encomendava a morte de seu marido. Mas o que tornou esse assassinato chocante foi a premeditação do crime e o momento do assassinato que Arden fez questão de presenciar. O que Arden fez, segundo o que vamos buscar discutir e refletir, é algo que foge à singularidade de sua má relação conjugal. É um movimento que foi sentido pela Inglaterra e por muitos países europeus daquele período como um verdadeiro atentado contra a instituição do matrimônio, o que tornava público uma crise e expunha um lugar paradoxal e tenso que antes se acreditava controlado. Alice Arden foi condenada e queimada viva na cidade de Canterbury; execução incontestavelmente semelhante ao trato com as bruxas de período pouco anterior.

O ponto de interesse que Bonnici (2003) destaca e que trazemos ao diálogo é o quanto esse caso foi repetido no imaginário dessa sociedade. Como esse autor aponta, a Inglaterra desse período era bastante violenta, cheia de crimes bárbaros. Todavia, a atenção dada ao crime de Arden é mais significativa. Segundo Bonnici (2003) são diversas notícias em diferentes jornais e peças de teatro. Nestas, o que predomina é a imagem de um senhor Arden como a de um cavalheiro elegante, enquanto a imagem apresentada da senhora Arden é de uma pessoa ambiciosa que, amante de um alfaiate local, procurava na ajuda deste a premeditação do crime para ficarem juntos e com a herança do marido. Em todos os escritos, como podemos imaginar, o crime era chamado de “vergonhoso e hediondo, é definido e

redefinido, enfatizando algum ponto num certo relato e suprimindo detalhes em outro” (BONNICI, 2003, p. 90).

Contudo, com o passar do tempo e com novas versões desse crime que se tornava uma cena dramática nos teatros, outros autores conseguiam trazer novas versões ao ato. Exemplo disso é Holinshed (citado por BONNICI, 2003) que fez referências ao vício ganancioso do senhor Arden. Segundo esse autor, o senhor Arden não teria sido uma vítima tão inocente assim; talvez sua avareza e rudeza tenham sido as causas mais prováveis de seu assassinato, como reflete Bonnici (2003). Nesse sentido, podemos pensar que, passado o impacto mais próximo do crime, novos olhares sobre o oprimido começavam a surgir.

Nas diversas peças publicadas desde o crime ocorrido há mesmo passados mais de cem anos, como nos destaca Bonnici (2003) há muitos olhares foram lançados sobre o ato, como já dissemos. A maioria se aproveitando desse fato para denegrir, de uma forma generalista, ainda mais as mulheres, especialmente no que tange a sua sexualidade. Talvez, como concorda Bonnici, esse seja realmente o palco daquele crime e do efeito ecoante na sociedade e na instituição matrimônio daquele período: a demonstração de que as mulheres poderiam desejar algo mais do que aquilo que a estrutura social lhes permitia. Nesse sentido, naquele momento histórico da Idade Média poderíamos pensar que estivessem nascendo dois elementos humanos muito importantes, apesar de antagônicos; ou melhor, como se um fosse reação ao outro. Não é ousado falar que estivéssemos presenciando o nascimento da subjetividade típica da Modernidade. Se para o cristianismo o humano nasce masculino, com Adão, talvez o desejo nascesse feminino. Mas aqui, talvez, já não estaríamos mais tratando de desejos pecaminosos, de expulsão do paraíso, mas de algo que seria a própria pulsão para a revolução de um mundo que viria depois, a própria Modernidade. Nesse aspecto:

[...] a promessa de liberdade frente à „prisão“ do casamento e a opinião liberal sobre o divórcio levam a um novo modo de controle, internalizado e invisível, e não mais centralizado e público. Embora se encontre sob o governo masculino, a nova família do século XVII, na Inglaterra, é o lugar sobre o qual se exerce o poder de um modo privado em benefício da ordem pública. No entanto, o fato de Alice Arden desafiar o significado do matrimônio revela o âmago de seu crime: a reabertura da questão sobre as implicações da diferença sexual e a questão sobre o que significa ser mulher (BONNICI, 2003, p. 95)

E o que vemos nessa sociedade que já beirava a Revolução?

Legalmente a mulher é inconsistente, flutuante e inconstante: seus direitos dependem da sua posição marital; no governo a sua ausência é gritante; na família o poder é no mínimo contraditório e inconsistente.

Pode-se dizer, portanto, que no período em que se processa a construção do sujeito autônomo liberal, a mulher ainda não tem um lugar estável (BONNICI, 2003, p. 96; grifos nossos)

Na mesma medida em que a mulher ajuda a fundar um novo desejo, ela continua alijada com relação às novas aspirações que o liberalismo fez ressoar. Concordamos com Bonnici (2003) quando ele entende que essas ações como a bruxaria, as profecias, o crime de Alice Arden foram manifestações de resistência de mulheres que ainda estavam à margem da sociedade. Como ainda não estava bem estabelecido socialmente o universo subjetivo, o íntimo, essas ações eram mais exteriores. Com a Modernidade, com a invenção do mundo interno e, principalmente, com o controle deste que se tornava algo cada vez mais introjetivo, essas manifestações de resistência se transformaram em um fenômeno típico de uma sociedade dessa natureza, como a vitoriana, por exemplo, com a eclosão das histerias. Mas antes disso, acompanhemos um pouco mais dessas resistências como fenômenos de externalidade.

A mulher que expressa seu desejo e fala através de seus atos é uma anti-heroína em nossa história Ocidental. Bonnici (2003) nos lembra de importantes personagens (reais ou fictícios, isso não importa tanto) que ao longo dos últimos séculos vêm ocupando esses lugares demoníacos. Isso porque, como nos destaca o autor, esses lugares se fazem como além do limite da inteligibilidade, o que faz supor um poder sobre-humano. Em que sentido? Uma vez que rompem ultrapassando os limites dados pelos parâmetros do patriarcalismo, passam a ser entendidas como possuidoras de forças metafísicas, diabólicas, destruidoras. Se no universo da fantasia dos livros e dos palcos elas provocam uma catarse assustadora, na vida real tendem a ser eliminadas (BONNICI, 2003).

Entre os anos de 1580 e 1630, como destaca Trevor-Roper (citado por BONNICI, 2003), ocorre uma onda de aparecimento de bruxas na Inglaterra e conseqüentemente uma reação de caça e prisões. Esse fenômeno, como percebe o autor, tem uma forte proximidade com o que estamos acompanhando como uma crise do matrimônio (família) e da própria mulher, numa espécie de crise de identidade, uma vez que ela parece não responder mais exatamente aos parâmetros alicerçados pelo patriarcalismo. Se a Inquisição, em séculos

anteriores, investigou e puniu os que se apresentavam como sem fé cristã, vemos que entre os séculos XVI e XVII a busca era por uma concretude imaginada no sexo com o demônio. A bruxaria, nesse sentido, vai além de uma concepção da Igreja e torna-se um crime punível por toda a sociedade em meados do século XVI, perdurando até o século XVIII (BONNICI, 2003). Um crime que representava uma punição a um novo desejo. Mas certamente que é mais que isso, tendo em vista que o patriarcalismo começava a ruir, e a reação social encontrava na mulher seu bode expiatório. Se a sociedade estava ameaçada de ruir era porque a mulher atentava contra seu pilar central, o eixo familiar que seria derivado de um bom matrimônio.

2.1.5 Um novo sujeito

Nesse momento do texto faremos uma passagem direta à própria Modernidade; nesse sentido estamos nos referindo aos séculos XVIII, XIX e, especialmente, na passagem deste último para o século XX.

Discutimos, até então, como a Idade Média buscou se estruturar mantendo fortes elementos do patriarcalismo e do falocentrismo do período anterior. Claro que a ótica com que o mundo era olhado e mantido passava a ser as interpretações cristãs desse período, as quais podemos considerar como derivadas das matrizes do pensamento ocidental: o mundo grego e romano da Antiguidade. No entanto, ao acompanharmos os historiadores que se detêm a refletir sobre esse modelo patriarcal, observamos um constante mal-estar cultural que deriva da classe oprimida que, de alguma forma, ajuda a conduzir as vicissitudes desse universo masculino predominante. Tanto é que parte dos derivados de toda a revolução que culminou com a Modernidade, como o íntimo, o subjetivo, o universo da fantasia, o distanciamento da razão, sempre foram atribuídos à condição feminina. Nesse novo mundo, essas aspirações começavam a se integrar à cultura de forma mais geral.

Eli Zaretski (2006, p. 47), com relação a esses efeitos modernos que falamos anteriormente, destaca que “[...] as classes operárias foram as primeiras a aplicar sistematicamente todas as inovações na esfera da vida pública: controle de natalidade, sexualização da vida dos cafés e das ruas e expressão aberta do interesse sexual feminino [...]”. O mundo Moderno criava uma nova forma de produção que exigia um ser humano com uma nova dinâmica frente a esse; isso fez com que, dialeticamente, esse humano construísse

novos afetos e percepções do mundo para atender as demandas dessa nova forma de produção. Um universo criava o outro.

Buscando atender essa nova necessidade, um novo modo de construir conhecimento, como sabemos, se fez necessário: o Iluminismo e toda a Ciência Moderna que tomam a estrutura desse movimento filosófico e intelectual como sua primeira e principal base. Novamente, veríamos uma espécie de movimento reacionário. É por mais paradoxal que seja, pois o próprio Iluminismo era a grande vanguarda do período. É frente à polissemia das relações que se estabelecia na cultura ocidental, seja europeia ou dos Estados Unidos. Nesse sentido:

Para o Iluminismo, autonomia significava a capacidade de erguer-se acima das propensões „meramente“ privadas, sensoriais, passivas ou receptivas da mente, a fim de chegar a conclusões racionais universalmente válidas. Convencidos de que a cultura finisecular minava essa capacidade, muitos observadores lamentaram as novas forças da „degeneração“, do „narcisismo“ e da „decadência“ (ZARETSKI, 2006, p. 25).

Esses substantivos, de fato, eram uma severa crítica negativa a duas classes que aspiravam vozes nessa nova sociedade: a mulher e os homossexuais. Ainda segundo Zaretski (2006), Otto Weininger, um pensador contemporâneo de Sigmund Freud, chamava a atenção para a ameaça de um “fator W”, referente à passividade e à dependência que essas classes promoveriam. Algo que em um primeiro momento se ligou a uma natureza feminina (presente nas mulheres e nos homossexuais) e, depois, à condição judaica, como sabemos, pelo que o antissemitismo representou e tudo aquilo que dele se derivou.

A partir dessa reação, o novo sujeito pressuposto pelo Iluminismo que deveria estar amparado pela razão, autônomo, como um ímpeto de construções universais e ativo, era idealizado novamente como um sujeito masculino. Mais uma vez o patriarcalismo buscava se manter como a via hegemônica. A diferença, agora, é que essa hegemonia seria justificada pelo saber trazido pela Ciência Moderna. E, apesar do ideal iluminista ser de uma construção universalista, pelo menos naquilo que se refere ao reconhecimento da mulher como um ser, a partir de agora, ela passa a não ser mais vista como um derivado do sexo original. No mundo Moderno, observamos um rompimento com o paradigma do sexo único, marca maior do patriarcalismo, como nos destaca Birman (2001), a partir do final do século XVIII e início do

século XIX. Nesse sentido, “deslocamo-nos, portanto, de um paradigma fundado no **sexo único** para outro no qual existiriam dois sexos distintos e bem diferenciados” (p. 33).

Mas isso não traria, como se poderia supor, uma condição melhor para as mulheres; muito pelo contrário. É a partir do plano biológico que a diferença entre os sexos se constitui na Modernidade. Se antes a marca estaria regida em um imaginário social de perfeição e imperfeição — como vemos desde Platão e Aristóteles — agora teríamos uma marca perene que levaria essa hipótese anterior a algo improvável e impraticável, como destaca Birman (2001). Isso porque não se poderia mudar um estatuto biológico. Conhecendo esse estatuto é que se definiriam as potencialidades e os limites de cada ser. Nesse aspecto, a noção de degeneração é o contraste para se pensar as potencialidades do sujeito moderno. A discutível filosofia da perfeição-imperfeição que ostentava a diferença, agora ganhava estatuto científico.

A partir do século XIX, as medicinas da mente começaram a pensar as formas psíquicas e subjetivas como reflexos desse estatuto biológico, não mais como um postulado ontológico da Filosofia. Com isso, “[...] a forma de ser das individualidades masculinas e femininas foi interpretada como epifenômenos de diferentes essências biológicas” (BIRMAN, 2001, p. 44). Campo interessante desse universo pode ser encontrado naquilo que se refere aos desvios dessas essências biológicas que, segundo a sexologia do século XIX, formariam as perversões e as degenerescências. O campo sexual estudado pela sexologia se estruturou pela via da reprodução. Aquilo que fugia da essência do órgão tratar-se-ia de uma perversão ou de alguma degeneração. Por exemplo, pênis e vaginas seriam órgãos reprodutivos por essência. Desvios de práticas naquilo que esses órgãos foram formados para executar tratariam-se de aberrações. Todo um estudo sobre as mais diversas *psychopathias sexualis* pode ser encontrado em autores notórios desse período como, por exemplo, Krafft-Ebing. Tornava-se científica uma série de postulados que o Ocidente já havia compreendido como pecado pelo cristianismo (BIRMAN, 1999).

A vida social começava a ser regulada pelo universo científico. A Modernidade desenvolveu uma nova forma de controle que Foucault (1999) chamou de biopoder. As nações percebiam, então, que deveriam cuidar de suas riquezas naturais e industriais, mas, também, controlar e melhorar a *qualidade de vida* de sua população. Vários elementos aparecem no plano social a partir de então. Não caberia discuti-los aqui, mas só para ilustrar podemos pensar nos planos educacional e médico que se tornaram pautas de políticas públicas.

Se, por um lado, temos um novo estatuto, científico, que tendia a atestar a inferioridade feminina, por outro, o liberalismo econômico trazia novas relações de

companheirismo e de intimidade familiar que sobrepujava a maciça tentativa de inferiorizar a mulher. É claro que estamos localizando tudo isso em um final de século XIX onde um mundo vitoriano na Europa, ou de uma característica puritana nos Estados Unidos, ainda sufocava drasticamente as mulheres. Todavia, o grito feminino já não podia ser mais calado. E a tessitura desse grito era histórica.

Isso porque, como se poderia emancipar a mulher se ela ainda não poderia se sustentar financeiramente? Como libertá-las sexualmente se ainda estavam presas às convenções de um casamento e de uma família agora nuclear e burguesa? No entanto, a Modernidade havia inventado um espaço que não podemos supor em outro momento histórico: o espaço subjetivo, da intimidade, das fantasias, **do inconsciente**. A mulher é a primeira a fazer usufruto dessa nova localidade humana. Seja como uma personagem fictícia, mas não menos real, que foi Emma Bovary, de Gustav Flaubert; ou alguém tão influente para o mundo psicológico como Anna O., personagem clínico encarnado por Bertha Pappenheim.

2.2 UM GRITO HISTÉRICO: A FEMINILIDADE E UMA NOVA FORMA DE SUBJETIVAÇÃO

Até aqui tratamos de um tempo histórico bastante vasto e lacunar sobre a história das mulheres e o que poderíamos apreender sobre o feminino derivado delas nos trouxe alguns apontamentos. Sobre eles algumas posições sobre a mulher puderam se destacar nesses tantos séculos passados e que podemos sintetizar aqui: *a mulher é o outro sexo, o incompleto. Sua função exclusiva seria a de reproduzir o humano, não de formá-lo. Seu desejo e sua voz soam como ameaças e por isso devem ser caladas. A mulher não delibera, acata. A mulher é apenas uma via necessária imposta pela natureza para a perpetuação da via social humana que é patriarcal e falocêntrica na estrutura de seu poder.*

Porém, o mundo Moderno, especialmente através do Liberalismo, inventou novas formas de se produzir e de se relacionar. Inventou o íntimo, mesmo que seu outro alicerce de saber, o Iluminismo, evocasse uma ação contrária. Um fenômeno enigmático surgia como expressão dessa contradição, a histeria. A forma de abordá-lo precisava ser inovadora. Contudo, os derivados teóricos dessa tentativa acabaram, em muitos aspectos, sendo tradicionais, como veremos em Freud. No entanto, esse mesmo autor que ocupou posições antagônicas de vanguarda e de conservadorismo pôde abrir espaço para um tema que trataremos como *feminilidade*: algo que é íntimo ao universo das mulheres, mas que não lhes

é exclusivo, como pretendemos discutir nos capítulos seguintes a partir do pensamento de Melanie Klein.

Com essa intenção esse subcapítulo pretende discutir o tema feminilidade em algumas passagens específicas em Freud e como esse tema modificou a obra do autor. Tomaremos como eixo central as discussões trazidas por Joel Birman (1978; 1999; 2001) e Márcia Arán (2000; 2002; 2006; 2009) para realizar essa discussão. São autores que têm uma influência bastante marcada do pensamento de Jaques Lacan, mas que não permanecem neste, fazendo uma crítica nos pontos onde o autor francês se manteve fiel às tradições ocidentais quando pensa o feminino e a mulher. No entanto, não abordaremos tais elementos, optamos por permanecer na trilha onde Birman e Arán discutem o movimento que Freud faz em sua obra a partir de nossa temática estudada. Ao final de nosso subcapítulo traremos, também, algumas formas de se pensar a feminilidade através das discussões escolhidas por Marina Ribeiro (2011) e que se articulam com a proposta que estamos construindo aqui, tornando-se nossa *lente* utilizada para lermos o trabalho de Melanie Klein em nossos capítulos posteriores.

Cabe dizer, ainda, que a leitura sobre a noção de feminilidade que fazemos destacar na obra de S. Freud, através dos autores citados, deve ser tratada como brechas naquilo que chamaremos de *subtextos* desse autor, uma vez que entendemos aqui que essa ideia sobre a feminilidade não é algo explícito no pensamento de Freud, mas que podemos acrescer ao seu texto frente às novas demandas e formas de subjetivação contemporâneas. Nesse sentido, o tema ou noção de feminilidade que pretendemos finalizar nesse capítulo seria uma condição intersubjetiva que poderíamos pensar como uma nova via ao sujeito *Ó*homens e mulheres *Ó*da contemporaneidade e que constituiria a sua gênese. Começemos, então, pelo fenômeno que inicia toda essa discussão.

A histeria era um estranho inconveniente ao campo da Medicina do final do século XIX. A lógica de sua cena não cabia na lógica anatômica da Medicina. Ela era entendida ou como fingimento ou com uma necessidade de casamento demandado pelas pacientes desse período vitoriano. Existiam histerias masculinas, mas o campo feminino se destacava com um predomínio indiscutível nessa esfera. No final das contas, a histeria desamparava o médico frente ao seu saber (FREUD, BREUER, 1895/1996; 1910/1996; ALBANO, 2006).

Alguns desbravadores desse período tentavam tratar a histeria: Briquet; Charcot; A. F. A. King (um ginecologista americano); Breuer; etc. (RAMOS, 2008). Vale uma pesquisa só para tratar desse campo. Contudo, nosso interesse aqui é nos direcionarmos para a noção de feminilidade em Freud. Falar sobre a histeria nesse ponto é apenas evidenciar o óbvio, o de que essa patologia fundou a Psicanálise. Não é nada arriscado afirmar que o feminino e a

feminilidade em Freud, então, perpassam o campo da histeria e de tudo aquilo que esse fenômeno permitiu a esse autor saber sobre o psiquismo humano. Mas, apesar da histeria ser a personagem principal da Psicanálise freudiana, isso não deixou o universo feminino mais fácil de ser compreendido para esse autor. Como destaca Birman (2001), o discurso de Freud sobre o feminino é recheado de ambiguidades, sendo que algumas delas deixam a subjetivação feminina num paradoxal “beco sem saída”.

A histeria possibilitou a Freud além da construção de sua perspectiva de inconsciente, uma reinvenção do erótico para as ciências. Apesar de esse autor ter se formado nas bases das medicinas mentais que anteriormente destacamos como biologicistas e controladoras da conduta humana pela perspectiva do sexo a serviço da reprodução, assumindo desde um biopoder a um controle da moral da sociedade (BIRMAN, 1978), o criador da psicanálise não pôde encontrar exclusivamente na biologia o terreno seguro para sua prática clínica. Houve a necessidade de mudar do *auscultar para o escutar* (LACAN, 1999). Dessa escuta de um saber desconhecido por seus pacientes \acute{R} afinal, tratavam-se de cenas inconscientes \acute{R} Freud procurou teorizar sobre as subjetivações do homem e da mulher. Uma nova erótica se fazia.

O principal elemento que podemos identificar nesse sentido, nessa reconstrução do campo erótico se refere, sem dúvida, ao reposicionamento e ampliação na compreensão sobre a sexualidade humana; essa visaria ao prazer e não à reprodução da espécie. A sexualidade humana seria muito mais voltada ao gozo, que estaria registrado não apenas na ordem genital, mas também no da *perversidade-polimorfa* (BIRMAN, 2001, p. 66). A concepção sobre perversão foi, também, reformulada, uma vez que Freud identificou que a condição do perverso era uma fixação infantil. Reconhecia-se, então, que haveria uma sexualidade infantil (perversa), sendo essa de característica polimorfa, ou seja, que tomava o corpo todo, de forma parcial, como campo de erotismo.

Segundo Birman (2001, p. 66), “dessa maneira, o discurso freudiano foi certamente uma instância crítica importante do dispositivo do biopoder no início do século XX, permitindo criticar a teoria da degenerescência e sustentar a positividade do desejo feminino”. Isso porque, ao poder escutar seus pacientes \acute{R} e como falamos antes, as pacientes históricas se destacam aqui \acute{R} Freud pôde reconhecer o papel do recalque na formação dos sintomas desses pacientes e da total ligação desse recalque⁵ ao universo sexual, que se revelava outro, frente

⁵ Mais à frente veremos que é quando esse autor coloca de lado a teoria sobre o recalque e retoma questões sobre o excesso pulsional, que estavam mais presentes no período pré-psicanalítico, que o campo de um “além do princípio do prazer” começa a se destacar abrindo espaço para discussões como o da feminilidade.

ao que a moral vitoriana e o cientificismo biologicista defendiam. Nos bastidores do cotidiano, as pessoas estariam muito mais próximas ao que os artistas, como Gustav Flaubert, diziam do que os médicos da mente tentavam evidenciar. Não é à toa que Madame Bovary chocou e chamou tanto a atenção sobre o universo histórico desde sua publicação em 1857 (RAMOS, 2008).

Contudo, apesar de abrir um campo inovador em vários aspectos de sua clínica, Freud assumiu posturas conservadoras em suas teorizações sobre o universo feminino. Exemplo maior para adentrarmos esse campo revela-se nos próprios derivados do mais importante complexo humano que, por si só, traz ainda a marca do predomínio do masculino. Falamos, é claro, do complexo de Édipo.

2.2.1 Dois tempos na clínica de S. Freud

Sigmund Freud realizou diversas revisões em sua teoria; muitas delas fizeram com que esse autor assumisse caminhos muito distintos dos iniciais. Mudanças como essas podemos acompanhar, por exemplo, na sua teoria sobre a sedução e o trauma (LAPLANCHE, 1992); sobre a angústia (RAMOS, 2003); sobre o aparelho psíquico, que também foram chamadas de primeira e segunda tópicas, etc. Naquilo que se refere ao campo do feminino e da feminilidade, devemos considerar dois momentos freudianos que se referem ao campo pulsional: antes e depois de sua concepção de uma pulsão de morte \dot{R} ou pulsão sem representação, como também empregaremos. Textos como *Além do princípio do prazer* (1920/1996); *O ego e o id* (1923a/1996) e *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926/1996) podem ser considerados como marcos nesse sentido. Ou seja, a década de 1920 é ponto nodal nisso que se refere à compreensão freudiana sobre as pulsões. Para chegarmos à proposta de feminilidade, devemos partir, então, do segundo tempo clínico sobre esse universo.

E por que consideramos como tempos da clínica de Freud, se essas considerações acontecem no plano de suas construções teóricas? Estaríamos nos remetendo a mudanças técnicas? Sim e não. Nosso argumento vai ao encontro das leituras que Birman (1999; 2001) e Arán (2000; 2002; 2006) fazem, de que é na *Conferência XXXIII – Feminilidade* (Freud, 1933/1996) e, principalmente, em *Análise terminável e interminável* (FREUD, 1937/1996) que o criador da psicanálise faz as últimas grandes releituras de sua teoria e, mais importante, visualiza, de outro ângulo, sua concepção clínica no que se refere ao universo feminino \dot{R} o que resvala, segundo nossas compreensões, na própria concepção de sujeito que a psicanálise teve até então. Nesse sentido, Freud modifica sua teoria e revê o campo da prática e da técnica

do tratamento, uma vez que *Análise terminável e interminável* trata, consideravelmente, das possibilidades e dos limites da Psicanálise. E nesse ponto, podemos pensar no universo tridimensional que Laplanche e Pontalis (2001) descrevem sobre essa palavra, a Psicanálise: um método de investigação; um método psicoterápico e um conjunto de teorias psicológicas. De certa forma, Freud reflete sobre esses três campos nesse texto de 1937.

O mundo precisou caminhar para outras demandas, mas certamente aquilo que Freud pôde propiciar ao seu tempo abriu um importante espaço para que isso que já pulsava em sua época pudesse se tornar voz e discurso e se constituir nas exigências e necessidades de alteridades de nossa época. Contudo, como já dissemos, Freud era ao mesmo tempo vanguardista e conservador, pois se situava em um limite complexo de seu período político e social de Viena *fin de siècle*. Vanguardista, porque além de ser judeu de concepções ideológicas liberais e o que já era compreendido como muito avançadas para muitos germânicos que posteriormente formaram um movimento reacionário que desencadeou no nazismo, Freud desenvolvia ainda teorias “extravagantes” como o inconsciente e a sexualidade infantil. Por outro lado, em casa, por exemplo, assumia a mais comum das posturas tradicionais para com suas mulheres. Apesar da sua admiração pelo gênio feminino, na prática Freud era conservador como qualquer outro homem vienense daquele período. O que Freud dizia e pensava sobre as mulheres, inevitavelmente se ancorava na concepção de sua época (MOLINA, 2010). Freud era filho de seu tempo e essa marca apareceu, inevitavelmente, em suas teorias.

Exemplo disso são os destinos possíveis para o feminino a partir do universo edipiano. Se para o menino, a resolução edipiana era algo mais compreensível de ser teorizado, o universo feminino não tinha a mesma condição. Freud buscou pensar como esses dois seres, que partem de uma mesma relação de natureza bissexual com a figura materna, poderiam subjetivar suas diferenças. No acontecer edipiano, Freud centrou no campo fálico a estrutura desse universo. De que forma? Os meninos, que manteriam o mesmo objeto libidinal de sua origem, começariam a tomar o pai como um rival ambivalente e uma vez que essa figura também seria objeto de amor. Nesse percurso, a saída e a desistência do menino em ter a mãe como sua toda-posse aconteceria por uma ameaça física, mas que teria conotações muito mais intensas no plano simbólico: a ameaça de castração.

Se para o menino a castração marcaria sua saída do Édipo, para a menina seria a visão dessa falta e do pênis na mãe que a colocaria nesse complexo. No universo feminino a saída do Édipo jamais poderia ser algo tão pontual quanto no campo masculino. Dessa forma “a figura do masculino seria em si mesma mais **evidente** que a do feminino. Esta seria

marcada pelo velamento e pela obscuridade” (BIRMAN, 2001, p. 182). Contudo, Freud irá esquematizar possibilidades para esse universo destoante: o ressentimento e a inveja do pênis como uma figura imaginária sempre buscada; e isso aparece em textos bem tardios na obra de Freud como *Análise terminável e interminável* (1937/1996). O que significa que mesmo com a mudança no campo da teorização sobre as pulsões, essa perspectiva sobre as mulheres ainda permanece, e isso de tal forma que, desde *O problema econômico do masoquismo* (1924/1996), Freud buscava falar sobre os dois temas recorrentes das angústias encontradas em sua clínica, que seria essa inveja, no caso das mulheres, e a angústia e luta do homem contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem. Esse é o campo que Freud buscou compreender sobre o masoquismo e que se mantém ainda no texto de 1937.

Ainda em textos tardios de sua obra como, por exemplo, na *Conferência XXXIII – Feminilidade* (FREUD, 1933/1996), Freud ainda destaca explicitamente que além da possibilidade desse complexo de masculinidade tal como descrevemos acima, o complexo de Édipo poderia levar a mulher à doença psíquica \hat{R} como uma neurose \hat{R} , a uma masculinização e uma tendência homossexual ou, na melhor das hipóteses, a uma feminilidade “normal”. A noção de feminilidade que Freud defende aqui é a da maternidade. As mulheres só atingiriam um estado de sentimento de completude quando se tornam mães⁶ e, especificamente, de bebês meninos. Mas tanto nesse texto de 1933 quanto no texto de 1937, um ponto originário começa a se destacar como um universo primitivo e que nos remeteria a essa nova dimensão das pulsões: as relações primitivas da menina com sua mãe. Nesse aspecto, adentramos naquilo que Freud chama de o “enigma da mulher” (FREUD, 1933/1996) e que diz respeito a momentos pré-edípicos como esse autor reconheceu.

Birman (2001, p. 183) levanta uma importante questão:

O que tudo isso nos revela, afinal de contas? Antes de mais nada, que tomar a figura do masculino como evidente e a do feminino como enigmática \hat{R} a primeira como representação da transparência e a segunda como da obscuridade \hat{R} , aliado ao fato de que a leitura da primeira poderia esclarecer a da segunda, é a **versão freudiana** da concepção antiga de que o homem seria a representação da **perfeição** e de que a mulher representaria a **imperfeição**. Com isso, não apenas

⁶ Algo que contrasta e muito com todos os gênios femininos admirados por Freud e, muitas vezes, tomados como seu *alter ego* como, por exemplo, Hélène Deutsch; Marie Bonaparte; Lou Andréa Salomé; para não dizer das próprias pacientes de Freud que, desde Anna O., se destacavam, em muitos relatos clínicos, por suas inteligências.

o sexo perfeito poderia ser mais bem conhecido e falado do que o imperfeito, como também somente pela mediação da perfeição sexual a imperfeição poderia ser conhecida e efetivamente pesquisada. A luminosidade seria definitivamente masculina, enquanto a feminilidade seria a obscuridade e sombra, só podendo ser revelada pela luz lançada pela masculinidade, que retiraria do limbo, isto é, da sua posição de enigma e silêncio.

Dessa forma, o discurso freudiano repetiria os discursos anteriores da Antiguidade à diferença anatômica das Ciências Modernas que perdurou até o século XIX: **de que o paradigma do psiquismo se estruturaria pela via do masculino, com um ponto central que seria o universo do registro fálico.** Quando Freud reconhece um outro universo originário além do fálico, esse autor se defronta com aquilo que seria enigmático e, também, destrutivo. Isto porque essa marca de periculosidade trazida pela insistente demanda de erotismo e de amor é afinal de contas, não haveria um traço marcante que ameaçaria a mulher no seu universo erótico como a ameaça de castração para o homem. Evidenciaria a ameaça de ruptura dos laços sociais, como Freud busca discutir em *O mal-estar na civilização* (1930/1996). Birman (2001) destaca que a mulher seria, nesse sentido de potencialidade de ameaça, uma “representação encarnada da natureza e não da civilização” (p. 200). Decorre que, na concepção freudiana, a mulher não teria a mesma condição sublimatória e de uma ética derivada de um superego como o masculino, que sofreu e se estruturou como herdeiro do complexo de Édipo. Na mulher, o complexo de Édipo seria um ponto no infinito. Daí que se destaca a fragilidade da vontade do campo feminino dentro dessa perspectiva; um espaço para um desejar sem fim, expresso perigosamente, por exemplo, pela característica da sedução, que seria típica das mulheres. Isso era demasiadamente assustador para um iluminista como Freud. Aliás, para toda uma sociedade vienense em momento de transição de mundo (MOLINA, 2010).

A maternidade, então, seria a condição ou espécie de baliza nesse universo caótico de tonalidades pré-edípicas como Freud percebera. Nesse sentido, a mulher conseguiria, de forma “sublimada” mas nunca totalmente o falo que um dia desejou. Por se tratar de uma troca narcísica, a mulher precisaria, então, ser mãe de um varão, uma vez que ser mãe de uma

menina poderia reacender toda a vivência caótica e pré-edípica que um dia ela viveu com sua própria mãe. A experiência com a mãe, nesse momento originário, seria da ordem do sensível.

No desenvolvimento do sujeito, este deve se afastar dessa baliza ou continência original para ascender à cultura. Isso porque em Freud podemos interpretar que a subjetivação, esse processo que se inaugura entre a criança e mãe, é uma trilha gradativa de afastar-se do universo da natureza, do sensível em direção ao da cultura, ou seja, do pai. Mas quando Freud não registra esse elemento, quando isso lhe escapa, outros caminhos aparecem. Segundo Schneider (1997, citada por ARÁN, 2006, p. 55) “o específico da operação teórica freudiana consiste, com efeito, em jogar regularmente com várias lógicas ao mesmo tempo. Denuncia de modo subterrâneo aquilo que ao mesmo tempo promove”. E promove porque ao abrir espaço a esse universo inconsciente, por mais que ele busque compreendê-lo por uma lógica milenar que é o patriarcado e o falocentrismo, aquilo que é recalcado ganha força ao aparecer em sua obra com aspecto de enigma. Quanto mais avança às origens do sujeito psíquico, mais o feminino se apresenta enigmático para Freud. Dessa forma, Arán destaca que “recuperar o registro da experiência, como também, o registro do território propriamente feminino na narrativa freudiana, significa necessariamente a historização deste debate” (ARÁN, 2006, p. 55).

No ponto em que chegamos, o tema sobre feminilidade poderia ser compreendido de maneira negativa, uma vez que evidencia o enigma do feminino. Contudo, como destaca Birman (2001), poderíamos, ao contrário, propor uma positivação desse tema. Em que sentido? Pensamos que, primeiramente, reformulando-o. E isso não se trata necessariamente de dizer que Freud era machista e que precisamos de um outro olhar. Sim, isso também pode ser levado em conta, mas o mais importante é trazer para o campo de discussão aqui, aquilo que de mais fundamental a psicanálise pode propor: **o universo da singularidade que perpassa a concepção de inconsciente**. Se por um lado a tradição fálica imprimiu uma marca de um padrão universalista; por outro a escuta do inconsciente e a potência de sua dinâmica nos dimensionou a um outro campo que as ciências naturais não poderiam conceber, que é o campo da singularidade; o que pode ser ouvido em um indivíduo, mas que ressoa ao campo de uma cultura presente e passada, de maneira dinâmica e re-constitutiva.

2.2.2 Construindo a noção de feminilidade

Quando Freud busca repensar sua clínica em *Análise terminável e interminável*, ele se defronta com limites. E isso diz respeito não apenas às resistências de seus pacientes

acostumados a um lucro secundário derivado de suas doenças. Freud percebe que sua criação coloca o humano frente ao desamparo. Isso porque, o percurso analítico

[...] levaria o sujeito a uma experiência de desamparo, na medida em que a saída de uma posição masoquista diante do outro, posição emblemática da neurose, faria o sujeito perder sua referência fálica e se deparar necessariamente com a angústia do real que o constitui (ARÁN, 2000, p. 183).

Não seria mais a angústia de ter ou não ter o falo, mas a angústia da potencialidade aberta por aquilo que estamos chamando de feminilidade. Nesse sentido,

[...] no registro da feminilidade não existiria o falo para o sujeito, seja como referente ou até mesmo como referência. Esse território não seria regulado nem fundado na figura do falo. Este seria então, na feminilidade, uma ausência, um faltante (BIRMAN, 2001, p. 225).

Mas nesse caso a falta não seria a do falo, mas de um paraexcitações que daria conta de um excesso que beira o trauma ou o colapso (FREUD, 1920/1996; 1924/1996; 1926/1996). Estamos, então, no campo do excesso. Freud, em *Além do princípio do prazer* (1920/1996), além de falar desses aspectos que perpassam as neuroses traumáticas e a compulsão à repetição, emprega exemplos que vão dos pesadelos de guerra à que talvez seria uma exceção à tese dos sonhos como realização de desejos (CAMPOS, 2009) à brincadeiras infantis, como no famoso jogo do *fort-da*. Exemplos que, segundo Arán (2002), poderiam ser considerados distintos, mas que na realidade se interpenetram, pois tal como na tentativa de conter o excesso que reside no trauma, as brincadeiras infantis possuem um além do princípio do prazer na experiência prazerosa do jogo. Dessa forma “[...] menos do que uma ruptura com uma experiência originária de desamparo, as brincadeiras infantis podem ser consideradas uma mediação, ou ainda uma transformação da pulsão, possibilitada por um acontecimento” (ARÁN, 2002, p. 132).

A criança tentaria dominar o excesso pulsional que a ausência de sua mãe lhe provocaria. Nesse caso, vemos a transformação pulsional de algo que beira o desamparo para o campo que começa a tocar no simbólico. Segundo Arán (2002, p. 134; grifos nossos):

O que se destaca nesta passagem é que este „além“ é alguma coisa à qual se tem acesso e que por isso mesmo permite o que é fundamental em termos de processos subjetivos: uma mobilidade pulsional. Do nosso ponto de vista, esta interpretação permite trazer para dentro do psiquismo alguma coisa que é irreduzível ao simbólico, mas em relação à qual não se realiza nem uma alienação, nem uma ruptura. **A simbolização seria então um processo de transformação da pulsão e não necessariamente de separação ou de corte.**

Temos, pois, o caos da ameaça do desamparo e o prazer da exploração infantil que experimenta o externo, mas que \hat{R} como face da mesma moeda \hat{R} também está explorando o interno. Dessa forma, a “[...] feminilidade é a relação do que existe de erógeno no desamparo, a sua face positiva e criativa, isto é, o que este possibilita ao sujeito nos termos de sua possibilidade de se reinventar permanentemente” (BIRMAN, 1999, p. 52). Aqui estaríamos discutindo eminentemente o campo pulsional.

Já a face negativa da feminilidade se ligaria ao masoquismo naquilo de dor e de destruição que ele permeia, especialmente na paralisação alienante que ele pode promover. Talvez Freud tenha olhado apenas para essa face que o horizonte de um além do falo pode revelar.

Arán (2006) retoma as discussões freudianas sobre Leonardo da Vinci para clarificar esse campo pulsional e suas relações com a simbolização que, mais explicitamente na obra de arte, o artista conseguiria transitar. Segundo essa autora, em Leonardo da Vinci, Freud esboça a ideia de que a sublimação poderia ser uma passagem direta da sexualidade perverso-polimorfa para a representação. Assim, teríamos duas teorias de sublimação em Freud: uma sobre a repressão da sexualidade \hat{R} *A moral civilizada e a doença nervosa dos tempos modernos*, de 1908 \hat{R} e a do texto de Da Vinci de 1910, onde Freud estaria tratando de uma sublimação sem recalçamento.

Em *Inibição, sintoma e ansiedade* (1926/1996), Freud defende o uso limitado da ideia de recalçamento e retoma o conceito de defesa. Nesse sentido, o recalçamento não seria o ponto original *strictu senso*, mas um dos recursos que o sujeito teria frente ao excesso pulsional. A pulsão, que em grande parte da obra freudiana só pode ser pensada através da representação, tomaria uma característica essencialista presa às insígnias que a cultura Ocidental a balizaria. Dito em outras palavras, apesar de a pulsão ser uma marca importante

do inconsciente, ela é vista por Freud como algo a ser domado em prol de uma cultura que recusa o sensível em função do intelectual, mesmo que isso resulte em um mal-estar na própria base dessa cultura. Quando Freud retoma o impacto que a pulsão descolada de suas representações traz para o sujeito, por exemplo, na ideia de uma pulsão de morte (pulsão sem representação), ele retomaria aquela trilha abandonada com a inauguração da própria psicanálise, de que haveria uma força que pode colocar o sujeito na beira do trauma, tamanha a intensidade dela. Sobre isso Arán (2006, p. 78) aponta que:

A importância deste gesto teórico está em trazer para dentro da teoria a radicalidade daquilo que, apesar de anunciado, permaneceu encoberto. Isto significa não só o resgate do registro da experiência, no sentido benjaminiano, mas sobretudo o resgate da alteridade naquilo que ela tem de estranho e indeterminado, ou seja, naquilo em que ela se relaciona com a ideia de pulsão.

Além disso, em termos históricos, podemos pensar ainda que (ARÁN, 2006, p. 78):

Em geral, argumenta-se que recuperar o conceito de pulsão em Freud nada mais é do que querer essencializar a experiência subjetiva, na medida em que se destaca a noção de força e de economia. Porém, ao contrário do que se faz crer, recuperar o conceito de pulsão é um acerto de contas com a forma de uma civilização que se constitui a partir da exclusão da alteridade, sendo a dominação da natureza um dos seus pilares [...]

Toda essa discussão surgiria, na concepção de Arán (2006), principalmente pela questão da diferença sexual trazida pela Psicanálise. A compreensão da constituição do universo simbólico estaria presente no terreno dessas discussões das diferenças sexuais que tomaram conta do mundo Moderno entre os séculos XIX e XX e que, também na Psicanálise, seria uma versão masculina dessa diferença. Porém, essa marca masculina estava em crise nessa sociedade Ocidental (MOLINA, 2010), e isso começava a aparecer nas teorizações freudianas. A noção de uma pré-história pré-edípica de Freud em *Sexualidade feminina*, em 1931, aparece como uma surpresa que abala o reinado de Édipo. Devemos destacar que é uma descoberta contemporânea à teoria das pulsões de vida e de morte. O que acabava propondo

um estado “além do princípio do prazer” e a elaboração de um *eu real imaginário*⁷ anterior ao recalque, que seria a marca da força pulsional. Ou seja, haveria um registro narcísico antes mesmo da constituição de uma Lei, marca assumida pelo recalque.

A partir de então, Freud vai ter de considerar que o Édipo na menina, representado pelo „amor ao pai“, ou por „querer ter um filho do pai“, encobre um amor mais originário, mais fundamental, aquele da menina em relação à sua mãe. Não é por menos que, como afirma [Jacque] André, a homossexualidade na menina passa a ser uma possibilidade inscrita na „estrutura“ do complexo de Édipo feminino [...] Todo o problema passa a ser, então, como a menina transfere para o pai esta ligação inicial com a mãe (ARÁN, 2006, p. 94, nossos comentários entre colchetes).

Sobre esse ponto podemos compreender que seria um reencontro entre fantasia e realidade; que permitiria reformulações sobre a teoria das pulsões e tornaria mais evidente a influência que esse imaginário primitivo imprimia no sujeito feminino. Ainda mais porque cada vez mais se destacava nesse período, nas teorizações freudianas, uma problemática na clínica: o saber psicanalítico que se impõe através das interpretações *R* como um *a priori* e que é recusado pela mulher. Essa recusa que é compreendida como forte resistência revelava cada vez mais a força pulsional que se expressava na fantasia de ser ou não tomada como objeto do analista. Essa era então a marca da fantasia, assumir ou não essa condição de objeto passivo que o tratamento psicanalítico imprimia ao fluxo pulsional feminino. Nesse caso, essas novas mulheres do século XX pareciam não aceitar mais essa posição. Todavia, devemos notar junto com Schneider de que essa potência feminina não fora uma descoberta freudiana, mas algo que já aparecia intensamente na Idade Média por ocasião da figura da feiticeira como procuramos discutir em nosso primeiro capítulo (citado por ARÁN, 2006). A ideia de se expulsar um demônio de um corpo possuído só se faz porque se reconhece a potência desta identidade.

⁷ “O eu real originário é a contrapartida no registro do sujeito da dimensão quantitativa da pulsão. Com isso, a pulsão como força constituiria uma figura originária do sujeito, que se caracterizaria pela fugacidade, pela inconstância substancial e pela temporalidade do instante. Nestes termos, o eu real originário teria a possibilidade de exercer o trabalho de negatividade e de potência do negativo, face às estruturas substantivas do sujeito, justamente porque é permeada pela força constante” (BIRMAN, 1996 citado por ARÁN, 2006, p. 80).

Sobre esse campo da potência da fantasia e sua relação com o prazer, Arán (2006), por exemplo, compara dois textos de Freud de épocas distintas que são: *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996) e *Instintos e suas vicissitudes* (1915/1996)⁸

[...] No primeiro, a satisfação é considerada a „excitação causada pelo fluxo de leite quente nos lábios do bebê“ e no segundo a satisfação é definida como a „anulação do estado anterior de desprazer“. Este movimento corresponde a um processo de interiorização do conflito, onde o eu passa a ser pensado de forma independente da mãe-sedutora. É neste momento que a psicanálise será então descarregada desta função exorcizante inicial e se satisfará, a partir daí, em abrir um caminho para este processo de domínio da excitação (ARÁN, 2006, p. 148-149)

Essa nova relação, na compreensão dessa autora, é da mesma ordem ética daquela encontrada na arte. O próprio “objeto” tem o poder de iniciativa, pois é fonte do olhar e não somente o objeto deste. Nesse sentido, a experiência de satisfação não seria apenas uma reação defensiva contra a excitação, mas um movimento de estar “abandonado ao prazer” (ARÁN, 2006, p. 151). Se retomarmos a condição de da Vinci como base de sua criação, que foi sua relação precoce com sua mãe como Freud (1910/1996) a compreende, tendo em vista que este recupera o território feminino como uma fonte privilegiada de criação, podemos pensar que essa condição de feminilidade abriria um espaço de via de mão-dupla (ou de muitas mãos) na relação com o objeto e com o prazer: o prazer é potente; não é apenas uma sobra, um *quantum* de energia possível frente ao recalque; ele produz sublimações; é lúdico; sujeito-objeto não são separados em um corte irrevogável, afinal, numa cena sedutora quem é o objeto de sedução e quem seduz? Nesse sentido, “[...] a experiência alteritária por excelência seria esta de „deixar-se atravessar pelo outro“” (ARÁN, 2006, p. 152). Percebemos, com isso que “a terna cumplicidade com a sedução maternal” faz com que Leonardo se beneficie de um inesgotável „fluxo de energia“” (SCHNEIDER, citada por ARÁN, 2006, p. 152).

O excesso pulsional que já esteve presente na inauguração da Psicanálise é o texto *Estudos sobre histeria* (BREUER; Freud, 1895/1966) é um dos exemplos magistrais para revelar a potência persistente apresentada em um sintoma histérico. É foi esmaecido com o

⁸ Traduzido pela autora como *Pulsões e seus destinos*.

desenvolvimento da obra psicanalítica, uma vez que Freud procurou coaduná-la aos cânones científicos; ou seja, essa força passou a ser pensada pela ótica da possibilidade representativa que a instância egóica permitiria: onde seja id, que se faça ego. Em outras palavras, “Freud só considera a força pulsional na medida em que esta se inscreve no campo da representação” (ARÁN, 2006, p. 153).

Na medida em que o feminino trazia o enigmático para a clínica freudiana, a necessidade de se pensar um “além do princípio do prazer” se fazia mais gritante. Tanto que vários derivados tornaram-se mais explícitos como, por exemplo: a teoria da angústia se modificou; o aparelho psíquico que se reformulou em uma nova tópica; a noção de pulsão que abriu espaço ao campo irrepresentável e, talvez o ponto que mais nos interessa aqui, o limite da análise que revela o desamparo *Ř Hilfllosigkeit*, tal como Freud utilizava (LAPLANCHE, 1992) *Ř* constituinte do sujeito. “[...] Pensar a pulsão sem representação é trazer para dentro do aparelho psíquico um lugar de indeterminação e, neste sentido, „enunciar o que já existe de trágico na condição de sujeito na modernidade”” (BIRMAN, 1996, citado por Arán, 2006, p. 154).

A partir disso, a fantasia e o campo pulsional formariam uma marca metapsicológica que radicalizaria uma crítica ao pensamento cartesiano para se pensar “a subjetivação fora das amarras da psicologia da consciência ou do reducionismo organicista” (ARÁN, 2006, p. 154). Dessa forma, a Psicanálise se insere em nossa cultura como uma crítica da própria cultura Moderna.

Para Birman (1996) a feminilidade, então, seria a base da experiência analítica, uma vez que em seu percurso o sujeito é defrontado com o desamparo que, em última instância, significa fazer uma revisão íntima de sua condição de prazer e das amarras fantasísticas que o registro fálico ainda não superado lhe deixou. No entanto, apesar de ser angustiante não é um percurso que se resume a isso, uma vez que há novas formas de erotismo e de sublimação possíveis fora do registro fálico. “Isto porque a feminilidade é considerada uma experiência que coloca as insígnias fáticas em suspensão, o que leva a que se delineie de maneira radical „o universo caótico das pulsões e do descentramento do sujeito”” (ARÁN, 2006, p. 157). Descentrar-se, nesse caso, é sair do rígido eixo fálico para poder habitar novas composições eróticas e novas dinâmicas de fantasias. E isso não traria uma vantagem apenas para o sujeito do sexo feminino, mas também para o masculino, tendo em vista que no estatuto imaginário do falo, este também sofreria as vicissitudes da Lei que ampararia a condição hegemônica em nossa cultura representada pelo recalçamento. **Nesse aspecto, a Psicanálise se situaria entre a terapia e a cultura, entre o recalçamento e a sublimação.**

Esta revisão teria uma possibilidade de se pensar a diferença sexual \hat{R} que como vimos, foi tema e organização de uma hierarquia social há muitos séculos \hat{R} a ideia de feminino e de singular estaria condensada naquilo que foi excluído pela civilização ocidental, em nome do princípio de identidade. O feminino seria o outro historicamente renegado e recalçado pela “dominação masculina” (ARÁN, 2006, p. 172). Com isso, abriríamos mãos de uma hierarquia social em que o masculino continuasse a ser tomado como modelo transcendente, universal e vertical. O mundo poderia se tornar mais horizontal frente aos seus erotismos e as suas formas produtivas. Sendo que a produção que aqui entendemos como a capacidade de se lidar com o excesso pulsional de forma sublimatória, é o que abriria espaço para novas subjetivações e relações alteritárias. “A simbolização seria então um processo de transformação da pulsão e não necessariamente de separação ou de corte [...] A radicalidade desta hipótese está em constatar que a experiência alteritária do prazer só é possível pela introdução, ou mesmo preservação, de um além” (ARÁN, 2006, p. 213)

2.2.3 Outras feminilidades

Marina Ribeiro (2011) em seu livro *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade*, obra que deriva diretamente de sua tese de doutorado, busca fazer uma discussão e fundamentar o campo psicanalítico das possíveis existências de caminhos específicos na relação bebê-menina-mulher, partindo do pressuposto de que toda mãe é, antes disso, uma mulher \hat{R} lendo mulher como um sujeito desejante. O livro como um todo foge um tanto de nosso interesse aqui, mas a autora nos traz em seu segundo capítulo uma discussão muito pertinente sobre o tema feminilidade em alguns autores que, ora mais ora menos, partem da *teoria da sedução generalizada* de Jean Laplanche para pensar a feminilidade. A ideia, então, em finalizar esse capítulo com outras perspectivas sobre a feminilidade reside em nosso interesse em demonstrar que outros autores contemporâneos também estão discutindo novas formas de subjetivação além daqueles \hat{R} Joel Birman e Márcia Arán \hat{R} que escolhemos para ser o eixo central de nosso trabalho. O interessante é perceber que, mesmo partindo de elementos diferentes, em muitos aspectos existe uma semelhança importante, especialmente para um diálogo com outras psicanálises.

Marina Ribeiro (2011) traz a discussão sobre a feminilidade em Paulo de Carvalho Ribeiro; Jacques André \hat{R} ambos com marcada influência de Jean Laplanche \hat{R} Florence Guinard e Melanie Klein. Como esta última autora é tema de nossa tese e como é nossa

pretensão construir uma noção de feminilidade em sua obra, nos restringiremos a discutir o que Marina Ribeiro destaca sobre os outros autores.

Segundo Marina Ribeiro (2011), Paulo de Carvalho Ribeiro constrói uma tese de que na constituição do sujeito haveria uma espécie de *identificação primária*, e esta conteria uma especificidade feminina. Da mesma forma que Jean Laplanche (1992) procurou revisar a obra de Freud a partir de sua *teoria da sedução generalizada*⁹, Paulo de Carvalho Ribeiro busca destacar um elemento a mais nessa relação inicial com o outro adulto. A *situação antropológica fundamental* teria, então, essa marca da feminilidade como uma identificação inicial marcando o que seria a origem do sujeito psíquico.

Marina Ribeiro (2011, p. 73) destaca que:

A sexualidade é veiculada pelo outro (adulto) da sedução generalizada, enigmática para ambos, por essa razão, traumática. No que tange a este trabalho, podemos pensar que o traumático da sedução, com sua ternura sensualizada, está naquilo que excede, que resta, que sobra entre mãe e a filha. A sexualidade feminina, de mãe e filha, é simultaneamente constitutiva e traumática

Apesar do destaque que demos na situação de relação mãe e filha, essa identificação também recairia sobre os meninos. Isto porque esse elemento que é tido como aquilo que excede, seria uma inversão da forma fálica; uma vez que “a efração da sedução originária pode ter como primeira representação/elaboração o ser penetrado do feminino” (RIBEIRO, 2011, p. 75), já que é o gesto feminino que penetra. Se pensarmos que em Klein as fantasias da criança vão ao encontro do pênis paterno contido no interior da mãe, então no imaginário construído nessa cena é a sexualidade materna que é penetrante, e não a condição anatômica do pênis que se refletiria na fantasia.

Marina Ribeiro busca articular a teoria de Paulo de Carvalho Ribeiro com a de Jacques André quando este autor destaca que, para Freud, o elemento original recalcado seria

⁹ De forma bem incipiente aqui descrita, a teoria da sedução generalizada de Laplanche (1992) é, ao mesmo tempo, uma revisão das bases psicanalíticas e uma retomada de uma trilha abandonada por Freud que se refere às seduções adulto-criança. No entanto, não se tratara de um tipo de sedução que chamaríamos de pedofílica e que em nossa sociedade ocidental seria amplamente repudiada. Na verdade, refere-se muito mais à assimetria adulto-criança atravessada pela condição do inconsciente que, para ambos, é enigmática. Nesse sentido, essas bases laplanchianas não buscam uma nova psicanálise, mas da renovação de fundamentos já existentes como o eixo central que é a sexualidade infantil e uma marca humana inicial, chamada de *situação antropológica fundamental*, marca dessa sexualidade assimétrica, enigmática e que, através dessa condição, que é de desamparo, é a via de instauração da sexualidade. Resumindo, o adulto, através do seu inconsciente, de seus gestos, de sua sexualidade, instaura a sexualidade na criança, condição *sine qua non* para o laço social. É a linha tênue e perigosa entre o inevitável e o trauma.

de natureza feminina \hat{R} naquele sentido que discutimos anteriormente com Márcia Arán e Joel Birman de que em nossa sociedade Ocidental o sensível é a marca a ser superada pelo recalçamento. Partindo dessa premissa, André (citado por RIBEIRO, 2011) aponta para a necessidade, ao reconhecer essas insígnias primitivas do feminino de que há a necessidade de se inverter a lógica da compreensão das origens psíquicas do sujeito que não se manifestaria, como buscou Freud, em compreender melhor as origens da sexualidade feminina; mas algo mais radical: de perceber que é a própria feminilidade a origem da psicosexualidade.

Se o primeiro movimento do bebê é delinear um si mesmo, um eu, o sentido inverso \hat{R} o apagamento dos limites e fronteiras, ou seja, a passividade \hat{R} seria a situação mais angustiante para o eu, pois está associada ao desaparecimento. No entanto, paradoxalmente, a passividade é a condição do prazer feminino (RIBEIRO, 2011, p. 76)

Pensando na situação antropológica fundamental e no desamparo que marca a origem de um bebê, não é difícil entender sua passividade. Contudo, esses autores insistem em discorrer sobre a passividade do prazer feminino, como se ele pudesse existir em plena potência frente a um sujeito pouco ameaçador que é o bebê desamparado. Isso nos lembra Freud (1933/1996) quando afirma que a condição ativa da mulher só se atinge a posição de mãe frente ao filho. Discordando desses autores, pensamos que a situação original do bebê é bastante ameaçadora e, também ativa em muitos aspectos. Apesar da condição anátomo-fisiológica limitada nos primeiros meses, a instauração sexual é uma via alteritária que implica uma via de mão dupla na cena dos desejos. Algo parecido com o que André (1995, citado por RIBEIRO, 2011, p. 77) sintetiza na seguinte passagem: “Penetrar e ser penetrado, ter e ser o objeto, coalescem, nesse primeiro tempo, numa experiência única, na qual passivo e ativo, masoquista e sádico não são pares de opostos, mas vivências homogêneas de um gozo sem oposição”.

A marca do feminino é tamanha nesse primeiro momento que Paulo de Carvalho Ribeiro, segundo Marina Ribeiro (2011), demarca que a condição de constituição do eu primitivo se faz através de um recurso de *mimese* com o feminino. Mas claro que não se trata de uma mera imitação, tendo em vista que a criança pequena já é um sujeito regido por suas forças pulsionais e dinamicamente influenciado pelo seu campo imaginário. É uma mimese de ordem dialética.

Outro ponto interessante de Paulo de Carvalho Ribeiro resgatado por Ribeiro (2011) é de que para o menino seria mais difícil conquistar a masculinidade do que para a menina.

Algo que soa o avesso das teorizações freudianas. Em que sentido? Isso porque para o menino seu processo de *dês-identificação* sempre lhe traria insegurança, uma vez que ele se percebe como de um gênero diferente de sua mãe. Para as meninas, em seu processo de conquista de feminilidade, haveria sempre uma salva-guarda pela constatação de suas semelhanças com sua mãe, além do fato da *dês-identificação* não ser necessária como o é para os meninos. Por outro lado, haveria uma similitude entre o bebê do sexo feminino com a mãe, isso favoreceria uma aproximação amorosa juntamente com uma competitividade, o que poderia trazer um afastamento precoce e um prejuízo na construção egóica.

Segundo Marina Ribeiro (2011), Florence Guinard propõe a distinção de dois espaços psíquicos dos quais haveria a base para identificações primitivas com a mãe: *o materno primário* e *o feminino primário*. Seriam dois tempos cronológicos que marcariam a relação do sujeito (o bebê) com seu objeto primário e com a própria organização egóica.

O primeiro espaço ou tempo é o do *materno primário*. Este é o espaço interno de investimentos pulsionais das primeiras relações com a mãe. Traria uma marca violenta do desconhecido e direcionaria as pulsões em direção ao objeto qualificado como enigmático, naquele sentido laplanchiano que abordamos anteriormente. Seria o espaço mais primitivo da constituição do eu, mas, ao mesmo tempo, já deixaria marcas importantes dessa condição feminina nas origens do sujeito psíquico.

O segundo espaço é o *feminino primário* propriamente dito. Comparando com Klein, seria o que esta autora chamou de fase de feminilidade¹⁰ ou posição depressiva. A criança se identificaria pelo desejo da mãe em relação ao pai. Esboçar-se-ia o reconhecimento do outro (mãe e pai). Segundo Guinard (citada por RIBEIRO, 2011) seria o fim da díade onipotente e narcísica mãe-bebê e o começo da triangulação edipiana (Édipo precoce de Klein). É um momento muito importante na constituição do eu, pois marca o processo de *dês-idealização*, porque o bebê passaria a reconhecer que não é tudo para a mãe e que esta deseja, também, outra coisa.

Marina Ribeiro termina seu capítulo fazendo uma reflexão e síntese muito pertinente dos autores que ela utilizou em sua tese para pensar a feminilidade na gênese do sujeito psíquico: “[...] Se as identificações são o que resta das paixões *Ŕ* o que resta depois que tudo foi esquecido *Ŕ*, nossas identificações primárias são femininas” (RIBEIRO, 2011, p. 97). Ou seja, o feminino é o que nos traz ao mundo, seja como sedução, seja como identificação. As insígnias que a relação que esses autores chamam de feminilidade vão ao encontro do que

¹⁰ Tema que nos aprofundaremos nos próximos capítulos de nossa pesquisa.

estamos defendendo aqui, de que existem outras vias de constituição do sujeito para além do registro fálico, isso que estamos chamando de novas formas de subjetivação.

Se resolvemos convocar esses autores aqui trabalhados para nos fornecer melhores subsídios para lermos Klein, é porque acreditamos no potencial da obra dessa autora em caminhar nessa direção. O que é notório é que tal produção trabalhou com temas que explicitaram o campo feminino como, por exemplo, o destaque que se tem com relação à mãe, ao seio, suas pequenas pacientes e suas fantasias, etc., mas, principalmente, toda uma dinâmica *infern*al que encontramos na sua forma peculiar de descrever as fantasias inconscientes; os derivados teóricos como a noção dinâmica dos conceitos como posições que, em nossa tese, são frutos de sua constatação de que aquilo que Freud chamou de complexo de Édipo, começava antes e diferente. Se Freud e outros autores chamam esse momento de pré-edípico é porque, talvez, acreditavam se tratar de algo fora da norma. Klein optou por continuar chamando esse percurso inicial de edípico porque, em sua ótica, esse convite ao mundo social poderia também se dar por outros caminhos.

3. MELANIE KLEIN E SUA SUBJETIVAÇÃO

Aqui, muito longe de tentar superar historiadores e epistemólogos que procuraram apresentar Melanie Klein e seu pensamento ao mundo (SEGAL, 1979; BARANGER, 1981, 1994; PETOT, 1988; PETOT, 1991; GROSSKURTH, 1992; KRISTEVA, 2002 CINTRA & FIGUEIREDO, 2004), buscaremos alinhar o que já é sabido de Klein por esses autores com o que estamos procurando construir: uma possível perspectiva de *feminilidade* que estaria presente em sua obra. Para isso, este capítulo pretende apresentar o percurso de subjetivação da pessoa Melanie Klein a partir do recorte biográfico em três momentos: ela enquanto mãe, em uma época em que esse era o papel esperado para uma mulher da sociedade “civilizada”. Um segundo momento se dedicará a pensá-la enquanto mulher, quando ela rompe com esse destino e ousa defender um desejo que lhe é exposto e descoberto. Por fim, uma Melanie Klein psicanalista, na qual justamente a Psicanálise se torna aquilo que lhe possibilita reencontrar uma inventividade que estava presente consigo, mas teve que ficar sufocada por quase 40 anos de sua vida, a partir de sua emancipação subjetiva.

3.1 MELANIE REIZES (KLEIN), MÃE

Melanie Reizes¹¹ nasceu em 30 de março de 1882 em Viena. Período e local que facilmente associamos ao nascimento da Psicanálise. Se *A interpretação dos sonhos* em 1900 é o texto e o ano de fundação da Psicanálise como queria Freud, sua gestação certamente começava alguns anos antes. Mas Melanie e a Psicanálise só iriam se conhecer pelo menos uns 32 anos depois do nascimento dessa autora.

A autora que embasou nossa pesquisa nasceu em um período que podemos compreender como a *derrocada do sistema familiar vitoriano* (ZARETZKY, 2006; MOLINA, 2010). Isso porque as transformações trazidas pelo novo modo de produção, desde a Revolução Industrial dentro da Modernidade até os dias atuais, aceleraram modificações para a família, os costumes e toda uma visão de mundo estabelecida até ali. Isso abalou principalmente um sistema patriarcado que, nos fins do século XIX, ainda era reinante. As mulheres da classe operária importante destacamos foram convocadas a habitar esse

¹¹ Ao longo desse capítulo utilizaremos tanto o nome de solteira Melanie Reizes quanto Melanie Klein. Optaremos pelo uso do primeiro quando pensarmos ser interessante marcar o momento da vida antes de seu casamento. Quando usarmos o nome Melanie Klein será para nos referirmos à figura notória que ela se tornou.

novo modelo de mundo que, como destaca Zaretsky (2006), tem no fordismo um novo ritmo e estilo de vida: seja no plano doméstico e/ou público. Contudo, a família Reizes, assim como grande parte das famílias mais ou menos abastadas do império austro-húngaro, ainda se constituía por um modelo familiar bastante tradicional, tão comumente chamado de *família nuclear burguesa*: um pai que trabalha fora, uma mãe que organiza a vida doméstica e cerca de três ou quatro filhos, como foi o caso de Melanie Reizes, caçula desses quatro filhos que na ordem eram: Emilie, Sidonie, Emanuel e Melanie.

Além dessa organização hierárquica, era de muito bom tom que as famílias tivessem certos interesses culturais. No caso dos Reizes, apesar da situação financeira difícil que sempre tiveram (GROSSKURTH, 1992; CINTRA & FIGUEIREDO, 2004), o apreço pela cultura sempre foi uma marca e um nível elevado nessa família; especialmente o que provinha da parte da família de sua mãe, Libussa. Nesse sentido, Grosskurth (1992) destaca que há um protótipo de matriarcado muito presente entre os Reizes. Apesar do sobrenome ser derivado do lado paterno. Moriz Reizes era um médico de formação. Já havia se divorciado quando, aos 37 anos, conheceu Libussa, com quem se casou e passou a viver em Viena. De origem polonesa e, principalmente pelo fato de ser judeu, nunca conseguiu exercer a carreira de medicina tradicional, ficando com um exercício que era considerado menor; o de dentista. Isso parecia deixar uma marca bastante importante na autoridade desse homem na família que, segundo Grosskurth (1992), mostrava que nunca foi o personagem principal nas decisões mais importantes da família. Em todas as correspondências que Grosskurth se utiliza para ter a dimensão desses primeiros anos de vida de Melanie Klein, Libussa é quem parece ocupar o eixo estruturante dos Reizes, chegando muitas vezes ao desprezo pelo marido: seja pelas articulações emocionais e práticas no cotidiano deles ou, principalmente, pela marca que essa mãe deixaria na vida toda em Melanie Klein. Se a figura do pai é um pilar nas teorias freudianas, em Klein as experiências de seu matriarcado familiar, além do fato dela ser uma mulher, parecem ser os principais norteadores de seu pensamento.

Na mesma época, em famílias bem menos abastadas, a mulher já havia começado a ocupar os postos de trabalho. Sair de casa e ajudar no sustento dela era, ao mesmo tempo que uma aspiração revolucionária, uma necessidade de subsistência (ZARETSKI, 2006). Algo parecido ocorrera com os Reizes. Como indicam biógrafos de Melanie Klein (GROSSKURTH, 1992; KRISTEVA, 2002; CINTRA & FIGUEIREDO, 2004), sua mãe precisou trabalhar “fora”. Na verdade, ela cuidava de uma loja na própria residência, o que lhe trazia alguma ambivalência. Isso porque para as famílias mais abastadas, o fato de uma mulher ter de trabalhar era algo que lhe arranhava a imagem, especialmente para a esposa de

um médico. Contudo, segundo Grosskurth (1992), sua clientela não lhe considerava como qualquer comerciante, mas uma verdadeira dama da sociedade. Muitos clientes iam lhe visitar não apenas para comprar, mas pelo carisma que ela exercia. Nesse ponto podemos acreditar que, desde muito cedo, Melanie Klein já poderia sonhar com aspirações femininas que iam além de um matrimônio.

Emanuel Reizes é uma das figuras que teve uma importância que se precisa destacar na vida de Melanie Klein. Desde muito pequenos ela sempre teve um enorme apreço por ele; quase uma veneração. Se o pai era uma figura bastante distante para aquela filha caçula, a imagem de seu irmão lhe trouxe uma marca indelével. Emanuel sempre apresentou traços artísticos valorizados pela família. Desde jovem, se destacava por citar poetas como Schiller ou Goethe; o que encantava os olhos de Melanie. Havia um ímpeto em se tornar um escritor, algo que jamais aconteceu, devido as suas perturbações mentais que precocemente o inibiram frente a uma vida de realizações dessas aspirações. Ao acompanharmos sua breve vida, lembramos facilmente de personagens de Dostoiévski como, por exemplo, Raskolnikov, figura sombria atormentada por invejas recalçadas e por sua incapacidade de pôr em prática qualquer projeto na vida. Assim foi Emanuel, alguém que teve enormes aspirações, mas que nunca conseguira colocar em prática nenhum de seus projetos. Sua constante depressão levava os membros de sua família a se sentirem culpados por seus infortúnios.

Apesar do peso depressivo que Emanuel provocava, o ímpeto intelectual foi uma marca que ele imprimiu em Melanie Klein e que permaneceu por toda a sua vida. Na adolescência, ele e sua irmã tinham um forte desejo de realizar um curso superior. Ele partiria para as Artes, já Melanie Reizes sonhava em cursar Medicina, apesar de o estudo das Artes também não estar fora de seus planos. Todavia, não eram esses os ideais de Libussa. Se Emanuel era um orgulho por sua inteligência, aos olhos de Libussa, Melanie Klein era a filha bela que poderia arrumar um bom casamento e, quem sabe, tirá-los da vida penosa das restrições financeiras. Isso porque, como já destacamos, os Reizes sempre foram bastante limitados economicamente. O pequeno negócio que Libussa, mantido a duras custas, nunca fora capaz de prover tudo o que aquela família intelectualmente aspirante sonhava em possuir, mesmo se somado aos ganhos do marido. Nesse sentido, Libussa sempre precisava fazer diversas articulações familiares como empréstimos de dinheiro, pedido de postergação de pagamento de aluguel. Já ao que tudo indica durante muito tempo eles moraram na propriedade de um tio de Libussa ou mesmo ajuda de amigos frente aos negócios. Um bom casamento era o que, nas condições econômicas mais emergenciais, promoveria um alívio na economia

doméstica: menos um filho para sustentar e ganhava-se um genro que assumiria certas despesas da família.

Quando tinha 17 anos, Melanie Reizes conheceu seu futuro marido, um amigo de seu irmão. Arthur Stevan Klein, com 21 anos e recém-formado em Engenharia Química, parecia ser aquele genro tão esperado por Libussa. Emanuel ficou, desde o começo da amizade, muito impressionado por ele, o que, para Grosskurth (1992), contribuiu muito para que Melanie começasse a se interessar por Arthur. Como de costume na época, logo após conhecer Melanie, Arthur pediu sua mão em casamento, o que foi prontamente aceito por Melanie e, principalmente, por Libussa. A partir daí, começou um longo noivado marcado por longas viagens de Arthur que continuava sua formação em cursos em diversos países, sobretudo nos Estados Unidos e o declínio emocional de Emanuel que iria repercutir em Melanie posteriormente. Enquanto Arthur viajava para se aperfeiçoar, Melanie constantemente viajava para Rosemberg, região da Baviera, para visitar seus futuros sogros. Era uma pressão explicitamente imposta por Libussa, como uma forma de reforçar um noivado que não podia ser ameaçado. Nesse sentido, as atenções familiares começaram a se concentrar em Melanie, o que explicitamente provocou uma inveja maciça em Emanuel, como as cartas familiares nos mostram (GROSSKURTH, 1992). Nesse momento, ele vivia em várias cidades, distante da família, como uma forma de busca de cura para os seus pesares emocionais. Além disso, tentava nesse isolamento, o tempo e espaço para começar a escrever os seus livros¹². Ele vivia de uma espécie de mesada que cada vez era mais difícil de Libussa garantir, uma vez que todo o foco estava agora no casamento de Melanie. Isso o deixava irado e cada vez mais depressivo. Suas cartas direcionadas à mãe e, principalmente à Melanie, sempre traziam um tom de que ele estava cada vez mais esquecido pela família, o que provavelmente intensificava suas invejas pelo foco que o casamento de Melanie passou a ter. Vivendo na boemia, com uma vida desregrada, sua doença mental começava a atacar o seu físico.

Foram anos de muitas tensões emocionais, isso porque “cada membro dessa família narcísica parecia impelido a infligir culpa aos outros” (GROSSKURTH, 1992 p. 41). São marcas que iriam repercutir no pensamento de Melanie Klein anos depois, uma vez que a produção dessa autora tem, como característica da Psicanálise, uma aproximação da própria experiência afetiva no reconhecimento do universo psíquico que o psicanalista busca retratar em suas formulações teóricas. “Da inveja, agressão e rivalidade entre irmãos dentro de sua

¹² Emanuel nunca publicou seu livro em vida. Esse sonho foi realizado por Melanie Klein numa reunião da coletânea de sua obra, muitos anos depois, como uma espécie de reparação por uma culpa que jamais se esmaeceria (GROSSKURTH, 1992).

própria família, Melanie Klein teve um farto material a partir do qual pôde formular suas teorias posteriormente” (GROSSKURTH, 1992, p. 37).

Emanuel terminaria sua vida soterrado pelos vícios do álcool e de outras drogas, de desnutrição e por um desejo de autodestruição explicitamente presente em sua depressão. Ele chegara a um hotel em Gênova em 1º de dezembro de 1902 e é provável que morreria na madrugada dessa chegada. Isso porque, no dia seguinte seu tio Hermann R que havia permitido que os Reizes vivessem em um dos seus imóveis R recebeu um telegrama avisando sobre a morte do sobrinho e, também, sobre o enterro que aconteceria no Cemitério Israelita daquela cidade. A família, como fica claro nas descrições de Grosskurth (1992), não teve a oportunidade de velar o corpo de Emanuel. Este morreu aos 25 anos e ainda deixou uma dívida cobrada pelo gerente do hotel, em Gênova, que teve que cuidar de tudo aquilo que envolve a morte de alguém. Esse hoteleiro, no dia 4 de dezembro enviou uma carta à família trazendo toda a descrição do que havia acontecido, de forma bem direta e objetiva. Ao final da carta, buscou deixar bem claro sobre as despesas que teve com tudo aquilo. Uma carta que poderia ter enfurecido os Reizes por sua rudeza, mas que foi amenizada pela carta da esposa desse gerente que remetera outra, no mesmo dia, buscando consolar a família. O casamento de Melanie que aconteceria pouco tempo depois traria essa marca trágica de dor e culpa que foi a morte de seu adorado, mas difícil irmão.

Durante esse período de noivado, quando Melanie tinha cerca de 18 anos, seu pai falecera. Contudo, esse fato parece bem menor frente a tudo que estava ocorrendo, que quase passa despercebido nas correspondências da família.

Seu casamento ocorreu em 31 de março de 1903, logo após Melanie, agora *Frau Klein*, completar 21 anos. Segundo Grosskurth (1992), em um texto de 1913 intitulado *Chamado da vida*, nos traz a seguinte passagem: “E, portanto, tem que ser assim, a maternidade tem de começar com repugnância?” (KLEIN, citada por GROSSKURTH, 1992, p. 51). A personagem Anna, narrada por Klein, seria uma moça que temia a noite de núpcias. Para ela, perder a sua castidade era algo antinatural e aversivo; além disso, ela sofria de uma ânsia por uma satisfação desconhecida. Para Grosskurth, mesmo tendo esse texto sido escrito dez anos depois do casamento, ele pôde revelar uma fantasia de Klein que ainda sofria uma culpa por ter traído o irmão com seu casamento “bem sucedido”. Além disso, esse tipo de escrita de Klein que começava a aparecer desde o seu casamento, revelava uma infelicidade com o matrimônio que parece estar presente desde o início. Uma tristeza com o marido e com a maternidade que se intensificava rapidamente. Como se ambas as situações tivessem

soterrado todos os seus sonhos intelectuais. Sobre isso, é bem fácil associarmos a uma possível culpa da morte do irmão que permanecia em suas fantasias.

[...] por causa das tendências destrutivas que dirigiu contra o corpo da mãe (ou alguns de seus órgãos) e as crianças dentro do útero, a menina espera ser castigada com a destruição de sua própria capacidade de ter filhos, dos órgãos ligados a essa função ou de seus próprios bebês. Aqui também podemos encontrar uma explicação para a constante preocupação das mulheres (muitas vezes excessiva) com sua própria beleza, pois teme que esta também seja destruída pela mãe (KLEIN 1928/1996, p. 224).

Nessa passagem que citamos, contida em *Estágios iniciais do conflito edipiano* publicado cerca de 15 anos depois de seu casamento, Klein estava em condições de psicanaliticamente teorizar sobre os “estragos internos” que a fizeram ter, por boa parte da vida, se sentido tão depressiva e sufocada. é algo que se relaciona às fantasias infantis ligadas ao ventre materno e à íntima relação da pequena criança com esse espaço do corpo da mãe. Como acompanharemos ao longo de nossa pesquisa, essa temática se destaca entre as principais formulações de Klein com relação ao que chamamos de feminilidade.

Ainda nesse excerto anterior, podemos ver uma síntese de sentimentos tão intensos como a inveja e uma agressividade dirigida para uma figura que se colocava como central em suas teorizações: a mãe. Isso lhe era tão caro que até em textos bem tardios como, por exemplo, *Sobre o sentimento de solidão* (1963/1997), essa temática das angústias derivadas dos ataques direcionados à mãe e que retornam à criança trazendo-lhe sentimentos tão pesados como os depressivos, continuam a ser tratadas.

Retornando à biografia kleiniana, durante toda a gravidez de Mellita, sua primeira filha, Melanie Klein foi atravessada por todas as excessivas preocupações imagináveis que sua mãe Libussa podia ter com ela. Acompanhando todas as cartas apresentadas por Grosskurth (1992), podemos perceber Melanie Klein alijada em sua autonomia. Libussa escolhia tudo o que fosse melhor para sua filha: o que era bom comer para o fortalecimento do bebê; para evitar os enjoos; como se portar; o tanto que deveria descansar e, principalmente, as acusações de que Melanie sempre teria sido uma pessoa nervosa e estaria ainda mais nervosa desde que se tornara mãe. Além dessas preocupações, a comparação com a gravidez

de Emilie que fora mãe de um menino um pouco antes é algo que nos provoca irritação ao acompanharmos as cartas íntimas daquela família. Mesmo assim, Melanie não respondia agressivamente a essas cartas, pelo contrário, parecia estar num estado de torpor, atendendo como um autômato todas as exigências maternas.

Em 19 de janeiro de 1904, enfim, nasceu Mellita. Apesar de Melanie Klein nesse período escrever para sua mãe dizendo que estava adorando a experiência da maternidade e apesar de a babá que Libussa conseguira para lhe ajudar nesse processo ser excelente, em sua autobiografia, escrita muitos anos depois, quase no fim da vida, ela escreve um trecho que, para Grosskurth (1992, p. 53), parece bastante sinistro: “Lancei-me o máximo que pude no papel de mãe e no cuidado de minha filha. Sabia o tempo todo que não estava feliz, mas não via saída”. Mas que saída naquele momento havia para as mulheres? Como elas poderiam se emancipar se ainda não podiam, de fato, se sustentar financeiramente? São questões que já levantamos em nosso segundo capítulo, mas que aqui são oportunas de serem retomadas porque certamente devem ter sido questões manifestadas por Melanie Klein naquele momento. Como nos destaca Zaretsky (2006), apesar de um novo modelo de mulher e de sexualidade já terem sido postos em movimento, de fato, antes da década de 1920 poucas eram as chances de, verdadeiramente, expor esses novos campos de desejo naquele mundo Moderno. Podemos pensar que Klein vivia um conflito da ruptura de duas gerações, tinha um pé no terreno das mulheres vitorianas, mas já se colocava no solo do modelo feminino que revolucionaria o mundo no século XX.

Essa limitação no campo feminino se destacava pelo imaginário de Libussa que se apresentava nas trocas de cartas da família. Apesar de essa mulher assumir um posto de coordenação familiar que ia além do tradicional íntimo do cotidiano lembremos que boa parte das finanças da casa era cuidada por ela e em seus desejos expressos ela assumia uma posição feminina bastante conservadora. E são três os pontos principais dessa posição: 1) ela ficara feliz de ter ganhado uma netinha, mas se fosse menino teria sido melhor; 2) já que era uma menina, ela torcia para que fosse menos nervosa que Melanie uma acusação bem típica a muitas mulheres desse período, principalmente aquelas que sofriam de histeria; 3) a gravidez de Emilie foi bem sucedida porque fora acompanhada muito de perto por ela, ao contrário de Melanie, que boa parte da gestação esteve na casa dos pais de Arthur. Eram comentários que Libussa não procurava esconder de Melanie, pois estavam escritos com todas as letras, nas cartas enviadas. Podemos imaginar a sensação de impotência de Klein nesse momento: os desejos intelectuais abandonados; acusação de que não teria controle emocional, pois sempre foi muito nervosa; deu à luz uma menina, sujeito ainda desvalorizado

socialmente, afinal, no futuro, todo um trabalho para lhe arranjar um bom casamento precisaria acontecer... de novo.

Desde o casamento, Klein mudou-se de Viena e passou a viver em diversas cidadezinhas por conta do trabalho do seu marido. Frequentemente ela viajava para a casa dos sogros, cidade que também não tinha um desenvolvimento cultural estimulante para Melanie Klein. Essas recorrentes mudanças duraram até 1910 quando eles se estabeleceram em Budapeste. Durante os anos anteriores e após se firmarem nessa cidade, o estado de ânimo de Melanie Klein deprimiu intensamente. Tanto que boa parte desses anos, incluindo o nascimento dos outros filhos: Hans (1907) e Erich (1914), os cuidados destes foram constantemente deixados para Libussa, que portanto, passou a morar com eles. O que era para ajudá-la no cuidado com os filhos e também nas finanças sempre difíceis de Libussa acabou por intensificar a depressão de Klein. A forma autoritária que Libussa tratava as coisas colocava Melanie como uma inválida (CINTRA & FIGUEIREDO, 2004).

A posição feminina dessa mulher do final do século XIX e começo do século XX ainda se constituía *pela e para* a maternidade. Não havia outra possibilidade de emancipação feminina, de acordo como o que discutimos no nosso capítulo anterior. Segundo Molina (2010), apenas depois da I Grande Guerra é que as mulheres puderam, de fato, ser reconhecidas na sua formação profissional superior; isso porque, até então, elas não estavam autorizadas a ingressarem nas grandes universidades. Por isso a Primeira Guerra Mundial teve um papel muito importante nesse sentido: os homens foram para o fronte e as mulheres começaram a ocupar lugares nas cidades que até então eram inacessíveis. Com o fim dessa guerra “elas não quiseram ser reconduzidas a sua anterior insignificância. Ganharam autoconfiança e provaram que poderiam sim ter um outro papel na sociedade” (Molina, 2010, p. 42). Algo muito parecido aconteceu com Melanie Klein. A posição de maternidade não lhe era confortável. Conduzia-lhe a uma posição submissa que, ao que tudo indica, nunca foi verdadeiramente assumida por ela, mesmo perante sua mãe, que a reconhecia e via como uma pessoa nervosa e se era nervosa, certamente porque deveria responder-lhe ativamente contra os comandos da mãe.

A depressão de Klein, nesse sentido, não significava que seus desejos tinham sido exterminados, mas que ela estava lutando contra um grande desejo que precisava ser sufocado. A sociedade lhe impunha uma condição: a maternidade, mas Klein ansiava por ser reconhecida intelectualmente. A ambivalência desses desejos somada ao afastamento do marido, no início da I Guerra Mundial, fizeram com que Melanie Klein descobrisse um grande sentido na vida - este passava pelo encontro com a Psicanálise.

3.2 MELANIE KLEIN MULHER...

O ano de 1914 foi muito significativo na vida de Melanie Klein. No plano mundial era iniciada a I Guerra Mundial, o que fez com que Arthur Klein se afastasse de casa por conta do serviço militar. No final desse ano, sua mãe Libussa descobriu que estava com câncer e não sobreviveu até o Natal, morrendo em 6 de novembro desse ano. Próximo ao Natal, Klein descobriu, também, que estava grávida de seu terceiro filho, Erich (Grosskurth, 1992). Podemos imaginar a enorme pressão e dor sentida por Klein nessa passagem de ano. Todas as circunstâncias conspiravam contra um futuro feliz: o mundo estava incerto frente a uma guerra de tamanhas proporções; sua mãe estava morta, agora tudo estava sob sua responsabilidade e, além disso, mais um filho precisava receber toda a demanda que, em seu início, sabemos ser necessário. Klein estava sozinha, o mundo parecia apocalíptico, não havia como se deprimir mais, pois a realidade exigia sua responsabilidade que se debruçasse às urgências da vida.

É nesse período de dor que ela conhecia a Psicanálise através de Ferenczi, o médico que começava seu tratamento. Nesse momento Klein descobria um universo exatamente com aquelas três dimensões tão bem sintetizadas por Laplanche e Pontalis (2001): um tratamento, um conjunto de teorias e um modo de investigação. Melanie Klein não poderia se contentar apenas em, de modo passivo, receber um tratamento contra sua depressão. Logo já estava instigada com essa proposta freudiana de emancipação de sujeito frente ao seu desejo. Lendo *Sobre os sonhos* de Freud, Klein percebia que era exatamente aquilo que ansiava por toda a sua vida. Apesar de Erich vir ao mundo no mesmo ano que Klein conhecia a Psicanálise, como bem destacam Cintra e Figueiredo (2004), não seria a maternidade que a tornaria uma mulher feliz. Tão pouco seu casamento. Seria o resgate das suas dores mais profundas que faria com que Melanie Klein se sentisse potente para ser mais ativa e representar a nova mulher que começava a se posicionar no mundo. Nessa terceira tentativa — depois da morte do irmão, do casamento melancólico e, agora, da morte da mãe — que Melanie Klein renascia como mulher.

Se, por exemplo, uma mulher perde o filho, sua dor e sofrimento são acompanhados pela reativação do medo de ser roubada por uma mãe „má“ retaliadora, medo que agora é confirmado. Suas próprias fantasias arcaicas de roubar os bebês da mãe deram origem ao medo e

à sensação de ser punida, o que fortalece a ambivalência e leva ao ódio e à desconfiança em relação aos outros. O reforço de sentimentos de perseguição no estado de luto torna-se ainda mais doloroso porque as relações amistosas com as pessoas, que nesse momento poderiam ser de grande ajuda, são obstruídas pelo crescimento de ambivalência e da confiança (KLEIN, 1940/1996, p. 369).

O excerto anteriormente citado refere-se a *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos* e, como nos destaca Grosskurth (1992), uma parte significativa desse artigo se refere a uma teorização que partiu de suas próprias vivências de luto pela perda de seu filho. Dessa forma, Klein elaborava uma perda incomensurável e, ao mesmo tempo, refletia o quanto esta a fazia retomar outros lutos mais primitivos que, do ponto de vista de sua origem, recaíam nas primeiras relações com a mãe.

Por que insistimos, então, que é nesse exato momento de sua vida que Klein renascia como mulher, também? Porque isso representava esse novo modelo feminino: alguém que se emancipa a partir do seu próprio desejo, que no caso dela se espraia de um campo intelectual e chega ao campo amoroso buscando uma nova paixão, como aconteceria alguns anos depois de seu divórcio. Mas o ponto interessante aqui é que ela começará a se desembaraçar de sua família e a reconhecer claramente que seu casamento não lhe agrada. Novos projetos de vida começam a se tornar viáveis através da Psicanálise e Ferenczi tem um papel fundamental nesse momento (KRISTEVA, 2002).

Segundo Grosskurth (1992), as principais informações de Klein até esse período derivam da sua frequente correspondência com sua mãe. Após o falecimento desta, serão alguns poemas escritos por Melanie Klein que trazem alguns detalhes de da vida da autora que estamos estudando. Segundo Bruni Schling (citado por GROSSKURTH, 1992) é tradutor da obra de Klein, incluindo esses poemas. “Esses textos revelam uma poesia erótica semelhante aos poemas de Else Lasker-Schüler (1869-1954). Além disso, o estilo dos escritos traz uma forma e um ritmo de “fluxo de consciência, não muito diferente da de Arthur Schnitzler e James Joyce, que estavam escrevendo na mesma época” (GROSSKURTH, 1992, p. 77). Sabemos que esses autores, especialmente Schnitzler, são grandes influências e tradutores do novo desejo feminino. Sobre esse autor, é possível perceber a revelação de um feminino ressentido em seus desejos reprimidos, isso porque:

[...] em todos os lugares pode-se perceber uma melancolia crônica que persegue seus personagens, tanto homens como [principalmente]

mulheres. Produzidos não só pela solidão da existência, mas também por uma sociedade decadente, hipócrita e sifilítica que faz dos aristocratas um bando de nostálgicos patetas, chorando a nobreza perdida; dos liberais, novos ricos, mas sem estética, ameaçados pelas intempéries sociais e políticas; e os proletários esquecidos como sempre e para sempre. Mas não há dúvidas que Arthur [Schnitzler] „persegue“ a mulher para poder anunciar melhor esses tempos de convulsão e guerra. Porque ela encarna todo esse período e, cansada, grita para mudar esta ordem de opressão (MOLINA, 2010, p. 68, nossos comentários entre colchetes).

Se Grosskurth compara esses textos a Schnitzler, não é por acaso. Isso porque, como escreve em seguida: “o desejo de morte é, com frequência, tão forte quanto sua fome de viver, oferecendo uma libertação de seus sofrimentos” (GROSSKURTH, 1992, p. 77). E isso marcará o estilo e os temas de Melanie Klein psicanalista. Algo que podemos pensar como um sintoma de uma época. Se essa forma foi muito criticada posteriormente como uma inabilidade, podemos tomar como hipótese que esse estilo tem algo mais, e revela um desejo feminino que ousava se expressar. Como um *acting out*, sua forma e ritmo são intensos, desconcertantes, confusos, mas significantes. Nesse estilo, junto com o método que Melanie Klein iria encontrar na? Psicanálise, podemos já pensar o quanto o conceito de pulsão de morte influenciaria essa autora. Apesar deste conceito só ter sido exposto na década de 1920, com toda a dinâmica que esse mundo Moderno expressava, ele já estava sendo gestado nesse *Zeitgeist* que Klein vivenciava.

Nesses anos de “desabafos semificcionalis”, os sentimentos hostis por Arthur Klein se intensificavam. Segundo Grosskurth (1992), parecem ódios deslocados de Libussa. Isso porque, ao invés de chorar e expressar a dor da morte de sua mãe e, também, reconhecer os sentimentos hostis que ela provocava, Melanie Klein idealizava a sua morte - tanto em período próximo ao acontecimento, quanto em anos bem posteriores quando ela escreve sua autobiografia. Para Klein, sua mãe sempre foi uma figura serena e, enquanto tal, tivera uma morte semelhante. Algo bem destoante da figura que ela foi e da forma dolorosa como morreria. De alguma forma ou de outra, a figura feminina precisava ser protegida na mente de Melanie Klein.

Um pequeno texto de 1916 descreve os sentimentos de uma mulher velando o marido morto. Em vez de dor, para sua grande surpresa, ela

sente júbilo. A morte do marido libertou-a de uma vida de escravidão. Em um poema, „Lamento“, obviamente baseado nesse rascunho não-datado, uma mulher decide deixar o marido por outro homem. Depois de muito implorar, volta a ver o filho. Deixa-se seduzir pelo marido, e ao acordar é dominada pela percepção de que destruiu o próprio futuro: „nunca mais terei coragem de partir. Agora que talvez ele seja o pai de uma criança concebida“ (GROSSKURTH, 1992, p. 79).

Grosskurth se pergunta se Klein alguma vez tentou deixar Arthur enquanto viviam em Budapeste. No entanto, mesmo que o desejo existisse, ela não teria meios financeiros de se sustentar para libertar-se de seu casamento.

Segundo Petot (1991), é possível que a análise de Klein com Ferenczi tenha começado em 1917. Mas, segundo indicações de Grosskurth, é mais provável que ela tenha iniciado seu tratamento logo após a morte de sua mãe, o que seria anterior a essa data. Podemos pensar que essa análise tenha se iniciado, por exemplo, em 1916. Todavia, descartamos a ideia de que essa análise tenha começado muito antes disto (KRISTEVA, 2002).

Nesse período, segundo Petot (1991), Ferenczi praticava a chamada “técnica ativa”. Esta consistia em “injunções e interdições dirigidas ao paciente, [e] podemos supor sem grandes riscos de erro que este homem íntegro e entusiasta, que nunca fazia coisa pela metade, aplicava sua técnica a todos os pacientes e que Melanie Klein foi tratada desta maneira” (Petot, 1991, p. 4; nossos comentários entre colchetes). Nesse sentido, Ferenczi a incentivava a dar importância à vida emocional primitiva, especialmente à contida no universo simbólico das crianças, que Klein começava a abordar. Isso porque, na mesma medida em que ela realizava seu tratamento e compreendia a dinâmica de seus sintomas, ela começava a reconhecer também em seu filho caçula, Erich, sinais de inibição intelectual e bloqueios de curiosidade que eram compreendidos como derivados de recalamentos; uma possibilidade de uma neurose futura. (CINTRA & FIGUEIREDO, 2004). Aos poucos ela começava a aplicar as premissas psicanalíticas com seu filho. Talvez a principal delas tenha sido o amor à verdade e a forma de lidar com as questões sexuais de forma menos hipócrita.

Podemos perceber que Melanie Klein, com mais de 30 anos, recompunha sua vida de forma próxima ao que lhe parecia ser mais verdadeiro. Agora ela não tinha mais sua mãe a lhe dar ordens e ensinar como uma mulher deveria ser mãe. Seu farol é que encontrou através da Psicanálise - passava a ser a verdade que tanto buscava.

Em 1918 Klein já estava muito diferente emocionalmente se comparada aos anos anteriores. Isso porque ela já conseguia participar de uma forma bastante entusiasmada do Congresso de Psicanálise que aconteceu naquele ano em Budapeste. Ali ela pôde presenciar Freud lendo *Linhas de progresso da terapia psicanalítica* e pensar que sua entrada nesse universo aconteceria pelo trabalho com crianças. Isso porque, como sabemos, nesse texto freudiano o autor reflete sobre outras vias de tratamentos derivadas da Psicanálise clássica (com adultos) que poderiam beneficiar um maior número de pessoas. Nesse sentido, Klein começava a apostar nas crianças como uma forma inovadora que atenderia essa reflexão de Freud. No ano seguinte Klein já estaria fazendo sua primeira comunicação psicanalítica derivada de suas observações de seu filho Erich, na Sociedade de Psicanálise da Hungria (GROSSKURTH, 1992). Nesse momento, a mulher Melanie Klein já estava estabelecida emocionalmente para ousar ser uma psicanalista.

3.3 MELANIE KLEIN PSICANALISTA

Essa primeira apresentação de Melanie Klein na Sociedade de Psicanálise da Hungria foi muito elogiada por Ferenczi e por Anton Von Freund. Um abastado analisando de Freud que teve um papel muito importante nas publicações psicanalíticas de Viena ao financiá-las, especialmente em um momento de crise econômica como foi o da Primeira Guerra. Contudo, esse último psicanalista não deixou de fazer alguns comentários críticos importantes que ajudaram Klein a crescer, ainda mais em sua aspiração psicanalítica. Freund destacava que suas intervenções não tiveram um caráter psicanalítico. Sugeriu que ela reservasse um tempo para o exercício, por exemplo, uma hora específica do dia para este tipo de conversação (PETOT, 1991). O que entendemos que era uma crítica construtiva que a incentivava ainda mais a praticar a Psicanálise.

Foi uma apresentação obviamente bem incipiente, pois até aquele momento ninguém havia lhe ajudado ou feito alguma supervisão de suas observações. Ferenczi, talvez para não ultrapassar demais sua posição de analista de Klein, limitou-se a encorajá-la e havia lhe emprestado alguns livros (PETOT, 1991). Mas, apesar dessa apresentação ter sido bastante iniciante, no ano seguinte no Congresso Psicanalítico de Haia (1920), Ferenczi apresentou-a a Karl Abraham que ficou bastante entusiasmado com seu trabalho. Tanto que, apesar de seu jeito mais reservado, ele convidou-a a se mudar para Berlim e começar a praticar a Psicanálise

com criança por lá. O potencial de Klein era acompanhado dentro e fora da clínica. Ferenczi percebia que estava com alguém diferenciada e buscava incentivar esse potencial.

De acordo com Petot (1991, p. 31):

Parece-nos que as aquisições de maior importância efetuadas por Melanie Klein na análise de seu filho são essencialmente de ordem metodológica. Erich não apresenta os sintomas maciços cuja compreensão resultará na construção dos conceitos propriamente kleinianos, mas sua educação difícil permitiu elaborar progressivamente as ferramentas (dispositivos técnicos e primeiras noções teóricas) que deviam possibilitar à sua mãe abordar os primeiros casos verdadeiramente difíceis.

Ainda segundo esse autor, algumas marcas dessa época permaneceriam em seus trabalhos futuros como, por exemplo: a percepção de que os melhores métodos pedagógicos não são suficientes frente a algumas fantasias; a profundidade e a intensidade da culpa, já em idade precoce; a inter-relação entre o brincar e o fantasiar; a necessidade da elaboração através da interpretação, com destaque à interpretação da ansiedade.

Nesse mesmo Congresso, Klein também conheceu Hermine Von Hug-Hellmuth, considerada a principal psicanalista de crianças naquela época.

Segundo Grosskurth, o único texto de Klein que menciona seu divórcio é sua autobiografia, que diz que Arthur Klein fora trabalhar na Suécia em 1919. Ao fazermos as articulações dos elementos históricos desse período que são: a menção do trabalho do marido; a viagem a Haia; o convite de Abraham e os textos autopoéticos do período; percebemos que seu casamento já estava praticamente terminado. Isso porque ela não acompanhou o marido nessa nova mudança, permitindo que ele se instalasse naquele novo país onde ele viveria até seu falecimento anos mais tarde. Além disso, a Psicanálise se mostrava como seu maior desejo e encantamento naquele período. Certamente o casamento já não competia mais com essas aspirações promissoras.

Apesar das contradições que as correspondências indicam, Klein insiste que seu divórcio ocorrera em 1922. Segundo Eric Clyne R nome que Erich adotou ao se tornar adulto, como uma forma de se livrar de suas origens judaicas e melhor se instalar na Inglaterra. Isso ocorreu em 1925 ou 1926. Segundo Grosskurth (1992), isso não se tratava de um mero lapso de memória, mas uma tentativa deliberada de cobrir uma série de acontecimentos no meio desse caminho.

Antes de partir para Berlim, pensou muito sobre a vida. Sabia que tinha que construir um nome dentro da Psicanálise para se estabelecer. Abraham começou a parecer um importante norte intelectual para esse novo começo. Mas para isso, deveria começar a publicar mais artigos que se destacassem. A análise que ela fez de Erich foi retomada também com esse interesse de uma profundidade mais sólida. Suas observações sobre seu filho começaram a ganhar uma profundidade e a autora passou a ser reconhecida. Como havia recomendado Von Freund, o rigor científico começava a ser mais buscado por Klein. Erich apareceu em seu primeiro artigo como Fritz, filho de uma conhecida que Klein começava a ajudar através da Psicanálise. Tratava-se de *O desenvolvimento de uma criança*, de 1921. É um artigo que revela Klein bastante absorta pelas questões fantásticas da criança. “Ainda bastante sob a influência de Freud, Klein atribuiu os problemas do filho aos desejos incestuosos recalcados em relação a ela. Estaria ela tão fascinada que não conseguia ver a floresta em lugar das árvores?” (GROSSKURTH, 1992, p. 106). Sobre essa questão concordamos que Klein deixava de fora muitos elementos externos que se referiam ao caso. Mas como procurava ter bases mais sólidas como psicanalista, procurou ocultar esses detalhes tentando se autopreservar. Klein ainda não tinha pacientes-clientes, só tinha os próprios filhos que lhe serviram como porta de entrada para o universo psicanalítico.

A mudança para Berlim é bastante complexa. Suas explicações a Ferenczi sobre isso são bastante banais, dizendo que gostaria de ficar com os filhos no final do ano de 1920 nos Montes Tatra. Contudo, já estava planejado que, em janeiro do ano seguinte, ela iniciaria seus primeiros contatos com a *Poliklinik* de Berlim. Em carta a Jones, Ferenczi reclama de que ela deveria ter informado melhor seu desligamento do grupo de Budapeste. Mas se ele realmente ficou ofendido com sua saída sem muitas explicações, não é possível termos certeza, uma vez que no Congresso de 1922, em Berlim, ela fora vista caminhando de braços dados com Ferenczi. Em 1924 no Congresso de Salzburgo, Ferenczi publicamente elogia a participação de Klein (GROSSKURTH, 1992).

Melanie Klein chegava a Berlim em janeiro de 1921. No ano seguinte, já estava na lista dos psicanalistas da Sociedade Psicanalítica de Berlim, onde começava a trabalhar na *Poliklinik*.

Devemos destacar que esses anos que Klein viveu em Berlim são os anos que lhe trazem suas bases mais importantes. Isto porque, como muito bem destaca Petot (1991), são os anos que Melanie Klein atendeu os casos clínicos contidos em *A psicanálise de crianças*, que são: Ruth, Trude, Peter, Erna e, é claro, Rita. Particularmente essa última paciente citada tem um papel fundamental. Por quê? Porque foi com ela que Klein começou a trabalhar

exclusivamente com a técnica do brincar. Além disso, naquele momento, Klein atendia Rita em casa e sua inibição em participar da análise só foi superada através da ajuda dos próprios brinquedos da menina de dois e meio anos. Segundo Petot (1991), foi um fenômeno espontâneo que transformou em uma técnica planejada. Algo muito semelhante ao que acontecera com Breuer e Freud nos primórdios da Psicanálise. Anna O. e Emmy Von N. impuseram aos seus médicos um silêncio necessário pois suas perguntas frequentes lhes perturbavam o curso de suas associações. No caso das crianças como Erich ou Rita, o excesso de perguntas também lhe perturbavam suas associações que, de forma natural, acontecia nas suas brincadeiras.

Em setembro de 1922 acontecia o Congresso Internacional de Psicanálise em Berlim. Nesse momento, Klein já estava participando com a exposição de um artigo que reunia essas ideias que acabamos de destacar anteriormente, que já se mostravam originais. Segundo Petot (1991, p. 7)

Freud está presente e lê um texto que permaneceu inédito: „Algumas notas sobre o inconsciente“. Este será seu último congresso. O nível científico do conclave é particularmente elevado, dando motivos para sonhar: Abraham lê seu texto sobre a melancolia; Ferenczi apresenta e resume *Thalassa*; Géza Róheim lê „Após a morte do pai primitivo“. Melanie Klein experimenta imensa alegria em ler, na presença de Freud, um artigo intitulado „O desenvolvimento e a inibição intelectual das aptidões na criança“, que mais tarde será o essencial da „Análise de crianças pequenas“.

Não é difícil imaginar como Klein se sentiu naquele momento. Ela estava presente entre os nomes mais ilustres da psicanálise daquele período. Além, é claro, de a própria psicanálise ser uma das maiores expressões de pensamento de vanguarda da época, apesar de todas as controvérsias que ela trazia desde seu início.

Cada vez mais, especialmente no destaque sobre o sadismo e as fantasias que giravam em torno dele, Klein se aproximava teoricamente de Abraham (1921/1970; 1924/1970), isso porque, tal como seu segundo mestre, buscava aprofundar a teoria freudiana e, para isso, seus exemplos extraídos da clínica ganhavam uma característica cada vez mais concreta. Além disso, Grosskurth (1992) destaca que havia naquele momento fortes invejas e rivalidades entre esses pioneiros da Psicanálise que, apesar da recorrente polidez, sempre

guardavam uma quota significativa de ressentimento que tendia a aparecer em determinadas circunstâncias.

Esses aspectos abordados por Klein, além da própria Psicanálise com crianças já começava a trazer um mal-estar em Berlim que seguia uma forte tradição da psicanálise de Viena. Grosskurth aponta ainda que o caso Felix R que se tratava das observações e intervenções de seu filho Hans e que foi publicado em 1923 com o nome *O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança* R é uma marca da mudança de mentor. Nesse texto, apesar de Melanie Klein concordar com Ferenczi que o tique é um equivalente da masturbação, discordava de seu primeiro mestre de que esse sintoma seria uma expressão de um narcisismo básico. Nesse texto Klein já começava a evidenciar a importância das relações objetais iniciais na construção do sintoma, e isso já era uma marca de Abraham a partir de seu texto *Contribuições à Teoria do Caráter Anal*, lido para a Sociedade de Berlim em 1921.

No ano seguinte, em 1924, no Congresso em *Würzburg*, após ouvir a exposição do atendimento da pequena Erna, que teve como título *Extrato da análise de uma neurose obsessiva numa criança de seis anos*, Abraham declarou no debate que se seguiu, a famosa frase em apoio a Klein, de que “O futuro da psicanálise reside na psicanálise de crianças” (PETOT, 1991, p. 9). Klein, nesse momento, procurava atender seus pequenos pacientes (filhos ou não) à moda freudiana, com objetividade e distanciamento clínico. Da mesma maneira que o autor ao expor o caso Dora, refletia sobre a dificuldade em se falar de temas como sexo com moças jovens, Klein buscava seguir esse conselho do inventor da Psicanálise e, sem pudores hipócritas, chamava as coisas que geram pruridos nos adultos pelos seus verdadeiros nomes. Se fosse necessário falar de pênis, vagina ou outros elementos corpóreos que provocam vergonha, mas que atizam a curiosidade, Klein não hesitava em tratá-los. Claro, ela havia percebido que com crianças devemos preservar os nomes que elas mesmas usam para que não se provocassem confusões semânticas. Mas no fim das contas, valia o que Freud (1905/1996) dizia: “*J’appelle un chat un chat*”. Era o apreço pela verdade que Klein buscava manter. Mas que já trazia um incômodo para aquela Sociedade.

Grosskurth (1992) nos pergunta se Klein tinha realmente uma dimensão sensata do que estava fazendo naquela época, especialmente sobre a análise¹³ de seus filhos. No entanto, como Grosskurth mesmo destaca e que concordamos, “O fato é, porém, que toda a sua obra futura foi baseada, não só na compreensão da angústia de seus filhos, mas também na

¹³ Devemos destacar, como fizemos em outro trabalho (Klipan, 2009), de que não se tratava de uma análise *strictu senso*, mas de uma orientação de inspiração psicanalítica. Naquele momento Klein estava mais próxima de H. Hug-Hellmuth e do que começava a fazer Anna Freud. Contudo, sua perspectiva mudaria ao longo do tempo como iremos acompanhar.

percepção dos erros que cometera ao analisá-los” (GROSSKURTH, 1992, p. 109). Essa autora ainda se indaga se Klein, nas altas horas da noite, não se perguntaria se tudo aquilo não teria causado um dano irreparável às suas crianças. Uma pergunta que pode ter feito parte do foro íntimo de Klein, mas que destoava das suas publicações teóricas, porque cada vez mais ela iria mergulhar no que ela compreende como profundezas do psiquismo.

Se seus filhos serviram como meras cobaias ou não, Grosskurth nos lembra bem que de seus comportamentos ela “aprendeu muito sobre as origens da angústia e sobre como esta impedia o desenvolvimento, conhecimento que incontestavelmente contribuiu para a sua compreensão de outros jovens pacientes: Rita, Trude, Dick, Richard e crianças atormentadas a quem ela sem dúvida ajudou” (GROSSKURTH, 1992, p. 110). Esse tempo é o que Petot (1991) chama de sistema *proto-kleiniano*: um momento ainda não plenamente psicanalítico, mas que serviria como uma base fundamental para o seu pensamento posterior, como já estava acontecendo com o atendimento das crianças contido em *A psicanálise de criança*.

Além disso, os anos em Berlim, com a ajuda de Abraham, ela aprendeu a escrever relatos clínicos. São relatos que já mostram uma estilística bem diferente das descrições vagas e ainda teoricamente incipientes dos casos de suas primeiras crianças. Não apenas sua teoria estava crescendo, mas seu estilo estava se consolidando.

Apesar de se considerar uma freudiana ortodoxa, na verdade, Klein desde cedo compreendia muitas propostas desse autor a sua maneira. Um exemplo é o da pulsão de morte que, enquanto para Freud isso tinha uma natureza bastante biológica, para Klein era uma atividade destrutiva que ela percebia nas crianças que atendia. “Para ela, uma pulsão não era um estímulo sem direção, causador de tensão, só secundariamente ligado a um objeto. Ela encarava tanto a libido quanto a agressividade como ânsias essencialmente direcionais, e as pulsões eram na verdade relacionamento” (GROSSKURTH, 1992, p. 118). Com essa sua interpretação freudiana própria, algumas críticas começaram a surgir dentro da Sociedade de Berlim. Ela buscava se defender dizendo que Abraham nunca foi considerado um herege, apesar deste autor ter trazido importantes contribuições que aprofundavam a compreensão dos objetos mais internos e primitivos. Para Klein, ela estava fazendo o mesmo, avançando naquilo que Freud mesmo havia proposto.

Nesse período que Klein se tornava uma psicanalista, sua filha era uma adolescente bastante inteligente. Havia certa flexibilidade dentro da Sociedade de Berlim, o que permitia que Mellita, aos 15 anos, pudesse frequentar suas reuniões. Pouco tempo depois ela já estava cursando Medicina e se interessando cada vez mais pela Psicanálise. Segundo Grosskurth

(1992), quando Mellita começou a namorar seu futuro marido e a cursar Medicina, Klein ainda se sentia uma mulher bonita que achava que sua juventude fora desperdiçada. Ali estava Mellita, uma menina franzina, cursando medicina. É algo que sua mãe não conseguira. É namorando um rapaz bonito, rico e próximo da família de Max Eitington, com quem a jovem estudante estava fazendo análise didática. Um palco perfeito para as invejas de uma mãe por sua filha. Talvez essas invejas tenham sido a base de toda o ódio e ressentimento que Mellita demonstrou anos depois.

Outro ponto importante a se destacar desses anos berlinenses é que Melanie Klein foi analisada por Karl Abraham. Ao que tudo indica, sua análise com ele começou no início de 1924 e chegou ao fim em maio de 1925 quando este começou a adoecer. Uma característica interessante apontada por Grosskurth sobre a forma de analisar de Abraham, e que marcaria o estilo posterior de Melanie Klein, é que esse analista tinha uma postura fria e distante. Era comum que ele pedisse que seus analisandos, que também era analistas, adiassem suas publicações para depois das suas. Além disso, parece que muitas de suas interpretações eram deliberadamente cessadas enquanto ele não realizava suas publicações. Havia um medo de plágio ou de que suas ideias fossem roubadas. Isso evidencia bem uma forte rivalidade que naquele período existia entre os pares de analistas (GROSSKURTH, 1992).

Em 22 de abril, no 8º Congresso Internacional, em *Salzburg*, Klein apresentou um artigo bastante polêmico sobre a técnica de análise infantil. É que foi publicado de forma mais completa em *A psicanálise de crianças*. É um artigo que começava a questionar o Complexo de Édipo tal como Freud o concebera. Grosskurth (1992, p. 125) destaca que:

O desenvolvimento sexual constitucional é desencadeado por esses traumas iniciais. A identidade sexual é, em última análise, a aceitação da própria realidade pelo indivíduo. O ato sexual é concebido por ambos os lados em termos orais, e no nível mais profundo a mãe é vista como a terrível castradora. Aqui estava a heresia, na verdade: a mãe estava substituindo o pai como base das neuroses.

Tal estudo chamou muito a atenção de Ernest Jones, que lhe pediu pessoalmente que fosse a Londres expor essas suas ideias inovadoras em uma semana de conferências. Essa ideia de traumas mais primitivos e um lugar de destaque para a figura materna era algo pelo que Jones já havia começado a se interessar naquele período.

Em 1925, pouco após a interrupção de sua análise com Abraham, por causa da saúde deste, Klein viajou para a Inglaterra para proferir essa série de conferências que haviam sido

requisitadas no ano anterior. Ficou por cerca de seis semanas que foram, por ela mesma reconhecida, como um dos momentos mais felizes de sua vida. Isso porque suas palavras foram calorosamente acolhidas naquele momento (PETOT, 1991). No entanto, quando ela retornou a Berlim, viu que a saúde de Abraham havia piorado muito, levando-o à morte. Segundo Petot (1991, p. 10):

Quando este morre, o luto é certamente longo e penoso: Melanie Klein comumente tão ativa, não faz mais nenhuma comunicação e não publica nenhum artigo até o fim de 1928 com exceção dos „Princípios Psicológicos da análise de crianças pequenas“ publicado em 1926, mas provavelmente redigido ou pelo menos iniciado em 1924.

Nesse sentido, podemos perceber o quanto Abraham a influenciava, dando-lhe a continência necessária para a sua condição produtiva. Abraham era sua base emocional e científica em Berlim. Com sua perda, era muito difícil suportar a Sociedade berlinense que, cada vez mais, assim como a de Viena, começava a se opor as suas ideias. As propostas da Sociedade Britânica para ela se mudar para Londres e que desde sua ida para lá se oficializaram e se tornavam cada vez mais oportunas e interessantes. Até que no ano seguinte, aos 44 anos, ela aceita ir para Londres e fazer, novamente, uma grande mudança em sua vida.

Nesse tempo em que viveu em Berlim, é importante que destaquemos, ocorreram algumas mudanças pessoais bastante marcantes. Melanie Klein retomou sua autoestima, começou a frequentar bailes e a se vestir buscando acompanhar as tendências da moda. Algo que há alguns anos deixara de lado por conta de sua depressão. Especialmente quando seu marido se mudou para a Suécia, Klein parece que se sentia livre para colocar em curso todos esses seus desejos, sejam os mais intelectuais ou os mais voltados ao entretenimento. Tanto que na primavera de 1925 começou a frequentar aulas de dança, onde conheceu o jornalista, também casado, Chezkel Zvi Kloetzel. Rapidamente ela se apaixonou por Kloetzel e começaram a ter um romance escondido, mesmo depois que ela se divorciou. Isso porque, ao que tudo indica (GROSSKURTH, 1992; KRISTEVA, 2002), ele não se ligou amorosamente da mesma forma que Klein. Contudo, parece que ela exercia uma atração sexual muito forte sobre ele, porque mesmo depois da mudança de Klein para a Inglaterra, eles continuaram se encontrando por alguns anos, como disse Eric Clyne pessoalmente a Grosskurth (1992), por se saber que ele fazia visitas regulares para Melanie Klein. Mas, Kloetzel não se mudou para Londres, como queria Klein. Não conseguindo arrumar trabalho na Inglaterra, ele se mudou

para a Palestina. Segundo Grosskurth (1992, p. 159) “Melanie Klein era intensa demais, séria demais, deprimida demais para o tipo de ligação leviana que Kloetzel tinha em mente”. Nesse sentido, “O homem que ela sempre considerou o amor de sua vida parece ter encarado o relacionamento dos dois como uma dentre uma séries de aventuras insignificantes” (1992, p. 159).

Apesar desse relacionamento ter sido muito idealizado por ela, Klein talvez tenha sonhado em viver com Kloetzel na Inglaterra. Tanto que, um ano depois, ela aceitaria o convite de Jones para residir em Londres e começar a trabalhar naquele país. Seu casamento, nesse sentido, já estava acabado. Acreditamos que foi a sua possibilidade de pôr em prática sua fantasia e desta forma revelar a fonte onde Klein retirava a energia para um recomeço. Agora poderia viver um amor escolhido por ela, e não por conveniência. Era reconhecida em seu trabalho e tinha à vista um futuro promissor enquanto psicanalista. Restava saber se o teste da realidade permitiria prosseguir com suas fantasias.

Em setembro de 1926, Melanie Klein chegou à Inglaterra. De início, ficou em várias residências provisórias. Ao final do ano encontrou um apartamento na *Crawford Street*, não muito longe do Instituto de Psicanálise, na *Gloucester Place* (GROSSKURTH, 1992). Junto com sua bagagem, trouxe algumas teses que, diferentemente dos berlinenses e vienenses R é aqui podemos destacar os Freuds, que influenciavam fortemente as duas Sociedades R foi prontamente aceita pelos britânicos. Pelo menos naquele momento inicial. Uma delas se referia à questão da inibição intelectual que ela já vinha refletindo há alguns anos. Petot (1991, p. 14) nos destaca que, mesmo quando seus objetivos psicanalíticos eram muito mais pedagógicos, ela já pensava e propunha que:

[...] Só é verdadeiramente normal uma atividade intelectual que comporte a capacidade de cobrir a extensão do campo dos interesses e a capacidade de penetração aprofundada, aplicável tanto ao domínio prático como ao domínio científico e especulativo, integralmente subordinada ao teste de realidade e liberada, em particular, da ilusão religiosa.

Nesse sentido, a criança, com o auxílio dos adultos, forja a ideia de um Deus que a protegeria de seu desamparo em face do mundo, como uma mãe onipotente que protegeria o lactante. Vejamos como a ideia do feminino como elemento primitivo se destaca no pensamento dessa autora desde o início. Eram exatamente essas novas propostas R além de

uma técnica que já estava cada dia mais apurada R e que se opunham à ideia patriarcal de Freud, que chamou a atenção de Ernest Jones, o grande representante da Sociedade Britânica.

Além dessa tese mais inicial, Melanie Klein já havia produzido uma série de outras desde o seu tempo de permanência em Berlim. Segundo Petot (1991) são teses que, de uma forma ou de outra, já estavam presentes desde suas primeiras publicações e formam aquilo que esse autor chama de *sistema protokleiniano*.

Vamos enunciar essas teses sintetizadas por Petot e trataremos de fazer alguns comentários sobre elas. A primeira: “*Toda conduta e toda atividade psíquica são modos de atuação ou de expressão de fantasias inconscientes ou pré-conscientes*” (PETOT, 1991, p. 42). Sobre isso, podemos pensar junto com o autor que desde o início a noção de fantasia para Klein já se diferencia da de Freud. Se para o criador da Psicanálise a fantasia tinha um caráter de regressão da libido, de reminiscência, para Klein as fantasias seriam os conteúdos primários dos processos psíquicos inconscientes. Anos mais tarde, com a ajuda de Susan Isaacs (1952/1982), a autora pensa na fantasia como a única possibilidade de representação da pulsão.

A segunda tese diz que “*Todas as fantasias conscientes são derivações ou variantes das fantasias masturbatórias conscientes e inconscientes*” (PETOT, 1991, p. 45). Nesse aspecto, Klein acreditava que estava sendo freudiana ortodoxa ao pensar que as fantasias eram essa representação da realidade psíquica. Tendo a realidade psíquica força de produzir um sintoma, para ela, então, as fantasias tinham a mesma importância da realidade externa compartilhada, a que estaria mais próxima do que chamaríamos consciência.

A terceira tese enuncia que “*As fantasias masturbatórias são, elas mesmas, variantes ou derivações da cena primitiva, real ou fantasiada*” (PETOT, 1991, p. 46). Aqui Klein começava a dar destaque aos aspectos agressivos que, posteriormente, seriam representados pelo conceito de pulsão de morte, algo que se destacaria em sua obra. Essa tese freudiana sobre as pulsões não agradava muito as Sociedades do continente, mas na Inglaterra foi muito bem aceita; talvez pela própria forma como ela havia chegado lá: por Jones e Klein.

Contudo, devemos destacar que apesar de na década de 1920 ela já estar percebendo esses elementos agressivos, apenas após sua síntese de 1932, *A psicanálise de criança*, é que Klein deixaria isso mais explícito. Um exemplo de como Klein já se interessava por essa questão pode ser encontrado na análise que Frank & Weiss (1996) realizam do manuscrito do caso da pequena Erna e de como Klein o transformou, da época do atendimento até sua publicação.

“*Toda conduta ou aptidão não desenvolvida é inibida em razão da ansiedade suscitada pela repressão das pulsões libidinais que as subtendem por intermédio de um tipo particular de fantasias masturbatórias*” (PETOT, 1991, p. 46). Esta quarta tese nos apresenta a sua compreensão de recalçamento. Klein ainda acompanhava Freud em sua primeira teoria da angústia, e pensava-a como um derivado do recalçamento, uma espécie de efeito tóxico (RAMOS, 2002). Posteriormente, Klein adotaria e passaria a pensar o recalçamento como derivado da própria angústia. Nesse sentido, ela assumiria um Freud a partir de *Inibição, sintoma e ansiedade* (1926/1996), onde esse autor concebia a angústia como a produtora do recalçamento e não seu efeito colateral. Essa segunda teoria da angústia trazia um destaque maior ao ego na dinâmica psíquica, especialmente na forma como ele se inibiria para lutar contra as pressões pulsionais. Sobre isso, o ponto de destaque e mais controverso da teoria kleiniana seria o reconhecimento de que, desde o início da vida psíquica, existiria um ego rudimentar para agenciar essa dinâmica.

A quinta tese apontada por Petot (1991, p. 47) nos diz que “*Os progressos do tratamento e do desenvolvimento baseiam-se na liberdade da atividade da vida de fantasia. O tratamento psicanalítico é uma reeducação da capacidade de fantasiar*”. Klein naquele momento pensava isso como uma espécie de educação mais esclarecida. A ideia original da autora residia na concepção de que na educação não se deveria aumentar o fardo da criança com exigências mais severas; pelo contrário, a Psicanálise deveria privilegiar uma maior flexibilidade e, em consequência, gerar um alívio para a criança. Nesse sentido, Klein já percebia a culpa intensa que a criança carregava, o que seria mais bem sistematizado na Inglaterra quando ela teorizaria sobre a existência de um superego primitivo.

A partir disso, Petot (1991) pensa que os anos de 1921 a 1923 e, principalmente, o período que viveu em Berlim permitiu a Klein já ter elaborado uma teoria explícita e precisa sobre a inibição, a sublimação e a simbolização sob um ponto de vista metapsicológico. As concepções kleinianas chegavam ao ponto de que a análise daria para a criança condições de se desenvolver de forma mais harmoniosa. Era exatamente esse o aspecto original de sua obra que tanto chamava a atenção dos ingleses.

Apesar disso, um dos aspectos que a autora precisou aprimorar ao se mudar para Londres além do novo idioma que foi um dos maiores empecilhos. Refere-se ao seu estilo de texto. De acordo com Petot (1991), o estilo de seus textos e a forma de escrevê-los em seu início, quando tinha entre 37 e 41 anos, era marcado por uma intensidade típica dos jovens artistas. Petot compara aos gênios Mozart, Keats, Shelley e Rimbaud onde a maior parte do trabalho parece se compor inconscientemente. Nesse período, Klein praticamente publicava

os seus artigos no momento em que os redigia, sem uma maior revisão, como seria sua característica posterior. Segundo Elliot Jaques (citado por PETOT, 1991, p. 81) é após esse período e crise da meia-idade que sua criatividade teria uma característica mais “esculpida”. Era algo que realmente se chocaria com a forma e a tradição empirista da Grã-Bretanha. Por outro lado, como nos destaca Andrade (1998), foi justamente esse estilo de escrita que tinha como característica uma apresentação *reificada e quase concreta* do mundo interno, que permitiu que suas ideias fossem tão bem aceitas e divulgadas nesse país. Apesar de sua construção teórica não se pautar no rigor da metodologia empirista é o que leva Andrade a não concebê-la como tal é o seu estilo próprio de trabalhar com ideias intuitivas trouxe uma grande novidade para aquela cultura que se encantara com a Psicanálise. Aliás, devemos frisar que a própria Psicanálise e seu objeto de estudo, o inconsciente, já haviam modificado o modelo naturalista de ciência.

Segundo Petot (1991), Klein cita a influência de H. Hug-Hellmuth como precursora do trabalho psicanalítico com crianças, porém ela não apresenta os trabalhos de Sigmund Pfeifer que já estava fazendo através de observações psicanalíticas com crianças, no mesmo período que Hug-Hellmuth. Petot (1991, p. 94) destaca ainda que:

Enquanto Pfeifer se interessa pelo brincar como expressão do inconsciente, sob um ponto de vista puramente científico, H. Von Hug-Hellmuth vê nele um procedimento que permite nublar a consciência e colocá-la entre parêntese. A técnica kleiniana do brincar efetua a síntese destas duas concepções, porém lhes acrescentando a interpretação, a única apta a produzir efeitos especificamente psicanalíticos.

A grande marca kleiniana que também foi um ponto de destaque na Sociedade Britânica foi a sua forma de interpretar, caracterizada por uma hipersensibilidade, capacidade de *insight* e uma intensa identificação com a criança. Derivada dessa originalidade técnica também estava a forma de compreender e conduzir a transferência que, para Klein, aconteceria muito rapidamente com a criança. A outra originalidade de Klein nesse campo se assenta na sua valorização dos aspectos positivos e negativos desta transferência. Aqui o sadismo e a agressividade são colocados em mesmo nível de relevância da libido.

No mesmo período que Melanie Klein estava praticando a Psicanálise com crianças, Anna Freud (1971; 1972; 1980)¹⁴ também iniciava seu trabalho psicanalítico infantil. Contudo, as divergências teóricas dessas autoras começavam a aparecer cedo e se intensificavam quando Anna Freud começava a participar da Psicanálise britânica. Isso porque como Ernest Jones era amigo íntimo da família de Sigmund Freud, ele não poderia deixar de trazer as construções de Anna Freud para a Inglaterra. Sobre isso, Jones começou a se posicionar em um terreno bastante ambivalente: se por um lado ele confiava na teoria e na pessoa de Melanie Klein, ao ponto de ela analisar seus filhos, por outro se sentia em dívida com os Freuds. Aliás, em sua postura diplomática, ele sempre buscava conciliar com o criador da psicanálise as novas ideias com que Freud não concordava.

O maior ponto de divergência do trabalho dessas autoras se refere à premissa de que, para Anna Freud (1980), uma criança não poderia ser analisada na mesma profundidade que um adulto. Para Anna Freud, como a criança ainda estaria em pleno curso edípiano, suas angústias ainda seriam reais, com os pais reais, e não angústias mobilizadas pelo superego que ainda não estaria formado. Neste sentido, a relação da criança se daria com os pais *reais*, não havendo espaço para o aparecimento da transferência.

[...] Por transferência entendemos todos aqueles impulsos experimentados pelo paciente, em sua relação com o analista, que não são uma criação nova ou recente da situação analítica objetiva, mas têm sua origem em relações remotas (de fato, primordiais) com o objeto e são agora meramente revividos sob a influência da compulsão de repetição (A. FREUD, 1972, p. 16).

Nesse sentido, para a realização do tratamento psicanalítico, nas concepções annafreudianas, haveria a necessidade de um desenvolvimento egóico mais estabelecido, uma vez que esta autora entende que as crianças não reconheceriam o próprio sofrimento, necessitando sempre da mediação de um adulto, seja para isso ou mesmo para poder fornecer aquele material derivado da regra fundamental (associação livre) que, no atendimento infantil,

¹⁴ Houve uma dúvida para localizarmos exatamente o ano da publicação original de cada obra. As datas presentes nas edições brasileiras como correspondentes ao *copyright* divergiam das indicações dos biógrafos que utilizamos e, até mesmo, das versões utilizadas pela própria Melanie Klein. Por exemplo, nas referências gerais de alguns textos de Klein, a autora critica o livro *The psychoanalytical treatment of children* da versão da Imago de Londres de 1946, mas que teria sido publicado em 1927. Nesse livro de Anna Freud, os capítulos são indicados como tendo sido publicados em 1926. Não há menção nos outros livros que estamos utilizando quanto às versões originais. Desta forma, acreditamos que a saída que geraria menos dúvida seria apresentarmos apenas o ano da versão brasileira que utilizamos; lembrando que Anna Freud publicava em período semelhante à Melanie Klein.

fica impossibilitado. Desta forma, para a autora, o trabalho psicanalítico com crianças se referiria mais a observações do que a um tratamento propriamente dito (FREUD, 1971).

Contrariamente a essa perspectiva, Klein procurou rebater com mais veemência essas proposições de Anna Freud em dois textos: *Simpósio sobre análise de crianças* de 1927 e, posteriormente, boa parte da introdução de *A psicanálise de crianças*, de 1932, dedicado a apresentar os pontos de discordância com a teoria de Anna Freud. Segundo Petot (1991), o ponto central que deriva toda a diferença das duas propostas é que, para Melanie Klein, a transferência já estaria atuando em crianças pequenas, mesmo com seu ego ainda pouco desenvolvido. Isso porque, para esta autora, todas as relações, mesmo as “reais”, seriam também transferências. Isso levava Klein a ter de antecipar boa parte dos elementos psíquicos como o superego e o complexo de Édipo. A imaturidade egóica não era vista, então, como um problema, mas como uma facilidade para se atingir zonas mais profundas do psiquismo (KLEIN, 1932/1997).

Não pretendemos fazer aqui, neste capítulo, uma exposição pormenorizada desses elementos teóricos inovadores que Klein inseriu no campo psicanalítico, mas é importante destacar o que Petot (1991, p. 118) nos aponta em relação à forma como ela os construiu, por exemplo, sobre o superego:

A tese kleiniana da precocidade do superego é, portanto, imposta de início pela clínica; é totalmente independente, no começo, de uma problemática das origens ou dos precursores do superego: as interpretações comunicadas a Rita atestam realmente a existência deste momento em que o superego arcaico é ainda concebido como temor do Talião, devido a uma agressividade referida à hostilidade edipiana. É apenas num segundo momento que o aprofundamento da descrição do sadismo acarreta a retomada e a refusão das hipóteses de Ferenczi e de Abraham, das quais a moral esfínteriana, a ansiedade sádico-oral e a culpa sádico-anal são naturalmente relacionadas à operação de um superego já presente.

Neste sentido, seus primeiros anos londrinos seriam dedicados ao aprofundamento desses elementos clínicos que se sintetizam na preparação da redação de *A psicanálise de crianças*. Se por um lado ela começava a se distanciar mais claramente de algumas posições de Anna Freud e do próprio Freud, por outro ela constituía uma corrente de pessoas interessadas e colaborativas com seu trabalho. Essa corrente, então, passava a ser a “cara” da

Sociedade Britânica que começava a se tornar uma escola de psicanálise própria, com diferenças significativas da Psicanálise praticada no continente. O clima na ilha era bom, mas provocava discordância entre os psicanalistas do continente, especialmente em Freud. Ernest Jones era o porta-voz e a ponte entre a Sociedade Britânica e as outras Sociedades de Psicanálise. Em alguns momentos S. Freud reclamava de como ele conduzia as coisas de maneira a desvalorizar o trabalho de Anna Freud (PETOT, 1991). Contudo, com sua postura diplomática, esses mal-estares sempre eram revertidos e Jones conseguia acalmar os ânimos dos Freuds. Mas conforme os anos se passavam e o aumento de psicanalistas que se refugiavam na Inglaterra por conta da ameaça da guerra e do antissemitismo, o clima iria ficar tempestuoso.

Mas antes desse momento de guerra que invadiria também a Sociedade Britânica, nos anos da década de 1940, as desavenças entre Anna Freud e Klein já começavam a ficar mais intensas. Para Grosskurth (1992) Klein via que Anna Freud hesitava em aventurar-se por águas mais profundas, preferindo ficar com tratamentos do período de latência e teorizando que uma Psicanálise mais profunda com crianças pequenas seria danoso para elas. Segundo Grosskurth (1992, p. 181), Anna Freud pode ter temido “o caos que ameaçava tragá-la por tudo o que ela representava naquele momento”. Isso porque, a cada dia a saúde de seu pai piorava, levando-a a uma relação simbiótica com ele. Tendo sido analisada pelo próprio pai, ela se tornou, naquele momento, uma espécie de *alter ego* dele. Ela representava o seu legado e, para alguém ainda sem tanta experiência assumir essa posição em um momento tão crucial, era uma responsabilidade muito grande. Porque não se tratava apenas de continuar um “negócio familiar”, mas por toda a política que havia em jogo. Desta forma que Grosskurth (1992) entende que para Anna Freud era muito difícil abordar um campo onde não houvesse um ego minimamente integrado. Ela estava em uma posição muito diferente da de Klein para abordar o caos inicial do psiquismo que esta última almejava compreender.

Grosskurth destaca uma passagem mais tensa desta discussão entre as duas autoras:

Ela [Melanie Klein] compara Erna, sua paciente de seis anos, „a menininha de sete anos neuroticamente levada“ de Anna Freud. Ambas sofriam de neurose obsessiva. Em vez de lançar-se em águas profundas, Anna Freud tentou convencer sua pequena paciente de que não podia odiar a mãe que, visivelmente, a amava tanto. Para Klein, o mau comportamento compulsivo de Erna era a manifestação de sua necessidade relacionada com suas fixações orais e sado-anais mais primitivas e seus sentimentos de culpa associados a elas. O que Ana

Freud estava fazendo era tentar reforçar o superego, ao passo que Klein estava esforçando-se para modificar sua severidade (GROSSKURTH, 1992, p. 187; nossos comentários entre colchetes).

Eram pontos de vista muito divergentes. As premissas sobre a Psicanálise de crianças partiam de princípios totalmente distintos. Grosskurth (1992) não deixa claro exatamente em qual texto Klein fez esse tipo de discussão mais irônica, mas podemos entender que se trata de algo escrito para uma comunicação interna na Sociedade. Desta maneira, começava um jogo de respostas e contrarrespostas, principalmente entre os psicanalistas de Londres e de Viena, especificamente entre os Freuds e Klein e seus seguidores. Em uma das cartas desse ano de 1926, Freud escreveu a Jones discordando da Sra. Klein com relação a sua ideia do superego da criança ser tão autônomo quanto do adulto, frisando que o ponto de vista de Anna estaria mais correto. Segundo Grosskurth, essas cartas são bem interessantes, uma vez que pouquíssimas vezes Freud fez referência direta à Klein em sua obra.

Desde o período de sua chegada a Londres até a construção do texto de *A psicanálise de crianças*, o vocabulário e o estilo de Klein foi se consolidando muito rapidamente. Tão logo adquiriram traços que tornavam seus textos reconhecíveis desde as primeiras linhas. De início, ela ainda escrevia em alemão, mas desde *Tendências criminosas em crianças normais*, de 1927, já podia escrever diretamente no inglês. Contudo, *A psicanálise de crianças*, de 1932, foi escrito em alemão e traduzido para o inglês por Alix Strachey. Talvez por ser seu principal texto até aquele momento, Klein teve um momento de uma busca nostálgica na segurança do solo de sua língua materna. De qualquer forma, tornou-se hábito pensar em Melanie Klein como uma autora inglesa.

Na construção de seu estilo, alguns pontos que já mencionamos são destacados por Grosskurth (1992), como aquele que se refere ao superego. Articulando com o que Petot (1991) havia destacado, Grosskurth aponta que na linha dessa concepção do superego e da angústia derivada dele, Klein fez importantes modificações no que Ferenczi, Abraham e especialmente Freud haviam concebido sobre a culpa derivada da angústia. Para Freud, acolhendo a perspectiva de Otto Rank, o nascimento seria o protótipo das angústias subsequentes. Ferenczi relacionava-a a uma *moralidade esfínteriana*. Já Abraham pensava-a como uma derivação de uma fase sádico-anal seguida de um estágio canibalesco. Já para Klein:

a culpa resulta do conflito de Édipo, no qual os objetos de amor foram introjetados; e numa criança de um ano ,o início do conflito de Édipo

assume a forma de medo de ser devorado e destruído”. Em outras palavras, quando ainda se encontra no estágio oral, o bebê já formou uma imago, um superego que o pune da única maneira compreensível para a sua experiência pré-genital (GROSSKURTH, 1992, P. 193)

Nesse período de construção de seu texto que sistematizaria suas ideias até aquele momento, já é possível percebemos aonde Klein chegara. Além disso, em outra passagem de Grosskurth (1992, p. 193; grifos nossos) vemos essa autora destacar algo bem interessante sobre a forma da escrita de Klein:

Se há alguma coisa que o bebê deseja roubar do corpo da mãe, são as fezes dela, mas, ao passar para o que ela define como **‘fase de feminilidade’**, ele quer roubar-lhe os bebês, bem como os seios que forneceram alimento a ele, e a coça abrange o pênis do pai, que supõe ter sido absorvido pelo corpo da mãe. Ele fantasia que a mãe irá puni-lo pelo que ele quer fazer-lhe, castrando-o. Assim, o superego formado nesse estágio é criado a partir da combinação das figuras persecutórias do pai e da mãe.

Não fica muito claro em Grosskurth de que texto se trata, mas aqui estamos em 1928 em um trabalho que o título resume bem: *Estágios iniciais do conflito edipiano*. Vejamos como apenas dois anos depois de sua chegada já podemos perceber a autora teorizando e pensando em termos que lhe são bem peculiares, como Grosskurth busca sintetizar.

Apesar de termos frisado o elemento *fase de feminilidade* que nos será tão importante nos nossos capítulos subsequentes, precisamos destacar que nesse período, apesar da grande modificação que Klein já fazia sobre a gênese psíquica, o sujeito em questão ainda era o masculino. Contudo, já podemos notar que o eixo fálico se descentra. O corpo materno passa a ser a tina dessa instauração: ele contém objetos que são parciais, masculinos e femininos. O pênis está contido na mãe. Se ocorre a inveja do pênis, é porque a mãe é detentora de sua posse. O superego é uma combinação de figuras da mãe e do pai.

Nesse ponto perguntamos: já seria a ideia dos *pais combinados*? E essa ameaça caótica da feminilidade, como pensá-la se ela surge bem no momento do estabelecimento do objeto de amor, tal como Klein começava a teorizar? Talvez seja exatamente a situação em que Klein se encontrava: um momento de transição de país, de formulações teóricas

inovadoras. A autora talvez estivesse sentindo a ambivalência de manter-se ao lado do pai (Freud) e da mãe que lhe acolhera (Inglaterra).

Sobre esse aspecto, Petot (1991, p. 150) reflete pontualmente sobre isso:

Na medida em que Melanie Klein aprende a conhecer melhor o universo das fantasias arcaicas, reconhece cada vez mais neste interior do ventre materno, objeto primário da pulsão do saber e do sadismo, o valor de um protótipo da realidade exterior. Os conteúdos imaginários do ventre materno são exatamente o protótipo de todos os objetos externos, sendo que o próprio corpo materno, enquanto continente, é o protótipo do mundo.

O feminino começava a se destacar em sua obra. As pulsões do saber, que teriam sempre uma quota de sadismo (agressividade), seriam primárias. Mas para se poder reconhecer o exterior, especialmente o outro (a mãe), havia a necessidade de uma integração egóica que se faria pela capacidade de amar. Essa seria uma das funções que começavam a melhor aparecer em sua obra nesse período. Neste sentido que Petot (1991) pensa que essa integração egóica se faria posteriormente, comparadas às relações objetais mais caóticas do início e se expressaria, principalmente, pela capacidade de simbolização: “A formação do símbolo é, portanto, indiscutivelmente posterior ao estabelecimento da relação de objeto. A manutenção da teoria libidinal só pode ser retórica” (p. 162). Isso porque, o que passava a ser frisado pela autora é aquilo que se referia ao campo da *equação simbólica*. Nas discussões que Petot (1991) nos sugere frente à dificuldade de compreensão do texto kleiniano, podemos resumir da seguinte forma: de início, a capacidade do ego incipiente em começar a operar através de sua capacidade de simbolização e, posteriormente, de sublimação que far-se-ia pela equivalência dos objetos. Sentimentos, afetos e partes corporais são tomados como equivalentes. Por isso a necessidade de Klein em representar essas fantasias arcaicas das relações mais primitivas de objetos quase sempre a partir da relação com elementos corporais. É algo freudiano, desde a sua concepção de sintoma, mas que se radicaliza pela dinâmica altamente efêmera do inconsciente da criança. Para ficar mais claro, se Dora (Freud, 1905/1996) simbolizava sua excitação por dores e mal-estares gástricos porque um dia sentira o pênis do Sr. K tocar-lhe o ventre, sua libido recalcada aparecia transformada em um símbolo reminescente em forma de sintoma em uma mesma região que continha uma história libidinal. Klein propõe que a própria construção egóica buscaria no corpo representações para suas pulsões, agressivas ou libidinais. No caso da criança, o símbolo seria efêmero, modificando-se

o tempo todo, mas teria um palco primordial, que seria o corpo da mãe. Um corpo nomeado por esta.

Nesse momento, podemos perceber que a discussão se descentrava dos elementos fállicos ligados ao pênis. É estar ou não ameaçado pela castração (meninos); ser ou não castrado (meninas). É e ganhavam um outro palco para a trama edipiana, o corpo da mãe, um espaço feminino. Grosskurth (1992, p. 194) destaca que:

A contribuição que Klein deu para uma explicação da sexualidade feminina nunca foi suficientemente reconhecida. Primeiramente, uma palavra sobre o debate que vinha acontecendo a respeito do „falocentrismo“ de Freud, uma questão muito discutida por Freud e Abraham em sua correspondência. Em seu artigo de 1924, „Manifestações do complexo de castração feminino“, dando continuidade a seu interesse pelo período pré-edipiano, Abraham faz algumas observações interessantes sobre a reação da menina à constatação de que nunca poderá ter um pênis. O que, então, ela pode adquirir ou ganhar? Um filho. Ela começa a invejar a mãe e ansiar ter um filho do pai. Por fim, esses sentimentos têm de ser sublimados pelo desenvolvimento de uma receptividade feminina passiva.

Essa era a perspectiva mais aceita, especialmente entre os analistas homens. Mais ou menos no mesmo período, algumas psicanalistas, como Karen Horney¹⁵, Helene Deutsch¹⁶ já começavam a contra-argumentar a posição falocêntrica dessa época. Klein, apesar de tudo, ainda se mantinha, pelo menos nesse período, mais próxima a Freud, pois entendia que, apesar da necessidade na sexualidade de haver uma passagem da libido oral para a genital, a menina deveria voltar-se para o pai.

Ao mesmo tempo, nesse período, Klein também repensava sobre o significado inconsciente da capacidade de ser mãe como, por exemplo, podemos acompanhar em um texto de 1925, chamado *Estágios iniciais do conflito edipiano*. No fundo, esse seria o núcleo das invejas, seja da menina ou do menino. A posição de superioridade situada em alguns meninos e homens com relação a sua posse do pênis seria, na verdade, um deslocamento dessa inveja inicial:

¹⁵ *Sobre a gênese de castração nas mulheres*, em 1922

¹⁶ *A psicologia das mulheres em relação às funções de reprodução*, em 1925

A fusão do desejo de ter um filho com o impulso epistemofílico permite ao menino executar um deslocamento para o plano intelectual; a sensação de estar em desvantagem então é ocultada e supercompensada pela superioridade que deduz do fato de possuir um pênis, superioridade que também é reconhecida pelas meninas. Esse exagero da posição masculina provoca afirmações exageradas de masculinidade. No artigo “Die Wurzel des Wissbegierde”, Mary Chadwick (1925) também atribui o valor excessivo que o homem confere narcisicamente ao pênis, assim como sua atitude de rivalidade intelectual em relação às mulheres, à frustração do desejo de ter filho e ao deslocamento desse desejo para o plano intelectual (KLEIN, 1928/1996, p. 220)

Nesse mesmo texto, que iremos nos deter mais aprofundadamente em nosso próximo capítulo, teoriza sobre uma *fase de feminilidade* presente também nos meninos. Esta condição de feminilidade, para a autora, derivaria de uma intensa identificação muito inicial como a mãe; cena de uma intensa ambivalência de desejos amorosos e destrutivos.

Sobre esse período, podemos refletir ainda sobre como Klein pensava a diferença dos superegos para os meninos e para as meninas, tendo em vista que ela entendia que essa diferença resultaria em destinos libidinais e de posições psíquicas diferentes. Para as meninas, seu superego levava-as a uma posição de autossacrifício, com dons intuitivos derivados da mãe. Os meninos tendiam para um trabalho mais objetivo. A pergunta que, por exemplo, Grosskurth (1992, p. 195) faz é a seguinte:

Será que ela achava que a menina tinha de lutar mais porque por vários anos seus dons tinham sido mantidos em estado de latência por ter ela sido forçada a desempenhar o papel sacrificial de esposa e mãe exemplares, e fracassara tristemente por padrões convencionais?

Se pensarmos na situação social das mulheres daquele período, isso faz todo sentido.

Essa é uma pergunta que nos leva ao nosso segundo capítulo onde procuramos situar a mulher e o feminino através dos séculos em nossa cultura ocidental. Aqui, talvez, estaríamos percebendo esses autores notarem uma posição que se faz milenar. Diferentemente de Simone de Beauvoir que se situa politicamente com o interesse de mudar um determinado *status quo* de gêneros, Klein ainda estava reconhecendo desejos que não tinham uma natureza absoluta,

como a cultura queria identificar nas mulheres. Neste sentido que nos perguntamos: o que seria essa capacidade materna? Klein fala de sua importância. Mas será que ela pensa da mesma forma como o século XIX quis concebê-la, como algo natural e num espaço reservado para o ser feminino? Veremos que não será bem isso, apesar desse momento do texto kleiniano, a situação ainda era um tanto obscura. Mas é importante destacar, antes de avançarmos, que essas analistas mulheres — Horney, Deutsch e Klein — foram todas analisadas pelo mesmo psicanalista, Karl Abraham. Contudo, chegaram a ideias significativamente diferentes sobre a sexualidade feminina.

A década de 1928 até 1938, segundo Grosskurth (1992), foi relativamente a mais tranquila e produtiva da vida turbulenta de Melanie Klein. Na “briga” com os Freuds, ela saiu fortalecida e grande parte dos membros da Sociedade Britânica parecia apoiá-la firmemente.

Nesse período, no plano pessoal, houve uma divisão na guarda dos filhos. Arthur Klein ficou com Hans e Melanie com Erich, o mais jovem. Sua clientela aumentava significativamente, o que lhe permitia ter empregados em sua casa e passar as férias de verão viajando. Em 1927, em Berlim, Mellita se formava médica, com louvor, e, em 1928, foi para junto de sua mãe, em Londres para escrever sua tese *A história da homeopatia na Hungria* (GROSSKURTH, 1992).

A produção de *A psicanálise de criança* já estava quase pronta. No entanto, a forma como Klein produzia e escrevia suas ideias era sempre um trabalho excessivo para as editoras. Vejamos, por exemplo, o que Max Eitington, diretor da *Internationaler Psuchoanalytischer Verlag* lhe disse no envio do primeiro manuscrito do que viria a ser seu livro:

Soube pela equipe editorial da *Zeitschrift* e da *Imago* que a senhora tem o hábito de fazer alterações constantes em seus textos, até mesmo no estágio de leitura de provas, e assim tornou-se a colaboradora que mais despesas dá a essas revistas. Com um livro, isso seria totalmente impossível, porque o editor tem de fazer os cálculos muito precisos [...] Creio ser de grande valor e importância para todo o público analítico que os métodos e resultados de seu trabalho sejam encontrados reunidos num único volume, tornando mais fácil uma discussão detalhada e fértil (citado por GROSSKURTH, 1992 p. 207-208).

Se compararmos ao que Nelly Wollfheim dizia sobre a sua forma de produzir suas teorias, a sua escrita parece quase uma concretização das suas formulações psíquicas

impressas em papel. Talvez por isso a vivacidade um tanto caótica de seu pensamento. Nesse ponto, cabe destacar o que Cintra & Figueiredo (2004) apontam sobre esse estilo; para esses autores a obra de Klein deve sempre ser lida implicada na clínica e levando-se em conta a própria experiência psicanalítica do leitor. Isso se tornaria a marca da “escola inglesa”. Além disso, pela falta do rigor e sofisticação filosófica derivada da academia, Klein se viu obrigada a contar com os instrumentos que lhe cabiam:

Um apaixonado interesse pelas questões psicanalíticas, uma grande capacidade de leitura da obra de Freud, Abraham, Jones e Ferenczi, e um ardente desejo de tentar oferecer a si mesma e aos pacientes algum tipo de compreensão e de *insight* que pudesse diminuir a intensidade do sofrimento psíquico e suas nefastas consequências (CINTRA & FIGUEIREDO, 2004, p. 51).

Isso fez com que ela se colocasse em contato direto com fenômenos psíquicos bastante primitivos. Além disso, é possível pensarmos em um intenso desejo de produzir uma obra criativa e reconhecida, o que fez com que seus textos ganhassem uma certa característica arrogante, como destacam esses autores citados.

Frente a essa condição e estilo de escrita, a produção de *A psicanálise de crianças* levou três anos para ser terminada. O ano da publicação de *The PsychoAnalysis of Children*, como sabemos, foi feita em 1932, sob tradução de Alix Strachey. É o que revela que Klein o escreveu em alemão, apesar de já falar fluentemente o inglês. Simultaneamente, pela editora *Verlag*, o seu livro saiu em alemão como *Die Psych-analyse dès Kindes*. É um livro que se tornou um marco. Pela primeira vez, de forma explícita, Klein adotava os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte, numa estrutura dialética de amor e ódio, base de seus conceitos posteriores de posição depressiva e esquizoparanóide.

Apesar de toda a alegria nesse ano de 1932, que somada à publicação de seu livro teve a posse de Jones como presidente da Associação Internacional de Psicanálise, muitas coisas começaram a dar errado no plano de sua vida pessoal. Foi o ano em que sua filha Mellita se casou com Walter Schmideberg e saiu da casa da mãe para morar com o marido em nova residência. Apesar das coisas irem bem até boa parte do ano seguinte, ao final de 1933, junto com Edward Glover, seu analista, Mellita começava a atacar sua mãe. Era um ataque conjunto e combinado. Como esses ataques surgem na mesma época de sua análise com ele, Grosskurth (1992) não tem dúvidas de que os motivos dessa agressiva posição que Mellita assumia eram derivados dos conteúdos surgidos em sua análise.

Nesse mesmo ano morria Ferenczi, outra dura perda para Melanie Klein.

Apesar disso, Klein ainda podia contar com a defesa de Jones, apesar de sua ambivalência com os Freuds. Principalmente no que se referia à sexualidade feminina. Seus textos *The Phallic Phase* e *Early Development of Female Sexuality* tendiam a evidenciar que “está surgindo a saudável suspeita de que os analistas foram levados a adotar uma visão indevidamente falocêntrica da questão, sendo a importância dos órgãos femininos subestimados” (citado por GROSSKURTH, 1992, p. 219).

As análises feitas por Jones iam ao encontro dos achados de Melanie Klein de que “existiam transições diretas entre os estágios oral e edipiano que admitira anteriormente; e nesse artigo ele introduziu o conceito de „afânise“, um medo que ele definia com „a total, e naturalmente definitiva, extinção da capacidade (incluindo a oportunidade) de ter prazer sexual“. Isso correspondia à situação descrita por Klein em que a menina teme que a mãe lhe roube as capacidades sexual e materna” (GROSSKURTH, 1992, 219).

Dessa forma, apesar de tudo, Jones teve um papel central na expansão do pensamento de Klein. Especialmente por ele ocupar um cargo tão proeminente naquele momento, as publicações de Melanie Klein ganhavam força com, também, a própria postura teórica de Jones. Por exemplo, a visão ortodoxa do complexo de castração era que enfraqueceria a relação edipiana do menino e reforçaria o da menina. Jones não concordava com Freud sobre isso quando este destacava a fase fálica acontecendo por volta dos quatro anos. Sua pergunta era: e o que dizer dos casos em que o macho continua obcecado pelo próprio pênis? Para isso ele cita *A psicanálise de crianças* onde Klein destaca que o exagero narcisista do falicismo seria uma forma de lidar com quantidades enormes de angústia. Para Jones, o temor do menino começaria antes, com seu reconhecimento da vagina, seu desejo de penetrá-la e o pavor das consequências desse ato incestuoso. Além disso, ele concorda com Klein de que o menino passaria por um estágio basicamente oral e feminino no seu desenvolvimento psíquico. Todavia, Jones não conseguia apontar claramente como se daria a passagem do mamilo para a vagina. Para Jones “a fase fálica é „um obstáculo neurótico para o desenvolvimento, e não um estágio natural no decorrer dele“” (citado por GROSSKURTH, 1992, p. 220).

Outro autor que endossava as teorizações kleinianas era James Strachey. Esse autor (1934, citado por GROSSKURTH, 1992, p. 225) sugeria uma interpretação “mutatória”, pela qual o analista desempenharia uma função de superego auxiliar, buscando fazer uma distinção entre o objeto da fantasia arcaico e o objeto externo da realidade. Para isso, interpretações profundas deveriam acontecer, de forma gradual. Era exatamente isso o que Klein buscava

deixar claro em *A psicanálise de crianças*. Klein chamava isso de “ponto de urgência”, “um momento percebido por um analista dotado de uma percepção extraordinária, e a interpretação „mutatória“ tem de ser „detalhada e concreta“”. Talvez Jones e Strachey estivessem, de alguma forma, antecipando a noção de feminilidade que tratamos nessa pesquisa. Isso porque, vemos esses autores, junto com Klein, se referirem a algo muito primitivo na constituição do sujeito, uma posição que Freud, pelo menos até então, não tinha tratado de forma mais explícita.

Nessa relação primitiva a que estamos chegando no pensamento kleiniano que se espalhava pela Sociedade Britânica, estaríamos tratando, como nos destaca Kristeva (2002), a uma interioridade que não seria puramente pulsional nem puramente especular. É no sentido de reflexo da influência do outro no imaginário infantil. Diz a autora:

[...] não é somente a pulsão que é projetada e introjetada (amor ou ódio, desejo ou destruição), mas fragmentos do próprio bebê (seus órgãos: boca, ânus, etc., assim como produtos de seu corpo): Klein difere aqui de Freud. Por outro lado, se o objeto interno depende do imaginário e manifesta a presença da fantasia no ego precoce, é igualmente constituído de elementos substanciais e sensoriais: „pedaços bons ou maus do seio são postos no ego ou expulsos dele no seio da mãe; substâncias nutritivas, como o leite, ou excrementícias, como a urina e as fezes são projetadas e introjetadas. O objeto interno kleiniano é um *conglomerado* de representações, de sensações e de substâncias: uma pluralidade, em suma, de objetos internos muito heterogêneos [...] (KRISTEVA, 2002, p. 78)

Isso sintetiza bem o que já podemos encontrar em *A psicanálise de crianças* e que já estava se espalhando pelo pensamento psicanalítico na ilha britânica. A expressão desses elementos colocava de lado a primazia do elemento fálico nesse universo primitivo. O corpo da mãe era o palco, mas os personagens eram bastante heterogêneos. Além disso, ficava cada vez mais explícito que ela havia adotado marcadamente a ideia de pulsão de morte proposta por Freud, em 1920, em seu texto *Além do princípio do prazer*. Como destacam Cintra e Figueiredo (2004) e que já apontamos, era uma proposta que não era tão bem aceita nos círculos psicanalíticos do continente europeu. Contudo, Klein precisava dessa noção, além de separar explicitamente pulsão de morte das pulsões sexuais (vida), pois era metodologicamente necessário para dar fundamento ao que ela estava construindo a partir de sua clínica. Esse dualismo dava a dinâmica profunda necessária para fundamentar seus

princípios teóricos que eram marcados claramente por oposições radicais naquilo que se referia à dinâmica e, também, às instâncias iniciais do psiquismo. Era, sob sua concepção, o modo como o ego incipiente trabalhava: por cisões radicais, expulsões severas, projeções maciças. A energia necessária para mover essa dinâmica provinha da construção metapsicológica freudiana das pulsões de vida e de morte.

Se por um lado ela recebia forte apoio de dois nomes importantes dentro da Sociedade Britânica, além de outros pares, por outro podemos localizar que a guerra entre Glover e Mellita de um lado e, Melanie de outro, começara precisamente em 18 de outubro de 1933 quando, numa reunião de conselho a Sociedade Britânica Mellita Schimideberg foi eleita membro do Instituto com menção honrosa de Glover pelo Prêmio de Ensaio Clínico, pelo artigo *The Play-Analysis of a Three-year-old Girl*. Os juízes foram Glover, J. Strachey e A. G. Tansley. Apesar de não haver citação direta a Klein, era um texto que estava impregnado de conceitos kleinianos, como nos diz Grosskurth (1992). O ponto de divergência neste artigo para com os conceitos kleinianos era de que Mellita não atribuía os problemas alimentares enfrentados pela sua pequena paciente a fatores constitucionais. Segundo Mellita, isto estaria relacionado ao severo aprendizado do controle do esfíncter a que a mãe submetera a criança aos seis meses. Apesar de ser um artigo neutro na aparência, os anos posteriores mostram que essa influência materna era uma forma teorizada de expressar os ressentimentos que ela teria de Klein, como comenta Grosskurth (1992). O ataque começava exatamente ali.

O rancor de Mellita à mãe foi drasticamente aumentado com a morte de seu irmão Hans, em abril de 1934. A morte oficial dele se deu pela queda de um precipício, nos montes Tatra, próximo à residência onde vivia. Segundo Grosskurth (1992), desde menino, Hans adorava fazer esses passeios pelas montanhas. Contudo, Mellita anunciara publicamente na Sociedade que ele havia se suicidado. Segundo Grosskurth, muitos membros da sociedade ficaram com essa impressão, mesmo que, para Eric Clyne, isso fosse impossível, pois dias antes Hans havia enviado uma carta a Melanie Klein dizendo o quanto se sentia bem e tinha planos de se casar novamente após seu divórcio. Klein nunca faltava às reuniões da sociedade, mas só conseguira aparecer novamente em 6 de junho, ou seja, quase dois meses depois.

Em 21 de novembro de 1934, Mellita leu um breve texto sobre suicídio numa reunião científica, onde dizia: “A angústia e a culpa são as únicas emoções responsáveis pelo suicídio. Para mencionar apenas um outro fator, sentimentos desmedidos de desgosto causados, por exemplo, por decepções profundas com pessoas amadas ou pelo colapso de idealizações revelam-se com frequência um incentivo para o suicídio” (citado por GROSSKURTH, 1992,

p. 232). Talvez o ponto auge desse rancor de Mellita foi o fato de Klein não ter ido ao enterro de seu filho, por não ter tido condições emocionais para tal.

O ano de 1934 pode ser considerado um dos mais tenebrosos na vida de Melanie Klein. A perda de Hans e, juntamente, a traição de Mellita podem ser entendidos como a retomada de sua depressão crônica que há tempos parecia desaparecida, mas ao que tudo indica estava latente. Grosskurth (1992) comenta que pelo resto da vida, Klein voltaria sua atenção para as questões da perda, do pesar e da solidão. Essas perdas mais recentes fariam com que ela retomasse tristezas antigas como “a preferência do pai por Emilie; a morte de Sidonie; sua aflição e culpa em relação a Emanuel; seu colapso após a morte da mãe; seus sentimentos ambivalentes em relação a Arthur; sua prostração após a morte de Abraham; e o processo tumultuado de seu relacionamento com Kloetzel” (GROSSKURTH, 1992, p. 233).

Durante esse período de dor e luto, Klein escreveu um dos textos que consideramos mais intensos que é *Uma contribuição aos estados maníaco-depressivos*, de 1935. Além da construção de um novo momento teórico mais radical, de acordo com aqueles apontamentos que anteriormente citamos de Kristeva (2002), e que já se esboçavam claramente em *A psicanálise de crianças*, agora a autora começava a postular um momento inicial muito importante para a construção egóica expressa através de seu conceito sobre a posição depressiva. Segundo este conceito, o bebê ao final do primeiro ano passaria a ter uma mudança importante nas suas relações objetais. Ao começar a reconhecer e se identificar com seu objeto amado e, por isso, temendo perdê-lo, o bebê lutaria contra uma invasão de ansiedade de tipo paranóide que ameaçaria invadi-lo. Essa ameaça faria com que o ego do bebê mobilizasse defesas maníacas como forma de expulsar os perseguidores e proteger o objeto amado. Nesse sentido, a criança ficaria ambivalente frente ao objeto, pois em meio a sua carga de agressividade que ainda continuaria a ser despertada nas frustrações, deveria agora proteger e reparar o objeto que ele ama, que no caso é a mãe. As angústias despertadas nesse momento seriam muito semelhantes àquelas vivenciadas no luto. Nesse caso, Klein cita uma passagem muito emocionante da Sra. A que experimentaria toda uma revivência desse período primitivo ao perder um filho. Sra. A é Klein que teoriza sobre uma vivência singular, tal como Freud fizera em *A interpretação dos sonhos*. (CINTRA & FIGUEIREDO, 2004; GROSSKURTH, 1992).

A culpa que Grosskurth (1992) havia mencionado que seria despertada nesse momento de luto de Klein se refere à culpa experimentada pelo bebê ao vivenciar a posição depressiva. Segundo Cintra e Figueiredo (2004), posição se referiria então a uma nova colocação frente ao objeto. Estar na posição depressiva é mais do que reconhecer que se

deseja o objeto, é reconhecer que se deseja *preservar* o objeto. No caso de uma grande perda como a de um filho, é uma ferida narcísica porque se percebe que esse desejo não comanda o destino. É um forte abalo na onipotência que ainda persiste na posição depressiva, mas que agora está diminuído pela dependência que se reconhece frente a essa identificação amorosa.

Ainda segundo Cintra e Figueiredo (2004, p. 81):

Esse é um ponto importante para quem está estudando os textos kleinianos em uma sequência histórica: emerge a percepção de que, nos primeiros 15 anos, a autora colocou uma ênfase muito maior sobre a destrutividade, e que foi a partir da posição depressiva (1935) que ela introduziu, com mais clareza, o conflito entre amor e ódio, e pulsão de vida e de morte.

A posição depressiva começava a substituir o complexo de Édipo como o problema central a ser superado no desenvolvimento. O Édipo continuaria a existir, mas seria um plano secundário. E o que acontece sobre a sexualidade feminina a partir disso? Em *A psicogênese dos estados maníaco-depressivos*, vemos muito mais a descrição de uma atitude emocional do que propriamente do desenvolvimento de estágios libidinais, apesar de Klein não tê-los abandonado. Grosskurth (1992, p. 238) nos refere que:

Em sua percepção de que não pode ter os objetos iniciais de seu desejo e de que seus impulsos sádicos são inúteis, a menina passa para a fase edipiana, em que fica num estágio de rivalidade com a mãe. Esta não entrega o seio nem o pênis incorporado do pai *Ř* e assim a menina permanece temporariamente no que se poderia chamar de um estágio fálico em seu difícil caminho para a condição da mulher. „A questão decisiva é se a mulher nasce ou se torna mulher“ (p. 238).

É uma frase que, pelas referências de Grosskurth, se refere a *Papers on Psychoanalysis*¹⁷, de 1948, escrito por Jones. Vejamos como é uma pergunta que se antecipa à mesma feita por Simone de Beauvoir, que tanto citamos em nosso primeiro capítulo. Nesse aspecto, a depressão seria o sofrimento mais profundo.

Cintra e Figueiredo (2004, p.92) pensando sobre isso, nos destaca que, dessa forma, Klein seria a teórica “das perdas, do luto e da melancolia”, isso porque esses elementos não seriam infortúnios acidentais, mas deveriam ser partes integrantes e incontornáveis de um

¹⁷ Jones, *Papers on Psycho-Analysis* (Londres: Maresfield Reprints, 1948), 5ª ed., p. 116, conforme indica Grosskurth (1992)

caminho e encontro existencial que cada um de nós deveria vivenciar para uma boa integração egóica. “A saúde mental não significa escapar a esse destino, e sim, ao contrário, assumi-lo” (Idem). A análise seria uma forma de reviver essas perdas, reativando e favorecendo um bom processo de elaboração desses lutos primitivos.

Além disso, a perspectiva kleiniana lançava luz sobre uma questão de Freud que ficou sem uma resposta, como nos indica Sayers (1992). Segundo essa autora, do ponto de vista freudiano, a depressão teria uma raiz narcísica e o apego ao outro seria um mero reflexo dessa condição. A questão que surge, então, é a de por que o depressivo não terminaria sempre com sua dor através do suicídio? Segundo o que nos esclarece Sayers é porque, do ponto de vista kleiniano, a depressão derivava não de um amor narcísico, mas de um interesse pelo outro. Os atos suicidas seriam uma tentativa desesperada de preservar o outro dentro de si. Por mais bizarro que possa parecer, o ataque contra o ego (eu) aconteceria porque uma parte dele é sentida como perseguidora, enquanto outra parte continua tentando fazer reparações.

Em 19 de março de 1937, Mellita fez um ataque mais intenso à sua mãe. Segundo relato de Joan Riviere (citado por GROSSKURTH, 1992), ela havia feito a leitura de um artigo escandaloso atacando pessoalmente Klein e seus seguidores, dizendo que todos eram maus analistas. Dizia ainda que os pacientes dos analistas kleinianos recebiam uma espécie de lavagem cerebral para acreditarem que são incapazes de tomar qualquer decisão e enfrentar a vida, arrastando a análise para um tempo extremamente longo. Além disso, qualquer infortúnio posterior com o paciente se daria, não porque a análise tenha sido ruim, mas porque ela não teria sido uma “análise completa”. Continua seu discurso falando sobre os pais que são analistas e se pergunta se eles seriam pais melhores. Reconhece que definitivamente não os são. Era o ataque mais pesado e explícito até então.

Certamente aquilo que estava velado, como um *não-dito*, veio à tona com toda a intensidade pela boca da filha da mulher que poucos anos antes revolucionava a psicanálise londrina. O que aconteceria a partir dali? Que clima se estabeleceria? Certamente essa tensão só tendia a aumentar, pois a família Freud estava para chegar.

Em 1936, em *Caxton Hall*, Klein pronunciou uma série de conferências intituladas *Desmame* que certamente ajudaram também a dar base para seu texto *Amor, culpa e reparação*. Ali a autora buscou dar um destaque maior aos elementos externos, embora tenha insistido que, posteriormente, na vida psíquica seria necessário o estabelecimento da confiança (amor) da criança com relação ao trauma (frustração) do desmame, para se desenvolver bem ou não. Klein tentou evidenciar que desde o nascimento, a criança fica num

estado constante de angústia de ser desmamada, uma vez que nem sempre o seio está disponível. Nesse sentido, Klein buscou nessas conferências tratar de uma forma detalhada as maneiras pelas quais uma boa mãe pode *facilitar* a situação para o bebê. Destaquemos o facilitar, porque isso não quer dizer que, de fato, ela irá conseguir, uma vez que o bebê e suas fantasias têm papéis principais nesse caso. Sobre isso, vemos que Klein valorizava a individualidade de cada bebê, uma vez que cada um reagiria com seus recursos próprios frente ao ambiente. Mas claro, se este fosse demasiadamente desfavorável, a criança sofreria as consequências dessas frustrações excessivas.

Grosskurth comenta que “sob muitos aspectos, esses conselhos eram o oposto das experiências iniciais dos filhos da própria Melanie Klein” (1992, p. 249). Além disso, essa autora aponta que “[...] Klein reconhecia que não tinha dom para ser mãe. Por outro lado, Winnicott possuía uma identificação materna tão forte, embora não tivesse filhos, que Katherine Whitehorn, num artigo em *The Observer*, certa vez chamou-o de „Madona” (1992, p. 250).

O texto *Amor, culpa e reparação*, de 1937, surgiu mais diretamente de uma série de conferências públicas de Klein e Joan Riviere, sob o título *A vida afetiva de homens e mulheres civilizados*, em 1936. Apesar de que nessas conferências e no livro surgido destas, com autoria de ambas as psicanalistas *Amor, ódio e reparação* –, é quase impossível identificar exatamente de quem são as ideias construídas ali. Em seu artigo, Klein se refere a temas de forma bastante ramificada, cheio de conotações autobiográficas. Essas ramificações acontecem na relação pai-filho-irmão até as relações dentro do casamento e aquilo que permitiria uma maior felicidade dentro deste. Klein trata desta questão também em como “as mentes inconscientes dos cônjuges se ajustam” (citado por GROSSKURTH, p. 253). O seio generoso da mãe e o pênis criativo do pai seriam a base e os dois princípios afirmativos da vida.

Ainda segundo Grosskurth (1992), esse texto seria marcado por tons bastante autobiográficos, pois, de boa parte dele fariam referências indiretas a Mellita, a Emanuel, as suas irmãs mais velhas, assim como ao relacionamento de seu ex-marido com seu filho Hans. Em outra parte desse texto, Klein fala sobre Dom Juan. Segundo Grosskurth (1992), ao fazê-lo, pensavam muito claramente em Emanuel, Arthur e Kloetzel. Com uma infidelidade contínua, esse tipo de homem buscaria compensar seu verdadeiro e único objeto de amor, que seria a mãe. Como seu amor é voraz, ele buscaria incessantemente em outras mulheres uma forma de reparação desse amor que, afinal de contas, não aconteceria de forma verdadeira, pois tratar-se-iam de fantasias que permanecem inconscientes. A verdadeira reparação

aconteceria, no adulto, quando ele conseguiria reproduzir o amor recebido ou reparar o amor negado, tornando-se mais amoroso.

Contudo, como bem percebe Grosskurth (1992, p. 254), seria muito animador reconhecer que Klein tivesse saído totalmente

[...] sábia, tolerante e bondosa de sua provação; que ela e Mellita se reconciliaram; e que a Sociedade Britânica passou a fazer aquilo para que fora criada antes de mais nada: ajudar pessoas com profundo sofrimento emocional e realizar pesquisas científicas rigorosas. Infelizmente, tratava-se do mundo real, e não do mundo de fantasia onde tudo acaba bem no final.

Na realidade, a Sociedade estava tão dividida que estava quase insustentável manter Klein e Edward Glover no mesmo lugar.

Em 8 de março de 1939, a Sociedade Britânica de Psicanálise comemorou seu 20º aniversário. Segundo Grosskurth (1992), Ernest Jones datava sua fundação como 1914 ou 1919 conforme conviesse a seus propósitos. Com presença de Virgínia e Leonard Woolf. Em 15 de março eles jantaram com Melanie Klein, o que deixou uma impressão em Virgínia que, em seu diário a descreve como: “uma mulher com personalidade e força, uma como direi? Não uma habilidade, mas uma sutileza submersa; algo que age secretamente. Uma tração, uma torcedura, como uma ressaca: ameaçadora. Uma senhora de cabelos grisalhos, expansiva, com grandes olhos brilhantes e sonhadores” (citada por GROSSKURTH, p. 254). Segundo essa autora, era quase inevitável que elas se encontrassem: “essas duas mulheres, nascidas no mesmo ano, provenientes de meios totalmente diferentes, mas com semelhanças interessantes em suas vidas” (citada por GROSSKURTH, p. 254).

Após as comemorações oficiais, Klein escreveu uma carta, em 11 de março, a Jones, buscando mostrar sua gratidão a ele e também, sua preocupação com os rumos da Psicanálise. Indiretamente, ela estava se referindo a Anna Freud. Contudo, como destaca Grosskurth (1992), ela não tinha ideia do quanto a posição de Jones era ambígua. Na mesma medida que ele dizia apoiar Klein, ele já estava trabalhando para a vinda da família Freud. Segundo Grosskurth, Jones estava, analisando mais amplamente, solapando a posição de Klein trazendo os Freuds.

Jones é a figura mais complicada nesse complexo padrão de relações. Sua atitude em relação a Klein se tornara cada vez mais ambivalente. Ele gostava dela como pessoa, concordava com suas teorias, mas

sentia apreensão e inveja quanto à forma como sua protegida assumira a posição mais destacada dentro da sociedade *dele* (GROSSKURTH, 1992, p. 255).

Mellita e Glover continuavam a atacar Klein. Outras figuras que também eram publicamente hostis a ela eram Marjorie Brierley, Barbara Low, Ella Sharpe (apesar de ter sido sua defensora anteriormente) Adrian e Karin Stephen. Segundo Grosskurth (1992), Sylvia Payne e W. H. Gillespie eram as únicas duas figuras que se mostravam independentes.

Não apenas os Freuds estavam indo para a Inglaterra. A vida estava cada vez mais difícil para os analistas do continente europeu e não apenas para os judeus, por conta do antissemitismo. A própria psicanálise, com suas teorias, passavam a se tornar demasiadamente extravagantes para um mundo germânico que buscava evitar sua decadência a todo custo, mesmo que precisassem criar uma guerra para isso (MOLINA, 2010).

Os analistas provenientes do continente europeu eram totalmente leais a Freud e estavam do lado de Anna Freud e muito desconfiados com relação a Melanie Klein. Os que chegavam a Londres tendiam a ficar do lado dos Freuds.

Freud chegou a Londres em 6 de junho de 1938. Klein escreveu uma carta de boas-vindas dizendo que gostaria de visitá-lo assim que estivesse instalado. Freud, em 11 de junho, em curto e cortês bilhete, respondeu agradecendo e dizendo que esperava que isso acontecesse em um futuro próximo. Isso nunca chegou a ocorrer. (GROSSKURTH, 1992).

Freud não participava das reuniões científicas da Sociedade por conta de sua saúde, mas cada vez mais Anna Freud ia construindo sua presença, o que acabava deslocando Klein de sua hegemonia anterior.

Em 3 de setembro a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha. No dia 23, Freud morreu. Por conta da guerra, a maioria dos membros médicos e homens da Sociedade ingressaram nas forças armadas numa função ou outra. A Sociedade passaria a ser conduzida, também por isso, por um bom tempo, por mulheres. E esse é um tempo muito interessante de acompanhar.

Com o estouro da guerra, James Strachey passou a ocupar o cargo que era de Jones, no *International Journal of Psycho-Analysis*. Logo percebeu que o número de artigos britânicos nesse veículo era baixíssimo e, por isso, escreveu uma carta a Klein “convocando-a” a escrever um artigo, por questões patrióticas. Klein enviou um artigo bem aquém de seus anteriores sobre o tema da síndrome de Don Juan. Esse artigo foi rejeitado por Strachey, o qual foi acatado por Klein sem se sentir ofendida, o que provocou alívio em Strachey que

pensou que ela iria ficar melindrada por essa negação e aumentar ainda mais a tensão interna da Sociedade (GROSSKURTH, 1992).

Nesse momento, Klein fazia uma revisão introspectiva, especialmente no que tangia ao luto. No final de agosto de 1939, Arthur Klein morria em Sion, na Suíça. Segundo Grosskurth (1992), para Klein, a ideia de um estado de extrema angústia que algumas pessoas sentiam frente à morte, tal como ela ouvira falar, a aterrorizava muito. Talvez isso que tenha feito com que Klein fantasiasse a serena morte de sua mãe. Durante todo o inverno de 1939, Klein se dedicou à revisão de seu artigo *O luto e suas relações com o estado maniaco-depressivo*. Segundo Grosskurth, “o artigo é tão bem escrito que algumas pessoas supuseram que Joan Riviere foi responsável pela versão final. Klein se valia muito da opinião de Riviere, mas, embora tenha enviado rascunhos das revisões, a contribuição de Riviere limitou-se a sugestões relativas ao conteúdo” (p. 268).

No ano seguinte, Klein teve a ideia de publicar um caso clínico bastante detalhado, algo que nunca fizera até então. Tratava-se do atendimento do caso Richard que, posteriormente foi publicado como *Narrativa da análise de uma criança*. Apesar de ele ter sido realmente publicado quase 20 anos depois, no início da década de 1940, Melanie Klein já começava a expor esse seu interesse e, alguns anos depois, começava a receber algumas críticas sobre a forma como essa intenção se concretizava em texto, apesar de ter sido elogiada por sua coragem em se expor daquela forma, tendo em vista que esse texto revelava todas as sessões de atendimento de Richard. John Padel (citado por GROSSKURTH, 1992) era um analista independente da Sociedade Britânica e objetou contra a forma do trabalho de Klein, especialmente pela ênfase que ela dava à mãe que, para o autor, não deveria ser substituída nunca, pois ela sempre seria a melhor coisa para a criança. Padel acreditava que Klein, em muitos momentos de seu atendimento, acabava ocupando esse lugar materno. Além disso, o autor vai contra a apresentação do pai no relato de que este seria tão bom quanto a mãe. Apesar disso, ele acredita que era um método muito perigoso que poderia aprisionar a criança em um mundo matriarcal.

Uma crítica bem interessante de se acompanhar, especialmente se localizamo-la frente ao mundo que Richard se encontrava: um mundo em guerra onde os homens (pais) não estavam presentes. Estranho que este autor não prestasse atenção a isso e não percebia o quanto o mundo havia mudado e que o papel feminino acompanhava essas transformações.

Apesar de o texto ter sido reformulado até sua publicação anos depois, o fato é que no começo da década de 1940 quando o seu projeto começava a ser colocado em prática, como nos destacam Segal e Meltzer lembrando que “na época em que a análise aconteceu,

Klein ainda não elaborara suas **teorias pós-guerra** sobre as posições depressivas e paranóide-esquizoide, ou sobre os mecanismos esquizoide” (GROSSKURTH, 1992, p. 290; grifos nossos). Sobre isso, perguntamos, que impactos a Segunda Guerra trouxe para a construção dessas teorias citadas por Segal e Meltzer? Um desses impactos, podemos pensar logo, se trata do espaço que o feminino toma na gênese psíquica. Quanto mais Klein se aprofundava em seu mergulho no inconsciente infantil, mais isso era percebido. Nesse caso, podemos pensar que com a ausência dos pais (homens) dessas crianças por estarem servindo à guerra, a relação com suas mães se tornavam mais intensas, o que deveria aparecer em suas análises.

E não apenas a ausência dos pais era significativa, isso fazia com que as mulheres começassem a participar da vida pública. Seja através do trabalho, da conquista do voto ou de outras atividades sociais, o ponto é que:

[...] elas se viram no centro afetivo da nova economia de consumo baseada na família. Assim, seus vínculos com a família foram simultaneamente afrouxados sociologicamente e reconstruídos psicologicamente. Era natural então que elas tentassem levar a cabo a luta pela igualdade na esfera pública, enquanto se valiam da análise para explorar a diferença de sexos na esfera da vida pessoal (ZARETSKY, 2006, p. 184).

Certamente, quando esses homens retornaram do fronte, encontraram um cenário bem diferente em seus lares.

Ainda pensando sobre o caso Richard, Grosskurth (1992) nos fala sobre seu encontro com ele, anos mais tarde e, também, de outros detalhes do caso. Segundo essa historiadora, além do livro, das recordações de Richard, de vários comentaristas, a autora teve a perspectiva do caso através da mãe do paciente. Por mais de um ano depois da análise, a mãe do menino continuou a escrever para Klein. De início, ela ficou grata pela melhora de Richard, mas depois ela começou a impor um tom impertinente, chegando a insinuar que Klein não chegara à raiz dos verdadeiros problemas do menino. Grosskurth lembra, muito bem, que foi a mesma reação que Klein teve com Winnicott ao final da análise com Eric.

A importância do *caso Richard* não se refere, aqui, apenas aos detalhes que ele nos traz em termos técnicos. Optamos por abordá-lo aqui porque ele aconteceu em um período muito significativo na vida e na obra de Melanie Klein. Richard era um menino de dez anos que foi analisado por Klein no ano de 1941, época em que a Sociedade Britânica vivia o auge do que ficou compreendido como as *Controvérsias* (KING & STEINER, 1998) com Anna

Freud, além, é claro, de ser o auge da Segunda Guerra. A análise ocorreu no interior do País de Gales, local onde Klein e a família de Richard se evacuaram para fugir dos bombardeios a Londres que haviam se intensificado naquela época. Foi uma análise de cerca de quatro meses, mas profundas o suficiente para despertar em Klein o desejo de apresentá-la em forma de exposição exaustiva de caso clínico.

Havia um intenso sentimento de angústia com relação ao futuro. A guerra ameaçava a todos fisicamente, tanto que boa parte dos temas desse caso se refere a isso. Contudo, havia uma outra guerra que também angustiava Klein, a que acontecia no interior da Sociedade Britânica. Desde a chegada e presença de Anna Freud, a hegemonia de seu pensamento já não era, de longe, o mesmo. Juntando isso com os ataques severos de Glover e de Mellita, o clima era verdadeiramente terrificante. Isso porque, Glover (principalmente) e outros analistas, como Anna Freud, não concordavam que a formação naquela Sociedade tivesse o predomínio kleiniano. Para Glover nem sequer a maioria dos analistas concordava com as ideias daquela autora, como um levantamento estatístico construído por ele buscava evidenciar (King & Steiner, 1998). Postulava que essa formação com uma base predominantemente kleiniana era um arranjo político que deveria ser derrubado e, para isso, precisavam primeiramente modificar a forma como os poderes executivos aconteciam. Não se concordava mais que cargos como o da presidência se estendessem por tantos anos como o caso de Ernest Jones; além do fato de uma mesma pessoa ocupar mais de um cargo. Uma comissão para refletir essas mudanças foi proposta e, a partir daí, uma série de reuniões executivas extraordinárias começaram a acontecer, marcando o que ficou conhecido como o período de *Controvérsias Freud-Klein*.

Essas controvérsias tiveram um ponto incendiário que podemos localizar a partir de uma reunião executiva extraordinária, em 11 de março de 1942, na fala de Walter Schmideberg e, posteriormente, de sua esposa Melitta Schmideberg. Lembremos, filha de Klein. Ali, Melanie Klein foi apontada com se ocupando de ideias de outros autores sem citar a fonte. Como o caso da ideia de um pênis introjetado na mãe, ideia original de Felix Boehm, de modificar drasticamente a psicanálise original de Freud sem que isso fosse, de fato, reconhecido de forma mais ampla pelos analistas pertencentes àquela sociedade e, talvez o mais grave, de forçarem que os analistas em formação tivessem análise com kleinianos, o que fazia com que estes se tornassem adeptos de uma teoria por pressão de sua formação e não por convicção intelectual (KING & STEINER, 1998).

Desde essas colocações dos Schmidebergs, que foram seguidas pelas tentativas de defesa da própria Melanie Klein e, de forma mais incisiva, de Joan Riviere, a Sociedade ficou

por muito tempo sob a ameaça de cisão completa. Isso porque, a defesa do grupo kleiniano recaiu sobre ataques diretos a Edward Glover. R que fora analista de Melitta R, afirmando que todo aquele movimento era uma construção deliberada de Glover para assumir o poder da Sociedade. Esse psicanalista, desde então, empreitou uma verdadeira guerra para acabar com o grupo e o pensamento kleiniano.

No caminhar dessas reuniões o clima começou a ficar cada vez mais tenso com a participação de Glover e Mellita. Glover expunha e se questionava explicitamente: para quê discussões científicas se, a longo prazo, a Sociedade era composta apenas de partidários? (KING & STEINER, 1998; GROSSKURTH, 1992). Além disso, ele elencou seis pontos que achava extremamente condenáveis na formação daquela Sociedade: aprovação por lealdades pré-existentes; análise de controle feita sobre os que não possuíam essa lealdade; a exigência de uma análise sempre “mais profunda”, o que ele considerava típico dos kleinianos; o ensino de metodologias as quais a Sociedade ainda não tinha um consenso; escolha e aprovação do candidato com base na intensidade da lealdade; reuniões particulares para essas aprovações.

O que Glover estava transmitindo era uma atmosfera de conspirações secretas, olhares de esguelha, bilhetes passados furtivamente, um pé chutando por debaixo da mesa. Alguns membros distinguiram uma situação que lhes era conhecida? Ou de repente viram-se como estranhos ingênuos excluídos do círculo privilegiado? (GROSSKURTH, 1992, p. 320).

Glover era conhecidíssimo por seu sarcasmo escocês, o que deixava o clima pesadíssimo naquela instituição. Isso fica muito explícito nas longas atas daquelas reuniões, como podemos acompanhar em King & Steiner (1998). Apesar de, aparentemente, não terem uma aliança como a que ele tinha com Melitta, Glover e Anna Freud buscavam a queda da hegemonia kleiniana. Pelo menos nas atas das reuniões, era Glover quem atacava mais deliberadamente. Anna Freud fazia uma linha mais intelectual, buscando criticar elementos teóricos que, desde Klein, a Psicanálise inglesa se afastava do que seria a verdadeira Psicanálise.

Um pouco antes dessa guerra, Klein e Anna já tinham concordado que era impossível candidatos apadrinhados por um grupo terem aulas ou serem controlados por analistas do outro grupo. A reunião de 10 de junho de 1942 teve, enfim, algumas resoluções: 1) que se aprovasse um regulamento de abnegação com referência às acusações aos membros isolados ou de grupos contrários; 2) que a Sociedade exigisse que se evitassem fazer ataques pessoais

ou insinuações em discussões, mas que se preservasse o direito e a liberdade do discurso dentro da civilidade (KING & STEINER, 1998).

Klein, ainda tentando se defender, instigava um retorno a Freud; a autora entendia que essa era a forma teórica e política de se sustentar dentro da Sociedade. Todavia, acreditamos que foram as defesas de Jones e sua forma diplomática de apaziguar os ânimos que permitiram que, apesar de tudo, a Sociedade não tivesse rachado em várias sociedades, como aconteceu na França em período próximo. Em 27 de junho de 1943, Klein estabeleceu a política de que, *em seu grupo* é uma vez que ela não tinha mais confiança na própria Sociedade é nenhum artigo seria publicado antes que se chegasse a um acordo de suas linhas gerais dentro do grupo kleiniano (GROSSKURTH, 1992). Ela estava buscando uma constituição mais sólida nas teorizações que partiam de sua obra, para enfrentar os analistas vienenses, especialmente Anna Freud.

As construções kleinianas é da autora e de seus discípulos é caminhavam cada vez mais a destacar o campo das fantasias inconscientes. A autora buscava frisar que, para Freud, a fantasia sempre tinha um vínculo com a realização de desejo. Contudo, ela percebia que as fantasias também guardavam outros objetivos como, por exemplo, negação, consolo, reparação, controle onipotente. Ou seja, desde o início, diversos mecanismos de defesas já estavam em operação, tanto em crianças neuróticas quanto nas consideradas “normais”. Susan Isaacs procurou dar base a isso através de descrição do comportamento infantil durante o primeiro ano de vida: onde a criança realizaria atividade mental antes de ser capaz de formular seus pensamentos em palavras.

Apesar da intransigência de Anna Freud, de Glover e dos Schmidebergs, a produção teórica na Sociedade Britânica tendia a revelar as relações profundas com a mãe. Isso vai ao encontro do ponto central de nossa tese nessa pesquisa, que a feminilidade que estamos buscando se refere a esse espaço intersubjetivo de constituição do sujeito. Tanto que Grosskurth (1992, p. 340) nos faz importante apontamento desse período das *Controvérsias*:

O que fazer da intransigência de Anna? O próprio Freud a definia como uma espécie de Antígona, e agora, a filha de Édipo estava guardando as cinzas sagradas. O fato de ter sido analisada pelo próprio pai deve ter exercido uma influência incalculável sobre uma jovem impressionável, e 1931, em *Sexualidade Feminina*, ele reconheceu que não dera atenção suficiente ao apego da criança à mãe. Em 1926, em *Inibições, Sintomas e Angústia*, escrito quando estava com setenta anos, Freud deu pela primeira vez uma atenção sistemática à angústia

de separação. Tanto Anna Freud quanto Melanie Klein sabiam que eram filhas indesejadas, cujos pais haviam preferido as irmãs mais velhas; e isso as afetou de formas diferentes, a vida inteira. É possível que a relação de cada mulher com a mãe seja ainda mais importante. Esses fatores pessoais indicam possibilidades interessantes para as razões por que a psicanálise bifurcou-se em duas direções muito interessantes.

Anna Freud fez uma lista das tentativas de mudança na técnica clássica, citando dois dos mais inventivos: Ferenczi (técnica ativa) e Rank (trauma do nascimento). Reich também foi lembrado nas suas tentativas de reproduzir aspectos agressivos entre analista-analisando. Ao citar Klein, Anna Freud diz que ela, apesar de ter sofrido consideráveis mudanças em sua técnica após a última teoria da neurose, não deixava isso claro em suas colocações. Isso era o que mais incomodava Anna, ver Klein se afirmando como freudiana (GROSSKURTH, 1992).

Observando as diferenças das duas autoras, o ponto era irreconciliável. Se de um lado a análise clássica buscava desfazer as repressões e numa busca de ampliação da consciência, onde o ego assumiria maior controle sobre o id; por outro lado o destaque dado aos mecanismos de introjeção e projeção fizeram com que Klein revelasse a importância dos objetos internos e sua influência com o mundo exterior. Anna Freud acreditava que a técnica psicanalítica original não poderia cumprir os dois objetivos. Segundo Grosskurth (1992, p. 355), “[...] a abordagem de Anna Freud poderia ser situada mais na tradição do meliorismo do século XIX, em que o homem pode aprender a ser dono de seu destino, ao passo que Klein aceita os níveis mais sombrios e profundos da consciência humana”.

Em 28 de janeiro de 1944, Glover, ao escrever para Jones, percebia o quanto a Sociedade passara a ser dominada por mulheres. Apesar disso, estava satisfeito com os novos rumos da Sociedade depois das novas resoluções da Comissão de Formação, que buscavam, de fato, evitar as controvérsias criadas nos últimos anos. Contudo, a satisfação de Glover não duraria muito. Em 11 de dezembro daquele ano ele escreveu uma carta irada a Jones protestando contra a escolha de Anna Freud ao cargo de secretária da Associação Internacional. Jones nessa época já voltara a ocupar o cargo de presidente. Segundo Glover, ele não havia se desligado da Associação Internacional e Jones não tinha o direito de substituí-lo daquela forma. Ele apenas havia se demitido da Sociedade Britânica por todas as disputas que, segundo ele, o kleinismo criara. Jones respondeu em 8 de janeiro de 1945,

bastante cansado, e questionando se ele não estava cansado também de toda aquela política psicanalítica que só destilava veneno.

Apesar da saída de Glover da Sociedade Britânica, este não deteve sua vingança contra Klein. Em diversos artigos, resenhas, cartas, etc., ele nunca perdia a oportunidade para atacá-la, denegrindo sua pessoa e suas ideias. Além disso, ele começou a espalhar histórias insultuosas pelos bastidores como, por exemplo: que Klein havia confessado a um amigo que, depois de Jesus Cristo, ela se considerava a pessoa mais importante que já existira (GROSSKURTH, 1992). Ou seja, não conseguindo vencer por cima, passou a atacar por baixo.

No início da década de 50, Margaret Little procurou Klein para buscar ajuda com um caso difícil. Apesar de não se recusar, Klein perguntou como era a organização do grupo annafreudiano. Little respondeu que não estava naquele grupo, mas sim no intermediário e, de seu ponto de vista a partir dele, as duas organizações eram iguais. Klein não escondeu sua raiva e terminou a entrevista de forma abrupta. “Segundo a Dra. Little, as duas mulheres exibiam um forte elemento de homossexualidade, mas não sabia até que ponto ele era consciente” (GROSSKURTH, 1992, p. 379)

A Sociedade, por fim, não se dividiu como seria, para muitos analistas, o mais honesto a fazer. Grosskurth (1992, p. 379) faz uma leitura bem pertinente:

É perturbador aceitar que pessoas muito inteligentes, instruídas, pudessem sucumbir à histeria que varreu a sociedade britânica durante alguns anos. Mas é preciso compreender que todos os seres humanos, até mesmo psicanalistas, estão sujeitos às mesmas pressões; quando mergulhados em grupos, manifestam inveja, raiva e competitividade, seja o grupo um sindicato ou um concílio de bispos.

Ao longo dos anos posteriores à década de 1950, cada vez mais os ânimos foram se acalmando na Sociedade Britânica, ao ponto de que para alguns psicanalistas como Claude Wedeles, ela tenha se tornado “mansa demais” (citado por GROSSKURTH, 1992, p. 379). Posteriormente, com a saída de Anna Freud, a tensão que restava foi se esmaecendo cada vez mais.

Talvez o melhor retrato pintado de Klein nesse período de 1945-1960 é feito por Hanna Segal, que na época, assim como Hebert Rosenfeld, estava iniciando sua análise com Klein, assim como sua formação. Para Klein, em conversa com Clifford Scott, Segal era a

pessoa mais promissora que eles já tiveram na Psicanálise. Segundo Grosskurth (1992), ela começava a ser considerada para o papel de “princesa herdeira”.

Outro psicanalista que começava a chamar a atenção de Klein era W. R. Fairbairn e suas ideias originais sobre a esquizofrenia. Esse autor, na concepção de Grosskurth (1992), deu início ao que seria o último período criativo de Klein, dando inspiração, por exemplo, para a construção do conceito de posição esquizo-paranóide.

Um dos pontos mais criticados de Klein nesse período do pós-guerra é de que ela fundamentava pouco seus conceitos. Tanto que Winnicott chegou a esbravejar de que ela bem que poderia, ao menos uma vez, deixar claro e citar as pessoas de quem ela tomava as ideias emprestadas. Exemplo disso se refere ao conceito de Klein chamado de identificação projetiva. Para muitos analistas como Claude Wedeles, esse conceito era bastante obscuro, tanto na clareza de sua definição quanto na sua origem. Tanto é que apenas em 1969, após a morte de Klein, que ele se tornou mais clarificado com uma definição proposta por Rosenfeld, a partir do Colóquio Internacional sobre Psicose.

Pensamos que essa forma de construção teórica, ao final da vida de Klein, tomou essa característica mais radical como uma espécie de pressa dessa autora em formular ideias cada vez mais profundas sobre a mente. É como se Klein quisesse, enquanto ainda tinha tempo, atingir ao máximo que pudesse os elementos mais originais do psiquismo. Não havia muito tempo para maiores explicações, o tempo era de publicar os achados clínicos!

Apesar desse interesse intelectual de Klein, o que se via na prática era que ser kleiniano, cada vez mais, significava ser escolhido por ela. Nesse sentido, todos aqueles que mostrassem trabalhos que lhe eram mais interessantes, ela acolhia como verdadeiros discípulos. Podemos reconhecer, como exemplo disso, Rosenfeld que, naquele período, começa a empregar frequentemente psicanálise com pacientes psicóticos. O que era uma novidade até então.

Por outro lado, trabalhos originais que se afastassem daquilo que Klein conseguia compreender, eram rechaçados. Sobre isso, um dos exemplos mais significativos é o de Paula Heimann quando começou a valorizar o uso da contratransferência como uma técnica de tratamento.

O artigo de Heimann foi um ato de independência, e ela podia ter argumentado que tinha tanto direito de produzir sua obra original e criativa quanto Melanie Klein, mas certamente não era assim que Klein teria visto as coisas. Em 1949, Heimann era, aos cinquenta anos, a colega mais próxima em idade de Klein. Estava decidida a tomar um

rumo próprio, exatamente como fizera Mellita. Com o passar dos anos, Klein se assemelhava cada vez mais a Libussa em sua inflexibilidade, em sua força e em seu ímpeto para impor a sua vontade (GROSSKURTH, 1992, p. 405).

Apesar dos atritos explícitos, nunca se confirmou de fato uma ruptura entre as duas, como nos destaca Grosskurth, 1992.

Mesmo com a saída de Anna Freud da Sociedade Britânica, essa psicanalista não deixou de provocar mal-estar em Klein. Isso porque, fora daquela sociedade, o nome que mais se destacou na Psicanálise naquele período foi o de Anna Freud. Principalmente, por ela ter emigrado para os Estados Unidos que, desde a década de 1950 começou a se tornar região central da Psicanálise no mundo. E por lá, nessa época, o nome de Melanie Klein é quase que totalmente desconhecido. Melanie Klein sabia dessas notícias e, apesar de certamente sofrer ao perceber isso, sempre se mostrava com semblante de indiferença (GROSSKURTH, 1992).

Em meados da década de 1950, Klein supervisionou um caso de Marion Milner. Tratava-se de Michael Clyne, neto de Klein. Klein retomava a defesa de que ela levava em consideração o ambiente, pois dava dados sobre esse. Contudo, Milner ficou muito embaraçada com a situação, uma vez que Klein era extremamente crítica a Eric durante a supervisão. O garoto em análise era filho de Eric Clyne, agora adulto e pai. Os comentários sobre Eric, segundo Grosskurth, eram bastante desdenhosos, o que levou Milner a querer saber se Eric havia amadurecido depois da morte de Klein. Grosskurth questiona se “Klein era *realmente* tão crítica de Eric, ou se ela estava impondo seu próprio sistema de predominância da mãe sobre o material”? (1992, p. 422)

Em 1954, Klein preparava seu artigo “Sobre a identificação” que seria publicado no ano seguinte. Ela baseava seu texto no romance de Julien Green *If I were you*. Klein tratava a personagem Fabian como se fosse sua paciente, e buscava descrever a profundidade de desejos como a cobiça, a inveja e o ódio. Devemos lembrar que dois anos depois ela escreveu *Inveja e gratidão* (1957) texto em que ela aprofundou ainda mais a discussão sobre a base primitiva que estaria na inveja. Sobre esse período, Grosskurth (1992) nos conta que Betty Joseph participava do mesmo Congresso que Klein em Londres. Vendo que Klein estava sentada sozinha em um banco de fora do Bedford College, ela se aproximou de Klein e percebeu que Mellita havia passado por elas. Ambas, filha e mãe se ignoraram e fingiram não se ver. Joseph conta que essa foi uma experiência muito dolorosa para ela, ver mãe e filha se tratando daquela forma.

Ainda em 1954, Walter Schimberg, marido de Mellita, morreu na Suíça por conta do alcoolismo. Klein chegou a escrever uma carta de consolo para sua filha, que estava em Nova York, mas que nunca respondera. Apesar de sua imponência e rigidez para defender suas teorias e lutar contra seus adversários Ríglover e Anna Freud, por exemplo Ríglover em 1957, como nos diz uma nota de rodapé de Grosskurth, no Congresso de Paris daquele ano, afirmam que Klein rompeu em prantos desabafando com Francesca Bion sobre as desavenças com sua filha (GROSSKURTH, 1992, p. 437).

Klein temia pelo futuro de suas ideias. Nesse sentido, ela procurou, cada vez mais, formar um grupo de seguidores cada vez mais dedicados e bem-dotados. Em 1957 procurou construir, como eram seus planos já há alguns anos, a criação de um *trust* para promover a pesquisa e o ensino da psicanálise. Na verdade, podemos pensar que essa instituição tinha muito mais a meta de preservar suas ideias de um futuro que ela ainda considerava incerto. Mesmo com o reconhecimento e o *status* que ela tinha alcançado, seus sentimentos persecutórios ainda se mantinham. Ela contou com a ajuda de proeminentes psicanalistas como W. Bion, Paula Heimann, Betty Joseph e Roger Money-Kyrle para concretizar seu projeto.

Melanie Klein considerava questão de princípio, a cada Congresso, apresentar um artigo com ideias originais. Especialmente no Congresso de Genebra de 1955 ela estava vigorosa. O cuidado com seu texto se mostrava mais intenso do que de costume. Pouquíssimos colegas, mesmo os mais próximos, tiveram contato com o artigo *A study of envy and gratitude*. Foi um texto e uma exposição que trouxeram uma nova controvérsia. Além de criticar o texto clássico de Abraham, *Breve história do desenvolvimento da libido à luz dos distúrbios mentais*, de 1924, tendo em vista que Abraham não usara as ideias de pulsão de morte que Freud já havia exposto quatro anos antes, em *Além do princípio do prazer*; Klein acreditava que se Abraham tivesse vivido mais teria relacionado as implicações das teorias dela com as de Freud. Além disso, a autora procurava destacar como a inveja tinha um motivador inato básico e que estaria ligada a pulsão de morte. Uma expressão disso poderia ser a agressividade que também tinha uma natureza inata para Klein. Assim, o primeiro objeto seria seio e o núcleo de relação mais original estaria pautado na inveja que o bebê sentiria dele frente às frustrações inevitáveis (GROSSKURTH, 1992).

No entanto, o bebê também seria capaz de sentir gratidão e bondade pelas satisfações recebidas, o que seria uma base importante para a sua atitude emocional posterior e integração egóica. “No desenvolvimento ideal, a satisfação e a gratidão aumentam a capacidade de amar, incorporando assim a inveja num ego integrado” (GROSSKURTH, 1992, p. 441).

Essas novas ideias foram criticadas especialmente porque se tornaram um universo minimalista: toda inveja percebida seria reconhecida como uma frustração oral primitiva que guardava uma marca psicopatológica. Segundo a compreensão de Grosskurth (1992), a relutância contra essas novas posições de Klein partiam principalmente do grupo masculino. Isso porque a inveja era ainda vista como uma espécie de *fraqueza* feminina. Poder reconhecer que essa constituição estaria presente em todos, mulheres e homens, era uma espécie de horror negado.

Em junho de 1953, a Comissão de Formação da Sociedade Britânica esboçou um conjunto de regras que acreditava mais equilibrada para a formação dos analistas, principalmente para diminuir as queixas trazidas pelo grupo mais independente. Klein se opôs principalmente à parte que se referia à análise pessoal. Para ela, essas formulações deveriam ter sido criadas com uma “reflexão mais cuidadosa e pelo Conselho” (citado por GROSSKURTH, 1992, p. 456). Klein sentia que ainda havia um peso maior de Anna Freud e de Sylvia Payne nessas formulações.

Os anos entre 1953 e 1959 foram bastante dedicados à construção de sua autobiografia. Na opinião de Grosskurth (1992) é um texto marcado pelo modo repetitivo típico de uma pessoa idosa. Mas o que mais chama a atenção dessa autora é a ausência da exposição de eventos dolorosos na vida de Klein. Grosskurth entende esse movimento como uma espécie de bloqueio dessas lembranças, junto com certas idealizações.

Grosskurth (1992) busca destacar, também sobre essa época, a relação entre Klein e Judy, sua nora. Judy lembra que ficava apavorada como Klein segurava um de seus bebês, pois parecia “tensa e afetada com bebês”. Tinha-se a impressão que ela se sentia mais à vontade com outros bebês do que com os seus. Ilse Helman é um dos principais integrantes do grupo de Anna Freud e se recorda do quanto Klein foi atenciosa com seu filho. Apesar de ele ter um preconceito a partir de tudo que ouvira sobre Klein, percebeu que ela tinha um jeito adorável com crianças, pois “parecia uma avó alegre e boa”. Vejamos como destoa a forma como Klein se sentia à vontade com crianças mais distantes do que a de sua família. Que inibições existiam que faziam com que Klein ficasse tão temerosa frente aos seus? Podemos crer que a pergunta feita por Grosskurth, páginas anteriores, se torna bem pertinente nesses exemplos: será que Klein não passou o resto da vida duvidando se realmente tinha feito algo bom com seus filhos através da análise?

No Congresso de Paris em 1957 Klein apresentou *The development of mental functioning*, texto que foi bastante criticado por seus colegas que não acharam que ele estava nos padrões mais comuns à qualidade da autora. Mas talvez o que mais tenha incomodado

nessa apresentação foi o destaque que a autora deu às pulsões de vida e, principalmente, às pulsões de morte como não sendo processos biológicos, mas como bases afetivas de amor e ódio. Essa apresentação além de contrariar as proposições mais freudianas sobre essas pulsões, ainda revela um ego incipiente agindo desde o início da vida para equilibrar o impacto da agressividade sobre a vida emocional. A compreensão sobre o que, então, seria uma pulsão, ficava bastante confusa com essas novas propostas kleinianas. Hanna Segal, alguns anos depois, trouxe uma definição mais compreensível sobre a versão kleiniana da pulsão de morte:

[...] Para mim, o instinto de morte não é uma pulsão¹⁸ biológica para voltar ao inorgânico (como definiu Freud), mas sim um desejo psicológico de anular essa mudança súbita ocasionada pelo nascimento. Assim, o bebê nasce numa espécie de caos de percepções contraditórias R agradáveis e desagradáveis R e de desejos contraditórios; em pouco tempo ele começa a selecioná-los e essa seleção chama-se „divisão“. O indivíduo é atacado por coisas más, ou vivencia algo muito ideal (citada por GROSSKURTH, 1992, p. 465)

Essa redefinição do campo pulsional trazia algumas novas implicações, muito semelhantes àquelas discutidas por Freud, por exemplo, em *Análise terminável e interminável* (1937/1996). As questões eram: quais os limites da análise? A quem ela poderia servir? Questões como se seria viável analisar uma pessoa de uma cultura muito diferente como, por exemplo, a oriental. Klein não sabia responder, mas tinha muita curiosidade em ver como isso poderia acontecer. No entanto, ela se mostrava bastante radical a algumas posições que sustentavam o que ela entendia como uma verdadeira análise, como a frequência das sessões (cinco sessões semanais), mesmo que seus colegas questionassem isso. Se o paciente não

¹⁸ Aqui devemos destacar uma confusão que se criou. Hanna Segal, na citação de Grosskurth usa a expressão instinto de morte, o que poderia ser uma opção típica das edições *Stantard* que traduzem textos psicanalíticos do inglês. Contudo, logo em seguida ela usa a expressão pulsão biológica, deixando bastante difícil de entender a ideia. Por quê? Em Psicanálise nos habituamos a chamar de pulsão essa força ou pressão que tende a empurrar o organismo humano a um objetivo. É um termo que deriva da palavra alemã *Trieb* que sempre trouxe algumas dificuldades de tradução para outros idiomas. Os psicanalistas, especialmente os franceses, optaram por criar um neologismo para essa palavra alemã ao invés de usar a expressão instinto, como os Britânicos continuaram a usar por muito tempo. Isso porque a ideia de instinto traria uma dinâmica típica ao ritmo natural de uma espécie, o que os humanos sempre acabam contrariando na expressão do seu desejo. Dessa forma, instinto ficou para aquilo que corresponde mais ao natural da espécie e pulsão ao limite entre o corpo e psiquismo, uma brecha onde estaria o inconsciente. Acreditamos que, talvez, houve uma modificação de lugar nessa tradução da citação de Hanna Segal, pois ela chama de pulsão aquilo que seria biológico e de instinto aquilo que seria do campo psicológico. Sugiro que façamos essa inversão das palavras para melhor compreendermos sua ideia.

pudesse pagar pelos honorários, haveria a possibilidade de reduzi-los, mas nunca se diminuiria o número de sessões. Para ela, qualquer tentativa de diminuição nessa frequência seria um subterfúgio, uma defesa que ela não aceitaria. E se realmente não fosse possível a realização nessas condições impostas por ela, poder-se-ia propor outra coisa, como uma psicoterapia. Stanley Leigh lhe questionou como ela fazia psicoterapia. Ela respondeu de maneira bem clara: “Eu não saberia dizer a você [...] eu não saberia fazer isso” (citada por GROSSKURTH, 1992, p. 469).

Vemos, então, que Klein estabelecia uma distinção entre psicanálise e psicoterapia, não tomando esta última como um sinônimo da primeira. Além disso, até o fim da vida ela se manteve muito fiel e rigorosa a esses princípios psicanalíticos que ajudou a formar. O que depois de sua morte, que aconteceu em 22 de setembro de 1960, foi continuado por seus discípulos mais próximos e, cada um a sua maneira, ia eternizando uma imagem de Melanie Klein que, positiva ou negativa, não passava indiferente no campo psicanalítico. Vejamos alguns impactos que Klein deixou para alguns nomes importantes daquela década de 1960.

Apesar de R. D. Laing ironizar que ficava feliz por não ter tido Melanie Klein como sua mãe, ele tinha muito respeito pela sua obra. Acreditava que ela, mais do que qualquer outra pessoa, era uma importante “testemunha da realidade psíquica que a maioria das pessoas negava” (citado por GROSSKURTH, 1992, p. 478). Além disso, Laing lembra o quanto Klein foi importante para a obra e o respeito que Merleau-Ponty tinha pelo seu pensamento e que a considerava “uma fenomenologista empírica natural” (Idem).

Hanna Segal defendia a análise kleiniana como sendo rigorosa. Segundo Segal, boa parte das críticas dirigidas a Klein seria uma má vontade em entender de fato suas ideias. Exemplo disso seria com relação às interpretações kleinianas que se dariam sempre em termos corporais concretos. Para Segal, Klein interpretava com muito cuidado as relações externas do paciente e, apenas quando a transferência emocional estivesse consolidada, é que ela realizava interpretações mais profundas. “Quando ela fazia uma interpretação a respeito, por exemplo, da relação do paciente com o corpo da mãe, tudo ao mais se encaixava de uma forma mais integrada, de modo que tais interpretações eram extraordinariamente eficazes” (citado por Grosskurth, 1992, p. 476). Há ainda a recorrente acusação de que ela ignorava o ambiente externo. Para Segal, Klein atendia tantas crianças filhos de analistas, que ela tomava um enorme cuidado em preservar suas identidades. E isto era o que se perdia nas exposições mais pormenorizadas do ambiente da criança.

Melanie Klein era uma espécie de iluminista radical que acreditava na possibilidade de se trabalhar com a verdade como uma forma de cuidado e de alívio do sofrimento. Apesar disso, Cintra e Figueiredo (2004, p. 174) destacam que:

[...] Seu projeto com as crianças nunca será o de „civilizá-las“, mas o de permitir que, por meio do contato com sua realidade psíquica e seus impulsos, suas fantasias inconscientes, suas dores e sofrimentos e, elas possam renunciar a certas defesas radicais contra as angústias e encontrar melhores vias de integração e equilíbrio, melhores vias de aceitação e contato com a realidade externa e interna.

Para isso, haveria a necessidade de uma nova postura do analista. A clínica kleiniana, além de propiciar todo o corpo teórico, trouxe também, para a surpresa daqueles que não conhecem mais de perto sua obra, a necessidade de uma delicadeza necessária para poder se efetuar uma interpretação mais profunda, por exemplo. Nesse sentido, a análise kleiniana acaba impondo ao analista uma implicação mais intensa na sua relação estabelecida, bem diferente de uma análise mais intelectual ou meramente arqueológica. A compreensão, por isso, parece mais grosseira, porque avança em aspectos mais distantes do intelecto consciente. Isso faz com que o analista esteja “[...] mais implicado e mais responsável, mas nem por isso pode recorrer às falas de encorajamento ou sugestão” (CINTRA & FIGUEIREDO, 2004, p. 178).

O estilo trazido por Klein corre um grande risco, como nos destacam Cintra e Figueiredo (2004, p. 181)

[...] da intrusividade, do autoritarismo e da infantilização dos pacientes, a própria teoria kleiniana oferece antídotos contra esses males, identificando claramente a estrutura e a dinâmica psíquicas que precisam ser mantidas na relação analítica e, portanto, a qualidade subjetiva do analista que se requer para o bom andamento do processo.

Por fim, para terminar essa nossa tentativa de apresentar e localizar quem foi Melanie Klein, terminamos com uma frase dela que resume bem qual foi o seu desejo enquanto analista: “**Minha cara, não cometa um engano. Sou freudiana, mas não annafreudiana**” (KLEIN, citada por GROSSKURTH, 1992, p. 482). Comentário que realizou a Dinora Pines, que fazia formação na Clínica Hamstead e sempre ficava observando

Klein, uma senhora idosa que muitas vezes ficava sentada sozinha, ao sol, na frente de sua casa, em Bracknell Gardens.

4. A NOÇÃO DE FEMINILIDADE NA PRIMEIRA DÉCADA DE TRABALHO DE MELANIE KLEIN

Em nosso segundo capítulo, buscamos tratar que as implicações trazidas por esse tema ao final da obra de Freud realizaram importantes modificações na Psicanálise e nos seus derivados, o que possibilitou transformações na tradição ocidental no que se refere ao campo feminino e, especialmente, na compreensão de outras possibilidades de subjetivação do sujeito para além daquelas centradas no registro fálico. Isso significa que, do ponto de vista clínico e metapsicológico, os registros psíquicos da construção do sujeito se descentrariam do campo das pulsões investidas em torno dos registros fâlicos \hat{R} que tomam o masculino como organizador \hat{R} e se destacariam para o campo das pulsões sem representação. Algo mais arcaico, mais caótico, mas, ao mesmo tempo, com possibilidades que privilegiariam a singularidade e a alteridade na construção do sujeito. Nesse sentido, trabalharemos a ideia de que Melanie Klein, já na sua primeira década de publicações, partiria da *segunda clínica* freudiana e apresentaria essa nova perspectiva, pois suas próprias publicações se iniciam na década de 1920. Todavia, devemos destacar que a autora ainda se posicionava bastante centrada na perspectiva da subjetivação fálica, como iremos acompanhar em boa parte desse seu início teórico; mas desde então suas contribuições originais já começavam a destacar essa perspectiva que acreditamos ter sido iniciada pelo próprio criador da Psicanálise.

A ideia deste capítulo aqui, portanto, é discutir que, já na primeira década de publicações dos trabalhos de Melanie Klein \hat{R} apesar dessa autora ainda não ter um sistema notacional original \hat{R} a noção de feminilidade trazida por Sigmund Freud ao final de sua obra e que defendemos aqui, já estava presente no início do pensamento dessa psicanalista.

Nosso percurso aqui se fará através dos textos que compõem a primeira década de publicações dos trabalhos de Melanie Klein, ou seja, buscaremos refletir e analisar seus artigos publicados entre os anos de 1921 a 1931. Isso porque, posteriormente a essa data, Melanie publicou em 1932, o livro que sistematiza seu pensamento e sua técnica até aquele momento, que é *A psicanálise de crianças*. Dessa forma, temos a intenção de realizar um dos recortes histórico e epistemológico na obra de Melanie Klein, com o intuito de compreender a construção dessa obra, tendo em vista que esse livro de 1932 é o resultado de todo o trabalho desses anos iniciais.

4.1 A NOÇÃO DE FEMINILIDADE PARA LERMOS M. KLEIN

Julia Kristeva (2002) afirma que a forte tendência em *maternalizar* o inconsciente, por parte de Melanie Klein, sempre esteve presente na obra desta autora e, também, posteriormente na obra dos kleinianos subsequentes. E o que Kristeva quer dizer com *maternalizar*? Segundo ela, Klein sempre havia deixado explícito o seu interesse em compreender os processos mais arcaicos da mente, buscando ir ao encontro do recalque originário do sujeito. A partir disso, Klein e seus seguidores teriam se fixado em posições dogmáticas e interpretações estereotipadas, para não dizer persuasivas (2002, p. 56), especialmente naquilo que se refere à transferência negativa. Segundo Kristeva, a atenção dada por Klein em relação à transferência negativa levou muitos detratores do pensamento de Klein a acusá-la de suscitar essa transferência, mesmo quando ela não estava em curso. De qualquer forma, Kristeva concorda que uma das marcas mais originais do pensamento de Klein é o seu não-recuo frente à agressividade dos seus pacientes. Nesse sentido, essa ideia da relação de inconsciente com maternidade era de que, a partir de Klein, buscava-se ir cada vez mais profundo na compreensão da constituição psíquica e, a via para isso, deveria ser a transferência negativa, uma vez que esta passou a ser vista como a transferência mais primitiva.

Melanie Klein (1923/1996; 1926/1996; 1927/1996) em diversos textos iniciais destacava que a forma como ela buscava compreender e, principalmente, interpretar os jogos infantis e seus simbolismos só ocorreria após várias repetições do mesmo conteúdo como em tais estudos. Destacava ainda que apenas no atendimento ao pequeno Dick¹⁹ (KLEIN, 1930/1996) que introduzira forçosamente uma interpretação; e isso, para que pudesse iniciar um contato transferencial com esse menino. Segundo Klein (1930/1996), essa mudança em sua técnica foi uma exceção por conta da demanda desse atendimento em específico. Contudo, essa imagem de uma psicanalista intrusiva ficou bastante marcada no imaginário psicanalítico e leigo. Contudo, desde a publicação de *A psicanálise de crianças*, como veremos em nosso próximo capítulo, a autora passara a reconhecer a importância de se interpretar, desde o aparecimento de alguma transferência que causasse resistência no brincar da criança.

Pensamos que isso tem a ver com o campo que Klein investigava: o das pulsões sem representação. Algo que se destacava no universo infantil específico em que ela trabalhava. E

¹⁹ Dick, apesar de ter sido compreendido como uma criança psicótica, atualmente poderia ser compreendido como um caso de autismo.

esse universo era bastante perturbador, desde as descobertas de Freud a partir da década de 1920 sobre aquilo que ele chamou de pulsão de morte. Mas por quê?

Como tentamos evidenciar em nossos dois capítulos iniciais, através de nosso sobrevoo desde a Antiguidade até a compreensão das ciências Modernas, sobre as diferenças sexuais e o lugar ocupado pelo feminino a partir destas; o paradigma da compreensão da construção do psiquismo se centrou pela via do masculino, com um ponto central que seria o do registro fálico, ou seja, o sexo padrão era o masculino. O que era tomado como pressuposto da perfeição. O masculino em contraste com o feminino, que seria entendido como algo inferior, imperfeito, numa espécie de hierarquia das diferenças. Nesses capítulos, buscamos discutir que foi pelo reconhecimento de um momento anterior às relações do sujeito com o universo fálico que levou Freud a construir novos conceitos como o da pulsão de morte e, a compreender campos como o das neuroses traumáticas e as compulsões à repetição. Nesse sentido, Freud teve de se confrontar com os aspectos do desamparo do sujeito em suas relações primitivas com a mãe, e com isso o campo feminino²⁰ se destacou, justamente por ter se mostrado como mais enigmático se comparado ao masculino.

Identificamos ainda que a noção de feminilidade que Freud começou a construir a partir de 1920, e que se destacou na década de 1930, sempre manteve uma posição conservadora. Exemplo disso é a concepção freudiana sobre a maternidade: caminho para a mulher poder se sentir mais completa e superar suas invejas do pênis, derivadas de seu percurso edípiano. Apesar dessa posição conservadora, Freud abriu espaço para pensar o sujeito além dessa forma subjetiva e isso, como destacam Birman (1999; 2001) e Arán (2000; 2002; 2009), pode ser pensado pelo campo das pulsões sem representação, que estaria no interstício da dinâmica da nova concepção que se estabelecia a partir dos conceitos de pulsão de vida e de morte. Dessa forma, é preciso destacar que Melanie Klein, ao aderir desde o início de sua obra a esses conceitos controversos, conseguia uma trilha importante para a representação do feminino como podemos encontrar na evolução de seus escritos²¹. Ao conjugar esses dois elementos clínicos. O feminino e essa nova concepção pulsional. A autora conseguia produzir uma metapsicologia onde se destacava a noção de feminilidade que buscamos discutir nesse trabalho.

²⁰ Naquilo que diz respeito à constituição do sujeito, porque o universo feminino sempre esteve presente na obra freudiana, uma vez que grande parte de seus pacientes era formado por mulheres históricas. Todavia, quando Freud pensa a constituição do sujeito e seu psiquismo, recorre ao universo masculino como protótipo.

²¹ Exemplos disso são suas pequenas pacientes (Rita, Erna, Trude, Ruth, Grete, por exemplo) que aparecem em boa parte de suas elaborações teóricas desde o início de suas publicações e ganham importante destaque em sua sistematização, como podemos encontrar em *A psicanálise de crianças*.

Se por um lado, apareciam aspectos mais caóticos e enigmáticos do sujeito, por outro, defendemos que a via da feminilidade propiciava elementos mais sublimatórios, de maior exploração erógena e que levariam o sujeito a uma capacidade de alteridade maior do que o campo falocêntrico e toda a rígida estrutura hierárquica que ele trouxe junto.

4.2 TRATAMENTOS DOMÉSTICOS E O ESPAÇO MATERNO

Segundo Petot (1991), Grosskurth (1992) e Kristeva (2002), o primeiro paciente apresentado em um caso clínico publicado por Melanie Klein se tratava de seu próprio filho, Erich Klein, que foi apresentado como Fritz. Essa constatação é importante porque, de acordo com Grosskurth (1992), a obra futura de Melanie Klein se basearia nas compreensões iniciais que essa autora obteve das angústias de seus filhos. E é interessante notar isso porque, por exemplo, durante toda a sua primeira década de trabalho, esse caso inicial foi retomado diversas vezes; e a cada retomada, um olhar mais profundo sobre essas angústias ia se acurando.

Mas o que devemos começar a destacar aqui é o espaço relacional entre terapeuta-mãe e paciente-filho que se estabeleceu e foi descrito em *O desenvolvimento de uma criança* (1921/1996), um artigo dividido em duas partes, sendo que a primeira se tratava de um pronunciamento de Klein à Sociedade Psicanalítica Húngara, no ano de 1919, e a segunda parte, dois anos depois, Klein apresentava-o na Sociedade Psicanalítica de Berlim. É um texto que não pode ser considerado ainda uma análise propriamente dita, mas um cuidado e uma educação pautada em orientações psicanalíticas. A meta era ajudar o pequeno garoto a superar suas inibições que Klein entendia como derivadas das angústias despertadas pela curiosidade sexual e que eram intensamente reprimidas pela pressão sentida pelo menino para com a autoridade do pai. É muito interessante acompanhar as passagens desse artigo onde Melanie Klein permitia a Fritz realizar as indagações dos mais variados temas. Alguns como a origem, o nascimento, a divindade e a existência das coisas (quem criou o quê?), eram bastante frequentes; contudo, Klein percebia que a repetição e a insistência nesses temas não eram frutos de uma falta de compreensão intelectual do menino, mas tratavam-se de repetições pulsionais em explorar os mais variados campos dos quais a criança sentia prazer em investir libidinalmente através de sua curiosidade intelectual. Isso correspondia a uma pulsão epistemofílica em curso, tal como discutimos em outro trabalho (KLIPAN, 2009).

Klein notava que quanto mais se reduzia a autoridade dos pais²² internos, mais curiosa a criança se colocava, tendo em vista que sua capacidade de sublimação ficava mais livre a partir de suas fantasias. Isso tornava, então, a criança menos inibida. Ao mesmo tempo, a autora percebia que ocorria um decréscimo no sentimento de onipotência que pautava as fantasias daquele menino. Nesse sentido, Klein acreditava estar prevenindo uma futura neurose em Fritz. Mas, mais interessante que isso é se formos colocar em pauta nossos objetivos de evidenciar a presença da noção de feminilidade no início da obra kleiniana é destacar a importância, para essa autora, em buscar diminuir a intensidade da autoridade, que normalmente deriva de figuras divinas com seu poder onisciente e onipotente, e que facilmente se associa à figura do pai. Klein, retomando comentários de Freud (1910/1996), percebia que essa excessiva autoridade sentida derivava de uma necessidade inata de uma espécie de paraexcitações frente à intensidade pulsional. Mas Klein se mostra pouco contente com esse tipo de recurso, pois já percebia os possíveis danos causados que isso poderia desencadear.

A segunda parte desse artigo de 1921, apesar de ainda não se constituir como uma análise propriamente dita, já evidenciava a autora refletindo e realizando interpretações mais profundas sobre a mente e as fantasias da criança. Isso se deu, principalmente, ao fato de Klein ter extraído material do contato direto com crianças, o que trouxe uma tonalidade diferente se comparada aos atendimentos com adultos. Exemplo disso é encontrado na fantasia de Fritz sobre a *mulher com pênis*, uma imago tal como Klein se refere a uma figura que congregaria os aspectos fâlicos derivados das repressões vindas da autoridade paterna sentida pelo menino e, de outro ponto interessante a ser destacado, da aceitação de Klein sobre a proposta de A. Stürcke de que o complexo de castração se iniciaria a partir das frustrações com a ausência do seio. Podemos perceber aqui que Klein já estaria formando as bases de suas considerações posteriores sobre o Édipo e superegos primitivos. Nessa imago da mãe dotada de um pênis, poderíamos pensar, também, em um campo transitado pelos aspectos de feminilidade e de atravessamento da hierarquia fâlica, mas ainda com predomínio desta última.

Inibições e dificuldades na puberdade (1922/1996) e *O papel da escola no desenvolvimento da criança* (1923/1996) completam os textos que formam o conjunto que

²² É importante destacar que, apesar da importância que a fantasia tinha para a compreensão e intervenção nas angústias e dinâmicas psíquicas segundo a ótica de Klein, essa psicanalista também buscava interceder na autoridade dos pais reais. Como nos destaca Grosskurth (1992), um dos elementos de discordância do casal Klein era referente à severa educação que Arthur imprimia sobre os filhos. Desde essa época Klein também procurava modificar essa forma educativa que a autora entendia como intensificadora das angústias infantis.

Klein pretendia estabelecer: a criança em casa; a criança na escola e a passagem da criança à vida adulta; a adolescência.

O texto de 1922, que trata sobre adolescentes, não traz nenhum exemplo prático, são reflexões derivadas da própria experiência de Klein com crianças e discutidas com relação ao desenvolvimento dos meninos. Klein destaca que o estudo das meninas exigiria um trabalho à parte. Podemos, então, notar que o campo enigmático com relação ao universo feminino, que Freud iria explicitar na década de 1930, também é percebido por Klein nesse momento. Nesse período, Klein assume uma postura bastante freudiana com relação à sexualidade, tanto masculina quanto feminina como, por exemplo, sua compreensão sobre a sexualidade adulta a serviço da reprodução e, ainda, suas reflexões acerca da *passividade necessária*, cabe destacar, a ser assumida pelo universo feminino. É uma postura freudiana, mas os germes da transformação sobre a compreensão desse universo já estavam presentes.

Já o artigo *O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança* (1923a/1996) traz, também, concepções sobre a sexualidade que versam sobre a hierarquia fálica proposta pelas concepções psicanalíticas freudianas. Contudo, é um texto bastante significativo nas descrições de todo o simbolismo contido nas mais diversas atividades infantis, seja naquilo que se refere à escola ou nas fantasias e atos que também dizem respeito ao cotidiano fora dela. Nesse artigo, Klein trazia exemplos de diversas crianças que vão além da dimensão trazida por nosso subcapítulo aqui e que se refere às intervenções domésticas.

As descrições pormenorizadas sobre os atos e fantasias que representam simbolicamente a sexualidade das crianças atendidas por Klein tomam boa parte desse artigo. São mais de dez páginas de um artigo de cerca de dezenove. Fantasias ligadas às formas das letras, dos números, das contas matemáticas revelam um universo fantástico nunca antes descrito no campo psicanalítico.

O significado simbólico-sexual da caneta fica claro nestes exemplos, principalmente nas fantasias de Fritz, para quem as letras andam de motocicleta (o bico da caneta). Pode-se observar como o significado simbólico-sexual da caneta se funde com o ato da escrita que esta descarrega. Da mesma maneira, o significado libidinal da leitura deriva do investimento simbólico do livro e do olho (KLEIN, 1923a/1996, p. 89).

Até mesmo as oscilações de voz que um professor emitia eram sentidas como aspectos sexuais. Todos esses elementos, como compreendia Klein, derivavam de uma cena

sexual importante, a *cena primária* e a fantasia dessas crianças em relação ao *coito dos pais*. As inibições que para a autora eram impedimentos no curso do exercício das potencialidades da criança com relação aos aspectos sublimatórios eram compreendidas como derivadas desses elementos de fantasias. Apesar de nos dois artigos anteriores a esse de 1923, Klein ter dado um destaque importante ao corpo da mãe como processo exploratório e ligado à pulsão epistemofílica, o campo masculino se destacava como o centro do interesse e do aprendizado: “[...] É a conseqüente repressão dos componentes ativos masculinos tanto nos meninos quanto nas meninas que cria o fundamento principal para as inibições no aprendizado” (KLEIN, 1923a/1996, p. 96).

Os aspectos que derivam do campo feminino são explicitamente colocados em segundo plano. Klein destaca que:

A contribuição do componente feminino para a sublimação provavelmente sempre será a receptividade e a compreensão, que são parte importante de todas as atividades. No entanto, o elemento impulsionador que de fato constitui o caráter de toda a atividade, se origina da sublimação da potência masculina (KLEIN, 1923a/1996, p. 96)

A atitude feminina, segundo essa autora, se direcionaria para o reconhecimento e admiração da potência do pênis paterno, o que daria base para as atividades artísticas em geral, uma concepção que Freud (1910/1996) já havia destacado. Contudo, é em um menino que Klein reconhece a importância em solucionar a repressão dessa atitude. A autora nos descreve como somente após a atitude feminina de Felix ter se tornado evidente depois de o medo derivado da castração ter sido elaborado é que o garoto conseguiu retomar seus gostosos interesses artísticos ligados à música. Nesse caso, não apenas o interesse havia voltado, mas Klein percebeu que uma atitude mais original e menos imitativa acontecia. Nesse sentido, era um elemento novo que Klein constatava, mas que ainda estava pouco integrado a sua teoria.

Apesar do predomínio da atividade masculina, compreendida como ativa, estar no plano central, nesse texto de 1923 Klein ressalta a importância do campo feminino na construção de uma personalidade masculina. Aqui ainda estamos em uma compreensão dual do masculino igual a ativo; feminino igual a passivo. Mas essa passividade já se mostra muito mais ativa conforme vai ficando mais evidente.

4.3 A ANÁLISE DE CRIANÇAS E AS PRIMEIRAS CONCEPÇÕES ORIGINAIS

Análise de crianças pequenas (1923b/1996) é um dos artigos que marca o início das investigações de Melanie Klein, que ligam agressividade e ansiedade. Nesse artigo, a compreensão kleiniana sobre a inibição é compreendida como derivada da dinâmica sexual. Por outra trilha, como uma possibilidade de superação da criança sobre alguma inibição. Ou até mesmo uma neurose ou perversão. A autora começa a discutir a construção da sublimação como uma via alternativa à inibição neurótica.

Apesar de Freud (1920/1996) já ter estabelecido a dualidade pulsional conflitante do psiquismo através dos conceitos de pulsão de morte e pulsão de vida, Melanie Klein ainda trata, nesse artigo, da sublimação pela via da separação das pulsões sexuais das pulsões do ego. A sublimação seria a via de descarga para o excesso de pulsões sexuais que não encontrariam vias satisfatórias, o que, caso não ocorresse, poderia comprometer o ego, uma vez que essas pulsões nunca estariam totalmente desligadas, por um dia terem sido fundidas. Klein busca em Sperber (apud Klein, 1923b/1996) e Ferenczi (apud Klein, 1923b/1996) a compreensão da origem da sublimação. Segundo esses autores, o homem primitivo havia construído uma fala rudimentar que passou a ser associada ao prazer do trabalho executado. Esse processo de associação seria, nessa leitura de Klein, a base para o processo de *identificação*. Dessa forma, o homem criou a possibilidade de se identificar com os mais variados objetos, mesmo que esses sejam diferentes entre si, mas por uma semelhança de prazer estabelecido entre eles ou pelo interesse que eles podem associar. Nesse sentido, esse homem primitivo abriria espaço para a criação de símbolos. Para Klein, a identificação, então, é um processo filogenético, anterior ao processo de simbolização e de sublimação e que, ao mesmo tempo, é a via para as suas possibilidades.

E qual o motivo para trazermos discussões sobre o campo da construção da sublimação nesse ponto de nosso trabalho? Pensamos que nesse artigo que estamos discutindo, estaria uma das bases da compreensão de Melanie Klein sobre o que viria a ser sua compreensão a respeito das *relações de objeto*, uma das marcas de sua originalidade psicanalítica, mas que seria mais bem desenvolvido posteriormente. Nesse sentido, podemos acompanhar, em *A análise de crianças pequenas*, a formação da concepção kleiniana sobre as construções fantasísticas²³ de seus pacientes que tomam, especialmente, o corpo da mãe ou o

²³ Optamos por usar a locução adjetiva fantasístico para nos referirmos ao fenômeno Fantasia. *Phantasie*, no alemão; *Fantasy* ou *Phantasy*, no inglês; *Fantasme*, no francês. É que é notoriamente tão importante em Psicanálise. Essa escolha procura ir ao encontro de Laplanche & Pontalis (2001) na tentativa de esclarecer esse

pênis do pai como campo de identificação e sublimação, ou nas piores situações, o desenvolvimento de uma inibição e/ou uma neurose.

Nesse artigo, ainda vemos que o pênis paterno \hat{R} que deriva da cena primária \hat{R} é o campo da identificação e da possibilidade da parte criativa da personalidade. Klein busca retomar em Leonardo da Vinci “analisado” por Freud \hat{R} ou mesmo em seu paciente Fritz \hat{R} que as inibições ou sublimações derivariam da forma como esses sujeitos se posicionaram frente a um elemento masculino que é o pênis paterno. Apesar de Klein ter introduzido uma identificação tripla no caso de Leonardo da Vinci \hat{R} seio-pênis-cauda do pássaro \hat{R} , e o seio começar a aparecer como palco das dinâmicas pulsionais, ainda é o pênis a ordem de destaque nesse artigo, o que revela certa oscilação de Klein em explicar mais profundamente o universo feminino que estaria como palco da construção psíquica do sujeito. Mas isso começa a se modificar mais no artigo publicado dois anos depois, em *Uma contribuição à psicogênese dos tiques* (1925/1996).

Esse artigo de 1925 trata sobre o já citado caso do menino Felix \hat{R} filho mais velho de Klein (GROSSKURTH, 1992) \hat{R} de treze anos e que sofria de severos tiques decorrentes de suas fantasias masturbatórias. Segundo uma nota explicativa da Comissão Editorial Inglesa, era a primeira vez que a autora estava estudando mais detidamente a identificação com um objeto que, no caso desse exemplo clínico, se referia aos pais na relação sexual. Esse estudo abriria a marca kleiniana para a importância central que os objetos internos passariam a ter na vida psíquica do sujeito.

Apesar de ter dado bastante destaque ao campo masculino naquilo que se refere à construção subjetiva, nesse texto de 1925 é possível compreender que, cada vez mais, o campo feminino começava a se destacar na compreensão kleiniana sobre os sintomas neuróticos. Dois momentos passam a se sobressair na análise desse garoto e que colocam o palco feminino no foco dessa cena subjetiva: suas inibições relacionadas à música e, também, uma fantasia onde ele se percebe jogando futebol com algumas meninas, chegando a acariciar-lhes os seios e, de forma intrigante, a existência de uma cabana, parte do cenário da fantasia, e que estaria atrás do local onde estavam essas meninas, segundo as descrições desse garoto.

Apesar das inibições artísticas desse menino serem compreendidas por Klein como uma luta, em fantasia, com relação às ameaças castradoras do pai, por outro lado elas também

conceito. Percebemos que uma linha psicanalítica mais francesa opta por usar a locução fantasmática, talvez pela semelhança com o francês *fantasme*. Outra opção seria o uso da locução mais comum que é fantástico. Todavia, acreditamos que a expressão fantasístico, por ser menos usada na linguagem comum, poderia trazer a noção de inconsciente que acreditamos não ser tão marcada na expressão fantástico.

revelam sua identificação com a mãe e seu desejo de tomar o lugar dela na relação sexual com o pai. Essa fantasia, de natureza homossexual, mostra a intensa dinâmica que a cena primária impõe ao universo imaginário do sujeito. Isso porque, as fantasias desse menino revelam o quanto ele se identificava com o pai e demonstravam seu desejo de possuí-lo; já em outras fantasias o oposto acontecia ao menino de forma simultânea. Nesse caso, estamos falando da fantasia do jogo com as meninas e a enigmática cabana que, segundo as interpretações de Melanie Klein, se tratavam de “[...] um lavatório e simbolizava a mãe, além de expressar uma fixação anal a ela e de servir como meio de degradá-la [...]” (KLEIN, 1925/1996, p. 132). O jogo se ligava as suas fantasias sobre o coito e tornavam uma via permitida aos seus desejos masturbatórios proibidos.

Temos, nessas duas cenas, a pluralidade de desejos desse menino: identificação e desejo de posse pelo pai e pela mãe, na mesma medida que havia o ímpeto por degradá-los. Os seus tiques eram, segundo Klein, a simbolização de todo esse conteúdo que punha o menino em uma intensa angústia. O percurso de tratamento para esse caso tomado por Klein foi analisar todos os objetos que compunham as identificações que estruturavam esse sintoma. Apesar da angústia de castração em relação ao pai ser a marca predominante nesse caso, o universo feminino revelou a pluralidade que faz parte desse universo de identificações objetais, assim como a cena primária, principal símbolo desse campo adentrado por Klein.

O campo das relações primitivas com a mãe não envolveria, como pudemos acompanhar até aqui, apenas investimentos libidinais de caráter prazeroso. Isso se destacou no último artigo apresentado pelo desejo de degradar essa imago feminina. E por que existiria esse interesse por parte do sujeito em suas fantasias inconscientes primitivas? Veremos que nos próximos artigos, especialmente em *Estágios iniciais do conflito edipiano* (1928/1996), a agressividade dirigida para a mãe deriva de uma situação muito importante no desenvolvimento do psiquismo, segundo os achados teóricos de Melanie Klein: **a mãe assume a posição de figura castradora original.**

O menino teme ser punido pela destruição do corpo da mãe, mas além disso, seu medo também tem um caráter mais geral. Nesse ponto é possível estabelecer uma analogia com a ansiedade ligada aos desejos de castração da menina. Ele tem medo de que seu corpo seja mutilado e desmembrado, e esse pavor também significa a castração. Aqui temos uma contribuição direta para o complexo de castração. Nesse período inicial de desenvolvimento, a mãe que toma as fezes do

menino também representa uma mãe que o desmembra e castra. Não é apenas através das frustrações anais impostas à criança que a mãe abre caminho para o complexo de castração: em termos de realidade psíquica, ela já é o castrador (KLEIN, 1928/1996, p. 220).

Essa modificação na concepção do agente castrador original não desloca apenas a figura do pai para a mãe, mas abre espaço para uma revisão de todo o complexo nuclear principal da psicanálise, o complexo de Édipo, e a estrutura moral que era entendida como derivada de seu percurso, o superego. Aliás, este passará, em textos futuros, a ser compreendido como o próprio desencadeador do complexo de Édipo, a partir das concepções kleinianas de superego e Édipo primitivos, e principalmente, depois da formulação da teoria das posições. Essas concepções são melhores sistematizadas nesse texto de 1928, mas antes dele, essas ideias já começam a ser claramente esboçadas em *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas* (1926/1996) e *Simpósio sobre a análise de crianças* (1927/1996).

Em *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas* (1926/1996), busca tratar, principalmente, da convicção de Melanie Klein de que o complexo de Édipo e o superego já estariam atuantes em crianças a partir do segundo ano de vida, o que antecipava consideravelmente as propostas freudianas de que esse complexo começava a atuar por volta dos quatro ou cinco anos de idade. Segundo as considerações propostas pela autora, o desmame seria o motivador do complexo de Édipo, uma vez que esse ato social evocaria uma quota muito intensa de agressividade. Essa, entendida por Klein como inata, que o ego incipiente da criança ainda não conseguiria elaborar. O complexo de Édipo seria, então, uma espécie de dinâmica para procurar sustentar essa quota de agressividade, talvez por direcionar para o exterior o que dentro do psiquismo infantil se tornaria insuportável. O superego, que apareceria junto a esse complexo, seria iniciado por essa agressividade despertada inicialmente pelo desmame. O treino ao toailete seria o segundo grande motivo de início do percurso edipiano vivido pela criança. Em ambas as frustrações, a figura da mãe seria sentida como castradora e temida por isso.

A partir disso, Melanie Klein começava a perceber claramente que o complexo de Édipo e a dinâmica psíquica inconsciente, especialmente no caso dessa dimensão primitiva, transitariam em um universo de **interação de pulsões agressivas e pulsões libidinais**, e não apenas teriam uma dinâmica de polaridade. O superego seria uma espécie de tentativa de

elaboração do complexo de Édipo primitivo, especialmente da parte agressiva que invade o ego ainda incipiente nas crianças pequenas.

Para apresentar clinicamente essa nova proposta teórica, Klein deu sequência a essas ideias em um texto publicado dois anos depois - *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*, que como dissemos antes, tratava-se de *Simpósio sobre a análise de crianças* (1927/1996), onde a autora discutiu três casos de atendimento a crianças pequenas que sofriam de neurose obsessiva: Trude, Rita e Erna que, além de se referirem a casos clínicos muito significativos em suas patologias, eram meninas e evidenciavam a cena feminina em suas teorizações. Eram casos de neuroses obsessivas e, justamente por se tratarem dessa patologia, que Klein conseguia evidenciar, através do excesso do rigor da culpa nessas pequenas pacientes, a atuação desse superego que era percebido como muito mais sádico do que o superego freudiano. Na tentativa de definir exatamente a extensão, a dinâmica e a qualidade dessa nova compreensão do superego que Klein, em seu texto de 1927 buscava demarcá-lo e compreendê-lo diferentemente da forma que levou Anna Freud a entender que a análise de crianças pequenas não era tarefa viável:

Entendo por superego (em total acordo com aquilo que Freud nos ensinou a respeito de seu desenvolvimento) a faculdade resultante do desenvolvimento do complexo de Édipo, através da introjeção dos objetos edipiano, e que, com o fim desse complexo, toma uma forma duradoura e inalterável. Como já expliquei, essa faculdade \hat{R} não só durante sua evolução mas mais ainda quando já está formada \hat{R} difere essencialmente dos objetos que iniciaram esse desenvolvimento da realidade. A criança, é claro, (mas também o adulto) estabelece todo tipo de ideal de ego, instalando assim vários „superegos“. No entanto, esse processo sem dúvida ocorre nos estratos mais superficiais, e no fundo é determinado por aquele superego que já está firmemente arraigado na criança, e cuja natureza é imutável. **O superego que Anna Freud acredita estar operando na pessoa dos pais não é idêntico a esse superego interior em sentido mais restrito, apesar de eu não negar sua influência.** Se quisermos chegar ao verdadeiro superego, reduzir sua força de ação e influenciá-lo, nosso único meio de fazer isso é a análise. Refiro-me, contudo, a uma análise que investigue a estrutura do superego e todo o desenvolvimento do complexo de Édipo. (KLEIN, 1927/1996, p. 184; grifos nossos)

Vemos, então, Klein destacar que o superego que ela estava anunciando teoricamente não equivalia exatamente aos superegos dos pais R o que permitiria a criação de relações objetais independentemente da realidade externa. Podemos ver que essa autora não negava a influência desses superegos dos pais, contudo a construção do superego do sujeito não se encerraria aí. Como estávamos acompanhando antes, seria um ato adulto (o desmame) que usualmente é exercido pela figura materna que colocaria em movimento o complexo de Édipo. A partir daí, um universo de identificações e simbolizações começariam a entrar em curso. Podemos localizar nessas passagens o que seriam as concepções kleinianas posteriores sobre a importância de mecanismos como os da projeção e que, em décadas seguintes, serviria de alicerce para o conceito de identificação projetiva. Resumido e dito de outra forma: o espaço com as pacientes meninas que a autora atendeu, lhe permitiu compreender o complexo por uma outra ótica. Além disso, a construção do conceito de posição depressiva passou a ser um núcleo fundamental para a sua teoria.

4.4 UMA FASE DE FEMINILIDADE

Estágios iniciais do conflito edipiano (1928/1996) é um texto que marca a autora trazendo uma concepção própria sobre o complexo de Édipo. A partir desse texto não se trataria apenas de uma antecipação desse fenômeno nuclear, mas de, realmente, uma nova perspectiva. Nesse sentido, o complexo de Édipo que teria início desde o desmame, colocaria a criança em contato com uma avalanche de sentimentos sádicos e sexuais que seriam despertados em um momento egóico ainda muito incipiente, tendo em vista que a criança não conseguiria ainda expressá-los. Essa intensidade derivaria de um sentimento de culpa precoce fomentado por um superego arcaico muito severo. Desta forma, podemos reconhecer que Klein não só aderiu, mas dava subsídios para a compreensão da segunda tópica da angústia (Ramos, 2003) tal como Freud a propunha: ou seja, a culpa e, principalmente, a ansiedade, estaria antes de um ego mais desenvolvido. Na verdade, ela seria a própria arquiteta dessa instância, uma vez que marcaria as direções dos recalcamientos a partir de suas intensidades. O ego se desenvolveria para tentar dominá-la.

Além disso, o texto nos traz muito daquilo que se refere aos aspectos centrais de nosso tema de pesquisa, principalmente pensando em sua primeira década de publicações. Se nos textos anteriores chegamos ao ponto de vermos Melanie Klein reconhecer na mãe a figura

original que coloca em curso o dinamismo psíquico a partir do complexo de Édipo, nesse texto de 1928 veremos a autora estudar a influência dessa dinâmica na construção dos aspectos masculinos e femininos do sujeito. Para isso, a autora reconhece uma passagem subjetiva importante, uma *fase de feminilidade*, pertencente a ambos os sexos, meninos e meninas. Podemos começar essa discussão sobre aquilo que se referia aos meninos e, em sequência, para as meninas.

As tendências edipianas que são primeiramente liberadas pelo desmame, e posteriormente intensificadas pelo treino ao toalete, colocariam meninos e meninas em mudanças de posições libidinais. No percurso edipiano do menino, ele trocava sua posição oral e anal por uma posição genital²⁴ de penetração; nesse sentido ele troca de posição libidinal e, também de objetivos pulsionais. No caso das meninas, elas trocavam sua posição oral e anal por uma posição genital receptiva R num primitivo reconhecimento da vagina. Nesse sentido, elas mudam de posição libidinal, mas os objetivos pulsionais continuam os mesmos, os da receptividade. A partir disso, a menina buscava o pai como seu objeto amoroso, diferentemente do menino que permaneceria com a mãe, mesmo tendo com ela a frustração do desmame e do treino ao toalete.

Cabe destacar que, nesses termos utilizados por Klein e na dinâmica que ela tenta esclarecer, não estamos falando acerca de passividade e de atividade R algo que remete facilmente a aspectos de submissão. No caso aqui, temos *penetração e receptividade*, termos ligado às funções dos órgãos genitais, mas que não se encerram neles como já vimos, pois os meninos também fantasiam receber o pênis do pai e as meninas também fantasiam penetrar o interior do corpo da mãe. Sobre esse campo, Klein revela a existência de uma identificação muito intensa e inicial com a mãe.

Segundo a autora, os elementos sádicos despertados pelas primeiras grandes frustrações (desmame e treino ao toalete) se associam com a pulsão epistemofílica. Como indicamos em outro trabalho (KLIPAN, 2009), há um intenso desejo da criança em conhecer o corpo da mãe e ser reconhecido por ela. Como a criança ainda não tem uma capacidade cognitiva para esse conhecimento, sua ignorância leva a um aumento do complexo de castração, o que intensifica ainda mais sua agressividade. Se tal intensidade for demasiadamente grande, a criança pode ter atrofiado o desenvolvimento dessa pulsão, levando-a a uma inibição ou a formação de uma neurose de caráter obsessivo. Segundo Klein, essa associação entre sadismo e impulso epistemofílico é muito importante para o

²⁴ Nesse caso não se trata de uma versão final da genitalidade, mas de movimentos parciais que já colocam-na em movimento junto com outras zonas erógenas parciais.

desenvolvimento mental e sexual; o palco para o desenvolvimento dessa interação é o corpo da mãe²⁵. Nesse campo de identificação com a mãe, Klein formula, então, a noção de uma **fase de feminilidade**.

A fase de feminilidade no universo dos meninos é bastante semelhante ao complexo de castração nas meninas, pois ambos seriam precursores do complexo edipiano. Segundo Klein (1928/1996) a fase de feminilidade conta com três objetivos no processo primitivo de identificação com a mãe, mas que derivam de um principal: **possuir o conteúdo interno da mãe**. Os três objetivos que partem desse principal se referem em primeiro lugar ao desejo de ter filhos, mas filhos roubados do interior da mãe; o segundo objetivo deriva do ciúme em relação a esses filhos (irmãos) que a mãe possuiria em seu interior e que poderiam nascer e tomar o lugar da criança a qualquer momento; e o terceiro objetivo diz respeito às tendências sádico-anais em relação ao pênis do pai que estaria contido dentro da mãe **¶ nesse sentido, o universo feminino conteria e possuiria o campo masculino, invertendo a lógica fálica na tradição de nossa cultura ocidental que perdura há séculos, desde a Antiguidade**.

Desta forma, tanto o complexo de castração nas meninas como a fase de feminilidade nos meninos derivariam de uma frustração inicial de se perceber privado de uma potencialidade. Na concepção freudiana, essa percepção do complexo de castração das meninas se refere à percepção de não possuir um pênis. O percurso edipiano das meninas se iniciaria a partir desse ressentimento. Contudo, nessa nova proposta kleiniana, tanto meninos quanto meninas se perceberiam privados da potencialidade materna de criar e dominar a vida. Há um reconhecimento bastante primitivo da criança de que a mãe é detentora da vida ou da morte, e que ela **¶**um ser ainda dependente **¶**estaria à mercê do desejo da mãe²⁶.

Nesse sentido, Klein identifica que as angústias mais intensas derivam da percepção da figura dessa mãe-castradora. Meninos e meninas desejam possuir o interior da mãe, mas, em contrapartida, são perseguidos por intensas ansiedades de retaliação.

Este medo da mãe é esmagador, pois combinado a ele vem o pavor de ser castrado pelo pai. As tendências destrutivas cujo objeto é o útero também são dirigidas com toda a sua intensidade sádico-oral contra o pênis do pai, que estaria localizado lá. É nesse pênis que o medo de ser castrado pelo pai se concentra durante essa fase. **Assim, a fase de feminilidade se caracteriza pela ansiedade relacionada ao útero e**

²⁵ Posteriormente, a partir da metade da segunda década de trabalho, Melanie Klein irá mudar o centro desse palco das primeiras relações da criança com a mãe para o seio.

²⁶ Nesse ponto, podemos localizar o que será o conceito de posição depressiva e toda a angústia que cerceia esse estado proposto por Klein alguns anos mais tarde.

ao pênis do pai, e essa ansiedade submete o menino à tirania de um superego que devora, mutila e castra, formando a partir das imagens da mãe e do pai ao mesmo tempo (KLEIN, 1928/1996, p. 220; grifos nossos).

Surge a partir desse texto de Klein a ideia da *figura dos pais combinados*, um elemento próprio da cena primária.

Segundo a autora, esse desejo de possuir um filho, no caso dos meninos, se associaria com as pulsões epistemofílicas, o que se deslocaria para o plano intelectual. Estaria aí a raiz da sensação de superioridade de possuir um pênis. É nada mais do que um deslocamento do desejo e da inveja direcionada à mãe. Criam-se, a partir desses elementos, as tão comuns rivalidades entre homens e mulheres, assumidas pelos homens como desprezo em relação às qualidades femininas, na compreensão dessa autora.

Com relação ao percurso edípiano das meninas, Klein assume uma posição ainda muito próxima às teorizações freudianas. Discorda de Freud de que as mulheres sejam incapazes de se colocar verdadeiramente numa posição de alteridade social, por conta dos ciúmes e invejas que seriam produtos da trilha desenvolvida na construção de seus superegos; isso porque a identificação com o superego materno, desde que pautado em um desenvolvimento genital, punha as mulheres numa posição de ir do mais intenso ciúme às tarefas éticas e sociais. A autora não exemplifica exatamente quais são essas tarefas, mas propõe que é a identificação com a atividade genital paterna que possibilita essa capacidade de ir de um extremo ao outro, tendo em vista que a identificação materna (quando excessiva) criaria imagens cruéis primitivas que não permitiriam o desenvolvimento dessas capacidades de alteridade.

Nesse sentido, vemos que essa condição de identificação primitiva com a mãe pode assumir conotações terríficas para o sujeito, de ambos os sexos. Ela despertaria o desejo e a inveja de possuir a capacidade criativa da mãe e impulsionaria a criança em busca de um outro que, no caso, é o pai. Nesse momento da obra kleiniana são a imagem e a capacidade genital paterna que permitem à criança sair desse laço que pode ser destrutivo, e que, nesse sentido, ainda traz a predominância dos aspectos fálicos de salvaguarda do psiquismo. Contudo, apesar da autora ainda nesse momento teorizar por uma via exclusiva do falo como ponto de subjetivação adequada para o sujeito, já podemos perceber que ela abre novas trilhas: o núcleo do superego se estrutura no universo feminino; a agressividade que se faz necessária e que, associada aos impulsos epistemofílicos, se torna mola propulsora para o

interesse e os investimentos libidinais da criança para o corpo da mãe, destacando, assim, os aspectos de interação das pulsões agressivas e sexuais; e apesar do falo paterno ainda ser um elemento de destaque na subjetivação do sujeito, ele se torna secundário em relação ao interjogo de desejos que se estabelece para a figura da mãe primitiva. Todos esses elementos estão na base de todas as novas propostas kleinianas com relação à revisão feita sobre o complexo de Édipo e o superego, que passam a ser vistos por outro ângulo. Elementos que poderíamos localizar como marginais na obra de obra R como tratamos em nosso segundo capítulo R que nessa primeira década das publicações kleinianas já aparecem enunciados, mas ainda não estruturados em noções ou sistematizados por conceitos. Todavia, precisamos destacar bem que o fato da sua experiência inicial ter se dado no trabalho com crianças meninas, isso já se evidenciava como um campo inovador.

Em artigos posteriores como *Personificação no brincar das crianças* (1929a/1996) e *Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo* (1929b/1996), Klein procura demonstrar seus achados clínicos através de algumas expressões simbólicas: o brincar da criança e a criação artística. No caso das brincadeiras infantis, Klein demarca a existência de dois universos que muitas vezes não se equivalem como espelhos R o universo interno das fantasias e o universo externo das relações reais das crianças com seus pais. Muitas vezes, como expõe essa autora, a criança revela um universo interno muito mais sádico e mau do que o que se pode constatar na realidade externa da criança.

Personificação no brincar das crianças é um texto que, a partir da experiência clínica da autora, nos permite compreender explicitamente os processos de cisão e de projeção como mecanismos de defesa contra a ansiedade. Dessa forma, o fenômeno de personificação tão importantemente presente nos jogos infantis, seriam o veículo para a dinâmica desses mecanismos de defesa onde, a partir de imagos internalizadas, a criança construiria cenas fantásticas para lidar com a intensidade dessas ansiedades.

Exemplo bem ilustrativo sobre o que dissemos anteriormente pode ser acompanhado no caso da pequena Erna, de seis anos, que em suas fantasias expressas nas personificações de suas brincadeiras, revelavam uma mãe extremamente severa e punitiva. Além disso, a garota realizava um afastamento muito intenso de sua mãe real em suas brincadeiras na análise, não a evocando em nenhum momento. Apenas sua mãe imaginária é que participava de seus jogos. A intensidade dos sentimentos que essa menina tinha a partir de suas fantasias, impedia-a de realizar qualquer crítica para sua mãe real, que ficava, de certa forma, “protegida” dos ataques que a menininha realizava. Contudo, o sentimento de culpa despertado por essa forma de lidar com suas fantasias criava uma imensa necessidade de

aproximação dessa menina com sua mãe, a fim de constantemente verificar se não havia acontecido nada de ruim com ela na realidade. Tudo isso tornava a relação das duas algo muito difícil, o que levou à necessidade do tratamento psicanalítico da pequena.

A personificação bastante limitada de Erna era derivada das projeções dos desejos de ataque e roubo ao corpo da mãe. Investimentos agressivos e libidinais que foram despertados pelo percurso edipiano da menina desde suas frustrações orais com o desmame e intensificados com as frustrações anais do treino ao toalete. O tratamento analítico desse caso caminhou pela mesma trilha que as sublimações artísticas conseguem realizar, tal como Klein analisou em um texto do mesmo ano como caso de *Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo* (1929b/1996).

Nesse segundo texto de 1929, Melanie Klein buscou dar destaque a duas obras artísticas: uma ópera de Ravel que estava sendo encenada nesse período em Viena e, também, um artigo de Karin Michaelis intitulado *O espaço vazio* que faz um relato da pintora Ruth Kjär. Na primeira obra, ocorre a encenação de um menino de seis anos que fica enfurecido depois de estar entediado com seu dever de casa, dizendo vários improperios contra todas as coisas: “não quero fazer esse dever bobo!”; vou puxar o rabo do gato!”; “vou comer todos os bolos do mundo!” Sua mãe, que ouviu essas reclamações, lhe dá uma bronca dizendo que ele comerá apenas pão seco e tomará, então, apenas chá sem açúcar. Em um acesso de fúria, o garoto põe em prática todas as suas ameaças ditas e, satisfeito, regozija-se frente ao feito dizendo “oba!” As coisas, então, começam a ganhar vida e a persegui-lo. O menino precisa fugir desse surreal ataque. As coisas só terminam quando o garoto resolve tornar-se um menino bom novamente.

O texto sobre Ruth Kjär revela a vida de uma mulher que sempre teve um aspecto depressivo em sua existência. Mesmo tendo se casado e tido um período de felicidade nessa nova etapa da vida, pouco depois o vazio toma conta de sua existência novamente. Apesar de essa mulher ter uma sensibilidade artística em decorar a casa, nunca tivera realmente um talento criativo. Certo dia, ao acordar em um estado de verdadeiro frenesi, pediu que lhe comprassem tintas e telas, pois desejava ardentemente pintar um quadro. Passou o dia em estado de êxtase realizando a tarefa e, ao final da tarde, com o retorno do marido do trabalho, quis logo lhe mostrar o que havia produzido. O marido ficou fascinado com o resultado e, pasmo, não conseguia acreditar direito que sua esposa conseguisse realizar tal façanha. Um cunhado, que era conhecedor de arte, foi convocado para avaliar a obra. Segundo ele, aquilo jamais poderia ter sido criado por alguém iniciante; se fosse o caso, em tom de piada, disse

que regeria uma sinfonia de Beethoven se assim o quisesse. Ruth certamente se deliciava com aquela cena, principalmente, porque seu vazio interior tinha desaparecido.

As interpretações que Klein realiza sobre as duas situações artísticas complementam tudo aquilo que a autora já havia teorizado sobre os ataques ao corpo da mãe que criavam inibições e/ou neuroses. No caso de Ruth, tal como de Erna, o mundo terrífico interno não se equivalia às condutas no cotidiano. Dentro era um vazio derivado de severas angústias persecutórias das identificações com uma figura primitiva da mãe, o que revelava a origem das formas depressivas: apesar da aparente prostração, um caos infernal se dinamizava internamente. No caso do menino da ópera de Ravel, havia uma externalização da ira expressa pelo personagem. Formas distintas de lidar com essas angústias primitivas.

Mas o que vale destacar da análise de ambas as obras artísticas e, também, da personificação das crianças é a possibilidade de superação desse início infernal do universo infantil através de um conceito que Melanie Klein começava a formular: o desejo de **realizar reparações** (KLEIN, 1929b, p. 248). Um movimento ativo e criativo que perpassa tanto o universo masculino quanto o feminino.

Desse universo inaugurado por Klein em relação às arcaicas relações e identificações com a figura da mãe primitiva, o universo para o tratamento e o estudo das psicoses começava a se abrir para a psicanálise. Nesse sentido que a autora aposta no tratamento do pequeno Dick, um menino de quatro anos e que apresentava uma pronunciada esquizofrenia que o afastava do contato com a realidade dos objetos exteriores. Ao final de sua primeira década de trabalho, Klein se dedica a publicação de dois textos que tratam basicamente desse universo que até então era campo pouco explorado pela psicanálise. Tratamos dos artigos *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego* (1930a/1996) e *A psicoterapia das psicoses* (1930b/1996).

Sobre o primeiro texto de 1930, Klein buscava discutir como a psicose trataria de uma intensa incapacidade egóica de suportar as ansiedades primitivas derivadas das relações arcaicas que a autora vinha expondo até esse momento. Como se refere a uma constituição bastante prejudicada no sujeito, Klein toma como hipótese que haveria características constitucionais que marcariam essa incapacidade. No entanto, a autora não deixa de notar que no caso como o do pequeno Dick, existia uma escassa relação de amor em casa, além do vínculo entre mãe e criança ter sido marcado por intensa ansiedade.

A situação psíquica desse menino era tão inapropriada para as relações com as pessoas do ambiente. Tendo em vista que sua capacidade de se comunicar e de criar símbolos eram quase inexistentes, que Klein teve de alterar sua técnica analítica e apostar em algumas

interpretações precoces, seguindo sua experiência clínica e sua intuição. É famosa a passagem onde Klein, ao perceber que na primeira sessão ele não se interessava por brinquedo algum, pegar dois trenzinhos e dizer que um é o “Trem-Papai” e o outro seria o “Trem-Dick”. O menino, então, pega o “Trem-Dick” e o leva até a janela e diz apenas “Estação”. Klein fala que a estação é a mamãe e que ele estava dentro da mamãe. No mesmo instante, o garoto larga o brinquedo e corre para a região mais escura do corredor entre a sala lúdica e a parte de fora. Klein continua sua interpretação dizendo que aquele escuro era dentro da mamãe e que Dick estava dentro da mamãe. O menino se angustia e chama pela babá. Klein tenta aliviá-lo e diz que ela já viria. O interessante, no relato de Klein, vem nas sessões posteriores, onde o menino começa a, cada vez mais, se interessar e buscar se comunicar e interagir com as pessoas e as coisas ao seu redor.

Klein entendia que toda essa imobilização do menino derivaria de sua incapacidade de levar para o campo da fantasia a sua relação sádica estabelecida com a figura terrífica de sua mãe. Nesse caso, mais do que em outros, Klein começava a ter de lidar mais intensamente com as pulsões sem representação que permeariam o universo da feminilidade descoberto por ela. O processo analítico por esse viés, então, permitiria ao sujeito um **novo espaço para a construção simbólica** que lhe foi deficitária e que lhe prejudicaria o ego como um todo.

O artigo *A psicoterapia das psicoses* (1930b/1996) é, na verdade, uma extensão ao artigo anterior publicado no mesmo ano. Porém, nesse artigo Klein deixava explícito que “[...] a análise de crianças pequenas, entre dois e meio anos e cinco anos de idade, mostra claramente que para todas as crianças, a realidade externa de início é antes de mais nada um espelho de sua própria vida pulsional” (p. 266). Nesse sentido, Klein percebia que para a criança pequena o “[...] mundo é um seio e uma barriga cheia de objetos perigosos. Perigosos por causa do impulso da própria criança para atacá-los” (KLEIN, 1930b/1996, p. 267).

O artigo que fecha suas publicações nessa primeira década de trabalho retoma seu interesse de início, pois se refere ao que o título evidencia em *Uma contribuição à teoria da inibição intelectual* (Klein, 1931/1996). Nesse texto Klein revisa a construção da inibição sob a luz de sua concepção das primitivas relações estabelecidas da criança com a figura primitiva da mãe. Nesse aspecto agressivo e libidinal que marcam essa relação arcaica, a autora percebe como, no inconsciente, os desejos de penetração, de mutilação, de roubo e de saber sobre o corpo da mãe tomam, por conta das condensações e deslocamentos realizados, o mesmo patamar. Nesse sentido, a autora percebe que a incapacidade para poder conhecer, marca típica da inibição, se estrutura nessa impossibilidade em poder suportar as fantasias agressivas para o corpo da mãe. A relação com o corpo da mãe se estabelece, então, como o palco

principal na gênese psíquica. Contudo, Klein ainda ressalta, nesse artigo de 1931, que o pênis exerce função reguladora e executora nos aspectos psicológicos do ego (Klein, 1931/1996, p. 278-279), o que evidencia, ainda, sua focalização nos aspectos fálicos da constituição subjetiva do sujeito.

A proposta desse nosso capítulo foi a de identificar que Melanie Klein acolhera, já na sua primeira década de publicações psicanalíticas, a noção de feminilidade iniciada por Sigmund Freud. E isso trouxe algumas implicações inevitáveis para a construção teórica dessa autora que, mesmo buscando manter-se fiel às propostas freudianas como ela destacava em diversos textos ao longo de sua obra, já na primeira década de produção começava a marcar a sua trilha própria. E podemos perceber isso através da sua concepção sobre a origem do superego e do complexo de Édipo, antecipados em relação à proposta freudiana. Mas naquilo que diz respeito ao tema de nossa pesquisa, o interessante foi notar que Klein, no seu trabalho com crianças, pôde perceber que a gênese das fantasias infantis e a própria construção do psiquismo, o universo feminino se mostrava continente do masculino; o que inverte a tradição fálica de nossa cultura desde a Antiguidade, tal como Sigmund Freud já havia iniciado.

Nesse sentido, vale resgatar alguns elementos psicanalíticos que passaram a ser trilhados por um novo caminho proposto por Melanie Klein como, por exemplo, o superego que teve o seu núcleo concebido como estruturado a partir do universo feminino, decorrente das frustrações iniciais com o desmame e o treino ao toalete. Esses elementos criam, segundo Klein, a fantasia de uma mãe terrífica e castradora, sendo a base dos mais intensos sentimentos de angústia e agressividade.

Essa última passou a ser vista como um elemento necessário, junto com a pulsão epistemofílica, como propulsão do interesse criativo e de investimentos libidinais que tomam, inicialmente, o corpo da mãe como palco dessas interações. O campo da agressividade e da sexualidade passava a ser compreendido como uma constante de interação e não apenas como dualidades pulsionais. O falo, segundo Klein, seria o elemento apaziguador dessa luta pulsional. Nesse aspecto, compreendemos que Klein ainda se mantinha ligada a essa tradição que a própria psicanálise declinava. Contudo, apesar do falo paterno ainda se destacar no pensamento de Klein, nessa primeira década de publicações, como um elemento importante na subjetivação do sujeito, ele já se torna secundário em relação ao interjogo de desejos que se estabelece para a figura da mãe primitiva; e isso já é uma concepção nova e destacável no

campo psicanalítico e na tradição ocidental. Algo que será ainda mais transformado ao longo das publicações nos anos seguintes às produções teóricas de Melanie Klein.

5. FEMINILIDADE E A SISTEMATIZAÇÃO KLEINIANA: O CORPO MATERNO COMO PALCO DA GÊNESE PSÍQUICA

A psicanálise de crianças (1932/1997) é um livro que marca, por vários motivos, algumas importantes balizas na produção teórica e técnica de Melanie Klein. Para citar apenas algumas, podemos lembrar que ele retoma casos clínicos anteriores aos anos londrinos que estavam dispersos em vários textos ao longo de quase uma década; além disso, ele sistematiza essa produção psicanalítica até aquele momento sob o olhar de seus novos achados e concepções teóricas que passam a ser consideradas as bases de sua produção posterior: por exemplo, noções como a do mecanismo de reparação (que, pela primeira vez começa a ser discutida), do superego primitivo e do complexo de Édipo arcaico. Como bem comenta Petot (1991), esses primeiros anos de Klein na capital inglesa se referem a um período no qual a autora conquistou uma corrente de seguidores ** mais ou menos devotos ** muito colaborativos. Algo que podemos compreender como a construção de uma verdadeira “Escola Britânica de Psicanálise” (PETOT, 1991, p. 133) que já havia sido iniciada por Ernest Jones, mas que contava agora com a originalidade de Melanie Klein. Dessa forma, como já justificamos anteriormente, a dedicação de nossa parte em escrever este capítulo exclusivo se faz pela riqueza do livro e pela importância histórica que ele representa para o pensamento kleiniano.

Além disso, acreditamos que o ponto central da escrita desse nosso capítulo gira em torno de duas teses que poderiam ser discutidas à luz de nossa concepção de feminilidade: 1º) o corpo da mãe como palco para a gênese psíquica. Por essa perspectiva, a noção de feminilidade estaria como uma instauração sexual necessária para a estrutura de um excesso pulsional principalmente referente às pulsões agressivas que passarão a ser compreendidas e referidas pelo nome de pulsão de morte. Por esse caminho, a noção de feminilidade assemelhar-se-ia ao conceito de Laplanche chamado de “sedução generalizada”, da forma como procuramos definir em nosso segundo capítulo desta pesquisa aqui. A diferença, como procuraremos discutir, residirá principalmente na qualidade primitiva dos elementos envolvidos na trama desse palco. 2º) A partir da primeira tese, uma segunda pode ser refletida que é a descentralização fálica na teoria kleiniana. Se na primeira década ainda podíamos ver a autora sustentando o registro fálico como ponto central no percurso edipiano, a partir dessa sistematização esse elemento clássico perde sua natureza insofismável no campo psicanalítico. A decorrência maior e mais radical na obra kleiniana posterior será a

substituição da personagem protagonista da gênese psíquica, passando a situar na dinâmica das posições a importância que o complexo de Édipo tinha anteriormente.

Podemos reconhecer que a produção de *A psicanálise de crianças* se revela como o período mais amistoso da existência dessa autora na ilha britânica. Isto porque, como sabemos (KING & STEINER, 1998), a década seguinte seria marcada como a mais hostil e controversa em termos teóricos e, principalmente, pessoais. Neste momento de início da década de 1930, o clima era de novas alianças, contribuições teóricas, de recebimento de auxílio em traduções e, também, de gratidão com os seus primeiros mestres, como fica explícito no prefácio escrito pela autora onde ela indica a fundamental participação de Sandor Ferenczi e Karl Abraham no início de sua trajetória psicanalítica. Ernest Jones também entra nessa lista de agradecimentos; ali Klein destaca que esse autor tornou-se um verdadeiro defensor público da psicanálise de crianças, algo que não parecia tão fácil de ser recebido no continente europeu. Tudo parecia promissor, era um bom momento para Klein lançar voos próprios a partir de sua própria base.

Em termos característicos mais explícitos, *A psicanálise de crianças* se divide em duas partes: uma, com sete capítulos, se dedica a apresentar e sistematizar a técnica de psicanálise com sujeitos antes da vida adulta; a ênfase é a criança, mas a autora apresenta e discute o trabalho psicanalítico no período de latência e da adolescência. A segunda parte, com cinco capítulos, trata, como o próprio nome dessa parte demarca, sobre o efeito das ansiedades mais arcaicas no desenvolvimento da criança.

Na primeira parte Klein retoma e aprofunda textos anteriormente publicados em forma de artigos e, na segunda parte, podemos acompanhar Klein apresentar seus mais recentes achados clínicos naquele momento e teorizando-os a partir de seus novos pontos de vista. Como bem destacam Cintra & Figueiredo (2004) e Klipan (2009), há um predomínio dos aspectos mais destrutivos do psiquismo, especialmente pelo destaque que a neurose obsessiva apresenta nos exemplos clínicos trazidos pela autora para ilustrar as angústias mais arcaicas que expressavam a dinâmica mental em seu período mais primitivo. Isso se modifica ao acompanharmos a autora, por exemplo, em seus textos posteriores a 1935, onde o amor e a pulsão de vida se mostram fundamentais para a estruturação egóica.

No entanto, a característica principal de *A psicanálise de crianças* pode ser destacada pela intensa luta da criança contra suas mais radicais ansiedades e culpas vindas de fantasias que evidenciavam um pesado fardo, como o das crianças obsessivas atendidas por Klein, que só poderia existir como derivado de um superego já atuante, mas muito mais sádico do que Freud havia concebido. Essa característica não era exclusiva como efeito da patologia Rápenas

intensificava aquilo que estava presente em todas as crianças, tal como a Psicanálise percebeu desde seu início, que a diferença entre “normalidade” e patologia é quantitativa e não qualitativa. Klein buscava evidenciar que essa luta infantil estava presente em todas as crianças e, a função do brincar era fundamental para os pequenos elaborarem essas intensidades pulsionais e integrarem os seus egos. A psicanálise para as crianças, então, teria o papel de auxiliar aquelas crianças que sucumbiam nessa difícil tarefa e, também, para *prevenir* qualquer descaminho dessa trilha inicial. Klein estava profundamente entusiasmada. E como esse livro derivou de mais de uma década de trabalho, não era um entusiasmo ingênuo, tanto que, como comentam Cintra e Figueiredo (2004), os princípios técnicos trazidos nessa obra são definidos com tal clareza que permanecerão inalterados por toda a sua obra posterior.

5.1 FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS: REPOSICIONAMENTO EGÓICO E A FEMINILIDADE COMO CONDIÇÃO LÚDICA

Como já tratamos anteriormente, o caso da pequena Rita é exemplo comparativamente semelhante a Anna O. como inaugurador de um método e de uma nova perspectiva teórica. Logo no primeiro capítulo de *A psicanálise de crianças*, Melanie Klein retoma e aprofunda um artigo publicado em 1926 sob o título de *Os princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*. Em nossa compreensão, esse aprofundamento teórico se faz, principalmente, pela nova perspectiva sobre a dinâmica psíquica que passa a enfatizar a intensa interação entre as representações psíquicas da criança sobre a mãe em seus planos externo e interno (inconsciente). Ou seja, as noções de *mãe real* e *mãe introjetada* passam, cada vez mais, a se tornarem imprescindíveis nas explicações teóricas dessa autora. A falta, para a criança, de uma boa integração entre esses dois planos, através de diversos mecanismos de defesa utilizados de forma patológica, levariam a criança a não se permitir, como no caso de Rita, estar presente na própria cena de suas fantasias; assim, a criança pequena ficaria impedida de reconhecer seus próprios desejos ou tratá-los de forma lúdica. No caso de Rita, apesar de possuir alguns brinquedos extremamente ligados a ela afetivamente é isso era, na verdade, um indicativo de sua condição patológica. Ela não conseguia, por exemplo, se colocar no lugar de mãe de uma boneca que tanto brincava. Era como se ela estivesse proibida por sua mãe de ousar se posicionar em seu lugar: “[...] A proibição, contudo, não provinha de

sua mãe real, e sim de uma mãe introjetada que a tratava com muito mais severidade e crueldade do que a mãe real jamais a tratara” (KLEIN, 1932/1997, p. 26).

Além desse exemplo de uma severa neurose obsessiva encontrada em Rita, o caso da menina de seis anos, Erna, também é muito ilustrativo quanto a essa dinâmica sobre o real e o introjetado. A sua incapacidade de se afastar de sua mãe e ir brincar com outras crianças e, principalmente, a sua intensa dificuldade em personificar suas brincadeiras ao longo de suas sessões analíticas eram, segundo Klein, derivações de sua impossibilidade de articular bem os planos interno e externo a partir de suas fantasias. A vida se tornara tão pesada para essa garota que, a partir de sua própria percepção, um desgosto generalizado pela própria vida a acompanhava e marcava sua severa neurose. Em seu caso, além disso, esse sadismo lhe impingia uma genitalidade bastante precoce e descontextualizada. Por exemplo, a menina tinha uma forte compulsão em se masturbar constantemente, mesmo na presença de outras pessoas.

Apesar dessas características que derivavam dos casos patologicamente mais severos e, também, da tendência infantil de expressar os conteúdos inconscientes através de atuações *acting out* e, principalmente, *acting in* Klein empreendia um trabalho psicanalítico muito sensível, tal como Julia Kristeva (2002, p. 107) descreve:

No coração desse universo destruidor, o analista faz uma aposta: a evolução do ego, no curso normal do desenvolvimento, e a cura analítica, quando tem êxito, permitem a perlaboração das angústias destruidoras e das fantasias sádicas. *O ego se aprofunda por meio da perlaboração depressiva.* A capacidade de cumprir o luto do objeto perdido substitui o sadismo inicial pela *dor psíquica*: a nostalgia e a culpabilidade formariam a face tranquilizadora de Tântos.

Somado a isso que Kristeva destacou nesse excerto, e mais à frente em seu texto, podemos acrescentar que não apenas o sadismo começa a ser superado, mas, também, modificado pela força que o amor, através da introjeção do bom objeto, passa a exercer na personalidade total do sujeito, com um ponto central em uma espécie de intersecção do ego com outras instâncias inconscientes que lhe permitiriam articulações alteritárias. Reconhecer a si e ao outro que representam aquilo que estamos entendendo e nomeando de feminilidade. Esse ponto de intersecção é aquilo que desde o começo dessa tese chamamos de um registro além do falo, uma vez que essa cena se faz a partir de outro universo continente

que, como tão bem compreende Klein, trata-se de um universo que se relaciona com o interior do corpo da mãe.

O resultado da análise para a criança, como a autora percebe (KLEIN, 1932/1997, p. 33), é uma maior e mais flexível capacidade crítica sobre si e sobre o exterior, o que lhes permitiriam uma melhor capacidade lúdica refletida, por exemplo, em um aumento do próprio humor:

[...] Já ouvi crianças muito pequeninas rirem, por exemplo, da ideia que uma vez elas realmente quiseram devorar a mamãe ou cortá-las em pedaços. A diminuição do sentimento de culpa que acompanha essas mudanças também permite que desejos sádicos que foram anteriormente reprimidos possam ser sublimados. Isso aparece na remoção de inibições tanto no brincar quanto na aprendizagem e no surgimento de um grande número de novos interesses e atividades.

Notemos que sublimar, então, não se trata de fazer desaparecer certos desejos; mas, seguindo a mesma premissa de Freud, a ideia é de superar o efeito da repressão e as consequentes inibições neuróticas. Esse processo que, como a própria autora reconhece, é algo gradual e acontece como resultado do próprio desenvolvimento do ego e não sua precondição. Esse doloroso processo, à medida que avança, abre espaço para aquela difícil relação intersubjetiva que já tratamos em nosso primeiro capítulo e que Freud a reconhece na relação da menina com sua mãe. Um exemplo bem marcante sobre isso em *A psicanálise de crianças* também pode ser encontrado no caso da garota Ruth, de quatro anos e três meses, também com uma extrema e ambivalente fixação em sua mãe. À medida que sua análise avançava, iam ficando evidentes os seus intensos sentimentos de inveja e ódio contra ela. Isso porque, em suas fantasias, a menina acreditava que sua mãe havia incorporado o pênis do pai durante o coito. As fantasias dessa criança em direção ao seu desejo de invadir o interior da mãe e roubar-lhes o pênis e todos os bebês que sua genitora possuía e lhe negava por puro sadismo (projetado). Tal como a pequena Erna, essa criança vivia as ambivalências de uma realidade mal integrada entre as imagos de uma *mãe má* e uma *mãe boa*, o que lhe impedia uma boa aproximação com sua mãe real e, conseqüentemente, uma relação qualitativamente superior com esta. A relação era intensa, mas de uma qualidade sádica.

Ao acompanharmos cenas como essa, tão claramente discutidas nesse texto de 1932, podemos ir nos aprofundando cada vez mais naquilo que Kristeva (2002) chama de *a fantasia*

como metáfora encarnada, ou seja, uma maneira de descrever, de forma viva e crua, um fenômeno que é da ordem do indizível:

Cenários de nossos desejos inconscientes, as fantasias freudianas são fantasias de *desejos* (*Wünschen*), o primeiro desejo sendo o investimento alucinatório da *memória da satisfação*. A isso, Freud acrescenta ainda „fantasias originárias“, mais enigmáticas, portadoras de verdades pré-históricas que o próprio indivíduo não teria necessariamente vivido, mas que inconscientemente revertem a ele para preencher as lacunas da verdade individual (como as fantasias de cena primitiva, de castração ou de sedução (KRISTEVA, 2002, p. 164)

Sobre esse fenômeno das fantasias infantis, podemos perceber que, quanto mais profundamente ele era investigado por Klein, mais essa autora remetia-o à cena primária e ao que reconhecemos e estamos chamando de desamparo existente na condição da subjetivação na feminilidade, onde um universo de objetos bizarros circulam nesse fantasiar, e onde a garantia fálica ainda não se petrificou. Desta forma, concordando com Freud em *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926/1996), a autora retoma o medo que as meninas teriam em perder o amor que se assemelharia ao medo dos meninos com relação à castração:

[...] O medo de ficar só, de ser abandonada pela mãe, aparece muito claramente no material das análises de meninas pequenas que eu citei. Mas esse medo, creio, tem uma origem profunda. Está baseado nos impulsos agressivos da criança contra a mãe e nos seus desejos de matar a mãe e de roubá-las, desejos oriundos dos estágios iniciais do seu conflito edípico. Esses impulsos geram não apenas ansiedade ou medo de ser atacada pela mãe, como também medo de que a mãe a abandone ou morra (KLEIN, 1932/1997, p. 51).

Vejamos que Klein não trata disso em termos de pré-Édipo, mas de um conflito edípico já em seu início. Esse medo também era sentido pela pequena Erna. Essa menina, tal como Klein a percebia, “Sofria de depressões graves que descrevia dizendo: „Tem alguma coisa na vida que eu não gosto“” (KLEIN 1932/1997, p. 55). Segundo essa autora, o fato de a menina perceber seu sofrimento e chegar a pedir por ajuda, apesar da penúria dessa condição, foi muito favorável para todo o tratamento. A retomada desse caso, identificada anteriormente

em nosso trabalho, já vinha aparecendo nos escritos de Klein, desde 1924, no artigo *Extrato da análise de uma neurose obsessiva numa criança de seis anos*. Tal artigo se aprofunda na articulação que Klein faz do sadismo vivido pela menina em suas fantasias interligando a um caráter bastante paranóide como efeito desse sadismo. Também nesse caso, o palco da cena é o interior do corpo da mãe e todo o mal projetado pela menina para destruir esse interior invejado. Em nossa leitura, Erna sofria de uma falha grave em sua feminilidade, uma vez que essa criança estaria bastante perdida em seus afetos e manejos de suas intensidades pulsionais naquilo que se referia a sua relação com a mãe, com o pai e outras crianças. Erna era uma menina que exprimia um caráter sedutor muito precoce que, ao invés de trazer uma potência criativa, era expresso de forma descontextualizada e constrangedora, para ela e para os pais dessa criança. A intensidade desse campo pulsional era traduzida em termos de fantasias de destruição contra sua mãe interna e, ao mesmo tempo, era refletido na relação com sua mãe externa. Apesar dessa criança nunca fazer nenhuma reclamação de sua mãe real, tal como Klein mesmo observara, ela se sentia responsável por toda e qualquer doença que sua mãe tivesse.

No entanto, apesar do que refletimos anteriormente, essa sua insígnia de sedução, expressão de sua feminilidade, precisa ser destacada como um importante campo trabalhado por Melanie Klein. Se compararmos à personagem operística Carmen, analisada por Joel Birman em boa parte de seu livro *Cartografias do feminino* (1999), Erna é seu avesso fracassado, seu contrário negativo em termos de sofrimento. Carmem seria, ao contrário, aquela expressão feminina que seduz e faz com que seus seduzidos assumam aquela mesma posição narcisicamente pasmada do adulto frente à “majestade, o bebê” freudiano, fazendo com que esse sujeito masculino se descentre de sua posição de superioridade e embarque em um jogo lúdico, onde uma erótica sem ressentimentos morais de uma cultura patriarcal pode ser vivida à flor da pele em toda a sua pulsionalidade. Como bem destaca Birman (1999, p. 92), não por uma “[...] arte maléfica da mulher-aranha, que visaria a esmigalhar pela captura a potência masculina [...]”, mas pelo simples acontecer do desejo e da sua potência ética de realizá-lo.

Erna, por outro lado, literalmente não sabia brincar. Pelo menos antes de passar pelo tratamento psicanalítico e reencontrar essa sua potência perdida em suas repressões. Seu tratamento analítico, segundo Klein, ajudou-a a diminuir sua fixação a sua mãe, assim como teria auxiliado essa criança a se *posicionar em sua heterossexualidade e a reforçar seus sentimentos maternais* (KLEIN, 1932/1997).

5.2 SUPEREGO, COMPLEXO DE ÉDIPO E UMA OUTRA SUBJETIVAÇÃO

Além da temática sobre o superego e o complexo de Édipo contidos no oitavo capítulo de *A psicanálise de crianças*, é possível acompanharmos a autora invertendo a lógica fálica que toma o sujeito masculino como modelo de subjetivação. Essa inversão viria contida junto à mudança de perspectiva com relação a essas duas clássicas temáticas da Psicanálise que, desde seu artigo de 1928, *Estágios iniciais do complexo de edipiano*, enunciava uma mudança conceitual que transformava a lógica fálica de nossa cultura ocidental. Vejamos como a autora reflete nesse texto de 1932:

Penso que a razão pela qual o menino tem nas camadas mais profundas de sua mente um medo tão tremendo da mãe como castradora, e pela qual ele abriga a ideia tão intimamente associada com esse medo da „mulher com pênis“; é que ele tem medo dela como uma pessoa cujo corpo contém o pênis do pai; desse modo, o que ele teme em última instância é o pênis do pai incorporado à mãe. (KLEIN, 1932/1997, p. 153)

Por essa perspectiva, o pênis ou sua representação fálica estaria contido em uma dimensão maior, o interior da mãe. Apesar da autora ainda buscar mostrar que haveria um terror maior dentro do corpo da mãe, já ficava explícito que ela seria o continente. O terror, na verdade, derivaria dessas combinações bizarras (fantasia dos pais combinados), típicas para a condição psíquica de um bebê, onde a diferenciação eu/não-eu ainda não teria sido totalmente instaurada. Exatamente nesse momento que a instância do superego começaria a se constituir.

Boa parte desse oitavo capítulo é uma retomada daquele artigo de 1928. Contudo, nesse livro publicado quatro anos depois, Klein insiste bem mais na força dos impulsos de ódio, derivados da pulsão de morte, como ponto original do superego primitivo e do complexo de Édipo. Para a autora, não apenas as tendências incestuosas dariam origem ao nosso sentimento de culpa, mas o próprio horror ao incesto, representando a intensidade máxima das pulsões sexuais. Aqui poderíamos nos localizar em uma contradição: se seria o auge de uma intensidade sexual que criaria o superego, qual sua relação com as pulsões destrutivas ou pulsões de morte? Os desejos de atacar, de esvaziar, de sugar tudo, de retalhar *Ê* tão presentes nas fantasias infantis *Ê* apesar da conotação agressiva, seriam de natureza sexual. O contrainvestimento dessa agressividade, em uma espécie de lei de talião, como já tratamos em outro trabalho (KLIPAN, 2009), traria um mais além do princípio do prazer. A

forma extrema de defesa contra o colapso que se anunciava seria através de um desligamento de toda a forma de energia circulante no aparelho psíquico. Isso seria o predomínio da pulsão de morte. É justamente contra isso que o psiquismo travaria uma luta inicial bastante árdua. Essa é a marca infantil tão presente ao longo das linhas de *A psicanálise de crianças*.

Mas não sucumbindo às forças desintegradoras da pulsão de morte, o que restaria ao psiquismo como defesa contra essa instância ameaçadora que se instaurou como superego? Entrar na triangulação edipiana; estrutura que nossa cultura ocidental criou como uma via de subjetivação e que, na Modernidade, se radicalizou em seu modelo de família nuclear burguesa (ZARETSKY, 2006). Segundo Kristeva (2002) foi justamente por enfatizar esse universo infantil agressivo, tão ameaçado, que Klein conseguiu seduzir a psicanálise inglesa, marcando-a como a autora das *perdas, do luto e da melancolia*, como Cintra e Figueiredo (2004) nos apontaram em nosso quarto capítulo.

Então, em nossa leitura, o superego seria o ápice de um sexual sem ordem onde um psiquismo ainda incipiente não suportaria tamanha carga de excitação, e aquilo que era da ordem do prazer se tornaria dor, naquele sentido que Freud já pensava desde a época de seu *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]/1996). A triangulação edipiana seria uma maneira de, no reconhecimento de mais um outro, retirar a criança de uma relação simbiótica anterior. Nesse sentido, é interessante ver a autora retomando a noção de uma pulsão epistemofílica (*Wisstrieb*) como um impulso do sujeito em busca de seus objetos de ligação; algo que a autora já insistia desde seus primeiros textos na década de 1920. Nesse caso, essa pulsão levaria a criança a buscar no pênis do pai uma via alternativa de satisfação menos ameaçadora que o objeto original, a mãe. Entendemos que a grande contribuição de Klein sintetizada em 1932, foi deixar bem claro que esse segundo objeto seria, primeiramente, buscado no interior da própria mãe. Apenas se a criança tivesse uma boa relação com esse cenário original \hat{R} que se faz pelo corpo dela \hat{R} é que ela conseguiria, de fato, ascender a um verdadeiro e bom relacionamento com esses objetos secundários.

O que queremos dizer é que o pai, ou mesmo a mãe real, seriam secundários nessa condição extremamente primitiva de constituição psíquica. Somente se essa condição de feminilidade, que conjuga alteridade e impulso de conhecer \hat{R} e ser reconhecido pelo outro (KLIPAN, 2009), é que o pequeno sujeito superaria seus lutos de passagem do princípio do prazer para a realidade e não decairia em uma embotada e triste melancolia. Para Klein, todos os mecanismos de defesa levariam a criança a não desenvolver aquilo que evidenciaria uma rachadura no ego, representada pela psicose. Os sintomas, na primeira clínica freudiana, seriam tentativas de satisfação frente às frustrações da realidade. A noção de sintoma na

segunda clínica, que é de onde entendemos que Klein parte seu trabalho, se referiria a algo que não conseguiu ascender a um conflito como o de um sintoma, pelo menos em sua forma clássica compreendida até ali. Daí que percebemos claramente o predomínio de uma transferência negativa nos tratamentos, algo diferente dos enamoramentos tão comuns nos casos clínicos freudianos.

Lado a lado com a polaridade da pulsão de vida e da pulsão de morte, podemos, creio, situar a interação delas como um fato fundamental nos processos dinâmicos da mente. Existe um vínculo indissociável entre a libido e as tendências destrutivas que coloca a primeira em grande medida sob o poder das últimas. Mas o círculo vicioso dominado pela pulsão de morte, no qual a agressividade da origem à ansiedade e a ansiedade reforça a agressividade, pode ser rompido pelas forças libidinais quando estas se fortalecem; nos estágios iniciais do desenvolvimento, a pulsão de vida tem que exercer o seu poder ao máximo a fim de manter-se contra a pulsão de morte. Mas esta mesma necessidade estimula o desenvolvimento sexual (KLEIN, 1932/1997, p. 170).

Isso se daria, segundo Klein, pela introjeção de uma mãe bondosa a qual seria a representação da superação daquela ameaça desintegradora que tratamos anteriormente. Para a autora, nesse momento de sua obra, haveria um equacionamento de pênis e seio, sendo que o impulso em conhecer e ser reconhecido pela mãe se daria através do interior do seu corpo. Posteriormente, sabemos, o palco central será o próprio seio.

A partir disso, entendemos que esse palco era inaugural para a construção dos conceitos kleinianos das *posições*. Isso porque, páginas à frente de nossa última citação, a autora fala explicitamente em “posições libidinais” (KLEIN, 1932/1997, p. 183) e das regressões e flutuações existentes nessas e que seriam a característica dos estágios mais arcaicos do desenvolvimento psíquico. A dinâmica das fantasias encontradas nas crianças atendidas começava a pressupor, então, algo mais flexível que os conceitos de fases libidinais propostas pela Psicanálise até aquele momento.

Essa introjeção, então, capacitaria a criança daquilo que estamos considerando como feminilidade. Exemplo maior dessa expressão seria o brincar. Isso porque, “[...] Através do brincar, a criança transforma a experiência que ela sofreu passivamente em uma experiência

ativa e transforma o desprazer em prazer, dando à sua experiência originalmente desagradável um final feliz” (KLEIN, 1932/1996, p. 196). Mas não só isso, a criança também “[...] supera a realidade penosa, como, ao mesmo tempo, a usa para controlar seus medos pulsionais e perigos internos, projetando no mundo externo” (KLEIN, 1932/1996, p. 196-197). Justamente essa noção kleiniana que nos fez ter a intenção de articulá-la à proposta de Joel Birman e Márcia Arán de feminilidade, pois entendemos que existe uma semelhança que mereceria um diálogo. Como dissemos em nosso segundo capítulo, para Arán (2002) o jogo iria além da ruptura com o desamparo originário, mas pode ser considerada, além de uma mediação, uma verdadeira transformação da pulsão. Nesse sentido, estaríamos nos referindo ao ponto mais elementar do que também é chamado de simbolização, que operaria um processo de transformação e não de separação e/ou corte, como é típico dos mecanismos de defesa clássicos, como o recalçamento. Como faces da mesma moeda, a criança estaria sempre experimentando o externo e o interno, de forma indissociável. A brincadeira, assim como o trabalho na vida do adulto, tem a capacidade de transformar os objetos externos e, sem o sujeito se dar totalmente conta disso, também se transforma junto com ele. Haveria, então, algo de erógeno no desamparo. A feminilidade, como já citamos em Birman (1999), é a face criativa que permite ao sujeito se reinventar.

Exemplo bem marcado do que estamos nos referindo, com relação à positividade da feminilidade, aparece em uma nota de rodapé:

Em muitas das suas sublimações, particularmente seus esforços intelectuais e artísticos, o menino faz uso extenso do modo feminino de dominar a ansiedade. Ele emprega livros e trabalho, em seu significado de corpos, fertilidade, criança, etc., como uma refutação da destruição do seu corpo que, na posição feminina, ele espera vir das mãos da mãe, que é sua rival (KLEIN, 1932/1997, p. 209)

Essa nota vem complementar uma reflexão de Klein sobre as ansiedades arcaicas no desenvolvimento do ego do menino. No décimo capítulo desse livro. Nessa teorização encontramos o conceito de reparação sendo construído e aparecendo pela primeira vez a partir da noção de *restituição*. No caso específico da nota, a autora se refere à superação, por parte do menino, de seu temor pela castração e o reconhecimento de suas potências. Essa superação promove o declínio do sentimento de culpa, algo que, se não superado, inviabilizaria a capacidade sublimatória típica das neuroses e, no caso das neuroses infantis, as suas inibições intelectuais. Como destaca Petot (1991) a construção do conceito do mecanismo de reparação

tem como fator desencadeante a culpa e não a ansiedade, como no caso do superego. Além disso, como iremos acompanhar na sequência, a base desse mecanismo está nas pulsões genitais precocemente desenvolvidas.

Um exemplo feminino que traremos a seguir, diferentemente do masculino, expõe mais a relação das mulheres com o corpo. Porém, em última instância, o plano sempre é o corpo, seja do próprio sujeito ou deste na sua relação com a mãe.

Com algumas mulheres, pude estabelecer o fato de que quando elas terminam sua toailete matinal, têm um sentimento de frescor e de energia em comparação com o estado de espírito anterior de depressão. Lavar-se e vestir-se significam para elas uma restauração de muitas maneiras (KLEIN, 1932/1997, p. 210)

Quando acompanhamos essa relação no campo masculino, vemos que Klein a percebe a partir de uma dinâmica mais racionalizada. A subjetivação feminina se mantém mais diretamente ligada a sua fonte corporal e, talvez por isso, a condição feminina em ter um especial cuidado com seu próprio corpo é ainda muito frequente na atualidade se comparada ao contexto masculino. Nesse sentido, concordamos com a hipótese de Kristeva (2002) de que haveria uma espécie de atração feminina pelo arcaico, por aquilo que, psiquicamente, representa o primário e sua relação com o orgânico. Essa seria uma marca tipicamente feminina na Psicanálise e não:

[...] apanágio apenas de Melanie e seus discípulos. Na história da psicanálise, numerosos terapeutas mulheres insistiram no impacto da experiência orgânica sobre a vida psíquica: de Eugénie Sokolnicka, passando por Marie Bonaparte, para citar só aquelas que se tornaram célebres na França, às modernas especialistas em psicossomática [...] (KRISTEVA, 2002, p175).

A questão da intimidade feminina mencionada acima, Melanie Klein soube explorar de forma muito apropriada.

Os dois capítulos seguintes e restantes de *A psicanálise de crianças* se dedicam a continuar a tratar do tema ansiedade arcaica, porém, com ênfase no desenvolvimento específico da menina (capítulo onze) e do menino (capítulo doze). Acreditamos que são temáticas que continuam dentro do recorte desse nosso subcapítulo e, por isso, iremos manter os nossos comentários sobre o texto kleiniano dentro desse contexto sobre o complexo de

Édipo, o superego e o sintoma. Apenas, por questão didática, iremos criar dois capítulos terciários. Contudo, precisamos frisar que a apresentação do desenvolvimento de ambos os sexos serve, principalmente, para evidenciar que a feminilidade pode estar em qualquer um deles.

5.2.1 O desenvolvimento da menina

Antes de iniciarmos essa reflexão é importante destacar aquilo que Petot (1991) diz sobre o percurso libidinal e suas decorrências sobre a menina: a tese kleiniana sobre o superego e as implicações deste para o conflito edipiano se impuseram a partir da clínica, ou seja, não é uma construção que se fez a partir de um problema teórico inicial, mas um contraste entre teoria e realidade encontrada. Além disso, é imprescindível apontar que o superego primitivo e o Édipo arcaico foram percebidos inicialmente em meninas para, só depois, serem localizados e discutidos em meninos. Isso imprimiu “[...] a revisão completa da teoria freudiana da sexualidade feminina, a reinterpretção das manifestações da inveja do pênis e o reconhecimento de um complexo de feminilidade do menino, simétrico ao complexo de masculinidade da menina [...]” (PETOT, 1991, p. 121)

Começemos, então, por acompanhar esses achados no texto de Klein:

[...] Como resultado das frustrações orais que ela vive com a mãe, a menina se afasta desta e toma o pênis do pai como seu objeto de satisfação. Esse desejo cria uma pressão para que ela dê novos e importantes passos no seu desenvolvimento. Ela desenvolve fantasias da mãe que introduz o pênis do seu pai em seu corpo e que dá a ele o seio; e essas fantasias formam o núcleo das teorias sexuais arcaicas que despertam sentimentos de ódio nela quando é frustrada por ambos os pais [...] (KLEIN, 1932/1997, p. 213-214)

[...] o que ela primariamente quer não é possuir um pênis que seja seu como um **atributo de masculinidade, e sim incorporar o pênis do pai como um objeto de satisfação oral [...]**(KLEIN, 1932/1996, p. 215; grifos nossos)

Podemos compreender que o desejo pelo pênis não é como a Psicanálise freudiana havia estabelecido até ali, um desejo invejoso e ressentido. Acompanhamos uma constatação

kleiniana muito mais semelhante ao que Birman (1999, 2001) reflete: de que as travessuras do desejo se assemelham muito mais à genial proposição freudiana de uma sexualidade perverso-polimórfica do que à necessidade de uma diferença ontológica de sexos, como veio a se firmar posteriormente na própria Psicanálise. Dessa forma, como também veremos em nosso subcapítulo sobre a constituição subjetiva do menino, a partir da reflexão kleiniana de suas ansiedades arcaicas, essa condição subjetiva é da ordem do *devoir*, ou seja, a máxima beauvoiriana do *tornar-se mulher*, também vale para o *tornar-se homem*, especialmente na contemporaneidade.

É certo que não podemos nos equivocar ingenuamente e passar a crer que essa concepção estava plenamente presente com Klein no começo dos anos de 1930. Aliás, seria errôneo acreditar que isso pudesse, inclusive, estar mais desenvolvido consigo ao final de sua vida na década de 1960. O que estamos trabalhando nessa pesquisa, desde o seu início, são com potencialidades que estão sendo lidas nesses subtextos psicanalíticos a partir da nossa lente da feminilidade que fora gestada em seu devido tempo.

Por exemplo, em página seguinte à última citação, a autora explicitamente indica que a combinação da inveja da mãe intensificaria o desejo da menina pela posse do pênis do pai no interior desta. Para a menina, o pênis seria dotado de poderes mágicos capazes de trazer satisfações orais das quais ela estaria sendo privada. Segundo a autora, a combinação desses dois fatores faria com que o pênis do pai fosse visto por essa criança com enorme admiração e desejo e, parte do investimento que a menina faria na mãe, nesse momento de intensa cobiça peniana, seria porque que a mãe possuiria esse pênis.

Saindo um pouco dessa discussão de predomínio de gênero que aparece de forma contraditória a partir da discussão que propomos no texto de Klein, é importante notarmos também a teorização que a autora faz com respeito à interação entre os impulsos destrutivos e libidinais. Vimos que essa noção já estava muito presente em seu pensamento ao final da década de 1920. A ideia de que esses campos pulsionais sempre se dinamizam de forma interativa e não polarizada, faz com que a autora retome o conceito de “afânise”, de Ernest Jones (1927²⁷ citado por Klein, 1932/1997). A autora discute que a os impulsos genitais apareceriam na menina no auge de seu sadismo, já nos primeiros meses de vida. Haveria, então, uma ligação por ansiedade entre essa quota de agressividade e os impulsos genitais inicialmente despertados; o efeito disso seria a culpa, um afeto mais complexo que a ansiedade. Dessa interação \hat{R} que por Klein é entendida como uma verdadeira fusão \hat{R} haveria

²⁷ Jones, E. The early development of female sexuality. *Papers on Psycho-analysis* 4^a e 5^a eds.

a intensificação das zonas erógenas para aplacar e controlar a ansiedade, raiz do sentimento de culpa. Dessa forma, para a subjetivação feminina, esse prazer genital precoce seria sentido como uma espécie de salvaguarda contra os impulsos agressivos e a ameaça de perder essa capacidade de alcançar a satisfação libidinal passaria a atuar, de forma muito semelhante, ao medo de castração nos meninos. A afânise, então, seria essa ameaça da perda da capacidade de obtenção de prazeres libidinais, uma espécie de pena de talião imposta pelo superego e sentida pelo ego (eu) como culpa.

Se Freud chamou a atenção para o temor feminino da perda do amor \hat{R} algo que também ameaçaria os meninos \hat{R} podemos ver em Jones e Klein algo mais primitivo do que o reconhecimento da perda do objeto amoroso. Todavia, seria justamente a introjeção do objeto amoroso, a condição necessária para a ascensão do sujeito (feminino e/ou masculino) para um tipo de relação mais integralizada. A permanência e, principalmente, a introjeção de um objeto sádico levaria o sujeito feminino a marcar sua condição subjetiva ligada ao masoquismo feminino:

A escolha da menina de um parceiro sádico também está baseada em um impulso para incorporar uma vez mais um pênis sádico „mau“ (pois é assim que ela vê o ato sexual) que destruirá os objetos perigosos dentro dela. Assim, a raiz mais profunda do masoquismo feminino pareceria ser o medo da mulher dos objetos perigosos que ela internalizou; e o seu masoquismo não seria outra coisa, em última instância, do que suas pulsões sádicas voltadas para dentro contra esses objetos internalizados (KLEIN, 1932/1997, p. 221)

Além dessa característica de encontrar satisfações libidinais como uma salvaguarda contra o sadismo, a capacidade de reparar a mãe que fora estragada pela projeção do sadismo para aplacar a culpa parece ser uma marca da feminilidade que permite ao ego (eu) sua integração. Klein cita exemplos de brincadeiras de meninas que, frequentemente, se expressam através do conserto de roupinhas de bonecas ou livros. Nesse sentido, as meninas precisariam mais frequentemente se apoiar nesse mecanismo se comparada aos meninos. Isso porque, diferentemente da realidade do corpo masculino que teria a evidência do próprio pênis, o sujeito feminino não teria esse tipo de auxílio contra a ansiedade de sua posição feminina. Assim, Klein entende que a possibilidade de constatar a presença do pênis para os

meninos funcionaria como uma forma de aplacar a ansiedade e as fantasias contra os estragos no próprio corpo derivados de seu próprio sadismo contra o corpo da mãe.

[...] nem mesmo a estrutura do seu corpo lhe permite qualquer possibilidade de saber qual é o verdadeiro estado de coisas dentro dela. É essa incapacidade de saber o que quer que seja sobre a sua condição que agrava o que, na minha opinião, é o medo mais profundo da menina R a saber, que o interior do seu corpo foi danificado ou destruído e que ela não tem nenhuma criança ou só possui crianças danificadas (KLEIN, 1932/1997, p. 228).

Dessa forma, em uma nota de rodapé na mesma página dessa citação anterior, Klein entende que o narcisismo feminino se estenderia para a totalidade do corpo, diferentemente do masculino que se centraria no pênis e, conseqüentemente, teria na castração o seu maior temor.

Aprofundando essa discussão da dimensão do corpo para a subjetivação feminina, Melanie Klein também discute nesse capítulo XI o papel que teria a vagina nesse desenvolvimento sexual da menina. Para essa autora existiriam evidências de que a vagina não assumiria totalmente suas funções até que o ato sexual se realizasse de fato. A autora, de forma muito semelhante a Freud (1908/1996; 1913/1996; 1923b/1996), entende esse ato sexual como a penetração da vagina pelo pênis. Além disso, para esses autores haveria a necessidade de um deslocamento de investimento libidinal do clitóris para a vagina. Todavia, a função da vagina fica obscura no texto kleiniano, levando-nos a compreender que a autora teria a mesma concepção de Freud:

Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamente, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com *masculino e feminino*. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero (FREUD, 1923b/1996, p. 161).

Nesse sentido, a posição feminina que Klein deixa evidente é o da heterossexualidade com essa conotação freudiana. Isso porque, logo à frente em seu texto, a autora identifica que uma posição masculina poderia aparecer como um prejuízo frente às fortes ansiedades derivadas da posição feminina, agora intensificadas pela libidinização

vaginal. Todavia, a ideia de um plano bastante arcaico da relação da menina com sua mãe não estaria perdida nesse desenvolvimento reflexivo da autora, quando ela afirma que:

[...] Mas, assim que sofre frustração também nessa posição, muito rapidamente se identifica com o pai, que, na sua fantasia, obtém satisfação do seio da mãe e de todo o corpo desta, isto é, dessas fontes primárias de satisfação de que ela própria foi forçada tão dolorosamente a abdicar (KLEIN, 1932/1997, p. 231).

No entanto, Klein reconhece que é necessário que permaneça uma parte dessa posição masculina na menina, para que ela possa desenvolver sua capacidade de fazer restituição à mãe, ou seja, para que a menina desenvolva sua capacidade de reparação que, como estamos refletindo, é uma das extensões da feminilidade:

Devemos agora examinar mais de perto por que é que em alguns casos a posição masculina e a posse de um pênis são uma **condição indispensável**, sem a qual a menina não pode fazer restituição à mãe [...] (KLEIN, 1932/1997, p. 233; grifos nossos)

É certo que tanto nas meninas quanto nos meninos é necessária a existência dessa capacidade reparatória para que possa existir uma boa integração egóica e, conseqüentemente, o desenvolvimento daquilo que nesse texto de 1932 começava a se manifestar com mais clareza: a capacidade do amor \hat{R} derivado das pulsões de vida \hat{R} como força integradora do ego e, ao mesmo tempo, ponto de articulações alteritárias. Todavia, diferentemente de Freud (1930/1996) que em período muito próximo havia identificado na mulher uma capacidade menor para se ligar a esse tipo de afeto que ata o laço social \hat{R} com exceção da sua relação com seu filho \hat{R} Melanie Klein iniciava sua perspectiva de que a mulher teria uma capacidade maior para o amor, pelo menos pela perspectiva de sua flexibilidade. Como acompanharemos em textos posteriores ao que estamos discutindo neste capítulo de nossa pesquisa, a autora trará essa concepção que é um verdadeiro avesso da de Freud.

Sobre essa capacidade feminina para amar, vemos a autora apontando o seguinte:

[...] Ao analisar meninas pequenas podemos ver com clareza quão intimamente ligados estão o anseio delas de possuir uma criança „bonita“ (isto é, „boa“ e saudável) e seus esforços infatigáveis de embelezar o bebê imaginário a de ter posto dentro da mãe crianças

„más“ e feias que elas comparam a excrementos venenosos (KLEIN, 1932/1997, p. 247)

Podemos compreender essa preocupação e, principalmente, a atividade de reparação que a circunda como raiz das sublimações tipicamente femininas. Os meninos, como nos aponta a autora em diversos textos, também têm a fantasia de possuir crianças em seu interior, sendo este confundido e \hat{R} quanto mais no início da vida \hat{R} indiferenciado com o da mãe. Porém, essas fantasias acabam por se deslocar e se concentrar para suas preocupações com o pênis. Especialmente pela força cultural que essa dinâmica imprime enquanto registro fálico, o universo masculino se situaria, assim, muito mais objetivado se comparado ao feminino que permanece tendo no seu interior um campo de contínuas resubjetivações.

[...] Assim, enquanto no homem é o ego e, com ele, relações com a realidade que na maior parte do tempo tomam a dianteira, de modo que sua natureza como um todo é mais objetiva e prosaica, na mulher é o inconsciente que é a força dominante. No caso dela, não menos que no dele, a qualidade de suas conquistas dependerá da qualidade do ego, mas adquirirão o caráter especificamente feminino de intuitividade e subjetividade a partir do fato de que o ego da mulher está submetido a um espírito interno amado [...] (KLEIN, 1932/1997, p. 253)

A autora ainda destaca o quanto dessa capacidade reparativa estaria baseada nas primitivas relações da menina \hat{R} e também os meninos \hat{R} com sua mãe. Porém, é interessante acompanhar a importância que a autora dá, especialmente para o campo feminino, para os aspectos mais sensíveis, afetivos, inconscientes. É uma das marcas que notoriamente sabemos da autora: enquanto Freud, por exemplo, no seu estilo de escrita, prima pelo racional, pela ordem, Melanie Klein deixa claro que o universo que ela aborda se refere ao sensível, ao caótico, ao bizarro.

Desta forma e por essa perspectiva que Klein compreende que a mulher, por conta desse acesso ao mundo sensível, seria mais próxima à criança do que o homem:

[...] Todos sabemos que a mulher é muito mais próxima da criança do que o homem; e, no entanto, em muitos aspectos do desenvolvimento do seu ego ela difere tanto da criança quanto ele. Vejo a explicação para essas diferenças no seguinte. Em seu desenvolvimento, a mulher

introjeta seus objetos edipianos mais fortemente do que o homem, o que leva a um desenvolvimento de ego mais pleno, embora dois fatores limitantes tenham que ser considerados: o inconsciente retém um controle mais amplo sobre a sua personalidade, em certa medida análogo à situação da criança; e ela se inclina para o superego dentro dela, em parte com o fim de dominá-lo ou superá-lo (KLEIN, 1932/1997, p. 254).

A autora finaliza sua perspectiva sobre o campo feminino compreendendo que a menina se defenderia muito mais de sua condição feminina por conta do medo da mãe do que propriamente por tendências masculinas. Isso, na perspectiva kleiniana, significa diferir de Freud que acreditava que o apego da menina por sua mãe ocorreria antes da situação edipiana. Essa condição da menina e, também, a sua feminilidade no sentido que empregamos em nossa tese, surgiria como uma via ao encontro e, ao mesmo tempo, de defesa frente ao outro, que passa a ser reconhecido. Uma espécie de se permitir ser seduzido pelo outro, na mesma medida que se defende dessa relação que beira o traumático. O reconhecimento do outro levaria à necessária entrada no princípio da realidade, ou seja, além da aquisição de todas as exigências necessárias dessa condição humana, a pequena criança necessitaria lidar com uma nova qualidade afetiva: a ansiedade da ameaça da perda. No caso da menina, haveria uma dupla ameaça, a de perder a mãe e, ao mesmo tempo, dessa destruir o interior do corpo da criança que passou a compreendê-lo como o local da gênese da bondade e de geração da vida.

Isso, sem sombra de dúvidas, revela muito sobre nossa origem psíquica; mas, ao mesmo tempo, demonstra o quanto se precisa estar implicado afetivo e sensivelmente, enquanto analista, nesse processo de cura (CINTRA & FIGUEIREDO, 2004). Obviamente que se se tratasse apenas de uma condição feminina, de habilidade de mulheres, a Psicanálise estaria restrita apenas a elas. O que podemos pensar a partir disso é que esse tipo de implicação subjetiva que essa modalidade terapêutica evoca se refere ao que estamos chamamos de feminilidade. Assim como a autora, estamos reconhecendo apenas que essa condição subjetiva está mais facilitada entre o ser feminino, por condições culturais que vêm se transformado radicalmente nas últimas décadas. Freud inventou a Psicanálise por conta de sua feminilidade. Melanie Klein a desenvolveu por ter apostado que ela poderia se aprofundar por essa via.

5.2.2 O desenvolvimento do menino

Se para a menina, a raiz de sua constituição subjetiva se dá na relação com o interior do corpo da mãe e, depois, se estende para o interior do seu próprio corpo, marcando assim a sua lógica de fantasias inconscientes e de sua realidade psíquica; os meninos têm destinos diferentes, como nos reflete Klein. Apesar de também terem na relação com a mãe a base de suas realidades psíquicas, muito cedo eles investem no pênis e na sua relação com este órgão o predomínio da lógica de suas fantasias (KRISTEVA, 2002). No entanto, como afirmamos anteriormente, a feminilidade é função subjetiva de muita importância para os meninos, por isso a necessidade de discuti-la, também, no contexto masculino.

Apesar dessa característica, o encontro do menino com o pênis se faz no interior do corpo da mãe e, como isso, essa relação que permanecerá a partir daí terá sempre uma marca desse local originário. A autora começa o capítulo XII de seu livro descrevendo uma fase feminina nos meninos, aprofundando o que já havia apresentado em seu texto, quatro anos antes, sobre os estágios iniciais do Édipo (KLEIN, 1928/1996).

Segundo a autora (1932/1997, p. 258), “nesta fase, o menino tem uma fixação oral de sugar o pênis do pai, do mesmo modo que a menina tem”. Nesse sentido e, também, em outros apontamentos logo no início desse capítulo, a autora deixa explícito que o menino seguiria uma linha de desenvolvimento semelhante ao da menina; ou seja, Klein inverte a lógica da diferença entre os sexos trazida por Freud, onde o feminino seria uma derivação imperfeita do Édipo masculino.

Na fantasia do menino, a mãe incorporaria o pênis do pai dentro de si e, a partir disso, apresentá-lo-ia para o menino. Em primeiro momento, o menino conheceria o pênis dentro da mãe para, depois, conhecer o seu próprio. O pênis introjetado seria a imago do próprio pênis e, de início, teria uma marca oral nesse desejo de posse e de conhecimento. Essa relação estabelecida no interior materno marcaria aquilo que a autora chama de “complexo de feminilidade do menino”.

Essa ideia de um pênis no interior da mãe, como já tratamos em nosso terceiro capítulo, foi tema de diversas brigas entre Klein e Edward Glover que a acusava de plagiar uma ideia de Felix Boehm. Segundo relatos biográficos e históricos da Psicanálise (KING & STEINER, 1998; GROSSKURTH, 1992), Glover acusava severamente Klein de ter roubado essa teoria de Felix Boehm²⁸ que, na mesma época, publicava essa concepção sobre a

²⁸ BOEHN, F. The femininity complex in men. *International Journal of Psycho-analysis*, vol. 12.; 1930.

sexualidade masculina. Os editores da obra de Melanie Klein não trazem nenhum comentário sobre isso. Dá-se a impressão que Klein adicionou essa referência a Boehm posteriormente a essas críticas. Contudo, King & Steiner (1998) e Grosskurth (1992) apontam que Klein havia dito para Glover que ele não lera essa menção que estaria, sim, presente em *A psicanálise de crianças*.

De qualquer forma, esse tema já estava sendo pensado por Klein há pelo menos quatro anos e vinha diretamente de sua proposta inovadora que era o Édipo arcaico. E essa fase feminina para o menino, segundo Klein, teria como característica: “A força motivacional mais poderosa do seu trabalho criativo [...]” (KLEIN, 1932/1997, p. 291). Essa afirmação deriva da reflexão de um caso clínico, de um homem que contava cerca de trinta e poucos anos e que procurara Klein por conta de sua inibição intelectual para o trabalho e por uma profunda depressão. Sr. B, como descrito pela autora, tratava-se de um verdadeiro homossexual, mesmo que não praticasse sexo com outros homens. Klein se refere em termos de uma posição homossexual, algo que nos leva a pensar que muitas práticas homossexuais poderiam ser sintomáticas e não uma verdadeira posição. Dessa forma, seria a relação que o menino teria com sua fase feminina e com o pênis introjetado na mãe que verdadeiramente marcaria uma personalidade homo ou heterossexual. O que valeria, no final das contas, seria a realidade psíquica, pois a prática poderia ser um sintoma deslocado do ponto originário, servindo como cobertura defensiva.

Segundo Klein (1932/1997, p. 292) sobre o Sr. B, “à medida que sua identificação com a mãe e seu desejo de ser mulher se tornaram mais evidentes na análise, sua inibição no trabalho diminuiu gradualmente [...]”. Isso acontecia, na análise do caso pela autora, na medida em que este homem começa a reconhecer que possuía objetos bons dentro de si. Sua hipocondria, outro sintoma que lhe era característico, diminuía e ele passou a ter relações melhores com as pessoas ao redor; algo que já não mais acontecia, pois, com o aprofundamento de sua depressão, ele havia se afastado delas. Esses objetos bons, para os meninos, que significam crianças boas presentes no seu interior, começam a, muito precocemente, também a se equivaler a pênis bons. Segundo a autora, isso seria uma espécie de formação reativa, na mesma dinâmica que a reparação funcionaria para a menina, como reflete Petot (1991). O pênis, como um órgão externo, permitiria uma maior capacidade de controle para o menino, principalmente de tudo aquilo que é “[...] estranho e aterrorizante na

Há uma divergência de datas entre a nota de rodapé e as referências que se apresentam ao final do livro de Klein. Optamos por manter a data que se apresenta nessas referências. Contudo, Hendrik M. Ruitenberg em seu livro organizado *Psychoanalysis and male sexuality*, de 1966, traz esse texto de Boehm e indica que esse artigo foi lido na Sociedade Psicanalítica da Alemanha em 12 de novembro de 1929.

mulher” (KRISTEVA, 2002, p. 148). A radicalidade dessa defesa poderia se estruturar em uma homossexualidade patológica, onde essa proteção traria um custo psíquico muito caro, abandonar a mulher de uma vez por todas. Em termos alteritários, essa é uma característica muito típica das depressões, muito mais do que da prática homossexual em si.

[...] Ainda assim, é precisamente seu medo da mãe e dos seus conteúdos do seu próprio corpo que o impede de acreditar na posse de um pênis „bom“ e potência sexual. O efeito cumulativo de todos esses fatores pode ser o de fazê-lo afastar-se das mulheres como objetos de amor e, de acordo com o que foram suas experiências arcaicas, o de sofrer perturbações de potência na sua posição heterossexual ou de tornar-se homossexual (KLEIN, 1932/1997, p. 272)

O caso do Sr. B evidencia um percurso analítico de importante e bela superação psíquica. Na medida em que ele superava esse terror da mãe e de sua feminilidade, ele começava a ampliar e flexibilizar seu pensamento e suas fantasias. O bom objeto reencontrado em seu interior lhe trazia tanto ânimo que “[...] Por esse motivo, punha seus pensamentos no papel tão rapidamente quanto possível, de modo a protegê-lo dos objetos „maus“ que se intrometeriam no seu caminho ao escrever [...]” (KLEIN, 1932/1997, p. 292). Essa escrita era parte de seu trabalho que estava bastante inibido com sua doença mental. Essa potencialidade e, principalmente, esse tipo de intensidade de escrita nos faz lembrar a própria Melanie Klein quando, sob efeito de sua melhora por conta de seu tratamento psicanalítico com Ferenczi e, depois, com Abraham, lhe impunha um tipo de escrita e de estilo que, como afirma Grosskurth (1992), dá-nos a impressão de que ela escrevia e imediatamente publicava as suas reflexões psicanalíticas, sem maiores reflexões ou revisões.

É importante destacar sobre esse capítulo de *A psicanálise de crianças* de que a autora não ignora a relação ambivalente do menino com o pai; porém, a inovação trazida da perspectiva dessa nova compreensão edipiana se sobrepõe a isso e a deixa bastante secundária nesse sentido. Tanto que, em último parágrafo dessa parte do livro, a autora destaca que o papel genital masculino, quando atinge seu auge e a heterossexualidade é um reencontro com:

[...] a mãe generosa, que agora lhe dá também prazer genital; e, em parte como um presente de retribuição, em parte como uma reparação para todos os ataques que se fez a ela na época em que se danificou o seu seio, ele lhe dá o seu sêmen „sadio, que a dotará de crianças,

restaurará o seu corpo e lhe dará também satisfação oral [...] (KLEIN, 1932/1997, p. 295)

Nessas últimas palavras, o seio começa a se destacar cada vez mais em suas reflexões.

5.3 SINTOMA E DESAMPARO

O que parece predominar na impressão de todos aqueles que entram, pela primeira vez, em contato com a obra de Melanie Klein é uma sensação de estranheza e até de choque frente à forma nua e crua como a autora apresenta o universo infantil de seus pequenos pacientes. Seja diretamente pelos seus textos ou, como é comum nos cursos de Psicologia do Brasil, através da leitura de *Introdução à obra de Melanie Klein*, de Hanna Segal (1975), o leitor fica incrédulo ao ver um adulto falando de fantasias e desejos tão aparentemente distantes de uma criança. Mas é justamente isso que faz dessa autora alguém tão importante a teorizar sobre esse universo, fazendo aquilo que Birman se refere ao universo da feminilidade: “[...] O que está em jogo, pois, nessa interpelação, é a *natureza de todo e qualquer desejo*” (1999, p. 133; negritos nossos). E essa pode ser uma das características mais gerais desse livro de 1932.

Qual a forma que o desejo pode ter? Essa é uma pergunta fácil de responder: qualquer uma! A maneira que Melanie Klein dispunha para buscar se aproximar desses desejos infantis expressos em suas íntimas sessões com crianças, era através de uma ética clara: chame as coisas pelo seu nome. Da mesma forma que Freud (1905/1996) aconselhava sobre como abordar temas sexuais com pacientes jovens e que apontamos em outra parte dessa tese, Klein mantinha essa mesma premissa ética com as crianças. Ao mostrar-lhes que elas também poderiam chamar as coisas às partes do corpo, afetos, objetos externos à daquilo que elas realmente representavam, essas crianças redescobriam o mundo (interno e externo).

Apesar de logo notar um grande alívio que a técnica psicanalítica adaptada às crianças trazia desde o início para elas, o percurso jamais poderia ser chamado de fácil. A perlaboração²⁹ trazida pela psicanálise faz com que o sujeito retome aquela função de

²⁹ Utilizaremos aqui a noção e a distinção trazidas por Laplanche e Pontalis (2001) entre *elaboração psíquica* e *perlaboração*. Para esses autores, apesar de ambos os conceitos se referirem a um verdadeiro trabalho psíquico de domínio de excitações e intensidades pulsionais, o conceito de *perlaboração* se refere mais a esse trabalho a partir dos recursos trazidos pelo tratamento psicanalítico que, como meta, busca ajudar o sujeito a vencer as forças das resistências trazidas pela repressão e, com isso, operar uma maior integração egóica.

elaboração psíquica que o sintoma passou a lhe impedir. E, da mesma forma que Freud (1917/1996) havia pensado essa elaboração psíquica semelhante a um trabalho realizado pelo psiquismo a partir do luto, o percurso do tratamento psicanalítico remete, inevitavelmente, o sujeito a se ver com a morte. Claro que não se trata de uma morte psíquica, mas de dominar os efeitos que sua representação, através do luto, deixaria no psiquismo. Dessa forma, o trabalho psíquico que a psicanálise evoca no sujeito é de uma reelaboração de seus lutos e do desamparo frente às insígnias que estes provocam.

Como esse trabalho psíquico é inevitável em todos, em diferentes momentos da vida, Klein traz uma pergunta a ser pensada: “A primeira questão que se apresenta é: que dificuldades devem ser encaradas como normais e que dificuldades como neuróticas nas crianças? Quando estão elas sendo meramente travessas e quando estão realmente doentes?” (KLEIN, 1932/1997, p. 115). Ou seja, quando é uma reação esperada a partir de uma elaboração psíquica ou algo que os adultos devam se preocupar? Pensemos, por exemplo, em uma criança que começa a frequentar a escola e começa a ter algum tipo de comportamento ou atitude anteriormente inexistente. Em 1932, Klein já tinha experiência suficiente para apontar alguns caminhos de expressões de sintomas muito típicos entre as crianças, apesar de que para a autora, na dúvida, a criança deveria ser analisada. Segundo ela, os principais problemas tendiam a ser expressos em problemas de alimentação; ansiedades novas; terrores noturnos e, muito frequentemente, as inibições intelectuais tão comuns nas escolas. A investigação desses sintomas infantis revelava, como sabemos, diversas fantasias que radicalizavam toda a noção de sexualidade perverso-polimórfica (FREUD, 1905/1996) compreendida até ali. O palco dessas fantasias tendia a evidenciar o interior do corpo da mãe. Dessa forma, um sintoma poderia representar a condensação de diversos desejos de roubar os bebês do corpo da mãe; suas fezes e utilizá-las como instrumentos para feri-la e, também, para ferir o pênis negado do pai. Ao mesmo tempo, de forma ambivalente, esse pênis era desejado de forma oral, em diversas fantasias comuns em muitas crianças ao praticar o *fellatio*. Desde a primeira vez que lemos essa expressão no texto de Klein nos chama a atenção de o porquê da escolha em latim. Não duvidamos que, apesar do contexto histórico se tratar dos anos das primeiras décadas do século XX, possa representar uma expressão de repressão da própria Melanie Klein, uma vez que ainda hoje nos parece espantoso pensar uma criança desejando a prática do sexo oral.

Todavia, apesar dessas fantasias darem a impressão de uma gravidade maior da psicopatologia dos casos, o que podemos apreender sobre isso, desde Freud e Klein, é que essas fantasias interpretadas e expostas dessa maneira só são possíveis pela própria condição

egóica da criança que manteria uma articulação mais próxima com seus conteúdos inconscientes (id). Dessa forma, não seria possível comparar uma neurose de uma criança a de um adulto. Isso porque, justamente por essa condição psíquica da criança, ela precisaria expressar mais frequente e diretamente suas fantasias. Uma criança que dominasse (reprimisse) por completo suas fantasias estaria gravemente afetada, por mais que, em aparência, ela correspondesse às expectativas de sua realidade próxima.

Com isso, a autora sintetiza que: “Do que foi dito até agora, concluo que as dificuldades que não faltam jamais no desenvolvimento de uma criança são **neuróticas em essência**. Em outras palavras, toda criança passa por uma neurose que só difere em grau de um indivíduo para outro [...]” (KLEIN, 1932/1996, p. 121; grifos nossos)

A noção kleiniana de neurose, enquanto “normalidade”, também traz aquela inevitável marca do desamparo humano, típica da perspectiva freudiana (BIRMAN, 1999). O nosso ego (eu), então, estaria sempre sofrendo aquela tensão em tentar dominar as intensidades pulsionais e, ao mesmo tempo, encontrar vias satisfatórias possíveis. Em seu início, essa tarefa seria inviável sem a ajuda de um outro. Para Klein, a maior ameaça pulsional derivaria das pulsões de morte que, em *A psicanálise de crianças*, a autora começa a radicalizar essa noção freudiana de sua segunda clínica.

Nessa perspectiva, Melanie Klein cita, em uma nota de rodapé, Therese Benedeck dizendo que, por linhas diferentes, ela também teria compreendido que a ansiedade se originaria das pulsões destrutivas, ou seja, da pulsão de morte: “A ansiedade, portanto, não é um medo de morte, mas a percepção da pulsão de morte que foi liberada no organismo. É a percepção do masoquismo primário” (BENEDECK, 1931 citado por KLEIN, 1932/1997, p. 148).

A presença da mãe nas fantasias das crianças, então, não seria um mero acaso, mas reflexo direto das paraexcitações que é sua função primordial em nossa cultura. Todavia, jamais poderia se tratar de um simples outro que supre necessidades fisiológicas, mas necessariamente alguém que exerça e coloque em andamento a função da feminilidade que estamos tratando nesse nosso trabalho.

Assim, a posterioridade do prazer somente se institui pelo investimento do outro, pelo agenciamento realizado pela figura materna, que empreende um desvio fundamental da descarga mortífera inaugural. Seria, pois, a função materna que realizaria uma transformação brusca da expulsão inicial, rearticulando-a para o organismo do infante e delineando uma mudança no rumo da força

pulsional. Sem essa intervenção a vida do organismo seria impossível (BIRMAN, 1999, p. 156)

A mãe, nesse caso, faria função semelhante à proposta da teoria da sedução generalizada (Laplanche, 1992). A noção de feminilidade que adotamos aqui muito se assemelha a essa necessária alteridade assimétrica inicial para instauração da sexualidade, marca *sine qua non* de nossa espécie humana. Na mesma medida que ampara e protege contra a ameaça destrutiva da pulsão de morte, a função de feminilidade permitira começar a operar vias tradutivas para a relação enigmática desse encontro extremamente assimétrico, como Laplanche frisa bem. É uma relação enigmática justamente por se tratar de uma relação de inconscientes e, por isso, sexual. A sexualidade nesse sentido da feminilidade seria uma continência transformadora para essas pulsões destrutivas que Klein buscava refletir. A grande ameaça não seria mais do sexual, como na primeira clínica freudiana, mas da ausência integradora que ela promoveria, fazendo prevalecer as pulsões de morte \hat{R} ou como preferimos, as pulsões sem representação, caracteristicamente, de natureza de desligamento e de desintegração.

Apesar de defendermos que a sexualidade é uma força integradora, essa é uma perspectiva inovadora em nossa cultura ocidental. Como acompanhamos ao longo de nosso trabalho, mesmo dentro da Psicanálise a sexualidade também foi vista como ameaçadora e, a partir da trilha do complexo de castração, ela foi compreendida como balizada pela Lei edipiana. A sexualidade, por esse viés, deixaria uma marca paradoxal em nossa condição neurótica que discutíamos anteriormente: na mesma medida que precisamos ser instaurados pela sexualidade, precisaríamos recusá-la, em grande medida, como condição de nosso laço social. Isso nos relegaria a um eterno mal-estar. Klein traz uma nota de rodapé bem interessante quanto a isto:

Em meu artigo „Estágios iniciais do conflito edipiano (1928), examinei a base mais arcaica da posição feminina do menino e procurei mostrar que o complexo de feminilidade dele sofre uma modificação muito cedo e fica sepultado sob o complexo de castração, para o qual contribui de algum modo. É por esse motivo que o menino muitas vezes renuncia muito rapidamente a brincadeiras com bonecas, que correspondem a seus componentes femininos, e passa para brincadeiras que colocam ênfase exagerada na sua masculinidade (KLEIN, 1932/1997, p. 126)

Essa nota vem como uma explicação do caso do menino Kurt, de cinco anos e com uma neurose bastante severa marcada por traços psicóticos já evidentes, onde apenas depois de mais de 450 sessões é que a criança conseguiu expressar seus conteúdos femininos e homossexuais. Pelo menos nessa passagem, apesar de reconhecermos que essa não era a compreensão geral de Melanie Klein, teríamos três planos sexuais que compunham esse menino: a heterossexualidade, a feminilidade e a homossexualidade. Nessa passagem e nas notas que a acompanham, é muito interessante acompanharmos Klein refletindo que o mais importante era sua superação frente à ansiedade com relação à cópula dos pais; elemento tão incisivo em suas fantasias. Nesse sentido, é algo muito inovador vermos a autora não insistir em um padrão de sexualidade como o “normal”.

Como veremos em nosso próximo capítulo, essas transformações trazidas pela importância colocada nas relações de fantasias com o corpo da mãe e a descentralização fálica na raiz da constituição do sujeito levará Melanie Klein a retirar a importância que tinha o complexo de Édipo na subjetivação. Acompanharemos, então, a construção da proposta das posições \hat{R} com destaque para a posição depressiva \hat{R} como o centro desse processo psíquico. Nesse aspecto, a feminilidade encontrará uma cena mais adequada para ser refletida em sua máxima potência subjetiva, ou seja, fora do registro fálico.

6. A FEMINILIDADE E SUA CENA *PER SE*: A SUBJETIVAÇÃO NA POSIÇÃO DEPRESSIVA

Este capítulo pretende discutir como a construção da posição depressiva se mostrou como o palco principal para a expressão da condição de feminilidade que estamos desenvolvendo nesta pesquisa. O ponto principal sobre isso, em nossa concepção, é a condição de alteridade necessária para a construção do sentimento de amor, marca inseparável para a condição intersubjetiva que a feminilidade convocaria. Todavia, esse sentimento não seria construído sem dor. A característica pesadosa dele, como procuraremos discutir, residiria na nova qualidade da ansiedade que a pequena criança experimentaria pela ameaça da perda do outro. Dessa forma, a posição depressiva evidenciaria um cenário de luto; pois amar, a partir dessa condição da feminilidade, é correr o risco da perda sem, necessariamente, constituir-se subjetivamente assentado sobre um ressentimento narcísico que a saída edipiana evidencia com suas marcas de rupturas como no caso da relação da pulsão impedida através do recalçamento. Se para Klein a marca da superação da posição depressiva se faz pelo efeito integrador que ela traz ao *self* do sujeito, isso também poderia ser compreendido como a capacidade de transformação pulsional, marca da sublimação contida na potência da feminilidade.

Como todo desenvolvimento conceitual, este da posição depressiva não poderia aparecer perfeitamente construído em suas primeiras apresentações. Na verdade, como veremos, a própria proposição da ideia de posição trouxe problemáticas a Melanie Klein que tomou seu interesse até o fim de seu trabalho intelectual. Nesse sentido, ocupar-nos-emos de abordar, também, a articulação que o tema da feminilidade faz com o conceito da posição esquizo-paranoide; mas, precisamos deixar claro que é apenas para conseguirmos avançar na compreensão que a posição depressiva tem com nossa proposta de trabalhos.

Dessa forma, para tratarmos do tema sobre a posição depressiva, escolhemos os textos que, de acordo com Baranger (1981), Petot (1988), Cintra e Figueiredo (2004) e além de nossa leitura e compreensão sobre o assunto, eles se mostram os mais adequados para focalizarmos e mantermos a trilha de nossa temática de pesquisa. Para isso, escolhemos os seguintes textos de Klein: *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935), que trata justamente de sua formulação; *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos* (1940) e *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas* (1945) que trazem maiores detalhes sobre essa posição, além do que ela implicaria nas formulações teóricas anteriores.

Já com relação ao conceito da posição esquizo-paranóide, também seguimos as proposições dos autores citados anteriormente e nos dedicamos a construir nossas reflexões a partir de *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides* (1946), que tratam sobre a publicação do conceito de posição esquizo-paranóide; *Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê* (1952) e *Inveja e gratidão* (1957) que aprofundam a temática sobre a posição esquizo-paranóide além de dar um parâmetro mais refinado sobre a posição depressiva.

6.1 O RECONHECIMENTO DO OUTRO A PARTIR DO AMOR

Como nos indicam Baranger (1981) e Petot (1988), o conceito de posição depressiva surgiu, pela primeira vez em 1934, em um Congresso de Psicanálise na Suíça. No ano seguinte, apareceu sob a forma de texto em *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivo*. Nesse mesmo ano, alguns meses antes, morria Hans, o filho mais velho de Melanie Klein, que aos 27 anos, sofrera um acidente quando escalava uma montanha também na Suíça (GROSSKURTH, 1992; PETOT, 1988). Dessa forma, é muito frequente a associação desse texto e desse conceito à dolorosa perda de Klein; uma vez que o conceito de posição depressiva se estrutura a partir do modelo do trabalho de luto primeiramente proposto por Freud (1917/1996). Contudo, como bem reflete Petot (1988), é provável que essa perda tenha influenciado essa construção conceitual, mas, pensar que ela só foi possível por esse trágico acidente, é desconhecer o percurso histórico-epistemológico dessa autora: “[...] A pesquisa sobre o aparecimento da noção de posição depressiva pertence à história das ideias, e não à psicobiografia” (Petot, 1988, p. 4).

Desde 1928, a partir de *Estágios iniciais do complexo de edipiano*, podemos reconhecer que a noção de posição já estava sendo gestada. Isso porque acreditamos que ela necessitou, de forma imprescindível, da construção teórica que se desenvolveu a partir da originalidade kleiniana derivada dos conceitos de Édipo arcaico e superego primitivo. Além disso, a autora já usava o termo *posição* para se referir a noções como “posição feminina”; “posição masculina”; “posição genital”, etc.. Todavia, é a partir do conceito de posição depressiva, propriamente dito e que aparece nesse texto de 1935, que ocorre uma mudança teórica nos fundamentos da teoria kleiniana referente à ênfase dada pela autora com relação à destrutividade, tal como ela havia promovido nos quinze anos anteriores.

Segundo Cintra e Figueiredo (2004), essa mudança, principalmente para quem esteja estudando o texto da autora em sequência cronológica, se clarifica no destaque que a autora passou a empregar no conflito entre amor e ódio e na dinâmica das pulsões de vida e morte. Nesse sentido, o conceito de posição, a partir de posição depressiva, começou a frisar a dinâmica das relações de objeto estabelecida pelas fantasias da criança pequena de uma forma mais radical que anteriormente. Dessa forma, a partir dessa publicação de 1935, ocorreu uma verdadeira mudança de estrutura para todas as novas teorias que a psicanálise kleiniana promoveu posteriormente, inaugurando outras possibilidades de compreensão e tratamento para as crianças e, também, para a psicose, como o nome desse artigo procura destacar.

Desde o início de *Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos*, Klein deixa claro que sua concepção do desenvolvimento psíquico do bebê centra-se no interjogo da introjeção e projeção dos objetos “bons” e “maus” que, mais do que anteriormente, se destaca pela relação do bebê com o seio. Como veremos, é importante compreender que o conceito de posição depressiva traz um campo de constituição psíquica e intersubjetiva com qualidades fundamentais para a sociabilidade do sujeito, apesar de se localizar em um momento muito inicial da vida. Dessa forma, como dissemos anteriormente, é o período privilegiado para falarmos sobre a noção de feminilidade presente nessa tese. Os textos que escolhemos para este ponto da pesquisa tratam, então, do momento da gênese dessa marca subjetiva que pode transitar com independência com relação à marca cultural ocidental assentada no registro fálico.

Nessa gênese, o que vai se destacar são relações e dinâmicas com objetos parciais; apesar de ser o início da constituição da integração objetal nelas. Ainda que a dinâmica da criança com o interior da mãe traga a marca da parcialidade de objeto, como acompanhamos nos capítulos anteriores de nossa pesquisa, essa compreensão mais profunda da dinâmica psíquica do bebê com o seio da mãe, a partir do foco nesse interjogo, necessitará de um constructo teórico mais flexível para dar conta da efêmera e constante mudança dos sentimentos da criança em seu primeiro ano de vida; principalmente se comparado à noção de fase psicosssexual. A identificação com, e principalmente, “[...] a preservação do objeto bom passa a ser encarada como um equivalente à sobrevivência do ego” (KLEIN, 1935/1996, p. 305) da criança nesse momento da vida.

Dessa maneira, na segunda metade do primeiro ano da criança, começaria a surgir uma preocupação e, mais importante ainda, o reconhecimento desse bom objeto que se tornaria um objeto de amor. Esse reconhecimento a que Klein se refere é ter a dimensão que esse objeto amado também é dotado de sentimentos de ódio que a criança compreende R

evidentemente que dentro dos limites de sua capacidade psíquica do primeiro ano de vida *R* como seus. Isso provocaria uma crise depressiva pelo medo de perder a mãe, que começa a ser reconhecida em sua integralidade e passível de ser danificada pelo ódio da criança.

Juntamente com esse desenvolvimento ocorre uma mudança da maior importância: a passagem de uma relação de objeto parcial para a relação com um objeto total. Ao dar esse passo, o ego atinge nova posição, que serve de base para a situação chamada de perda do objeto amado. Só quando o objeto é amado *como um todo* é que sua perda pode ser sentida como um todo (KLEIN, 1935/1996, p. 306).

Klein continua sustentando que seu *norte* referencial na compreensão dessa dinâmica psíquica se assenta na ansiedade infantil; porém, cada vez mais, a culpa começa a se destacar como trilha principal. A ansiedade tem, enquanto um sentimento difuso e generalista, uma característica de persecutoriedade. Já os sentimentos de culpa marcam um tipo mais estruturado de relação objetal; pelo menos no momento da construção desse texto, uma vez que em *Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê* (1952) e, principalmente, *Inveja e gratidão* (1957) Klein passa a falar sobre um sentimento de culpa muito arcaico, pertencente à posição esquizo-paranóide.

A culpa vivenciada na posição depressiva traria um sentimento de nostalgia pelo objeto perdido semelhante ao que compreendemos como o luto normal. Para Klein, essa vivência infantil traria a marca prototípica para o próprio luto; tese que já podemos acompanhar nesse texto de 1935, mas que será mais desenvolvida em *O luto e suas relações com os estados maniaco-depressivos* (1940). De acordo com Kristeva (2002, p. 90):

Guardando a lembrança de um bom objeto, a criança experimenta a relação a ele uma nostalgia comparada ao luto; mas, já que esse amor é, na fase oral, um amor de devoração, fortemente conotado de pulsão sádica, ao sentimento de perder o bom se junta a culpa de o ter destruído ao assimilá-lo [...] Os temores de talião, que eram específicos na posição esquizo-paranóide, sobrevivem, mas se misturam agora ao novo sentimento de *culpabilidade*.

Como estamos fazendo um percurso cronológico do texto kleiniano, diferentemente de Kristeva, é importante destacar que, apesar de Melanie Klein ainda não ter formulado o conceito de posição esquizo-paranóide em 1935, já reconhecia plenamente a ansiedade

persecutória e os estados paranóides derivados da pulsão de morte dirigida contra o objeto. Tanto que essa complexa articulação das fantasias infantis levou a autora nesse texto a trazer a hipótese de outras duas posições, além da depressiva: a *posição maníaca* e a *posição obsessiva*, ambas abandonadas após a formulação da posição esquizo-paranóide. A ideia contida na posição maníaca revela a complexidade do fenômeno clínico tratado por Klein: a de que não haveria uma linha bem demarcada nesses modos de funcionamento mental. Enquanto teoria, é possível qualificar mais facilmente, por exemplo, a posição maníaca como contendo elementos fantasísticos de controle onipotente dos objetos, negação da realidade psíquica, etc.. Essa posição que desaparece dos textos kleinianos com esse status, entrará na constelação de *defesas maníacas* que, segundo Segal (1975), fazem parte da posição depressiva. Todavia, ao acompanharmos os textos de Klein posteriores a meados da década de 1940, especialmente com a publicação do conceito da posição esquizo-paranóide, veremos o quão semelhante a esta posição se referem o grupo de defesas maníacas. Dessa forma, pensamos que a posição maníaca representaria uma linha divisória de um momento bem incipiente da posição depressiva, ainda que, em termos de realidade clínica, não haveria distinções tão claras entre a posição depressiva e a esquizo-paranóide, ocorrendo sim, flutuações destas, dependendo do período da vida do sujeito, como Klein mesmo começou a frisar já na parte final da década de 1940.

Segundo Baranger (1981), a falta de uma angústia específica para a posição maníaca teria feito com que Klein retirasse-a do rol das posições. A relação entre culpa e ansiedade, desde o surgimento dos sentimentos mais integrados da posição depressiva, seria a sua marca principal. Isso faria com que, muitas vezes, a criança apresentasse uma intensa dependência da mãe. Podemos lembrar, por exemplo, o caso da pequena Erna; em suas constantes reivindicações de atenção e contato com a sua mãe, esta se sentia extremamente “sugada” pela filha. Podemos considerar que, desde o início de suas atividades como psicanalista, Melanie Klein tinha noção que esse tipo de fixação à mãe, especialmente no caso das crianças neuróticas, pouco tinham a ver com uma dependência realista referente a pouca idade da criança; isso se referia muito mais a uma condição psíquica que, no texto de 1935 que estamos refletindo, é considerada a partir da dinâmica da posição depressiva. Segundo Klein (1935/1996, p. 308): “[...] A ausência da mãe desperta na criança a ansiedade de ser entregue a objetos maus, sejam estes externos ou internalizados. Isso poderia ocorrer por causa de sua *morte*, ou de sua volta sob a forma de uma mãe „*má*”.

A ausência da mãe, então, pode ser compreendida como uma falta, mesmo que momentânea, de um paraexcitação necessário para a sua condição egóica e que a colocaria

naquela posição primeiramente refletida por Freud (1920/1996), a partir da observação de seu netinho no joguinho do *fort-da*: a do desamparo. Para este autor, a criança não teria ainda a condição de se proteger de estímulos provenientes principalmente do exterior; tal condição psíquica poderia ser comparada a do organismo vivo cuja superfície vai se modificando e se adaptando para proteger seu interior (BELO, 2012).

Klein reconhece o impacto trazido pelo exterior, mas ao acompanharmos sua obra e, especialmente as reflexões de 1935, vemos que a autora destaca a intensidade trazida pela desintegração da pulsão de morte. A autora, desde a década de 1920, enfatiza o quanto a fantasia interfere na relação da criança com a realidade externa, com grande destaque para as fantasias agressivas. Mas desde a proposição da posição depressiva trazida aqui nesse período, o amor passa a ser a grande salvaguarda para as excitações destrutivas do psiquismo. Obviamente que Klein não renega os cuidados trazidos pela mãe como um agente externo, mas para a autora, é a condição de introjeção de um bom objeto interno que capacitará a criança a poder receber esse cuidado externo de forma gratificante e, com isso e cada vez mais, desenvolvendo o psiquismo. Esse movimento de introjeção do bom objeto se sintetiza no desenvolvimento da capacidade de amar. É uma condição superior e com ansiedades de qualidades diferentes, especialmente na ameaça de desintegração trazida por esse sentimento. A partir dessa capacidade de natureza sexual, a criança começa a se responsabilizar pelos próprios sentimentos e desejos.

É uma condição que, diferente da organização caótica da posição esquizo-paranóide, promoveria uma transformação pulsional, como defende Arán (2002). Compreendemos e nos arriscamos em afirmar que seria nessa passagem que ocorreria a modificação de uma condição de proximidade com a natureza para uma social; uma vez que o desamparo caótico anterior passa a ganhar potência simbólica transformadora. Mas isso não torna a vida psíquica da pequena criança em algo fácil, pelo contrário, habitar o campo social é uma tarefa que se inicia cedo e nos toma a vida toda.

Como já observei antes, ao mesmo tempo em que reconhece seu amor por um objeto bom, que é um objeto inteiro e, além disso, um objeto real, o ego tem um profundo sentimento de culpa em relação a ele. A identificação total com o objeto baseada numa ligação libidinal. É primeiro o seio, depois à pessoa como um todo. É vem acompanhada de ansiedade por esse objeto (pela sua desintegração) de culpa e remorso, do senso de responsabilidade de preservá-lo contra seus perseguidores e o id, e da tristeza relacionada à expectativa de perdê-

lo. Em minha opinião, essas emoções, sejam conscientes ou inconscientes, estão entre os elementos essenciais do sentimento que chamamos amor (KLEIN, 1935/1996, p. 312)

Retomando Arán (2002), essa constituição subjetiva que acontece fora do registro fálico é, então, uma transformação pulsional, não se tratando, então, de separação ou corte. Do ponto de vista kleiniano, trata-se de integração. Em nossa tese, a posição depressiva é a cena da feminilidade *per se*.

Esse percurso que chamamos de feminilidade, contido na posição depressiva, revela também a face mais implicada de Melanie Klein com sua teoria. Não apenas pelo tema do luto que passa a se tornar tão importante em seus conceitos mais inovadores, mas ao revelar a importância que essas experiências dolorosas são inextricáveis a nossa constituição subjetiva. Segundo Cintra e Figueiredo (2004, p. 92):

[...] Melanie Klein é a teórica das perdas, do luto e da melancolia não só como episódios contingentes e acidentais, mas como partes integrantes e indispensáveis da travessia existencial de cada um de nós. A saúde mental não significa escapar a esse destino, e sim, ao contrário, assumi-lo.

Da mesma forma que em 1932, onde a autora reconhecia que a neurose infantil não era exceção, mas regra, a partir de agora ela define seu pilar central na capacidade psíquica de superar um luto nostálgico pela perda necessária de um objeto arcaico; porém, com a permanência da boa relação que se estabeleceu com ele como uma espécie de salvaguarda para futuras situações difíceis. Esse luto seria uma marca constitutiva e necessária, pois o objeto perdido é um objeto idealizado.

Um dos mecanismos que Klein já vinha tratando em trabalhos anteriores e que se destacou em *A psicanálise de crianças* é a reparação. Esse mecanismo está presente em muitos exemplos clínicos que a autora trouxe em *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*. O que evidencia essa marca indelével do mecanismo de luto concebido pela ótica kleiniana da posição depressiva é sua elaboração em adultos, tal como são descritos nesses casos clínicos. Em muitos momentos de perda de idealizações, por exemplo, pós-interpretações dadas por Klein a seus pacientes, estes reagiam de forma agressiva, inicialmente, mas depois conseguiam assimilar sua nova posição subjetiva através

desse cuidado com o objeto-psicanalista que representava esse núcleo egóico fundamental para a saúde psíquica.

Além desse mecanismo, a autora cita outros que serviriam para o ego superar sofrimentos típicos da posição depressiva:

[...] (a) uma „fuga para o objeto bom internalizado“, mecanismo que Melitta Schmeiderberg (1930³⁰) destacou ao falar da esquizofrenia. O ego introjeta um objeto amado completo, mas devido ao seu pavor imoderado de perseguidores internalizados (que são projetados para o mundo externo), ele se refugia numa crença exagerada na benevolência de seus objetos internalizados. O resultado dessa fuga pode ser a negação das realidades externas e psíquicas e uma psicose profunda. (b) Uma fuga para os objetos „bons“ externos, como meio de refutar todas as ansiedades R tanto internas quanto externas. Esse mecanismo é típico da neurose e pode provocar uma forte dependência em relação aos objetos e a um enfraquecimento do ego (KLEIN, 1935/1996, p. 329)

As características que são apresentadas aqui, porque em nosso momento contemporâneo já estamos familiarizados com o conceito de posição esquizo-paranóide, causam uma certa confusão com esse último conceito. Dessa maneira é importante localizarmos historicamente esse texto de 1935 e lembrar que estamos na fundação do conceito. As ideias da autora serão amadurecidas nos textos seguintes, mas, o eixo principal já estava formado: o amor como base alteritária.

O texto *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos*, de 1940, pode ser considerado uma continuação do texto de 1935, que estávamos refletindo nos parágrafos anteriores. Isso porque Klein passa a compreender, explicitamente, que todo luto normal será sempre uma espécie de reedição da posição depressiva infantil que, na perda de uma pessoa ou coisa importante reativaria essa posição; cena que a autora chama de “luto arcaico”.

Dessa forma, Klein compreende a posição depressiva como uma “melancolia em *statu nascendi*” (1940/1996, p. 388). A experiência dolorosa dessa posição seria o protótipo

³⁰ Um texto de sua filha, Melitta Schmeiderberg, recém-graduada em Medicina e mais recentemente ainda, psicanalista. O texto é *The role of psychotic mechanisms in cultural development*. Nesse momento, Mellita ainda estava distante das controvérsias que teria com sua mãe, alguns anos depois. Podemos perceber que as citações anteriores às brigas eram frequentes e de pouca relevância, quase um incentivo à filha, uma vez que aparecem com temáticas quase reafirmativas do que Klein já estava pensando.

do que a criança experimentaria posteriormente na situação edipiana. Aliás, podemos compreender que o próprio complexo de Édipo, desde seu momento mais inicial, só aconteceria a partir da posição depressiva. Klein (1996/1940, p. 388) compreendia exatamente dessa forma:

De acordo com minha experiência, a preocupação e o pesar em torno da perda tão temida dos objetos „bons“ \hat{R} ou seja, a posição depressiva \hat{R} é a fonte mais profunda dos dolorosos conflitos que ocorrem na situação edipiana assim como na relação da criança com as pessoas em geral.

Toda relação com objetos totais traria uma marca nostálgica que ameaçaria o ego, através de sua culpa, de um retorno ao caos. Como nos orienta Petot (1988, p. 36):

A partir de então, a regressão não mais será pensada em termos de transformação dos objetos bons em perseguidores, como na *Psicanálise de Criança*, ou da perda do objeto como em 1935, mas em termos do retorno ao caos, da perda da unidade ou da harmonia de si mesmo [...]

Nesse sentido, especialmente depois da criação do conceito de posição esquizo-paranóide, veremos o uso muito frequente de *self*; até mesmo com uma frequência maior do que a de ego. Essa noção mais totalizante, para Petot (1988) deriva da compreensão de uma reinstalação no ego de um objeto que não se trata de ter sido perdido, mas do próprio *mundo interno que teria sido abalado pela perda do objeto*. Assim, podemos compreender melhor porque o luto seria uma reedição da posição depressiva.

Nesse momento, em 1940, Klein considera a posição depressiva o eixo central no desenvolvimento da criança, deslocando o complexo de Édipo como o núcleo primordial do sofrimento psíquico como havia pensado Freud. Dessa forma, quando Klein (1940/1996, p. 390) afirma que: “[...] A posição depressiva arcaica é expressa, trabalhada e gradualmente superada através da neurose infantil” e que “[...] a relação satisfatória com os outros depende da vitória contra o caos interior (a posição depressiva) e do firme estabelecimento dos objetos internos „bons“”; isso nos leva claramente a compreender que o complexo de Édipo é **uma das** possibilidades \hat{R} certamente a principal \hat{R} de resolução daquilo que seria o núcleo da constituição subjetiva, e que é a posição depressiva que, na nossa forma de ler a teoria kleiniana, traz uma compreensão revolucionária em nossa cultura porque tira do centro uma cena fálica milenar.

A dinâmica desse percurso da posição depressiva pode ser encontrada, por exemplo, nessa passagem:

Agora proponho chamar esses sentimentos de pesar e preocupação pelos objetos amados, o medo de perdê-los e o desejo de recuperá-los, com uma palavra simples, derivada da linguagem cotidiana: o „anseio“ pelo objeto amado. Em suma, a perseguição (por parte de objetos „maus“) e as defesas tipicamente empregadas contra ela, de um lado, e o anseio pelo objeto amado („bom“), de outro, constituem a posição depressiva (KLEIN, 1940/1935, p. 391).

Dentro desse contexto, a autora considera que, no auge da posição depressiva, aconteceriam defesas bem arcaicas que muito se assemelham à posição esquizo-paranóide proposta seis anos depois: idealização, negação, onipotência e triunfo. Defesas consideradas próprias da posição depressiva, tal como Segal (1975) entende e que mencionamos anteriormente.

Klein, ao falar sobre o declínio da neurose infantil:

Quando, como consequência das constantes provas e contra-provas obtidas através do teste da realidade externa, a criança ganha mais confiança na sua **capacidade de amar**, nos seus poderes reparadores, e na integração e segurança do seu mundo interno bom, a onipotência maníaca diminuiu juntamente com a natureza obsessiva dos impulsos voltados para a reparação. Em geral, esse é um sinal de que a neurose infantil chegou ao fim (KLEIN, 1940/1996, p. 396; grifos nossos).

A neurose, assim como o próprio luto, seria um percurso doloroso evocado para a elaboração do pesar que o anseio pelo objeto perdido evocaria. Nesse sentido, a autora ilustra através de um caso clínico toda a dor da perda de um filho que uma mulher, no auge de sua meia-idade, pudesse sentir. O caso contido em *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos* se refere à Sra. A. Como podemos saber através de sua biografia (GROSSKURTH, 1992; Petot, 1988) trata-se de uma autoanálise realizada por Klein no auge de seu luto pela perda de seu filho Hans, mencionado anteriormente. Nessa situação, talvez o maior teste que a vida tenha lhe colocado à prova, a autora revivera toda a sua melancolia em *statu nascendi* que sua biografia pode revelar. Podemos afirmar isso, sem medo de cairmos em especulações exageradas, relacionando o exemplo de sonho, como material clínico que

Klein traz seu texto de 1940, com sua vida pessoal, marcada por fortes ambivalências com relação a sua mãe e seu irmão mais velho, Emanuel.

Transcrevemos o sonho, tal como a autora o apresenta (KLEIN, 1940/1996, p. 399):
“Via duas pessoas, uma mulher com o filho. A mãe usava vestido negro. A Sra. A sabia que esse menino tinha morrido, ou então ia morrer. Não sentia nenhum pesar, mas havia um certo traço de hostilidade em relação às duas pessoas”.

Acompanhando a (auto)análise de Klein que acontece posteriormente à descrição desse sonho, vemos que a sra. A associou algumas lembranças a essa atividade onírica que aparecia depois de semanas sem sonhar, fechada em um estado de torpor, cansaço físico e mental causados pela morte do filho. Essas lembranças evocavam uma situação com o irmão da “paciente” que, na descrição do caso, foi chamado de B.. Essas recordações se tratavam de uma dificuldade escolar desse irmão mais velho com relação aos deveres de casa, quando sra. A era ainda criança. Um colega de classe passaria a ajudá-lo nessa situação.

Segundo Klein, esse irmão era muito querido e idealizado pela sra. A. Dessa forma, vê-lo necessitando de ajuda para uma dificuldade intelectual é principal ponto de orgulho para aquela pequena menina é era sentido como um verdadeiro desastre emocional. Segundo a autora, havia uma origem inconsciente para que esse fato que, aparentemente, poderia ser tão banal. Ele residia nos sentimentos de culpa inconscientes da Sra. A. Isso só pôde ser descoberto nas associações que surgiram a partir do sonho dessa “paciente”:

[...] No sonho, as duas pessoas que a Sra. A via eram B e sua mãe, e o fato de o menino estar morto expressava os desejos de morte arcaicos que alimentava contra ele. Ao mesmo tempo, entretanto, os desejos de morte contra o irmão e o desejo de punir a mãe e impor-lhe uma privação através da morte do filho é desejos profundamente reprimidos é também faziam parte de seus pensamentos oníricos. Ficava claro agora que a Sra. A, apesar de toda a sua admiração e amor pelo irmão, sentia ciúmes dele por vários motivos, invejando seu maior conhecimento, sua superioridade mental e física, e até mesmo o fato de ele possuir um pênis. O ciúme que sentia da mãe amada por esta ter um filho como aquele, contribuíra para seus desejos de morte contra ele [...] (KLEIN, 1940/1996, p. 399).

Segundo Petot (1988) haveria nesse momento de atividade onírica de Klein uma recusa pela perda do filho expresso através do que podemos entender como uma satisfação em

conseguir sobreviver à mãe e ao irmão. Essa afirmação de Petot faz muito sentido quando acompanhamos a biografia de Klein (GROSSKURTH, 1992) e percebemos o quanto sua mãe Libussa e seu irmão Emanuel lhe sugaram grande parte da vida, especialmente durante a proximidade do casamento de Melanie Klein. Libussa convencera Klein a abandonar seus sonhos intelectuais e “salvar” a família, em termos econômicos, a partir de seu casamento. Já Emanuel, este sempre tivera uma relação bastante perversa com Klein, provocando-lhe constantemente admiração e culpa por conta dos seus infortúnios intelectuais. Este irmão desejava publicar um grande romance; porém, seus últimos dias de vida foram marcados por um intenso declínio físico e emocional, seguido de um forte ressentimento contra a família e, com destaque contra Klein. Isso porque, por conta de seu casamento, a limitada mesada que ele recebia para se manter ficara ainda mais diminuída. Ele chegou a escrever uma carta para Klein acusando-a explicitamente pela situação sofrível em que ele se encontrava. O auge disso foi sua morte prematura próxima ao casamento dela. Sozinho e distante da família, esse foi o último e mais intenso ato de culpabilização sentido pela família, especialmente por Klein. Anos depois, a autora tentava, através da organização e publicação do livro escrito por Emanuel, a reparação desse sentimento de culpa que a marcava durante todo o seu casamento.

Porém, isso não se mostrou realmente eficaz, uma vez que agora, com esse intenso luto pela perda de seu filho, Klein conseguia compreender seus mais profundos sentimentos pela mãe e pelo irmão. O que, desse ponto de vista da psicanálise kleiniana, seriam os nossos mais genuínos sentimentos.

A interpretação e teorização de Klein a partir dessa perda constatava que ela provocava reações intensamente persecutórias. Era como se seus pais e seu irmão estivessem vingando os ataques de ódio que um dia Klein havia sentido por eles tirando um bem extremamente importante: seu filho. Segundo Petot (1988, p. 37) um luto intenso como esse marcaria um período de “fortalecimento das relações internas” que seria seguido por um aprofundamento dessas relações. Segundo esse autor, a elaboração desses afetos depressivos aconteceria após o abrandamento das defesas maníacas; isso permitiria que a nostalgia — marca típica da posição depressiva — pudesse ser experimentada e superada.

Sobre essa marca deixada pela passagem durante a posição depressiva, Cintra e Figueiredo (2004) refletem bem sobre o significado do que seria, então, essa noção de melancolia em *statu nascendi*, algo tão carnalmente refletido por Klein (1940/1996) e muito semelhante ao desamparo que a psicanálise se habituou a compreender:

O que quer dizer „*uma melancolia em statu nascendi*”? Se, ao ser desmamado, o bebê sentir como se tudo estivesse perdido — o amor, a

bondade e a segurança \hat{R} , e que nada disso poderá *jamais* ser recuperado, e ainda, que no lugar desses tesouros perdidos ficou uma terra desolada, gelada, inóspita e vazia... E se, à medida que a pessoa cresce, em vez dessa sensação ser transitória e passageira, for ela persistindo imutável, retirando-lhe a vontade de viver, instalando a sensação de que nenhuma coisa tem valor, de agradar, de ir diminuindo a importância, o valor de cada coisa, aflorando um irresistível desejo de reclamar, falar mal de tudo, achar que nada vale a pena... Não é isso uma melancolia em *statu nascendi*? (CINTRA & FIGUEIREDO, 2004, p. 94).

Essa era uma marca típica de Melanie Klein após seu casamento e que perdurou até seu encontro com a psicanálise através de seu tratamento com Ferenczi. Mas isso também era uma marca típica de seu irmão Emanuel, levada até o último dia de sua vida, eternizada pelas suas cartas melancólicas e culpabilizadoras. Porém, diferentemente de seu irmão, Melanie Klein encontrou uma via alternativa para esses pesados sentimentos através da Psicanálise, que se tornou o objeto que a modificara e que faria com que Klein se instigasse a ajudar os outros a se modificarem também. Acreditamos que a teorização sobre a posição depressiva a partir desse caso tão profundamente pessoal revela que essa condição psíquica jamais seria totalmente suplantada, assim como o inconsciente jamais poderia ser totalmente revelado. Em algum momento da vida, então, todos nós poderíamos ter algum tipo de abalo que pudesse ameaçar toda a estrutura conquistada e nos lançar a uma condição anterior, de sentimentos de perseguição e de ameaça de caos.

No entanto, assim como foi possível para Klein a superação desse doloroso luto que evocava e ameaçava abalá-la em um retorno à posição depressiva, existiria uma marca de salvaguarda que a boa passagem pela posição depressiva poderia deixar: o *sentimento de esperança*. Segundo a autora, quando “a segurança no mundo interno é gradualmente retomada, e os sentimentos e objetos internos voltam a ganhar vida, os processos de recriação têm início e a esperança surge” (KLEIN, 1940/1996, p. 402). Esse sentimento que derivaria diretamente da capacidade de amar possibilitaria que o sujeito recebesse, em fantasia, a compaixão dos pais internos e aceitasse o desejo deles de apoio e ajuda. Isso reduziria a perseguição desses pais internos e abriria espaço para o anseio pelo objeto amado. Ou seja, haveria um recuo do ódio e o amor poderia se libertar. Os aspectos sublimatórios apareceriam não como uma tentativa de expulsar a agressividade, mas uma verdadeira diplomacia interna

com partes distintas de si. O grande ganho, apesar da dor dessa experiência, está no contato do sujeito com um mundo sensível, menos racionalizado.

Em nossa compreensão, essa seria uma base imprescindível para a capacidade de alteridade do sujeito, ou seja, de feminilidade. Essa base sustentada pelo amor traria, como destaca Klein, uma dependência positiva para com o objeto, uma vez que o amor evoca o cuidado com este:

[...] O anseio pelo objeto amado perdido também implica dependência em relação a ele, mas um tipo de dependência que se torna um incentivo para a reparação e a preservação do objeto. Ela é criadora porque é dominada pelo amor, enquanto a dependência baseada na perseguição e no ódio é estéril e destrutiva (KLEIN, 1940/1996, p. 403)

O luto normal, então, evocaria o luto prototípico trazido pela posição depressiva. Dessa forma, esse seria sempre um segundo luto, uma vez que a posição depressiva deixaria essa marca indelével para o sujeito. A diferença entre esses dois lutos seria que, no derivado da posição depressiva, ele marcaria o estatuto para a condição alteritária, uma vez que o caos psíquico da posição esquizo-paranóide não permitira a ascensão ao reconhecimento do outro. Já o luto normal posterior se trataria da reconstrução desse mundo que está ameaçado ruir pela dor da perda e a ameaça de desintegração do *self*. Esse termo que passa a ser muito utilizado como uma referência a essa dinâmica entre a integração e a ameaça de um caos originário. Cada vez mais a proposição da posição esquizo-paranóide começa a se fazer necessária; o que, em nossa compreensão, contribuiria também para a demarcação dos limites da própria posição depressiva. Além do aprofundamento notório sobre a dinâmica psíquica que ela propicia.

Entre os anos de 1940 e 1945, ou seja, entre a publicação de *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos* e *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas* não houve produção de texto por parte de Melanie Klein. Pelo menos textos significativos que vieram a compor sua obra completa. E qual o motivo para que isso tenha acontecido em se tratando de uma autora que produzia em média um bom texto a cada ano? Não temos dúvidas que se isso aconteceu, em parte foi devido ao luto que ela vivenciava, mesmo seis anos depois de sua perda e, somado a isso, a grande guerra política que acontecia na Sociedade Britânica nesse período. Podemos dizer que aqueles psicanalistas viveram duas grandes guerras na primeira década de 1940.

Segundo Grosskurth (1992, p. 299) “Melanie Klein pode ter tido medo das bombas alemãs, mas tinha ainda mais medo da invasão de analistas de língua alemã e da ocupação do território dela por estes. É para não falar dos Traidores Colaboracionistas” como Edward Glover e, mais de forma mais dolorosa, sua filha Melitta Schmideberg.

Apesar desse período ter inibido drasticamente a publicação de textos de Melanie Klein, em termos políticos foi extremamente rico para descentrar a hegemonia freudiana. No campo das ideias, o que se passou foi um período de enormes e calorosas discussões éticas, políticas e teóricas, como procuramos discutir em nosso terceiro capítulo desta pesquisa.

O texto *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas* (1945) é, como bem destaca a Nota Explicativa da Comissão Editorial Inglesa, o último texto onde Klein trabalha de forma mais extensa esse tema. Como estamos acompanhando, essa temática permanece basicamente a mesma desde *Estágios iniciais do conflito edipiano* (1928), passando por *A psicanálise de crianças* (1932). No entanto, uma modificação importante precisava ocorrer desde que a proposição da posição depressiva aconteceu e descentrou esse conflito da cena principal da gênese psíquica. Trata-se da origem desse conflito que, ao contrário do que a autora propunha anteriormente aos textos de 1935 em diante, o Édipo passa a ser pensado a partir do declínio do sadismo, quando a posição depressiva assumiu a cena e novas qualidades de ansiedade passaram a predominar o psiquismo do bebê. Antes, como afirmamos, o Édipo surgiria para aplacar o auge do sadismo superegótico derivado das primeiras e intensas frustrações como, por exemplo, o desmame. Todavia, como ficou bem marcado em *Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos* e *O luto e suas relações com os estados maniaco-depressivos*, para que possa haver uma triangulação de desejos e afetos, primeiramente existe a necessidade do reconhecimento do outro. Assim, reconhecer o outro como um objeto total coloca o psiquismo em outro patamar de relação.

Klein utilizou como ilustração clínica nesse texto de 1945 o caso do jovem Richard, de dez anos, que posteriormente foi publicado na forma de uma análise exaustiva (KLEIN, 2006/1961). Trata-se de um atendimento que ocorrera em 1941 (GROSSKURTH, 1992; KRISTEVA, 2002) no auge da Segunda Guerra e das Controvérsias com Anna Freud (KING & STEINER, 1998). Ambos os protagonistas dessa análise estavam refugiados em uma pequena cidade britânica, tendo em vista que Londres estava sendo bombardeada. A queixa do menino se referia basicamente a elementos de inibições e muitos medos que o tornava um menino pouco sociável.

Desde o início da análise de Richard, o tratamento ficou marcado pelas intensas ansiedades persecutórias derivadas de seu sádico superego. A figura do pai, que foi associada

a de Hitler, tomava a cena de seu tratamento. Contudo, quanto mais Klein aprofundava a compreensão desse caso, mais se destacavam elementos que derivavam daquela relação que chamamos de feminilidade. Tanto que Klein chegou a afirmar que o fracasso de sua posição feminina incrementava seus medos persecutórios. Essa perturbação na feminilidade provocava uma cisão entre uma sexualidade mais integrada ao amor, que Klein chama de genital³¹, e uma sexualidade mais parcial. A autora entende essa cisão a partir daquela proposição freudiana (FREUD, 1910b/1996) onde muitos sujeitos dividem sua erótica entre um amor sagrado e um amor profano. Dessa forma, para Richard “[...] Era a mãe ‚genital‘ que ele temia e odiava, enquanto voltava todo o seu amor e carinho para a ‚mãe-seio‘” (KLEIN, 1945/1996, p. 440).

Por essa mesma perspectiva, Klein retomou o caso da pequena Rita R mais de 20 anos depois de sua primeira menção. Para a autora, seria a incapacidade da menina em se satisfazer plenamente com a mãe que a levava a buscar uma castração sádica do pai. Rita não conseguia se assentar nem em sua posição feminina nem na masculina. Ou seja, a ameaça de uma erótica baseada no amor acontecia porque, no fundo, ela não conseguira superar satisfatoriamente sua posição depressiva. No caso de Rita, Klein aponta que:

[...] A análise revelou que o desmame representava uma punição cruel pelos seus desejos agressivos e os desejos de morte contra a mãe. Como a perda da mamadeira simbolizava a perda final do seio, Rita acreditava que tinha de fato destruído a mãe quando a mamadeira foi levada embora [...] (KLEIN, 1945/1996, p. 449)

A importância dessa introjeção terrível evidenciava que, mesmo na presença da mãe real, Rita já não conseguia se distanciar desses medos intensos. Klein aponta que:

Pode-se deduzir, então, que enquanto a mamadeira ausente representava o seio bom perdido, o copo de leite que Rita recusava no estado de depressão que se seguiu ao desmame representava a mãe morta e destruída, da mesma maneira como o copo d’água e como o papel rasgado tinham representado a ‚mulher morta‘ (KLEIN, 1945/1996, p. 449).

³¹ Optamos por compreender essa sexualidade “genital” pela concepção de uma erótica mais integrada com o amor, no mesmo sentido que a autora empregava há mais de uma década. Isso para fugir da ideia de que haveria uma sexualidade a se chegar e, principalmente, que essa fosse da ordem da reprodução.

Essa última afirmação nos faz lembrar o quadro de Frida Kahlo intitulado *My nurse and I*³², de 1937. Ali, podemos apreciar uma criança com feições da própria Kahlo adulta e deprimida sendo amamentada por uma mãe obscurecida; a relação se destaca por algo que remete a mera satisfação fisiológica, uma vez que há um corte anatômico na mama que está alimentando o bebê, evidenciando as glândulas mamárias. Nessa obra de arte a sensação é de um abandono materno, mesmo que esta esteja ali presente. Não sabemos maiores detalhes sobre o estado mental da mãe de Rita, pois esse não é aprofundado em nenhuma das apresentações do caso, mas podemos conjecturar um tipo de relação como o da proposta de Green (1999) através de seu conceito de “mãe morta”. Nesse tipo de relação, onde a mãe esteja em um estado profundo de depressão, acreditamos que a feminilidade, tal como compreendemos em nosso trabalho, fica impedida de acontecer em sua plenitude.

Sobre Rita, Klein ainda afirma que:

As enormes dificuldades de Rita para lidar com seu complexo de Édipo invertido e positivo estavam, portanto, calcadas na sua posição depressiva. Com a redução dessas ansiedades, ela foi capaz de tolerar seus desejos edipianos e atingir cada vez mais uma atitude maternal (KLEIN, 1945/1996, p. 450)

Além de explicitar que a condição de suportar o Complexo edipiano está totalmente vinculada à passagem pela posição depressiva, essa passagem nos chama a atenção para o trabalho que seu tratamento psicanalítico provocou: com a diminuição de sua ansiedade ela foi capaz de tolerar os desejos edipianos e fortalecer sua atitude maternal. Essa afirmação pode nos sugerir, facilmente, uma perspectiva de que Klein manteria a ideia freudiana de um destino feminino a ser alcançado que é o da maternidade. Porém, acreditamos que, neste momento teórico que Klein se encontrava, a autora poderia estar se referindo muito mais a uma atitude maternal que evidenciasse a nossa noção de feminilidade, ou seja, maternidade no sentido de uma condição subjetiva de poder se relacionar com sua potência criadora, com os desejos de possuir bebês internos e todo o simbolismo que já estamos acostumados dentro da teorização de Klein e, principalmente, a prevalência do amor como uma forma continente das relações intersubjetivas. Tudo isso, não necessariamente determinaria o desejo e o ato de ter filhos no futuro de um pequeno sujeito como a criança. A potência que nasce desse interjogo de desejos infantis tem um universo infinito de desdobramentos subjetivos.

³² Disponível em <http://goo.gl/C3Yb6X>

Ainda nesse texto de 1945, que estamos discutindo a relação com o seio, este passa a ser predominante para a compreensão dos elementos mais arcaicos do psiquismo. Tanto que Klein afirma que ele, além de ser o primeiro objeto introjetado, também é a base do superego. Apesar disso, essa nova compreensão de Klein que será extremamente importante para a formulação do conceito de posição esquizo-paranóide, não deixa totalmente de lado a ideia da relação subjetiva com o corpo da mãe e o próprio corpo da criança. Dessa forma, *O Complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas* é um texto de passagem referente ao período de 1935-1940 onde a formulação do conceito de posição depressiva foi estruturado para um período posterior de formulação da posição esquizo-paranóide. Esta proposta e a importância que ela trouxe para o pensamento kleiniano fez com que um tema clássico na Psicanálise, que é o Édipo, precisasse ser repensado e realocado dentro da doutrina geral da Psicanálise. Esse, sem dúvida alguma, foi um dos elementos de grande controvérsia entre os anos de 1941 a 1945 dentro da Sociedade Britânica de Psicanálise. Apesar da enorme tensão criada entre os pares, isso não impediu que Klein fugisse do seu interesse em aprofundar seu conhecimento sobre os elementos mais arcaicos do psiquismo. Nesse sentido, suas propostas posteriores que refletiremos a partir dos textos que escolhemos em nosso recorte, evidenciarão isso. Contudo, como apontamos no início de nosso capítulo, o nosso interesse é o de demarcar ainda mais a posição depressiva a partir da formulação e o contraste que o conceito de posição esquizo-paranóide trouxe.

6.2 ANTES DO AMOR: FEMINILIDADE E A POSIÇÃO ESQUIZO-PARANÓIDE

Como destacam Baranger (1981) e Cintra & Figueiredo (2004), o texto *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, de 1946, marca um passo muito importante na evolução do pensamento de Melanie Klein. Isso porque essa autora conseguiu não apenas compreender melhor a situação psíquica dos primeiros três meses de vida de um recém-nascido, mas reconhecer que a dinâmica psíquica desse estágio tão arcaico nunca é totalmente superada pelo sujeito; ocorrendo, na verdade, uma perda de predominância dessa condição através da articulação das realidades interna e externa.

Desde a publicação do conceito da posição depressiva, em 1935, podemos notar a tentativa e dificuldade de Klein em articular a noção do reconhecimento do outro, pelo bebê, e a nova qualidade de ansiedades e de defesas que surgem a partir desse ponto de mudança no

psiquismo. Como já dissemos, a realidade do fenômeno clínico se mostra muito complexa, não se apresentando tão diferenciada em suas características como a teoria e sua didática permitem. Nesse sentido, ansiedades de perseguição que podem aparecer nesse momento de passagem para a posição depressiva levaram Klein a manter, provisoriamente, termos como posição maníaca ou paranóide, trazendo a aparência de uma confusão entre os conceitos; mas, frisamos, isso certamente aconteceu pela complexidade da realidade do fenômeno clínico.

Segundo Baranger (1981), foi o *encontro* com as investigações de Fairbairn, e não apenas a leitura, que propiciou a superação, de forma dialética, das dificuldades encontradas na construção do conceito da posição depressiva entre os anos de 1935 a meados de 1940. Tanto que a autora fez uma fusão de seu termo de posição paranóide com o conceito de Fairbairn “posição esquizoide”. Apesar de esse autor ter uma expressão psicanalítica bem menor que a de Klein, foi a similaridade das investigações de ambos que ajudou essa autora a compreender melhor esse estado psíquico arcaico que já notava desde a concepção da posição depressiva. Contudo, existia uma diferença entre os autores: Fairbairn frisava as *relações amorosas* com os objetos; já Klein mantinha a sua concepção em destacar as ansiedades e seus efeitos nessas relações.

Além dessa nova proposta que é a posição esquizo-paranóide, dois outros pontos passaram a ser muito importantes para a organização teórica de Melanie Klein nessa metade seguinte dos anos de 1940, até suas últimas propostas teóricas e dos chamados pós-kleinianos: a noção de cisões do ego em partes muito pequenas e a introdução do conceito de *identificação projetiva*. Esses dois elementos fundamentais para a compreensão e elucidação da posição esquizo-paranóide fizeram com que a autora passasse a utilizar com muito mais frequência o termo *self*. Isso porque, essas pequenas partes de um ego ainda muito incipiente estariam em extrema relação com o id em um momento anterior ao funcionamento da repressão. Como bem destacam Cintra e Figueiredo (2004, p. 103):

Melanie Klein preocupava-se em estudar e descrever os mecanismos de defesa que antecederiam o recalque (a repressão). O movimento de „expulsar de si o sadismo para aliviar o ego“ presente na identificação projetiva parece conter um „grito de socorro“ do ego imaturo endereçado ao seu ambiente. Sendo ainda tão precário e vendo-se assaltado por pulsões tão violentas, o ego arcaico não encontra outro caminho senão enviar „partes de seu *self*“ (aqui „*self*“ abrange um conglomerado primitivo „ego-id“) ao ambiente, para que este ambiente

providencie algum tipo de processamento destes seus aspectos „insuportáveis“.

Notemos como esses autores buscam destacar a relação entre uma condição de sujeito quase orgânica, mas que não o é com o ambiente. Por isso insistimos em nossa tese de que Melanie Klein é uma autora que, até o fim, insistia em refletir sobre relações intersubjetivas mesmo onde parece haver uma dinâmica puramente solipsista.

Cintra e Figueiredo (2004) ainda dizem que essa concepção kleiniana traz uma originalidade que se diferencia de Freud: de que a projeção não trabalharia apenas sobre as pulsões, mas que seu processo envolveria sempre algum tipo de perda egóica, levando ao seu empobrecimento caso ocorra algum tipo de saturação da identificação projetiva. Segundo esses autores, psicanalistas como Bion refletiram e aprofundaram essa noção para compreenderem o desenvolvimento psíquico e da comunicação entre mãe-bebê, além de um grande salto no tratamento de psicoses como a esquizofrenia.

Melanie Klein (1946/2006, p. 24) destacava que o efeito da cisão \hat{R} uma das formas de empobrecer o ego quando usada de forma excessiva \hat{R} seria uma dispersão do próprio impulsivo destrutivo que provocava uma ameaça patológica para o desenvolvimento mental. Segundo a autora “[...] a ansiedade primária de ser aniquilado por uma força destrutiva interna, com a resposta específica do ego de despedaçar-se ou cindir-se, pode ser extremamente importante em todos os processos esquizofrênicos”. Essa concepção se tornava uma base muito importante para a compreensão de estados patológicos graves e, ao mesmo tempo, revelava uma forma prejudicada de relação intersubjetiva a partir da posição esquizo-paranóide.

Todavia, a compreensão kleiniana desse tipo de comunicação arcaica não se referia apenas aos danos patológicos a partir dos excessos prejudiciais de que falamos anteriormente. Como bem lembram Cintra e Figueiredo (2004), a identificação projetiva também participaria de fenômenos como a empatia; base para o reconhecimento do outro e ascensão à posição depressiva. Esse conceito pode ser compreendido como “um mecanismo que se traduz por fantasias em que o sujeito introduz a sua própria pessoa (*his self*) totalmente ou em parte no interior do objeto para lesar, para possuir ou para controlá-lo” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 232), sendo o “resultado da introjeção do objeto no ego, o qual, então, se identifica com algumas ou com todas as suas características” (SEGAL, 1975, p. 140). Por essa compreensão, podemos tomar como exemplo aquela sensação positiva \hat{R} ou mesmo negativa \hat{R} que muitas pessoas têm com relação à outra que acabara de conhecer, como uma típica

demonstração do efeito da identificação projetiva que permanece conosco por toda a vida. Um fenômeno como esse é imprescindível para uma condição alteritária.

Acreditamos que esse movimento psíquico provocado pela identificação projetiva revelaria aquilo que Márcia Arán (2006) sintetiza como *autonomia relativa do registro da pulsionalidade* a partir de Birman (1999) e seus pressupostos de uma cartografia do corpo. Isso quer dizer que, mais do que em qualquer outro período da obra de Klein, essa autora radicaliza a dimensão da pulsão na gênese psíquica, uma vez que se refere a reflexões sobre um período extremamente arcaico. Arán (2006, p. 155) destaca que:

[...] O movimento inicial da pulsão seria a descarga absoluta, mas na medida em que esta força encontra um outro que possa servir de amparo, se estabelece a possibilidade de uma ligação que provocaria um retorno em direção ao organismo, fundando neste o traçado de um corpo. Esta experiência originária da alteridade nos permitiria vislumbrar uma engrenagem entre pulsão e objeto, responsável pela constituição do que Freud, nos „Três ensaios sobre a teoria sexual“, 1905, chamou de sexualidade perverso-polimorfa.

A marca dessa intensidade através de uma descarga absoluta foi compreendida por Klein como uma força destrutiva, por conta de sua capacidade de desintegração egóica. A autora, então, continuou nessa trilha freudiana que liga a gênese psíquica à condição de sua relação com o corpo, ou seja, o eu é uma projeção da superfície que é o corpo; e sua valiosa contribuição foi a de ter conseguido traduzir essa pulsionalidade através das fantasias infantis que, como ficou notório, tem uma acepção totalmente corporal. A construção do conceito da identificação projetiva residiria justamente nesse avanço sobre as propostas freudianas, evidenciando uma experiência muito arcaica de alteridade, um momento anterior e preparativo para a condição da feminilidade. Nesse sentido, a pulsionalidade só seria viável por uma condição social, pois demanda um outro para recebê-la, traduzi-la e modificá-la de sua condição de descarga absoluta. Dessa forma, pode também ser compreendida como uma síntese mais avançada desse processo iniciado na posição esquizo-paranóide e que conseguiu \hat{R} e conseguirá \hat{R} operar uma modificação na pulsão em momentos posteriores do sujeito psíquico.

Os efeitos dessas fantasias infantis com relação à cisão trazem uma perda egóica que provocaria um movimento de isolamento e até mesmo de quebra na continuidade de tempo e espaço; marca típica das esquizofrenias mais graves.

Os processos que descrevi então, evidentemente, ligados à vida de fantasia do bebê, e as ansiedades que estimulam o mecanismo de cisão são também de natureza fantasiosa. É em fantasia que o bebê cinde o objeto e o *self*; porém, o efeito dessa fantasia é bastante real, porque leva a sentimentos e relações (e, mais tarde, processos de pensamento) a ficarem, de fato, isolados uns dos outros (KLEIN, 1946/2006, p. 25).

A noção de que não apenas o objeto, mas principalmente, as relações de objeto sofreriam danos a partir dos intensos mecanismos de defesa como a cisão, idealização e negação. Essa perspectiva de relação de objeto, muito mais do que anteriormente na Psicanálise, deu foco para as cenas mãe-bebê e analista-paciente. Algo que foi essencial para teorizações, como já dissemos anteriormente, de Bion (1991) e as proposições neo-kleinianas das teorias da gênese do pensamento e da função da continência materna nessas relações.

Apesar de a identificação projetiva ter sua raiz nos impulsos destrutivos como na descrição kleiniana seguinte:

[...] na medida em que a mãe passa a conter as partes más do *self*, ela não é sentida como um indivíduo separado, e sim como sendo o *self* mau.

[...] Sugiro o termo „identificação projetiva“ para esses processos. Quando a projeção é derivada principalmente do impulso do bebê de danificar ou controlar a mãe, ele a sente como um perseguidor (KLEIN, 1946/2006, p. 27).

Em uma nota de rodapé nas páginas posteriores a essas citações, Klein destaca que a gratificação do objeto bom externo, ou seja, a mãe real através de sua compreensão e amor, seria o maior recurso do bebê para conseguir reparar a ameaça de destrutividade por conta das ansiedades derivadas dessa forte identificação.

A autora não afirma diretamente isso, mas acreditamos que se trata de uma comunicação onde a mãe realmente aceita essa mensagem do bebê, acolhendo as partes más do *self* da criança, tomando como dela e, ao mesmo tempo, ajuda o bebê a transformá-las pela via da modificação da qualidade e da intensidade da pulsão.

Dessa forma, estamos frontalmente discutindo sobre uma ponte entre a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva. Como bem reflete Baranger (1981), a elaboração da posição esquizo-paranóide é fundamental para a entrada na posição seguinte. Isso poderia

levar, como aponta este autor, a uma reflexão de tipo “causalista unilinear” que tiraria a importância da posição depressiva, uma vez que o ponto fundamental estaria na primeira posição. Contudo, a posição depressiva se trata de uma realidade completamente nova, onde um maior reconhecimento da realidade psíquica, através da maior integração egóica, leva o psiquismo do bebê, já no segundo trimestre do primeiro ano, a experimentar qualidades de sentimentos impossíveis de acontecerem anteriormente (KLEIN, 1946/2006).

Tendo o impulso de reparação ocupando o primeiro plano na posição depressiva, a autora afirma que: “[...] Uma vez que o impulso para reparar ou proteger o objeto danificado prepara o caminho para relações de objeto mais satisfatórias e para sublimações, ele também incrementa a síntese e contribui para a integração do ego” (KLEIN, 1946/2006, p. 33-34). Em nossa compreensão, essa nova perspectiva que foca as possibilidades sublimatórias a partir das transformações qualitativas das relações de objeto se mostra bem mais interessante do que a anterior, onde Klein destacava a necessidade de assumir posições masculinas ou femininas, o que forçava certos protótipos de gêneros.

Apesar de haver uma diferença qualitativa entre as posições esquizo-paranóide e a depressiva, conotando-as de realidades diferentes, Klein tinha perfeitamente claro que a primeira posição continuaria a influenciar a segunda. Principalmente em momento próximo à ascensão da posição depressiva, onde sentimentos persecutórios poderiam continuar a influenciar. Havendo uma persistência desse tipo de sentimento e ansiedade, a posição depressiva poderia ficar comprometida em função do que a autora chama de “mecanismos esquizoides”. Mas, apesar dessa ameaça, a autora conseguiu compreender que haveria flutuações normais entre essas duas posições; sendo que poderiam ocorrer oscilações por toda a nossa vida psíquica, dependendo do abalo que pudéssemos sofrer. Isso já havia sido, de certa forma, pensado em 1940 em seu texto *O luto e suas relações com os estados maniaco-depressivos*, mas aqui em 1946 essa reflexão conseguiu ser bem mais precisa.

Em 1952 Melanie Klein publicou seu artigo *Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional dos bebês*. Neste texto, a autora especificou dois pontos que nos ajudam a compreender melhor a posição depressiva. Os pontos se referem basicamente à clarificação do uso da cisão dentro dessa posição e a articulação entre cisão e repressão. Segundo a nota explicativa da comissão inglesa da obra kleiniana, a origem desse texto vem muito mais como uma tentativa de esclarecer certas controvérsias do período referente à década anterior. Entre os anos de 1941 a 1945 há de fato que propriamente um afinamento teórico. Seja porque isso estava claro para a autora, ou não, o interessante é que essas controvérsias nos trouxeram um legado epistemológico importante.

Antes de chegar propriamente à discussão sobre a cisão e a repressão, a autora traz um termo que será muito utilizado no texto *Inveja e gratidão* (1957); trata-se da noção de voracidade que em 1957 estará ligada à ideia de inveja como primeiro fator de ameaça de desintegração egóica, ambos derivados da pulsão de morte. Para a autora, o elemento oral chamado de voracidade surgiria e ameaçaria predominar a partir de um desequilíbrio entre a libido e agressividade; isso seria proveniente de privações de fontes internas e externas. Klein ainda enfatiza que haveria uma tendência constitucional (inata) que faria algumas crianças suportarem menos essas privações e a lidarem pior com as frustrações derivadas. Mas, em nossa compreensão, o mais importante é a ideia de que seria a pulsão de vida que ajudaria a aplacar essa ameaça voraz. Isso seria o caminho para a integração egóica. Qualquer outra forma seriam subterfúgios perigosos.

Nesse sentido, a autora afirma que:

A síntese entre os sentimentos de amor e os impulsos destrutivos em relação a um só e mesmo objeto \hat{R} o seio \hat{R} dá origem à ansiedade depressiva, à culpa e à necessidade premente de reparar o objeto amado danificado \hat{R} o seio bom. Isso implica que por vezes a ambivalência é vivenciada em relação a um objeto parcial \hat{R} o seio da mãe (KLEIN, 1952/2006, p. 90).

Essa citação parece contradizer os dois parágrafos anteriores onde afirmamos que esse texto de 1952 contribuiria para uma melhor caracterização da posição esquizo-paranóide e a posição depressiva. Isso porque, como a própria autora explica em uma nota de rodapé na mesma página da citação anterior, desde 1935, no texto *Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos*, ela considerava que a culpa surgiria apenas no reconhecimento do objeto total. No entanto, agora ela considera que poderia surgir já nas relações com objetos parciais. Qual seria, então, uma marca diferenciadora da passagem entre a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva? Acreditamos que o ponto estaria não em um sentimento doloroso como a culpa, mas na potencialidade sublimatória que surgiria na superação dos elementos perseguidores e, principalmente, na integração egóica que permite à criança pequena um maior reconhecimento de sua realidade psíquica e externa; e isso seria característica do que chamamos de feminilidade. Além disso, o legado dessas complexidades finais da obra kleiniana com relação à transição das posições só reforçariam a sua condição dinâmica, não se tratando, pois, de movimentos retilíneos e uniformes.

Em uma afirmação posterior, a autora diz que: “[...] A neurose infantil, tal como a vejo, começa portanto no primeiro ano de vida e chega ao fim quando, com o início do período de latência, alcançou-se a modificação das ansiedades arcaicas” (KLEIN, 1952/2006, p. 105). Essa noção nos faz compreender que ainda há um longo período pela frente desde a entrada na posição depressiva. Se levarmos em conta que a entrada na posição depressiva se trata de um momento ainda incipiente nessa nova condição psíquica, fica mais compreensível e menos contraditória a ausência de limites tão precisos entre as duas posições propostas por Klein.

Sobre o mecanismo de cisão, a autora compreende que a diminuição de seu uso \hat{R} assim como o da negação \hat{R} acontece justamente ao longo da elaboração da posição depressiva, o que capacitaria o sujeito a poder entrar em contato mais diretamente com sua realidade psíquica e, conseqüentemente, com a realidade externa. Acompanhemos:

[...] A experiência continuada de fazer face à realidade psíquica, implícita na elaboração da posição depressiva, aumenta a compreensão do bebê a respeito do mundo externo. Da mesma forma a imagem dos pais, que era a princípio distorcida em figuras idealizadas e terroríficas, torna-se gradualmente mais próxima da realidade (KLEIN, 1952/2006, p. 99)

Dessa forma, a cisão passaria, pelo menos durante um determinado período, a ser a principal defesa contra a ansiedade depressiva. Esse mecanismo é substituído pelo uso da repressão que, da maneira como Klein entende, traria a grande vantagem de não levar a estados de desintegração do *self*. Nesse sentido, defesas como a projeção, introjeção, cisão e identificação projetiva fariam partes de defesas arcaicas. A repressão entraria em outro conjunto mais evoluído de defesas contra ansiedade, uma vez que esta também mudou qualitativamente. Mas, o interessante é notar que Melanie Klein procurou sempre fazer uma articulação indissociável entre o arcaico e o mais complexo. Vejamos o caso da sublimação:

[...] Quando surge a ansiedade depressiva, em particular com o início da posição depressiva, o ego sente-se impelido a projetar, defletir e distribuir desejos e emoções, assim, como a culpa e necessidade premente de reparar, sobre novos objetos e interesses. Tais processos, a meu ver, são uma mola mestra para sublimações no decorrer da vida [...] (KLEIN, 1952/2006, p. 108)

Apesar dessa clareza da natureza do fenômeno clínico, a autora já intuía sobre um elemento muito difícil que passaria seus últimos anos estudando: a inveja. Vejamos: “A inveja parece ser inerente à voracidade oral. Meu trabalho analítico mostrou-me que a inveja (em alternância com sentimentos de amor e gratificação) é primeiramente dirigida ao seio nutridor” (KLEIN, 1952/2006, p. 103)

Inveja e gratidão (1957) é o último texto que refletiremos na obra de Melanie Klein como parte de nosso recorte epistemológico. Segundo Baranger (1981), a introdução da noção da *inveja primária* como o núcleo mais difícil de ser analisado e modificado nos pacientes traria transformações teóricas e técnicas. Em termos teóricos, as ansiedades perderiam o domínio de norte da bússola na compreensão das fantasias. Já em termos técnicos, a grande questão clínica residiria em como ajudar o ego a lidar com a inveja, uma vez que sua questão hamletiana se modificaria para “que fazer com a inveja?” (BARANGER, 1981, p. 25). Por ter uma característica tão arcaica, esse novo elemento clínico se tornou o ponto mais difícil a ser trabalhado. Todavia, apesar de ser um fenômeno tão difícil quanto o que Freud (1937/1996) já havia se defrontado com relação à resistência dos pacientes, Klein conseguia nomeá-lo.

Além disso, o estudo sobre a inveja é algo tão escasso na Psicanálise, basicamente centrado na inveja do pênis. Isso mostra o quanto pouco central ficou o falo nas teorizações psicanalíticas de Melanie Klein no final de sua obra. A inveja a que o texto refere-se, certamente mais do que todos os outros postulados kleinianos, trata-se de uma relação subjetiva extremamente primitiva da criança com sua mãe. Mesmo tendo esse caráter tão incipiente, não deixa de ter importância.

Segundo Klein, ainda percebendo a força oral que ela havia denominado de voracidade, em 1952, percebia que a inveja era uma expressão sádica dessa fonte corpórea e que teria como origem elementos constitucionais, especialmente no ataque invejoso que, veremos logo à frente, se equivaleria a uma espécie de mecanismo de defesa contra o próprio afeto da inveja.

A autora considerava que essas concepções se assemelhavam às de Abraham. Contudo, o ponto de maior diferença era que para esse autor a inveja apareceria em um momento posterior da vida psíquica, enquanto que, para Klein, a inveja era da ordem da pulsão de morte.

Apesar de a autora considerar que o fenômeno da inveja primária seria de ordem constitucional, ela não deixou de destacar os elementos da realidade externa como contribuintes da facilitação ou não da capacidade do bebê em conseguir tolerar essas intensidades pulsionais e, principalmente, conseguir a introjeção do objeto bom para superar esse momento arcaico. Para a autora, um parto difícil ou, posteriormente, se a fruição dos cuidados maternos for problemática. Por exemplo, se a mãe possui problemas psicológicos para poder amamentar. Tudo isso poderia contribuir para a incapacidade da criança em internalizar o seio bom. Novamente, insistimos na condição do sujeito adulto em conseguir ocupar esse lugar que é da ordem da feminilidade e, com isso, instaurar essa mesma condição psíquica na criança.

Notemos como que, para Klein, não se trata apenas de uma condição física para esse cuidado, mas, muito mais importante, é a condição afetiva desse processo. Isso fica bem demonstrado quando a autora afirma que:

Não presumiria que, para ele [o bebê], o seio seja simplesmente um objeto físico. A totalidade de seus desejos instintivos e de suas fantasias inconscientes imbui o seio de qualidades que vão muito além da nutrição real que ele propicia (KLEIN, 1957/2006, p. 211; nossos comentários entre colchetes)

E isso precisa ser acolhido por um outro que possa interpretar essa demanda. Nesse contexto podemos novamente retomar o exemplo do quadro de Frida Kahlo intitulado *My nurse and I*. O próprio título do quadro traz a palavra inglesa *nurse*, que pode ser traduzida como ama-de-leite, escondendo a palavra mãe que poderia trazer conotações afetivas e que iriam além da satisfação física do ato da amamentação. A feminilidade contida numa cena como a da amamentação congregaria, então, a qualificação humana que modificaria a significância orgânica desse ato. A nossa constituição psíquica demandaria essa transformação.

A inveja, dentro desse contexto, seria aquele afeto capaz de destruir a capacidade do deleite da criança. Todavia, Klein reconhecia que um pouco de frustração também seria muito importante nesse processo. A autora afirma que:

[...] De fato, uma certa quantidade de frustração, seguida por gratificação, pode dar ao bebê a sensação de ter sido capaz de lidar com sua ansiedade. Verifiquei também que os desejos não satisfeitos do bebê que são em certa medida impossíveis de serem realizados

contribuem como fator importante para suas sublimações e atividades criadoras. A ausência do conflito no bebê, se é que tal estado hipotético pudesse ser imaginado, privá-lo-ia de enriquecimento em sua personalidade e de um importante fator no fortalecimento fundamental na criatividade (KLEIN, 1957/2006, p. 217-218).

Por essa ótica a satisfação não seria sinônimo de saciedade completa. Em nossa compreensão sobre essa reflexão kleiniana encontramos uma bela definição de desejo, tal qual poderíamos encontrar em Freud ao longo de seus textos. E páginas à frente, a autora ainda afirma que o bebê só conseguiria obter uma satisfação mais completa quando ele conseguisse desenvolver suficientemente sua capacidade de amar. Por tudo aquilo que já acompanhamos sobre a noção de amor nessa autora e, especialmente pelo momento da vida que Klein se encontrava na escrita de *Inveja e gratidão*, sua noção de satisfação já não poderia ser em nada idealizada.

Como o título desse texto de 1957 deixa bem evidente, além do afeto da inveja, um outro estaria presente nesse momento arcaico do psiquismo, formando um dos seus pilares mais antigos: o sentimento de gratidão. A gratidão seria algo mais antigo do que a capacidade plena de amar. Ela seria compreendida, como Petot (1988) nos orienta, como aquelas potencialidades inatas (constitucionais), tal como a de buscar o seio bom. Da mesma forma que essa última capacidade, ela poderia sofrer severos prejuízos caso a inveja primária, com sua força desintegradora, viesse a se tornar demasiadamente predominante. Nesse caso, o ódio impediria a gratidão que interromperia a capacidade de amar e, a partir disso e num ciclo vicioso, o reconhecimento do outro. O mais interesse nessa nova discussão que Klein traz é que leva a novas complexidades na trama do desejo. É que tudo isso não viria, necessariamente, de frustrações ou privações, como ela havia evidenciado no texto de 1952. A inveja viria do seio bom, de sua capacidade de dar prazer. Nesse caso, bem diferente do que a autora havia proposto em textos da década de 1920 e 1930, a inveja não faria parte de uma triangulação, por exemplo, entre a criança e os pais combinados; ela residiria em uma relação de objeto radicalmente binária. O ataque seria para destruir ou tomar posse de toda essa capacidade criativa do seio bom. Isso seria um tipo de ataque contra a própria inveja; algo do tipo: atacando e desvalorizando o objeto que provoca inveja, não se precisaria mais invejá-lo. Nesse sentido, Petot (1988, p. 158; grifos nossos) reflete que:

O fato de que os ataques invejosos possam surgir como defesas contra o afeto invejoso reclama duas notas: inicialmente, ela nos fornece um

exemplo a mais da tendência de Melanie Klein de aproximar as noções de mecanismo de defesa e de descarga pulsional. Aqui, existe praticamente uma equivalência entre a defesa e o afeto invejoso e a descarga do ódio associado a este afeto nas fantasias sádicas: **o alvo pulsional e defensivo formam um único objetivo**. Nas concepções kleinianas anteriores, apenas a defesa paranóide, que consiste em aniquilar o objeto temido, havia dado o exemplo de uma identidade, neste mesmo sentido, entre pulsão e defesa. Porém, pode-se indagar sobre o que o conceito de defesa significaria ainda neste caso.

A segunda nota é uma questão bem pertinente e que se mostra pouco clara nesse texto kleiniano de 1957: “[...] qual a natureza da relação da inveja com a ansiedade e a pulsão de morte? (PETOT, 1988, p. 158). Essa pergunta acontece porque, ao longo da obra kleiniana, os mecanismos de defesa sempre estiveram como uma arma contra a ansiedade que surge da frustração e/ou da pulsão de morte, causa da própria ansiedade. Para Petot (1988) o tipo de relação que essa noção de inveja traz, faz parte das ideias mais importantes de Klein em seu último sistema de pensamento.

Não pretendemos esmiuçar a complexidade trazida por esse fenômeno da inveja trazido por Klein no período final de sua obra. A escolha da discussão desse texto de 1957 reside justamente no impasse trazido pela complexidade desse tema. De tal forma que Petot (1988, p. 161) em um de seus subcapítulos sobre a inveja nomeia-o com uma pergunta: “*Existiriam defesas contra a inveja?*”. Compartilhando a compreensão desse autor sobre tal questão, reconhecemos que, no final das contas, não, pelo menos com relação a uma defesa totalmente segura. Isso porque defesas como a cisão, o próprio ataque invejoso, a gratidão, a reparação, entre outras, só seriam viáveis se a própria inveja não fosse extremamente intensa. Nesse sentido, a teoria nos faz reconhecer a própria realidade da vida onde, muitas vezes, por mais que todo ~~um~~ esforço seja empregado para um bom desenvolvimento, ele não estará necessariamente garantido. É um tipo de aposta que só é possível fazer se se ama verdadeiramente o objeto que se pretende cuidar. O que estamos querendo dizer com isso? Que os pais cuidarão de uma criança através de uma esperança amorosa sem garantias. É algo onipotente e narcísico ao mesmo tempo; que não se tem a medida correta do que pode beirar a negligência ou a indulgência em termos de amor. Parafraseando um aforisma notório de Lacan sobre o amor é, verdadeiramente, “dar aquilo que não se tem”!

Dessa forma, entendemos que a feminilidade contida na posição depressiva seria a via de esperança para a possibilidade de subjetivação. Para se tornar sujeito, a criança, então, precisará amar e se distanciar desse objeto amoroso, fazendo com que ele permaneça introjetado. Ao fazer isso, inevitavelmente, acaba-se por também constituir um sentimento de culpa por esse objeto amado e abandonado, pois, reconhece-se que ele jamais poderá ser posse exclusiva. E mais importante, que o efeito amoroso que potencialmente ele tem, continuará a fazer efeito por dentro, mesmo que fora ele já não esteja mais presente. Sobre isso Klein afirma que:

[...] Se essa relação foi bem fundamentada, o medo de perder a mãe é menos intenso e a capacidade de compartilhá-la é maior. Pode então sentir também maior amor por seus rivais. Tudo isso pressupõe que ele foi capaz de elaborar satisfatoriamente a posição depressiva, o que, por sua vez, depende de a inveja do objeto originário não ter sido excessiva (1957/2006, p. 229).

Um exemplo clínico ilustra muito bem essa compreensão, para finalizarmos nosso texto:

A crença na continuidade da vida foi expressa de maneira significativa no comentário de um menino de cinco anos cuja mãe estava grávida. Ele manifestou a esperança de que o bebê esperado fosse uma menina, e acrescentou: **‘E então ela terá bebês, e seus bebês terão bebês, e assim por diante para sempre!’** (KLEIN, 1957/2006, p. 235; grifos nossos).

Essa citação se refere a uma nota de rodapé em uma parte do texto na qual Klein refletia sobre a condição subjetiva da boa experiência inicial com a mãe. É um caso sem maiores detalhes de sua origem, mas, pela beleza de sua condição psicológica, certamente fez com que a autora articulasse essa lembrança clínica junto com uma das suas mais profundas reflexões psicanalíticas sobre o que seria, afinal, uma boa condição psíquica. Para Klein, o sujeito capaz de lidar de forma mais fruída com a vida seria aquele que, no início, tenha conseguido desfrutar de uma boa e prazerosa vivência com o objeto bom, de forma que o amor tenha conseguido mitigar a inveja excessiva pelo fato de a mãe possuir o seio. Para a autora, esta seria a condição sublimatória que permaneceria com o sujeito até o final de seus dias - na velhice - conseguindo fazer aquilo uma harmonização do princípio com o fim da

vida. Klein cita Goethe para falar sobre isso e, também, para ajudá-la a refletir sobre o sentimento de esperança que, introjetado desde esses primitivos momentos de relação com a mãe, seria resgatado pelo sujeito nas suas relações futuras com seus próprios filhos.

Acreditamos que Melanie Klein também estava falando sobre si, como uma espécie de autorreflexão, uma vez que sua biografia (GROSSKURTH, 1992) indica que ela tenha terminado sua vida familiar de forma muito solitária. Podemos imaginar também que esse menino de cinco anos, da citação anterior, tenha demonstrado uma elaboração psíquica que Klein sempre suspeitara que ela não tivesse conseguido atingir. Contudo, podemos afirmar que essa autora tenha compreendido bem o que aquele menino, no auge dos seus cinco anos, conseguiu realizar a tarefa que Klein almejava para seu século e que ainda trilharemos no nosso: superar o ressentimento pelo feminino!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de concluirmos, a opção que acreditamos ser mais coerente com o nosso propósito é a de apresentar um fio condutor que, ao mesmo tempo, sintetize e revele mais explicitamente os diferentes momentos que o tema da feminilidade implicou na obra de Melanie Klein. Isso porque, tendo em vista que acreditamos que essa temática traria uma implicação para o pensamento dessa autora, os objetivos que fizeram parte do nosso ponto de partida traziam também a aposta de que essa temática contribuiria para pensarmos outras formas de subjetivação que residiriam fora do eixo e do registro fálico. Além disso, também não temos dúvidas de que esta nossa pesquisa foi um movimento inicial de articulação entre a perspectiva trazida pela noção de feminilidade e uma revisão da obra de Klein por esse olhar. A ideia, em termos de futuro, é a de que isso precisará ser ainda mais estudado a partir de pesquisas e diálogos clínicos.

Para entendermos mais claramente a temática da feminilidade proposta por Birman (1999; 2001) e Arán (2000; 2006; 2002 e 2009), acreditamos que era preciso resgatar alguns pontos históricos de nossa cultura Ocidental. Nesse sentido, compreendermos um pouco melhor o espaço que o feminino ocupou como um sexo secundário se fez imprescindível para alcançarmos a noção de herança clássica trazida por Freud em suas proposições psicanalíticas, tal como indicam esses autores. Dessa forma, ficou-nos mais evidente de que a construção do principal eixo de subjetivação da Psicanálise de Freud residia em uma estrutura cultural milenar, onde o masculino é compreendido como o ponto de partida e o feminino como secundário e temerosamente entendido como um enigma. A evidência do pênis, no plano das representações mais coletivas, assumiu na Psicanálise uma forma de subjetividade mais explícita e compreensível.

Ao mesmo tempo, a Psicanálise freudiana caminhava paralelamente ou até mesmo na contramão com relação às suas propostas mais conservadoras. Isso porque, na mesma medida que resgatava essa tradição racionalista a partir de suas teorizações sobre o psiquismo, ajudava a construir um espaço inovador dentro da Era Moderna: a singularidade e o resgate da experiência do universo sensível. O inconsciente proposto por Freud é uma cena sexual em si que conseguia conjugar esses dois espaços que se tornou tão importante a partir do século XX. Exatamente por isso e, também, pelas contradições que isso implicava para a tradição patriarcal é que Birman e Arán localizaram uma angústia teórica que se destacou a partir do que chamamos de *segunda clínica* freudiana: as potencialidades enigmáticas das primitivas

relações da menina com sua mãe. Ou seja, haveria algo muito importante que aconteceria anteriormente à situação edipiana.

Desde o início partimos da ideia de que Melanie Klein teria se apropriado da segunda clínica de Freud para iniciar seu pensamento psicanalítico. Isso implicava reconhecer que a construção do conceito de pulsão de morte tinha um impacto significativo em seu pensamento, mesmo que esse conceito só tenha começado a aparecer mais frequentemente na segunda década de publicações dessa autora. A ideia da pulsão de morte, na forma como entendemos, traria uma noção clínica que direcionaria o olhar para os aspectos mais desintegradores do psiquismo e, também, para as relações mais primitivas deste. A partir disso, duas coisas se conjugaram: esse reconhecimento e, também, o predomínio do feminino nas construções teóricas. Isso era, então, algo bem freudiano, e tinha sido basicamente o que Freud vinha propondo. Quando Klein se intitulava freudiana, acreditamos que ela não se equivocava. Entretanto, essa autora trabalhava com um fenômeno diferente do de Freud, as crianças. As modificações técnicas e teóricas levaram essa autora a, cada vez que compreendia melhor as condições psíquicas iniciais, a destacar a mãe como um *locus* fundamental. O corpo da mãe, e depois partes deste como o seio, produziram, em nosso entendimento, uma descentralização do eixo fálico e uma necessária revisão do complexo de Édipo. A feminilidade contida nesse reconhecimento teórico, então, propiciaria e implicaria a construção de um novo conceito para melhor compreender e articular a dinâmica constatada nesse contexto. A formulação do conceito das posições, a nosso ver, fundamentou-se como a cena da feminilidade *per se*.

A partir daí, pudemos perceber mais claramente que, em termos de contribuição das propostas kleinianas articuladas com o tema da feminilidade, a construção do conceito da posição depressiva poderia ser entendida como o campo primordial para o desdobramento dos nossos objetivos específicos desta pesquisa. Isso porque, mais do que em qualquer outro momento da obra de Melanie Klein, a subjetivação se tornava independente no registro fálico. Na verdade, poderíamos até dizer que o falo havia se tornado um elemento fantasístico como qualquer outro que circularia pela relação do bebê com o objeto bom, representado pelo seio materno. O ponto de partida para a estrutura subjetiva não mais residiria no terror e na ameaça da perda do falo, mas na condição amorosa que se constituiria e se necessitaria para o reconhecimento do outro. O pilar central se tornava mais alteritário. E por quê? Pela natureza dessa forma de subjetivação que, na verdade, não se restringiria ao feminino; um percurso disponível e necessário a meninas e meninos.

Com isso, aquelas questões que elencamos em nosso capítulo metodológico no início de nossa pesquisa começaram a poder ser mais bem respondidas. Apenas para lembrar, essas questões norteadoras indagavam sobre: como a condição feminina de Melanie Klein contribuíra para sua perspectiva sobre o psiquismo. Além disso, como o feminino havia sido construído em sua obra de maneira que isso favorecesse uma subjetivação em outros registros além do falo.

Nesse contexto, ainda, reconhecemos que Klein resgatava, de forma bem radical, a proposição freudiana da sexualidade perverso-polimorfa. Uma sexualidade instaurada a partir de um outro e que serviria como continência para o excesso desintegrador derivado da pulsão de morte. Dessa maneira, o percurso edípiano viria como uma forma de auxiliar contra essa ameaça destrutiva. Porém, este só seria acessível se o sujeito já tivesse minimamente introjetado e integralizado um objeto bom, amável e que permitisse suportar o desamparo da própria existência. A feminilidade, nesse sentido, seria também o sexual presente nesse desamparo. Algo que buscamos focalizar em seus aspectos positivos, uma vez que entendemos que nossa cultura haveria destacado o lado negativo.

Além disso, essa forma de subjetivação revelava, como pudemos acompanhar em vários momentos dos textos kleinianos, desdobramentos psíquicos que não precisavam se centrar na condição psíquica tipicamente neurótica como o recalçamento. No sentido discutido por Arán (2002), a simbolização permitiria outras articulações subjetivas; exemplo disso pode ser percebido nas personificações tão presentes nas brincadeiras infantis, como Klein constatou e buscou frisar. Isso evidenciava algo muito além do que um critério diagnóstico, tal qual encontramos de forma mais explícita nos textos da autora. A neurose, que Klein entendia como regra e não exceção, também pode ser lida como percurso e não apenas chegada.

Outra característica positiva da feminilidade foi, por exemplo, a construção de um conceito para tratar de um fenômeno tão primitivamente relacionado ao sensível como é o caso da identificação projetiva. Neste momento da obra, Klein também estava formulando outro conceito tão importante quanto, que é o da posição esquizo-paranóide. Klein entrava em um momento final, mas nem por isso menos criativo de seu pensamento. Ela apresentava aos seus pares e para a Psicanálise futura um tema que, em nossa compreensão é da ordem mais contemporânea: os perigos dos destinos pulsionais. Para isso, mergulhou fundo na compreensão da gênese e da dinâmica psíquica evidenciando as ameaças derivadas a partir do sentimento primitivo da inveja. Se antes, a introjeção do bom objeto era quase uma salvaguarda garantida, em sua perspectiva final o próprio objeto bom poderia evocar os mais

intensos impulsos destrutivos derivados da pulsão de morte. Os destinos da gênese psíquica ficariam quase lançados numa espécie de loteria emocional. Mas isso não era, de fato, a perspectiva da autora. Isso porque ela já havia concebido a importância do processo de reparação, ou seja, a condição psíquica de alteridade mais fundamental que poderíamos estabelecer. O interessante, para fecharmos nossa explanação final aqui é que, apesar dos perigos desses destinos pulsionais que nos perpassam por toda a vida, uma vez que a experiência do luto \acute{R} que hora ou outra viveremos ao longo da vida \acute{R} evidencia a intensa dinâmica interatuante das posições depressiva e esquizo-paranóide, a capacidade e a potência de poder reparar os danos dos objetos internos nos dá um sentido de esperança frente à vida. E isso seria decorrente, como uma espécie de herança, do reconhecimento da potência geradora da vida encontrada na mãe. Aquilo que nos transformou qualitativamente em termos de ansiedade genética, sendo o eixo de articulação alteritária, uma vez que passamos a perceber o outro como objeto total, nos deixaria esse legado: a crença na continuidade da vida.

Dessa maneira, ao final deste percurso, conseguimos ter uma perspectiva mais esclarecedora com relação àquelas questões elaboradas em nosso capítulo metodológico. Podemos compreender que o espaço feminino que Klein construiu em sua obra se relaciona diretamente com nossa proposta de feminilidade, uma vez que sua forma de trabalhar implicava.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Karl. Contribuição à teoria do caráter anal. In: **Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido**. (Christiano Monteiro Oiticica, Trad.) Rio de Janeiro: Imago, 1970 (Originalmente publicado em 1921)

ABRAHAM, Karl. Breve estudo do desenvolvimento da libido visto à luz das perturbações mentais. In: **Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido**. (Christiano Monteiro Oiticica, Trad.) Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1924)

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. **A tradição kleiniana no brasil: uma investigação histórica sobre a difusão do pensamento kleiniano**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Brasil, 2004.

_____. Por um modelo metodológico de historiografia da Psicanálise. **Pulsional**, 20 (18), 5-16, 2007.

_____. Considerações históricas sobre a difusão do pensamento kleiniano no Brasil. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**, 11 (3), 365-379, 2008.

_____. **A difusão do pensamento kleiniano no Brasil**. São Paulo: Arte e Ciência, FAPESP, 2013.

ALBANO, Sergio. **Arqueología del Psicoanálisis**. Buenos Aires: Quadrata, 2006.

ANDRADE, Y. Melanie Klein e o empirismo inglês. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 32 (3), 527-540, 1998.

ARÁN, Márcia. Feminilidade, entre Psicanálise e cultura: esboços de um conceito. **PHYSIS: Revista Saúde Coletiva**, 10(1), 169-195, 2000.

_____. Feminilidade: alteridade e experiência. **PHYSIS: Revista Saúde Coletiva**, 12(1), 121-140, 2002.

_____. **O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. A psicanálise e o dispositivo da diferença sexual. **Estudos Feministas**, 17(3), 653-673, 2009.

ARISTÓTELES. **A política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

BARANGER, Willy. **Posição e objeto na obra de Melanie Klein**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BARROS, Elisabeth L. da R.; BARROS, Elias da R. O a-historicismo deformante na difusão do pensamento kleiniano. Em: PETOT, Jean-Michel. **MELANIE KLEIN II**. (Belinda P. Haber; Marina K. Bilenky, Marise L. Wahrhaftig e Noemi M. Kon, Trads.). São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

BARROS, Elias da R. The problem of originality and imitatio in psychoanalytic thought: a case study of kleinian thinking in Latin América. **International Journal of Psychoanalysis**, 76(4), 835-843, 1995.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo I: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BELO, Fábio Roberto Rodrigues. O paraexcitações (Reizschutz) e a Paraskeuê. **Psicologia em Estudo**, vol. 17 (3), pp. 425-433, 2012.

BERNARDO, Débora Giselli. A bruxaria e as mulheres. Em: MAINKA, Peter Johan. **Mulheres, bruxas, criminosas: aspectos da bruxaria nos tempos modernos** Maringá: Eduem, 2003.

BION, Wilfred Ruprecht . **O aprender com a experiência**. (Paulo Dias Corrêa, trad.) Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BIRMAN, Joel. **A Psiquiatria como discurso da moralidade**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

_____. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas fronteiras de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BONICI, Thomas. No limite da feminilidade: assassinas e bruxas. A mulher na sociedade inglesa dos séculos XVI e XVII. Em: MAINKA, Peter Johan. **Mulheres, bruxas, criminosas: aspectos da bruxaria nos tempos modernos**. Maringá: Eduem, 2003.

BREMMER, Jan. **De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade**, Campinas: Papirus, 1995.

CINTRA, Elisa M. de U.; Figueiredo, Luís C. **Melanie Klein: estilo e pensamento**. São Paulo: Escuta, 2004.

EURÍPIDES. **Medéia**. Direção de Marcelo Marchioro. Maringá: Teatro Barracão (peça de teatro), 2011.

FRANK, Claudia. Some aspects of Erna's analysis in Klein's notes of 1924-1926. **Journal of Melanie Klein and Object Relations**, 16(4), 629-646, 1998.

FORBES, Jorge de Figueiredo. **Desautorizando o sofrimento socialmente padronizado em pacientes afetados por doenças neuromusculares**. Tese de doutorado. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FREUD, Anna. **Infância normal e patológica: determinantes do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987 (Originalmente publicado em 1965).

_____. **O tratamento psicanalítico de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1971 (Originalmente publicado em 1927).

_____. **O ego e os mecanismos de defesa**. (Álvaro Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972 (originalmente publicado em 1946).

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. **Estudos sobre a histeria**. (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. II). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1895).

_____. **Sobre as teorias sexuais das crianças**. (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1908).

FREUD, S.. **Cinco lições sobre psicanálise**. (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1910a).

_____. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância**. (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1910b).

_____. **A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição a escolha da neurose**. (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1913).

_____. **Instintos e suas vicissitudes**. (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1915).

_____. **Luto e melancolia.** (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1917[1915]).

_____. **Além do princípio do prazer.** (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1920).

_____. **O ego e o id.** (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1923a).

_____. **A organização genital infantil (uma interpolação da teoria da sexualidade).** (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1923b).

_____. **Inibições, sintomas e ansiedade.** (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1926).

_____. **O mal-estar na civilização.** (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1930).

_____. **Sexualidade feminina.** (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1931).

_____. **Conferencia XXXIII – Feminilidade.** (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1933).

_____. **Análise terminável e interminável.** (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1937).

GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de muerte.** (José Luis Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu editores, 1999

GROSSKURTH, Phyllis. **O mundo e a obra de Melanie Klein.** (Paula Rosas, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ISAACS, Susan (1982). A natureza e a função da fantasia. In: KLEIN, Melanie; HEIMANN, Paula; ISAACS, Susan e RIVIERE, Joan. **Os progressos da Psicanálise.** Rio de Janeiro: LTC, 1982. (Originalmente publicado em 1952).

JACÓ-VILELA, Ana Maria. Construindo a história da psicologia no Brasil: abordagens e modelos (pp. 33-48). In: **Anais do I Seminário de Historiografia da Psicologia**, São Paulo: FAPESP/USP, 2000

KING, Pearl & STEINER, Riccardo. **As controvérsias Freud-Klein 1941-45.** (Ana Mazur Spira, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KLEIN, Melanie. **O desenvolvimento de uma criança.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 21-75). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1921).

_____. **Inibições e dificuldades na puberdade.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 76-80). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1922).

_____. **O papel da escola no desenvolvimento da criança.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 81-99). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1923a).

_____. **A análise de crianças pequenas.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 100-128). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1923b).

_____. **Uma contribuição à psicogênese dos tiques.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 129-151). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1925).

_____. **Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 152-163). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1926).

_____. **Simpósio sobre análise de crianças.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 164-196). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1927).

_____. **Tendências criminosas em crianças normais.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 197-213). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1927).

_____. **Estágios iniciais do complexo de edipiano.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 214-227). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1928).

_____. **Personificação no brincar das crianças.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 228-239). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1929a).

_____. **Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 240-250). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1929b).

_____. **A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego.** (André Cardoso, Trad.). (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie

Klein (Vol. I, pp. 249-264). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1930a).

_____. **A psicoterapia das psicoses.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 264-270). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1930b).

_____. **Uma contribuição à teoria da inibição intelectual.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 270-282). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1930b).

_____. **A psicanálise de crianças.** (Liana Pinto Chaves, trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. II). Rio de Janeiro: Imago, 1997 (Originalmente publicado em 1932).

_____. **Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 299-329). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1935).

_____. **O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 385-412). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1940).

_____. **O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas.** (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 413-464). Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Originalmente publicado em 1945).

_____. **Narrativa da análise de uma criança: o procedimento da psicanálise de crianças tal como observado no tratamento de um menino de dez anos.** (Claudia Starzynky Bacchi, trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Originalmente publicado em 1961)

_____. **Notas sobre alguns mecanismos esquizoides.** (Belinda H. Mandelbaum; Maria Elena Salles de Brito; Octávio L. de Barros Salles; Maria Tereza B. Marcondes Godoy;

Viviana S. S. Starzynski e Wellington Marcos de Melo Dantas, tradutores). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Originalmente publicado em 1946).

_____. **Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê.** (Belinda H. Mandelbaum; Maria Elena Salles de Brito; Octávio L. de Barros Salles; Maria Tereza B. Marcondes Godoy; Viviana S. S. Starzynski e Wellington Marcos de Melo Dantas, tradutores). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Originalmente publicado em 1952).

_____. **Inveja e gratidão.** (Belinda H. Mandelbaum; Maria Elena Salles de Brito; Octávio L. de Barros Salles; Maria Tereza B. Marcondes Godoy; Viviana S. S. Starzynski e Wellington Marcos de Melo Dantas, tradutores). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Originalmente publicado em 1957).

KLIPAN, Marcos Leandro. **A neurose obsessiva sob a óptica de Melanie Klein.** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil, 2009.

KRAMER, Heirich; Sprenger, JACOBUS. ***Malleus Maleficarum: o martelo das bruxas.*** Trad. Alex H. S. Brasil: 2007. Disponível em << www.marymad.awardspace.com >>

KRISTEVA, Julia. **O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras – tomo II Melanie Klein.** (José Laurenio de Melo, trad.). Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. *Em: Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

LAPLANCHE, Jean. **Novos Fundamentos para a psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, Jean, Pontalis, Jean. **Vocabulário da psicanálise.** (Pedro Tamen, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINKA, Peter Johan (org). **Mulheres, bruxas, criminosas: aspectos da bruxaria nos tempos modernos**. Maringá: Eduem, 2003.

MEZAN, Renato. Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos e reflexões. **Psicanálise e Universidade**, 14(abr), 121-162, 2001.

MOLINA, José Artur. **O que Freud dizia sobre as mulheres**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis-SP, 2010.

OBICI, Giuliano Lambert; SKALINSKI JUNIOR, Oriomar. Os fundamentos teóricos da bruxaria: a doutrina católica. Em: MAINKA, Peter Johan. **Mulheres, bruxas, criminosas: aspectos da bruxaria nos tempos modernos**. Maringá: Eduem, 2003.

PETOT, Jean-Michel. **Melanie Klein I: primeiras descobertas e primeiro sistema 1919-1932**. (Marise Levy; Noemi Moritz Kon; Belinda Piltcher e Marina Kon Bilenky, tradutores). São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

PETOT, Jean-Michel. **Melanie Klein II: o ego bom e o bom objeto – 1932-1960**. (Marise Levy; Noemi Moritz Kon; Belinda Piltcher e Marina Kon Bilenky, tradutores). São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

PLATÃO. **A república**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

RAMOS, Gustavo Adolfo. **Angústia e sociedade na obra de Sigmund Freud**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

_____. **Histeria e psicanálise depois de Freud**. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

RIBEIRO, Marina. **De mãe em filha: a transmissão da feminilidade**. São Paulo: Escuta, 2001

SAYERS, Janet. **Mães da psicanálise: Helene Deutsch, Karen Horney, Anna Freud e Melanie Klein**. (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

SEGAL, Hanna. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZARETSKY, Eli. **Segredos da alma: uma história sociocultural da psicanálise**. Trad. Marta Rosas. São Paulo: Cultrix, 2006